

**JULIANO DE SOUZA**

**O XADREZ EM XEQUE – UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA  
DA “HISTÓRIA ESPORTIVA” DA MODALIDADE**

Dissertação de Mestrado defendida  
como pré-requisito para a obtenção  
do título de Mestre em Educação  
Física, no Departamento de Educação  
Física, Setor de Ciências Biológicas  
da Universidade Federal do Paraná.

**JULIANO DE SOUZA**

**O XADREZ EM XEQUE – UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA  
DA “HISTÓRIA ESPORTIVA” DA MODALIDADE**

Dissertação de Mestrado defendida  
como pré-requisito para a obtenção  
do título de Mestre em Educação  
Física, no Departamento de Educação  
Física, Setor de Ciências Biológicas  
da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Wanderley Marchi Júnior

**CURITIBA  
2010**



Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Departamento de Educação Física  
Programa de Pós Graduação  
Mestrado/Doutorado em Educação Física



# TERMO DE APROVAÇÃO

JULIANO DE SOUZA

## “O Xadrez em Xeque: Uma Análise Sociológica da ‘História Esportiva’ da Modalidade”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física – Área de Concentração Exercício e Esporte, Linha de Pesquisa Sociologia para o Esporte e o Lazer, do Departamento de Educação Física do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:

Professor Dr. Wanderley Marchi Júnior (Orientador)  
Departamento de Educação Física / UFPR

Professora Dra. Cristina Carta Cardoso de Medeiros  
Membro Interno

Professor Dr. Luiz Alberto Pilatti  
Membro Externo

Curitiba, 03 de Dezembro de 2010



## AGRADECIMENTOS

Uma dissertação de mestrado ou uma tese certamente não se constrói sozinho nem tampouco apenas em função da formação e incorporação de um *habitus* intelectual no campo acadêmico – *locus* mais ou menos complexo em que a estrutura de distribuição dos capitais em suas mais distintas formas tende a assumir... Ops! Já ia me esquecendo... Aqui não é o momento de teorizações. Bem, o importante é que me entenderam.

Procedendo, portanto, de forma mais ou menos classificatória (didática seria o termo correto), mas, sem intentar estabelecer distinções (insisto em teorizar), até porque, no final das contas, todos os agentes e estruturas que aqui serão citados, em maior ou menor grau, fazem parte do grande campo afetivo que me foi possibilitado construir nesses 25 anos de vida (quase 26), dividirei essa seção em dois momentos. Vamos ao primeiro.

Com distinção, meu profundo agradecimento ao Professor Wanderley Marchi Júnior – sociólogo, educador, profissional da Educação Física – por acreditar em meu potencial para cursar o mestrado e, acima de tudo, por contribuir diretamente com minha formação “sociológica e esportiva”, da qual essa pesquisa é um dos principais frutos. Obrigado mesmo.

Aos membros titulares que compõem a comissão julgadora da dissertação: Professora Cristina Carta Cardoso de Medeiros e Professor Luiz Alberto Pilatti.

Aos Professores Alexandre Fernandez Vaz, Fernando Renato Cavichioli e André Mendes Capraro pelas contribuições e sugestões formais e informais feitas à pesquisa.

Aos amigos do grupo de pesquisa, pelas leituras e discussões valiosas que se disponibilizaram a fazer sobre o trabalho: Fernando Augusto Starepravo, Bárbara Schausteck de Almeida, Gilmar Francisco Afonso, Ana Letícia Padeski Ferreira, Ricardo João Sonoda Nunes, Tatiana Sviesk Moreira, Juliana Vlastuin, Leila Salvini, Fernando Dandoro Ferreira, Murilo Meira, Suzanne Garzaro e Esthela Bertaia.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná, especialmente, aos da linha de “Sociologia do Esporte e Lazer”: Professora Doralice Lange de Souza, Professor Fernando Marinho Mezzadri, Professora Cristina e Professor Cavichioli já citados anteriormente.

Aos demais amigos que me fizeram sugestões importantes para a pesquisa ou então compartilharam comigo alguns encontros e conversas de corredor: Renata Maria Toledo, Ana

Paula Bonin, Suélen Eiras, Marina Redekop, Saulo Willig, Ricardo Lemes, Luciano da Cruz, Bruno Barth, Cleber Junior, Bruno Portela, Rosecler Vendruscolo, Kátia Bortolotti Marchi, Letícia Godoy, Cláudia Rejane Santos, Larissa Bodroff Daros e Christine Vargas.

À coordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná, Professora Neiva Leite e ao secretário do Programa, Daniel Dias.

E para finalizar essa etapa, agradeço ao Professor José Ronaldo Mendonça Fassheber e à Professora Liliane da Costa Freitag pelo apoio e incentivo na época de graduação.

Fundamentalmente, o primeiro momento seria esse, com o sério risco de ter me esquecido de alguns nomes que, por via das dúvidas, aproveito aqui para agradecer e registrar minha profunda gratidão. Adentro ao segundo momento.

Com distinção, agradeço aos meus pais Márcio e Inez que não mediram esforços para que eu pudesse ter uma formação escolar e acadêmica, coisa que, por circunstâncias da vida, eles, infelizmente, não tiveram oportunidades de construir.

Às minhas avós Júlia e Zenir pelos cuidados e conselhos dedicados ao netinho, assim como ao meu irmão Mateus e minha prima Karin... Corinthianos que só eles.

Aos meus tios João Francisco e Ilza por terem me recebido e me acolhido durante esses quase dois anos em Curitiba, assim como à avozinha Maria (85 anos) pelas tantas gentilezas e prontidão (coisa rara hoje em dia!).

À minha tia Léia por estar sempre me animando, assim como ao tio Pedro.

Às minhas tias Mara Regina e Raquel por sempre trazerem uma palavra de conforto, assim como aos meus tios Roberto e Paulo.

Aos meus inúmeros primos e primas pelas conversas saudáveis e, principalmente, pelos incontáveis momentos de alegria e descontração vivenciados juntos.

Ao Clube de Xadrez de Guarapuava, personificado em figuras como Markley Ribas Sékula, Fábio Augusto Gomes, Sandro Popovicz, Hermes Kaminski, Alex Loures, Guilherme Kloster..., por ter possibilitado um ambiente de convivência amistoso para formação de um *habitus* enxadrístico, sem o qual, certamente, eu não teria escrito essa dissertação.

Aos meus amigos mais próximos: Marco, André, Robson, Marcelo, Micheli, Romário, Lucas, Ronaldo, Kleverson, Diogo, William, Everton, Anderson, Alerson e Adriana.

À Rede de Jovens Quarta Geração de Guarapuava/PR... Livres pra correr...

Enfim, a todos e todas que contribuíram positivamente com minha formação moral, ética, espiritual, esportiva e acadêmica. Obrigado. MUITÍSSIMO obrigado!

*Curitiba, Primavera de 2010.*

*Levar à consciência os mecanismos que tornam a vida dolorosa, inviável até, não é neutralizá-los; explicar as contradições não é resolvê-las. Mas, por mais cético que se possa ser sobre a eficácia social da mensagem sociológica, não se pode anular o efeito que ela pode exercer ao permitir aos que sofrem que descubram a possibilidade de atribuir seu sofrimento a causas sociais e assim se sentirem desculpados; e fazendo reconhecer amplamente a origem social, coletivamente oculta, da infelicidade sob todas as suas formas, inclusive as mais íntimas e as mais secretas. Esta contratação, apesar das aparências, não tem nada de desesperador. O que o mundo social fez, o mundo social pode, armado deste saber, desfazer.*

Pierre Bourdieu (In: *La misère du monde*)

## RESUMO

Que relações e interfaces podem ser estabelecidas entre o estudo de uma determinada modalidade esportiva e importantes modelos teóricos que obtiveram destaque no campo da sociologia durante o século XX? Essa inquietação de valor heurístico e epistemológico foi crucial e marcou o desenvolvimento integral dessa pesquisa. Nesse sentido, de um lado, procuramos recuperar a modalidade de xadrez como um objeto relevante a ser estudado no universo da sociologia do esporte. De outro, nos empenhamos em associar alguns modelos e conceitos desenvolvidos na teoria social contemporânea, especialmente nas obras de Pierre Bourdieu e Norbert Elias, ao processo de construção do objeto de pesquisa bem como à leitura subsequente da realidade empírica delimitada. O ponto de partida identificado para composição dessa trama que constitui a “história esportiva” do xadrez foi construído a partir da final do campeonato mundial de 1972, que ficou conhecida sob o rótulo distintivo de “*match* do século”. Com base nesse recorte contextual, foi que definimos nossa problemática e também o objetivo central de pesquisa que, a saber, consiste em recuperar e compreender as transformações conjunturais e mercadológicas empreendidas no âmbito da oferta e consumo da prática enxadrística no contexto histórico-social do chamado “*match* do século” de modo a avaliar o que essas transformações representaram ou significaram no processo de construção da “história esportiva” da modalidade. A hipótese que sustentamos paralelamente ao problema formulado, é que sob o cenário histórico-social do “*match* do século”, a modalidade de xadrez conheceu a “fase de ouro” de sua “história esportiva” relativamente autônoma, demarcando um momento de singularidade histórico-estrutural que gostaríamos de chamar de *cristalização* do subcampo do xadrez no interior do campo de produção e circulação dos bens esportivos, justamente por evidenciar um período em que o entrelaçamento entre os contornos mercantis, espetaculares, simbólicos e miméticos conferidos à oferta da prática enxadrística representou a consolidação da modalidade frente à lógica de distribuição e consumo das demais práticas esportivas no contexto histórico em questão. Para o entendimento dessa estrutura espetacular de curto prazo constituída em torno da decisão do campeonato mundial de xadrez de 1972, buscamos apontamentos nas estruturas de longo prazo que constituem, respectivamente, a “história esportiva” relativamente autônoma da prática enxadrística e a história social da Guerra Fria. A partir do material empírico recuperado e analisado reflexivamente à luz dos referenciais teóricos elencados nos aprouve construir durante o *capítulo II e III* uma rede de conexões causais a partir dos contornos mercantis, espetaculares, miméticos e simbólicos conferidos pelos mais distintos agentes e estruturas à modalidade de xadrez no contexto do “*match* do século” e, dentro de certos limites, ao longo de sua “história esportiva”. Uma das conclusões, senão a principal, que essa gramática social profunda nos possibilitou construir é que a *cristalização* do subcampo do xadrez no campo esportivo esteve diretamente relacionada à nova lógica de concorrência dessa prática, estabelecida, pelo menos durante os anos 1970, em função de um contrato consensual implícito que logrou em perpassar os campos de produção cultural de modo a conduzir tanto o espaço dos produtores quanto o espaço dos consumidores a crerem fundamentalmente nas relações simbólicas que eles mesmos foram cúmplices no ato de instituírem a realidade social. Essa “alquimia simbólica”, por sua vez, se constituiu de forma proporcionalmente eficaz ao grau de desconhecimento das causas e efeitos dos comportamentos consumistas que ela mesma contribuiu para fundar mediante a consolidação de um mercado esportivo global. Sob essas circunstâncias, a possibilidade de desvelamento (e avaliação) dessa lógica estrutural instituída arbitrariamente apresenta-se, portanto, como o principal desdobramento dessa pesquisa.

**Palavras-chave:** xadrez, “história esportiva”, “*match* do século”, Guerra Fria, teoria social contemporânea.



## ABSTRACT

Which relations and interfaces can be established between the study of a sport and important theoretical models that have been detached in sociological field during the 20th century? This heuristic and epistemological curiosity was crucial and marked all the development of this research. In this sense, in one hand, we intended to recover chess as a relevant object to be studied in Sport sociology sphere. In other hand, we made an effort to associate some models and concepts developed on contemporary social theory (specially the work of Pierre Bourdieu and Norbert Elias) with the process of research object construction and a consequent lecture of a delimited empirical reality. The starting point of this web that constitutes one chapter of the “sportive history” of chess was constructed from the final of 1972 World Championship, which was known distinctively as “*match* of the century”. Based on this contextual profile, we defined our research problematic and the central objective. They consist in recovering and comprehending the transformations related to offer and consumption of chess practice in a defined social-historical scenario, considering the ruptures, tensions, symbolisms and materiality involved in this process and in the construction of the chess’ “sportive history”. The hypothesis that we sustained in parallel with the research problem is that under the historical social context of “*match* of the century”, chess has knew its “golden era” of its relatively autonomous “sportive history”. We called this singular structural moment in its history as *crystallization* of chess subfield in the production and circulation of sporting goods field. This moment is characterized as a joint of mercantile, spectacle, symbolic and mimetic outlines that set to the chess practice offering in front of a distribution and consume logic from other sports in that historical period. In order to understand this spectacular structure of short-term around the final match of the international chess championship of 1972, we searched for appointments in long-term structures that constitutes chess’ “sportive history” relatively autonomous and the social history of Cold War. Based on empirical material recovered and reflexively analyzed lighted by theoretical references cited, we constructed during the *chapter* 2 and 3 a network of connected causes of market, spectacular, mimetic and symbolic outlines by distinct agents and structures of chess in the context of “*match* of the century” and in chess’ “sportive history” with some limits. One of the conclusions, maybe the main one, based on this deep social grammar that allowed us to construct the *crystallization* of a subfield of chess in the sportive field were directly related to a new concurrence logic of this practice, established in function of a consensual and implicit contract, at least during the 1970’. This contract pervades the cultural production field in such way that conducted both the producers and consumer’s space to believe fundamentally in symbolic relations that they were accomplishes while constituted this social reality. This “symbolic alchemy”, although, was constituted proportionally efficient as the level of unknown causes and effects of consumption behaviors that itself contributes to create front of a consolidation of a global sportive market. Under these circumstances, the possibility of unveiling (and evaluation) of this structural logic arbitrarily instituted is the main contribution of this research.

**Key-words:** chess, “sportive history”, “match of the century”, Cold War, contemporary social theory.

## LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 –	Capa da Revista Life – novembro de 1971.....	126
IMAGEM 2 –	Capa da Revista Newsweek – julho de 1972.....	126
IMAGEM 3 –	Capa da Revista Time – julho de 1972.....	126
IMAGEM 4 –	Capa da Revista Chess – dezembro de 1956.....	146
IMAGEM 5 –	Fotografia de Robert James Fischer – New York Times – 2008.....	146
IMAGEM 6 –	Fotografia de Robert James Fischer – New York Times – 2008.....	146
IMAGEM 7 –	O “ <i>match</i> do século” em gibi – Estrellas del deporte – 1973.....	148
IMAGEM 8 –	Jovens consumidores de xadrez em Moscou – 1972.....	152
IMAGEM 9 –	Consumidores de xadrez em Moscou – 1972.....	152
IMAGEM 10–	Consumidores de xadrez no Brasil – 1972.....	156
IMAGEM 11–	A Vila Olímpica de Munique e o tabuleiro de xadrez – 1972.....	158
IMAGEM 12–	Robert James Fischer no programa de TV de Bob Hope – 1972.....	158

## **LISTA DE SIGLAS**

COI	– Comitê Olímpico Internacional
CEI	– Comunidade dos Estados Independentes
EUA	– Estados Unidos da América
FIDE	– Fédération International Des Échecs
IBM	– International Business Machines
IGK	– Initiativgruppe Königstein
PCA	– Professional Chess Association
URSS	– União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

# SUMÁRIO

RESUMO .....	vii
ABSTRACT .....	viii
Lista de imagens .....	ix
Lista de siglas .....	x
 INTRODUÇÃO.....	 12
 CAPÍTULO 1 – ITINERÁRIO	
1.1 Por uma sociologia reflexiva do esporte.....	27
1.2 Para uma análise sociológica do xadrez no campo esportivo.....	55
 CAPÍTULO 2 – CONFRONTAÇÕES	
2.1 Pelas “linhas” e “variantes” sociológicas da “história esportiva” do xadrez .....	70
2.2 O “ <i>match</i> do século” e a Guerra Fria: fragmentos empírico-teóricos para uma análise correlacional .....	91
 CAPÍTULO 3 – ABERTURAS	
3.1 Os contornos mercantis, espetaculares e miméticos da oferta enxadrística durante o “ <i>match</i> do século” em 1972.....	114
3.2 A lógica de concorrência do xadrez no campo esportivo.....	136
 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	 162
REFERÊNCIAS .....	177
ANEXOS .....	188

## INTRODUÇÃO

Fazer pesquisa em sociologia, especialmente em sociologia do esporte – área em que os componentes passionais e emocionais dos agentes de investigação são ativados de forma curiosa, sutil e, muitas vezes, envolvente –, trata-se de um jogo que demanda compromisso, seriedade e reflexão; um jogo que exige dos pesquisadores rigoroso e profundo conhecimento das regras e técnicas próprias ao método sociológico como diria Durkheim; um jogo em que as “grandes jogadas e idéias” surgem exatamente nos momentos inusitados, mas que jamais seriam possíveis se antes o pesquisador não houvesse dedicado boa parte de seu tempo ao árduo treinamento sociológico conforme explica Weber; um jogo em que o “envolvimento distanciado” definido em Elias, pode conferir uma leitura e compreensão mais adequada das “estratégias” tecidas nas teias de interdependência; enfim, um jogo no qual a busca pela “imaginação sociológica”, no sentido atribuído por Mills, pode respaldar a construção de inúmeras hipóteses bem como ampliar as frentes de análise referentes ao universo empírico.

Existem ainda outras particularidades em questão no jogo da pesquisa sociológica e que ninguém melhor que Pierre Bourdieu teve a sensibilidade metodológica para percebê-las. Sem dúvida, a grande lição que podemos reter do empreendimento teórico deste autor, diz respeito ao fato de que antes de jogarmos o jogo da pesquisa sociológica com o outro propriamente dito – e o outro, nesse caso, personifica-se no acesso empírico a configurações histórico-sociais, por vezes, obscurecidas –, devemos jogá-lo com nós mesmos e com aqueles que já jogaram o jogo antes. Trata-se da reflexividade epistemológica – jogo com regras mais ou menos complexas em que o cientista social procura objetivar sua própria relação com o objeto de pesquisa e com o campo acadêmico no qual se situa ou pretende se situar. Faz parte ainda desse jogo, realizar o trabalho de reconstituição das relações de concorrência que permearam a construção histórica do campo (ou campos) em que o objeto de pesquisa está vinculado ou então é pertinente.

No processo de construção de nosso objeto de pesquisa, procuramos considerar esses desdobramentos do “jogo sociológico” até aqui ligeiramente esboçados, reservando, no entanto, uma atenção mais minuciosa e acurada às regras do jogo, ou melhor, do método sociológico desenvolvido por Pierre Bourdieu. Desse autor retemos então suas críticas às evidências do conhecimento imediato, dirigido tanto a “ilusão escolástica” (que pensa ter todas as respostas prontas teoricamente) quanto ao acesso instantâneo da realidade empírica

expressa na crença subjetivista de que basta olhar o mundo para compreendê-lo. Em oposição e ao mesmo tempo resposta a essas tendências imediatistas, Bourdieu recomenda categoricamente que façamos a história social dos espaços e subespaços de produção das práticas científicas, culturais e simbólicas. Eis um primeiro ponto de reflexividade.

Uma segunda regra deste “jogo reflexivo” pontuado no pensamento sociológico do autor francês se constitui especificamente ao evocarmos o desenvolvimento de um trabalho de objetivação sobre o pesquisador, sobre o objeto de pesquisa e sobre as relações mantidas entre ambos. Bourdieu, para além das justificativas e ponderações acadêmicas, sempre procurou fazer esse trabalho sobre si mesmo, independentemente de qual objeto de pesquisa lhe fosse confrontado. É sempre bom lembrarmos que obras como “*Homo Academicus*” (2008) e, em especial, “Esboço de auto-análise” (2005) podem ser lidas como exemplos emblemáticos dessas incursões e investidas teóricas do autor.

Dentre outras questões tratadas ao longo dos referidos textos, o sociólogo francês comenta sobre um duplo movimento reflexivo a ser realizado pelos pesquisadores. De um lado, é importante considerar as experiências práticas – coisas que se compreendem com o corpo – que por ventura o pesquisador pode ter acumulado no interior do mundo social que se resolveu tomar como objeto de pesquisa. De outro, é necessário realizar um exercício de ruptura com esse “pertencimento nativo” sempre tendo o devido cuidado de “restaurar a proximidade rompida” através de um rigoroso trabalho a ser realizado sobre o objeto de pesquisa bem como sobre o agente da investigação (BOURDIEU, 2008, p. 11).

Na presente pesquisa procuramos partir exatamente desse entendimento, já que o microcosmo social em que realizamos o recorte de nosso objeto empírico também se constitui como universo social que conforma e regula parte de nossas disposições práticas, isto é, de nossas formas de ver o mundo e agir nele. Dito de forma mais precisa, ao longo dessa dissertação nos predispomos ao desafio de colocar em xeque, a partir de ferramentas e conceitos caros ao pensamento sociológico contemporâneo (e, inevitavelmente, ao clássico), a modalidade esportiva que justamente nos possibilitou uma incursão prática e distintiva mais concreta e expressiva no universo dos esportes, qual seja, o xadrez.

Antes, contudo, de detalhar mais sobre a modalidade e sobre o recorte empírico e contextual que a mesma nos possibilitou, gostaríamos de ressaltar a importância de transpor o uso metafórico do conceito “jogo” e recuperar a potencialidade que essa categoria sociológica tem para explicar de maneira realista e concreta as relações sociais. A propósito, esse é um dos grandes trunfos da sociologia configuracional de Norbert Elias e da sociologia reflexiva de Pierre Bourdieu. Ambos os sociólogos, em doses distintas, foram buscar na “situação de

jogo” o suporte teórico-conceitual e metodológico para construção de seus modelos de investigação e interpretação da sociedade.

Exatamente nessa direção traçada por esses sociólogos é que procuramos pensar o microcosmo social que constitui a história relativamente autônoma da modalidade de xadrez no campo esportivo. Mais precisamente, é a partir dessas “tensões de jogo” tão centrais na construção dessas perspectivas sociológicas, que pretendemos demonstrar a constituição do xadrez como um subcampo esportivo e, em seguida, apresentar a ressignificação da oferta e da demanda enxadrística no interior desse campo em 1972.

Sem dúvida, essas proposições ficarão mais claras quando reportadas em relação ao próprio contexto histórico-social que nos permitiu formulá-las. Para tanto, entendemos ser necessário apresentar, ainda que de forma introdutória, algumas das principais transformações macro-estruturais que definiram aquilo que estamos chamando de “história esportiva” relativamente autônoma do xadrez e, em seguida, deslocar a análise para o ano de 1972 – período em que se desenrolou uma das tramas mais instigantes da história social dessa prática.



O primeiro campeonato mundial de xadrez oficial data-se do ano de 1886 e foi disputado em um *match* entre Wilhelm Steinitz e Johannes Zukertort, no qual Steinitz obteve a vitória e o conseqüente título (LANDSBERG, 1993). Contudo, uma série de outros enxadristas considerados os mais fortes e famosos de suas épocas já haviam se popularizado como campeões mundiais sem, para isso, terem disputado campeonatos oficializados.

É o caso, por exemplo, do padre espanhol Ruy López de Segura por volta de 1560, de Gioacchino Greco por volta de 1620 ou então dos enxadristas franceses, entre eles Legall de Kermeur, Francois-André Philidor, Alexandre Deschapelles, Louis de La Bourdonnais, que mantiveram hegemonicamente esse posto durante o século XVIII e início do século XIX (SAIDY; LESSING, 1974; GIUSTI, 2002). Esse recorte histórico que se prolongou até 1886 ficou conhecido nas literaturas como a fase dos campeões mundiais de xadrez não-oficiais.

A próxima fase que identificamos a partir das literaturas enxadrísticas corresponde ao período de 1886 a 1946 e se particulariza pelo fato dos campeonatos mundiais não terem sido conduzidos por uma instituição regulamentadora da modalidade. A propósito, é importante frisarmos que embora a FIDE – Fédération Internationale Des Échecs – tenha sido fundada em 1924, a mesma só passou a organizar os confrontos em 1948 quando a União Soviética

resolveu apoiar integralmente a federação.<sup>1</sup> Por conseguinte, de 1948 a 1993, consolidou-se a fase dos chamados campeões mundiais de xadrez da era FIDE. Esse momento distinguiu-se principalmente pela formalização dos campeonatos mundiais, o que nas fases anteriores, por conta talvez das especificidades históricas da modalidade e do padrão societário em vigência, não foi a preocupação central dos agentes que se ocupavam da referida prática.

Em 1993, surgiu uma outra instituição mantenedora do xadrez, a Professional Chess Association (PCA), fundada pelo enxadrista soviético Garry Kasparov e pelo enxadrista inglês Nigel Short em protesto a suposta falta de profissionalismo da FIDE. Nesse mesmo ano, ambos disputaram o título mundial sob a regência e proteção da PCA. Na oportunidade Kasparov venceu a Short com cinco pontos de vantagem. A divisão entre FIDE e PCA se manteve até 2006, quando então o título de campeão mundial de xadrez foi reunificado no encontro entre o búlgaro Veselin Topalov (campeão FIDE) e o russo Vladimir Kramnik (campeão PCA), tendo esse último se afirmado como campeão.<sup>2</sup>

No interior do quadro atual instaurado a partir de 2006, a FIDE é quem novamente passa a deter o monopólio exclusivo das decisões no universo enxadrístico, lembrando que embora o modelo hierárquico de administração e gerenciamento da modalidade de xadrez seja o que predomina, a instituição não trabalha de maneira isolada, mas em diálogo com as confederações nacionais e essas, por sua vez, com as federações estaduais/regionais. Outro detalhe importante a ser lembrado é que no interior da conjuntura esportiva recente, a FIDE se constitui em uma organização esportiva de certa representatividade e que conta com um número de 161 países filiados.<sup>3</sup> Além disso, essa mesma FIDE está credenciada ao COI e o xadrez se encontra na lista dos esportes reconhecidos, o que, não necessariamente garante-lhe o crédito de se tornar uma modalidade a ser disputada nos Jogos Olímpicos.<sup>4</sup>

De forma muito breve e sintética, essas são algumas das mais insinuantes e visíveis transformações macro-estruturais que vêm sendo balizadas e sistematizadas historicamente no subcampo esportivo do xadrez, as quais, entretanto, não constituem o ponto de partida mais interessante e esclarecedor para substanciar uma análise sociológica da “história esportiva” da modalidade, até mesmo pela possibilidade dessa proposta de periodização nos conduzir a uma descrição puramente institucionalista quando senão a uma abordagem incapaz de perceber e

---

<sup>1</sup> Informações disponíveis em: < <http://www.fide.com/fide/fide-history> > Acesso 15 mai. 2008.

<sup>2</sup> Informações disponíveis em: < <http://espndeportes.espn.go.com/news/story?id=409257> > Acesso 04 ago. 2008.

<sup>3</sup> Informações disponíveis em: < <http://www.fide.com/fide/fide-history> > Acesso 15 mai. 2008.

<sup>4</sup> Informações disponíveis em: < [http://www.olympic.org/uk/sports/recognized/index\\_uk.asp](http://www.olympic.org/uk/sports/recognized/index_uk.asp) > Acesso 15 mai. 2008.



apreender os deslocamentos estabelecidos em sua devida complexidade na relação entre, de um lado, a oferta e, de outro, a demanda social dessa prática esportiva.

O que podemos admitir é que cada um desses grandes períodos ou fases estão repletas e carregadas de suas próprias rupturas e mudanças, as quais trazidas à tona podem nos ajudar na tarefa de reconstituir alguns capítulos da “história esportiva” do xadrez, isto é, recuperar alguns elementos pertinentes ao processo de esportivização dessa prática e, além disso, compreender algumas das contingências e demandas sociais inerentes à constituição e consolidação do xadrez como subcampo concorrente no interior do campo esportivo.

Essas nuances são mais bem transparecidas e decodificadas ao notarmos, por exemplo, que em cada um dos ciclos de campeonatos mundiais de xadrez – o que representa um corte temporal relativamente pequeno (em média três anos) – uma série de deslocamentos e ressignificações foram postas em prática pelos agentes no interior do microcosmo social que a própria modalidade constituía, reorientando assim a dinâmica da oferta e da demanda, da prática e do consumo enxadrístico.

Durante o processo de estruturação do que estamos chamando de “história esportiva” relativamente autônoma do xadrez foram disputados 46 campeonatos mundiais oficializados, sendo que quinze destes se realizaram durante o intervalo de 1886 a 1946, dezoito de 1948 a 1990 e treze de 1993 a 2010. Dessa forma, ao levarmos em conta que cada um desses ciclos foi marcado e constituído por suas próprias continuidades e rupturas – tensões e contradições – demonstrou-se praticamente impossível e inviável percorrermos pelas linhas histórico-sociológicas de todos os campeonatos mundiais de xadrez.

Impossível porque a escrita de uma dissertação de mestrado não comporta o tempo suficiente para tal investida e, inviável, por conta do risco de abordarmos de forma superficial as práticas sociais constitutivas da “história esportiva” do xadrez, ou o que é pior, não nos atentarmos àquelas mudanças sutis instituídas pelos agentes nesse intervalo de tempo e espaço relativamente amplo. Daí nossa decisão e, ao mesmo tempo, justificativa em definir como ponto de partida de compreensão dessa trama que constitui a “história esportiva” do xadrez, as transformações potencializadas na modalidade no ciclo de um único campeonato mundial.

Deste modo e para via da análise sociológica aqui proposta, optamos em recortar o campeonato mundial de xadrez de 1972 – um momento de singularidade marcado por suas próprias tensões, rupturas, simbolismos e materialidades – como universo inteligível onde se enreda e se assenta a presente discussão. Mais especificamente, nossa problemática consiste na possibilidade de recuperar e compreender quais foram as transformações conjunturais e mercadológicas potencializadas no subcampo esportivo do xadrez, em nível de oferta e

demanda da prática enxadrística, pela ocasião da final do campeonato mundial de 1972 e, em seguida, avaliar o que essas transformações representaram ou significaram no processo de construção da “história esportiva” da modalidade.

Vale notarmos que o referido confronto foi realizado em Reykjavik – capital da Islândia –, entre as datas de onze de julho a primeiro de setembro de 1972. Nessa oportunidade e sobre o palco da Guerra Fria, puseram-se diante do tabuleiro dois enxadristas que protagonizaram, num universo menor, o embate construído entre soviéticos e norte-americanos. De um lado, e representando a União Soviética, se situava então Boris Vasilievich Spassky – detentor do último título mundial disputado em 1969. De outro, e defendendo os Estados Unidos, Robert James Fischer – desafiante do *match*.

Entretanto, antes de disputar a final contra Spassky, Fischer teve que percorrer o competitivo e preliminar trajeto do torneio de candidatos ao título mundial em 1971, quando então derrotou, respectivamente, o pianista soviético Mark Taimanov pelo placar de 6 a 0, o dinamarquês Bent Larsen por 6 a 0 e o também soviético (armênio) Tigran Petrosian – campeão mundial em 1963 e 1966 – por 6,5 a 2,5 (EDMONDS; EIDINOW, 2007).

Os critérios de pontuação para determinar o novo campeão mundial de xadrez, foram estabelecidos de acordo com o formato apresentado pela FIDE logo após a Segunda Guerra. Sendo assim, Spassky precisava obter no mínimo um empate no *match* enquanto Fischer para se consagrar campeão necessitava vencer o *match*. O confronto terminou com a vitória do norte-americano por 12,5 a 8,5<sup>5</sup> colocando fim a uma hegemonia soviética de 24 anos no subcampo do xadrez.<sup>6</sup> A série de 21 partidas realizadas entre os dois jogadores em 1972 pela disputa do título mundial foi divulgada e ficou conhecida como o “*match* do século”.

Em que se pese e avalie essa breve contextualização do problema de pesquisa, nos aprouve construir paralelamente ao mesmo, a hipótese de que durante o contexto histórico-social do chamado “*match* do século”, a modalidade de xadrez conheceu a “fase de ouro” de sua “história esportiva” relativamente autônoma, demarcando um momento de singularidade histórico-estrutural que gostaríamos de chamar de *cristalização* do subcampo do xadrez no interior do campo de produção e circulação dos bens esportivos, justamente por evidenciar um período em que o entrelaçamento entre os contornos mercantis, espetaculares, simbólicos e miméticos conferidos à oferta da prática enxadrística representou a consolidação da

<sup>5</sup> O referido placar foi construído com sete vitórias a favor de Fisher, três vitórias a favor de Spassky e onze empates. Convém lembrarmos que na modalidade de xadrez a vitória contabiliza um ponto, a derrota zero e o empate meio ponto.

<sup>6</sup> As três vidas de Bobby Fischer. *Época*, Rio de Janeiro, n. 505, 19 jan. 2008. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG812059293505,00AS+TRES+VIDAS+DE+BOBBY+FISCHER.html>> Acesso 11 mai. 2008.

modalidade frente à lógica de distribuição e consumo das demais práticas esportivas no contexto histórico em questão.

Pautados, portanto, nessas pressuposições e com o propósito de fazer transparecer alguns mecanismos e leis de reprodução social presentes naquele microcosmo esportivo configurado em torno da Guerra Fria, definimos como objetivo central do estudo:

- Compreender as transformações conjunturais e mercadológicas empreendidas no âmbito da oferta e consumo da prática enxadrística no contexto histórico-social do chamado “*match* do século” e avaliar o que essas transformações representaram ou significaram no processo de construção da “história esportiva” da modalidade.

Já como objetivos específicos, delimitamos:

- Desenvolver um exercício de reflexividade epistemológica em relação à retomada do fenômeno esportivo e da prática enxadrística como objetos sociológicos;
- Apresentar as principais linhas histórico-sociológicas inerentes ao processo de constituição do xadrez como um subcampo esportivo moderno;
- Recuperar algumas relações materiais e simbólicas que caracterizaram o embate entre Estados Unidos e União Soviética em suas proporções dimensionadas no interior do campo esportivo por conta da Guerra Fria;
- Explicar as relações estabelecidas entre o movimento de *cristalização* do xadrez no campo esportivo e a lógica de concorrência da modalidade nesse universo.

Ao retomarmos cada um desses objetivos, procuramos não perder de vista o processo de expansão e consolidação do mercado capitalista durante o século XX, já que tanto as tendências de mercantilização quanto as de espetacularização das práticas esportivas tratam-se de processos interdependentes que acompanham o curso das transformações sociais mais amplas e que devem sua eficácia justamente à lógica de integração social consumista potencializada e atualizada na ação do mercado de bens materiais e simbólicos. Além disso, essa compreensão sugere-nos que o estudo do esporte apenas pelo esporte, isto é, como um fim em si mesmo, trata-se de uma postura um tanto quanto substancial, reducionista e que não faz avançar o conhecimento nem sobre o universo dos esportes, nem muito menos sobre a sociedade em que as práticas esportivas estão inseridas. Nosso desafio, portanto, consiste em

romper com leituras imediatistas e substancialistas que encaram “esporte” e “sociedade” de forma dicotômica ou até mesmo antagonica. Para esse desiderato, o trabalho de reconstrução histórico-sociológica do objeto se constitui como um exercício indispensável e que será aqui desenvolvido a partir dos procedimentos teórico-metodológicos que apresentaremos a seguir.



“Toda sociologia digna do nome é “sociologia histórica” (MILLS, 1975, p. 159). Eis uma das teses sustentadas pelo sociólogo norte-americano Charles Wright Mills em seu clássico texto “A imaginação sociológica”, publicado originalmente em 1959. Para este autor, as ciências sociais, em específico a sociologia, tratam-se de disciplinas fundamentalmente históricas. Daí sua insistência em que os cientistas sociais recorram aos materiais históricos e ao método comparativo em suas análises, de modo que possam elaborar as perguntas sociológicas mais adequadas, bem como respondê-las.

Ao reivindicar historicidade para o desenvolvimento dos estudos sociológicos, Mills conseqüentemente rejeita o rótulo atribuído à sociologia como ciência social do presente. Nessa linha de raciocínio, o autor se junta a outros sociólogos consagrados, como os já citados Norbert Elias e Pierre Bourdieu. A propósito, Elias ressalva a importância de formação de cientistas sociais especializados nas abordagens de longo prazo (ELIAS, 1994a). Bourdieu, por sua vez, insiste que a sociologia é de ponta a ponta histórica, embora pondere que a história necessária para exercer seu ofício dificilmente pode ser encontrada (BOURDIEU, 1990a, p. 57-58). Essas nuances são mais bem sintetizadas pelo historiador francês Roger Chartier, ao comentar a relação de Bourdieu com a disciplina histórica:

O segundo elemento que gostaria de sublinhar, pode ser pensado a partir de uma citação de Bourdieu muito simples: “*Il n’y a pas d’au-delà de l’histoire*” [“Não há nada para além da história”]. O que Bourdieu quis indicar com isso, foi uma dimensão histórica fundamental em todas as ciências sociais, inclusive, é claro, na sociologia. Daí a proximidade entre a obra de Bourdieu e uma obra que também permitiu conhecê-lo melhor na França – que me parecia talvez um pouco mais rudimentar teoricamente do que a dele, na definição de um conceito como o de *habitus* – que é a obra de Norbert Elias. E o que há de comum entre a obra de Elias e a de Bourdieu é considerar que a sociologia não se define como uma ciência social do presente, o que Elias chamou de “o retiro do sociólogo no presente” [*The Retreat of Sociologists into the Present*], como se o objeto da sociologia fosse a sociedade contemporânea. Nem para Bourdieu, nem para Elias este projeto era válido, e a sociologia não se definia por um recorte cronológico particular. Era uma maneira de pensar o mundo social (CHARTIER, 2002, p. 148).

Como maneira de pensar o mundo social, à sociologia cabe então a tarefa de recombinar presente e passado, micro e macro-história, local e global, referências de curto prazo e de longo prazo, sociedades próximas e distantes no tempo e espaço. Por sua vez, a escrita da história para não ficar fadada, usando as palavras de Elias (2001), a fornecer e reforçar apenas uma visão ideológica de quem a escreve, quando senão uma opinião sobre a autenticidade das fontes, deveria se substanciar nos referenciais e modelos teóricos estruturados e sistematizados no âmbito das ciências sociais.

Inclusive, pensando nesse dilema é que Mills adverte que, “(...) se os historiadores não têm “teoria”, podem proporcionar material para escrever-se a história, mas não podem eles mesmos, escrevê-la” (MILLS, 1975, p. 158). Por conta desse entendimento também é que Bourdieu categoricamente defende que “(...) la separación entre la sociología e la historia es una división desastrosa, y que esta totalmente desprovista de justificación epistemológica: toda sociología debería ser histórica y toda historia sociológica” (BOURDIEU; WAQCUANT, 2008, p. 126).

Pautados nesse estatuto transdisciplinar reivindicado por tais autores, é que decidimos, portanto, caminhar pelas linhas histórico-sociológicas que definiram a constituição do subcampo esportivo do xadrez em sua lógica de concorrência frente ao universo das práticas esportivas. Nesse sentido, podemos dizer que o presente estudo trata-se (1) de uma investigação histórico-sociológica amparada no método comparativo e (2) de uma pesquisa empírica teoricamente direcionada, ou seja, de uma abordagem na qual procuramos tratar os materiais históricos sob o crivo interpretativo de determinados modelos de análise desenvolvidos na teoria social contemporânea.

Prosseguindo ainda na exposição desses argumentos, convém reiterarmos que para Charles Wright Mills toda pesquisa sociológica que se apeteça sólida e consistente deveria empregar materiais históricos e comparados. E isso essencialmente porque os estudos sociológicos não históricos, isto é, que desconsideram o papel da historicidade na construção da realidade social, tendem a serem estáticos e curtos ou então limitados a ambientes (MILLS, 1975, p. 162). Por sua vez, o método comparado, tal como trabalhado na abordagem sociológica de Mills, diz respeito a comparações entre diferentes sociedades, diferentes épocas, enfim, entre diferentes estruturas sociais.

Em síntese, o estudo comparado das estruturas sociais, ou então, o mínimo de conhecimento histórico sobre as discontinuidades estruturais constituintes do mundo social é, segundo Bourdieu (2007b), fator de suma importância para o desenvolvimento de uma análise sociológica rigorosa e, acima de tudo, reflexiva. Além disso, essa postura metodológica

demonstra extrema vantagem acadêmica e proveito científico em relação a estudos que se concentram sobre uma suposta unidade nacional recortada no tempo e espaço, trans-histórica e sem conexões com a estrutura de outras sociedades e outras épocas. Essas condições são mais bem exploradas por Mills:

Na verdade, os estudos sobre determinado momento e determinado local assumem com frequência, mesmo implicitamente, uma homogeneidade que, se real, deveria ser considerada como um problema. Não pode ser reduzida com proveito, como ocorre muitas vezes na prática atual da pesquisa, a um problema de processo de amostragem. Não pode ser formulada como problema dentro dos termos de um momento e um local (MILLS, 1975, p. 161).

Na construção de nossa problemática de pesquisa, procuramos conservar, portanto, uma devida acuidade e sensibilidade comparativa para perceber o quão limitado, de fato, seria olhar para a final do campeonato mundial de xadrez de 1972, tomando por referência cronológica única e exclusivamente aquele momento histórico-social, ou então referenciando espacialmente e circunscrevendo nossa análise apenas no cenário geográfico em que se protagonizou o referido confronto, quando senão avaliando e ponderando os efeitos dessa conjuntura no interior de uma sociedade isolada sem restabelecer as devidas conexões e correlações com outras estruturas e experiências políticas e culturais.

Nesse particular e antes de avançarmos às análises situadas e contextuais que prescreve a leitura estrutural das relações e disputas simbólicas no interior de campos e subcampos específicos bem como nas aproximações que engendram, decidimos recorrer e explorar preliminarmente as tendências de desenvolvimento estrutural em longo prazo, tanto no que se refere à “história esportiva” relativamente autônoma do xadrez quanto à história social da Guerra Fria. Essa opção se justifica, uma vez que é somente a partir de uma devida contextualização histórica e estruturante que podemos entender reflexivamente e para além das primeiras impressões, o microcosmo sob o qual foi situado nosso problema de pesquisa. A respeito desses ajustes Mills novamente corrobora:

Se quisermos compreender as transformações dinâmicas de uma estrutura social contemporânea, teremos de distinguir sua evolução a longo prazo, e em termos desta indagar: qual a mecânica da ocorrência dessas tendências, que transformam a estrutura da sociedade? É com essas indagações que nossa preocupação chega ao auge, relacionando-se este com a transição de uma época para outra, e com o que podemos chamar de estrutura de uma época. (...) Cada época quando devidamente definida, é um “campo de estudo inteligível”, que revela a mecânica do processo histórico a ela peculiar (MILLS, 1975, p. 165).

Para Mills, ao realizarmos um estudo histórico-sociológico, primeiramente, devemos distinguir e situar o processo de desenvolvimento de determinada sociedade, prática ou objeto em termos de longo prazo, para em seguida então contrapor, ou melhor, comparar essa estrutura espacial-temporal relativamente ampla com a estrutura de um momento específico, compondo-se e fundamentando-se assim, um quadro de análise que permita estruturar e situar o objeto de estudo na condição de um “campo de estudo inteligível”.

Nesse ponto Mills se aproxima muito de Norbert Elias, para quem o quadro de mudanças sociais estruturalmente definidas na perspectiva de longo prazo fornece apontamentos para a compreensão dos processos de curto prazo. Vejamos nas palavras do próprio sociólogo alemão:

O *insight* empírico-teórico de que todo planejamento de curto prazo é influenciado por processos não-planejados de longo prazo ilumina o obscuro. Ele torna claro que o desenvolvimento não planejado, que sempre conduz as ações humanas planejadas por caminhos involuntários, é estruturado e, portanto, explicável (ELIAS, 2006, p. 231).

Na estruturação de seu modelo de análise, Elias, portanto, não desconsidera as tendências de curto prazo, mas procura localizá-las no interior dos processos sociais de longo prazo. Não obstante, devemos mencionar que Elias quase não se ateve ao estudo das estruturas sociais contextualizadas num intervalo de tempo-espço relativamente curto, o que, lhe predispõe como um sociólogo mais atento à continuidade histórica e, por vezes, menos sensível as discontinuidades e rupturas que só são identificadas e transparecidas na realidade social mediante o estudo minucioso, circunscrito e situado.

A propósito, esse tratamento sociológico mais circunscrito a determinado recorte de espaço-tempo nos parece ter sido contemplada mais detidamente na obra de Pierre Bourdieu. Na elaboração de seu modelo de análise sociológica dos campos, Bourdieu se propôs, em primeira instância, a tornar inteligíveis os mecanismos que asseguram e prescrevem o funcionamento desses universos num determinado momento histórico, para em seguida então, trazer à luz os fundamentos ocultos de dominação que aí se perpetuam.

No entanto, é preciso reiterar que essa ordem de prioridades não impediu que Bourdieu reservasse, ainda que de forma periférica, um espaço para análise estrutural dos antecedentes históricos dos campos, e sem a qual, tornar-se-ia praticamente impossível entender como se estruturam devidamente tais espaços de lutas, coerções, trocas, e, além disso, como se constituem e se definem os objetos em disputa (BOURDIEU, 1990b, p. 210).

Dadas essas considerações de valor heurístico, resolvemos, portanto, estruturar nosso objeto de estudo na perspectiva daquilo que Mills chamou de “campo de estudo inteligível”, já que o mesmo abrange e prescreve a articulação entre as estruturas de curto prazo (estrutura do momento) e as estruturas de longo prazo (história) numa dinâmica que procura superar, dentro de certos limites, a tricotomia “presente-passado-futuro” e, além disso, garantir que o sociólogo não seja meramente “jornalístico” em sua profissão e nem muito menos “profético” (MILLS, 1975, p. 167).

Logo, ao nos debruçarmos sobre o subcampo do xadrez em 1972, indubitavelmente tivemos que nos reportar ao cenário político, econômico e cultural de um mundo bipolar que se desenhou mais concretamente após o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945 e se estendeu até aproximadamente os primeiros anos da década de 1990. Também houve a necessidade de tomar por referência a história do xadrez, sobretudo, a partir do momento em que a referida prática começou a demonstrar alguns contornos e vieses mais esportivizados, o que, por sua vez, talvez seja o indício de sua constituição como um dos primeiros subcampos do campo esportivo moderno.

Para reconstruir esse universo de possíveis, procuramos nos subsidiar em importantes modelos teóricos que obtiveram destaque no campo da sociologia durante o século XX. Nesse sentido, de um lado, procuramos recuperar a modalidade de xadrez como um objeto relevante a ser estudado no universo da sociologia do esporte. De outro, nos empenhamos em associar alguns modelos e conceitos desenvolvidos na teoria social contemporânea ao processo de construção do objeto de pesquisa bem como à leitura da realidade empírica delimitada.

Nesse movimento de articulação empírico-teórica, a sociologia reflexiva de Pierre Bourdieu foi central, decisiva e inspiradora. Não obstante, algumas noções e categorias analíticas sistematizadas na sociologia configuracional de Norbert Elias também vieram somar à construção metodológica do objeto bem como complementar algumas lacunas não abrangidas pelo empreendimento teórico *bourdieusiano*.

Sobre o conceito *eliasiano* de longo prazo (referente à natureza dos processos sociais), é importante frisarmos que a utilização do mesmo se deu no sentido de conferir uma maior historicidade e um caráter mais diacrônico ao modelo teórico de Bourdieu visto que este autor não se preocupou em retomar ao longo de sua obra os grandes processos ocidentais de burocratização, racionalização e modernização. A inquietação que imediatamente nos incorreu, nesse sentido, era de como poderíamos pensar a constituição histórica do subcampo do xadrez sem estar preso apenas às questões estruturais de determinados momentos e circunstâncias específicas? Elias nesse sentido foi crucial.



Em contrapartida, também é importante frisarmos que uma parte considerável das rupturas identificadas na “história esportiva” do xadrez não necessariamente tende a evidenciar alterações técnicas na modalidade e, se evidenciam, certamente não é apenas na direção de desenvolvimento do controle das tensões e das pulsões como sugere Elias ao estudar o esporte. Dito em outros termos, essas alterações tratam-se mais de rupturas estruturais e descontínuas do que deslocamentos correspondentes ao movimento civilizatório.

Essa constatação empírica, por sua vez, relativiza a utilização da teoria do processo civilizador como norte teórico principal de nosso estudo, até porque as mudanças que Elias verificou no âmbito esportivo foram trabalhadas na relação entre esporte e Estado e não entre esporte e mercado.<sup>7</sup> Inclusive, convém notar que essa última relação institucional e duradoura mantida entre, de um lado, o esporte e, de outro, o mercado, foi central para pensarmos a oferta e o consumo da modalidade de xadrez conforme procuraremos argumentar ao longo da pesquisa. Daí a centralidade do empreendimento *bourdieusiano* em nossa análise.

Quanto ao emprego dos materiais históricos, percebemos a importância de realizar um levantamento exaustivo e rigoroso dos antecedentes acadêmico-científicos e culturais inerentes ao raio de ação dos agentes no interior dos campos de produção material e simbólica pertinentes à discussão suscitada, isto é, o subcampo esportivo do xadrez, o campo jornalístico, o campo de produção sociológica e historiográfica.

Nesse propósito, é oportuno notarmos que a variedade de materiais históricos resgatados em nossa imersão empírica se constituiu como o fio condutor que nos levou a recompor, para além de um exercício historiográfico, o espaço das relações, dos eventos, das lutas, das regularidades, dos fatos, das datas, enfim, dos agentes que fizeram história, ou melhor, fizeram a “história esportiva” relativamente autônoma da modalidade de xadrez.

Por sua vez, o uso dos materiais históricos se deu em conformidade com o modelo metodológico esboçado por Bourdieu no texto “Por uma ciência das obras” – capítulo do livro “Razões práticas” (2007b). Em tal ocasião, sucintamente falando, o sociólogo francês nos apresenta um modelo de análise dos bens históricos e culturais que tem por objeto a correspondência (ou dialética) entre duas estruturas homólogas, isto é, entre a estrutura interna de uma obra – forma e conteúdo – e a estrutura externa de sua produção.

Essa perspectiva de leitura é frutífera e lança luz ao embate historiográfico em torno de velhas e conhecidas polarizações como “verdade *versus* mentira”, “fontes primárias *versus*

---

<sup>7</sup> A abordagem sobre Mozart e a estrutura dos campos artísticos nas cortes européias do século XVIII, talvez seja o estudo em que as relações entre as mudanças da estrutura da personalidade e a constituição de um universo pautado em relações mercantis foram trabalhadas mais detidamente pelo sociólogo alemão Norbert Elias. Para um maior aprofundamento ver: ELIAS, N. *Mozart – Sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

fontes secundárias”, já que a imposição legítima das realidades históricas, segundo o autor, resulta primeiramente de lutas pelo monopólio de trazer à existência as coisas propriamente nomeadas pelos produtores culturais no interior dos mais distintos campos sociais. Nesse caso, o que interessa a Bourdieu e, diga-se de passagem, a nós também nessa pesquisa, é problematizar as condições sociais de produção e recepção dos materiais históricos, bem como os usos sociais a que os mesmos se prestam.

Sobre a distribuição desses materiais históricos como requisitos e, ao mesmo tempo, ferramentas para apreensão e compreensão das respectivas estruturas sociais delimitadas, aprouve-nos realizar a seguinte divisão, que não necessariamente impossibilita a interposição e interlocução dos referidos materiais ao longo do trabalho. Deste modo, para avaliar e objetivar a estrutura de longo prazo que a “história esportiva” relativamente autônoma da modalidade de xadrez constitui, tomamos como ponto de partida o corpo de considerações desenvolvidas nas chamadas literaturas enxadrísticas, com ênfase àquelas obras de caráter histórico que circularam no interior do subcampo esportivo em questão. Por sua vez, e com relação ao entendimento do embate entre capitalistas e socialistas durante a Guerra Fria, buscamos sustentação nos referenciais historiográficos produzidos sobre a temática.

Já para leitura de curto prazo, mais precisamente, do delineamento e direcionamento da oferta e demanda da modalidade de xadrez durante o “*match* do século” em 1972, também nos ativemos às literaturas enxadrísticas, reservando, no entanto, um maior espaço para análise de reportagens e imagens que foram veiculadas na mídia impressa e nos próprios livros de xadrez durante aquele período e agora mais recentemente em 2008, quando o *match* de 1972 novamente foi trazido à tona por conta do falecimento do enxadrista Bobby Fischer.

Em relação ao tratamento das imagens recuperadas, compete frisar que partimos de uma abordagem de cunho iconográfico conforme sugerido por Bourdieu na introdução do livro “*Un arte médio: ensayos sobre los usos sociales de la fotografía*” (2003d). Nesse propósito, estivemos atentos, por um lado, ao uso espetacular que foram feitas das imagens enxadrísticas no contexto do “*match* do século” e, por outro, à potencialidade das mesmas em trazerem indícios sobre a construção de referências estruturais e comportamentais no e do momento histórico-social em questão.

Ainda em prosseguimento com essas proposições de ordem diretiva e metodológica, delimitamos e sistematizamos ao longo do *capítulo I* nosso itinerário de pesquisa. Para tanto, nos predispomos em resgatar as premissas epistemológicas de Pierre Bourdieu para substanciar uma leitura reflexiva do fenômeno social chamado esporte moderno e, na

seqüência e prolongamento desse roteiro, recuperar um referencial sociológico de análise para pensar a incursão da modalidade de xadrez no campo esportivo.

No *capítulo II*, por sua vez, nos propusemos, de um lado, a realizar um breve passeio pelas principais linhas histórico-sociológicas que definiram o curso da modalidade de xadrez no campo esportivo e, de outro, contextualizar a relação entre o microcosmo social configurado em torno do “*match* do século” e o macrocosmo social caracterizado, dentre outras contingências, pelo embate entre capitalistas e socialistas durante a Guerra Fria.

Já no *capítulo III* procuramos nos debruçar mais detidamente sobre a estrutura enxadrística tal como redimensionada no contexto do “*match* do século”. Para essa investida, buscamos, em primeira instância, discorrer sociologicamente sobre os contornos mercantis, espetaculares e simbólicos conferidos à modalidade de xadrez no momento histórico em questão. Na seqüência, detivemo-nos em avaliar o impacto dessa estrutura mercantil e simbólica sobre a lógica de concorrência histórica da modalidade no campo esportivo.

Por fim, nas considerações finais, recuperamos de maneira sintética e conclusiva a gama de apontamentos, análises e contingências histórico-sociológicas que foram sendo acumuladas ao longo do trabalho.

## CAPÍTULO I – ITINERÁRIO

### 1.1 POR UMA SOCIOLOGIA REFLEXIVA DO ESPORTE

Em inúmeras oportunidades de sua obra, o sociólogo francês Pierre Bourdieu procurou, com rigor, utilizar a sociologia contra suas próprias determinações, argumentos e limites sociais, tentando assim fornecer e sistematizar elementos para uma análise sociológica do desenvolvimento do seu trabalho (BOURDIEU, 1990a, p. 38-39; BOURDIEU, 2005).

O que o autor, de antemão, se propôs em empreender obviamente não se restringia apenas ao questionamento de seu papel como cientista social, ou então na condição de um pesquisador que, ao longo de sua trajetória acadêmica, se ateve em formular e sistematizar uma sofisticada teoria sociológica – uma abordagem que se, heurística e epistemologicamente falando, não é possível chamar de acabada, ao menos, pode-se conferir um *status* muito próximo de tal intento.

Dito de forma mais precisa, ao se colocar e recolocar suas formulações em xeque reivindicando um exercício de “auto-sócio-análise”, Bourdieu procurou frisar a importância de se avançar rumo a uma sociologia da sociologia, quer dizer, a uma sociologia do fazer sociológico. Esse empreendimento, Bourdieu denominou de sociologia reflexiva,<sup>8</sup> a qual, de modo mais específico, prevê e exige um exercício de conversão pessoal (meio de *corpo* e *alma*) ao ofício sociológico.

Conforme Bourdieu, a profissão de sociólogo requer a incorporação de um novo *habitus*<sup>9</sup> intelectual, cuja particularidade reside na interiorização dos princípios constituintes e norteadores de sua teoria do conhecimento sociológico. Nesse sentido, um novo *habitus* sociológico, tal como Bourdieu concebe, é o que permitiria ao pesquisador construir um objeto de pesquisa segundo os princípios de construção do próprio objeto.

---

<sup>8</sup> Além de orientar a construção do pensamento e teoria sociológica de Pierre Bourdieu, a sociologia reflexiva também foi escopo de análise, em especial, nas seguintes obras: BOURDIEU, P. Introdução a sociologia reflexiva. In: *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989, pp. 18-56; BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. *Una invitación a la sociología reflexiva*. 2. ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2008. (Publicado pela primeira vez e originalmente com o título: BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. *An invitation to reflexive sociology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992).

<sup>9</sup> *Habitus* é uma antiga noção escolástica que foi recuperada por Bourdieu com o intuito de fundamentar sua teoria da prática, na qual o autor, brevemente falando, procura-se esquivar de uma filosofia do sujeito sem, contudo, sacrificar o agente e de uma filosofia da estrutura sem negar que essa exerça impacto sobre o agente e através dele. Assim, o *habitus* na condição de estrutura estruturada predisposta a funcionar como estrutura estruturante complementa o movimento de interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade, numa dinâmica que procura superar a falsa dicotomia reprodução *versus* transformação.

Exatamente por isso é que Bourdieu (1983a, p. 18), não entende a sociologia do conhecimento como uma especialidade dentre outras, mas como um dos requisitos primeiros para a constituição de uma sociologia propriamente científica. Dessa forma, a sociologia do conhecimento de Bourdieu, ao mesmo tempo, remonta e transcende a tradição sociológica *durkheimiana*, tendo por objetivo romper com toda espécie de espontaneísmo e ideologia. Dito de outro modo, Bourdieu procura instaurar uma perspectiva de apreensão do mundo social onde o sociólogo não renuncia seu privilégio epistemológico de explicação dos fatos sociais, mas também não desconsidera o valor das experiências dos agentes num universo empiricamente delimitado (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 1999).<sup>10</sup>

Com rigor, cabe ressaltarmos que a solução metodológica apresentada por Bourdieu para resolver o dilema entre, de um lado, o empirismo cego e, de outro, a teoria sem controle,<sup>11</sup> consiste na prática daquilo que ele entende por “vigilância epistemológica”, e que, sucintamente falando, trata-se de um método de sondagem onde o pesquisador procurar trabalhar a teoria do conhecimento sociológico e a teoria do sistema social de forma envolvente, relacional e reflexiva. Essa vigilância epistemológica, por sua vez, exige ainda uma ruptura com aquelas prenoções, ou melhor, pré-construções que cerceiam e organizam o mundo social, as quais, de forma muito perigosa e envolvente, conduzem os pesquisadores a tomarem falsas evidências e falsas certezas como se fossem verdadeiras.

No entanto, essa rigorosidade instaurada pela vigilância epistemológica (que *a priori* é bem contrário de rigidez), não significa que o pesquisador deva desprezar ou então romper com as materialidades empíricas que são pertinentes aos objetos de pesquisa, mas, indubitavelmente, se atentar para o processo de construção dos mesmos prezando pela objetividade teórica na interpretação do universo empírico e, acima de tudo, não tratando os “fatos” como “dados”, ou seja, como um corpo de conhecimentos que materializa de tal modo a realidade a ponto de não demandar um tratamento teórico mais refinado e específico.

---

<sup>10</sup> Uma análise mais acurada da herança *durkheimiana* na construção da Sociologia de Pierre Bourdieu foi desenvolvida por: WACQUANT, L. Durkheim e Bourdieu: a base comum e suas fissuras, *Novos Estudos*, CEBRAP, São Paulo, n. 48, pp. 29-38, Jul. 1997.

<sup>11</sup> Segundo Wacquant (2002, p. 98), uma das constantes preocupações de Bourdieu em seu trabalho era unir teoria rigorosa a observação sistemática. E isso tanto contra as tendências empiristas norte-americanas (em específico, as vertentes divulgadas nos trabalhos de Talcott Parsons, Paul Lazarsfeld e Robert Merton) quanto contra a Sociologia teorizadora vigente no meio intelectual francês. Para uma discussão mais aprofundada sobre a trajetória intelectual de Pierre Bourdieu, ver: WACQUANT, L. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal, *Revista de Sociologia e Política – Dossiê Pierre Bourdieu no campo*, Curitiba, n. 26, pp. 13-30, jun. 2006.

Dito em termos mais sintéticos, Bourdieu insiste é na conversão intelectual, na ruptura com noções estereotipadas e na recusa de juízos de valor (sejam aqueles provenientes do senso comum ou, então, dos universos científicos) como condições de urgência para que se instaure a vigilância epistemológica no campo da sociologia e de modo que os objetos de pesquisa possam ser mais bem construídos e problematizados.

Nesse sentido, podemos inferir que a reflexividade constitui um dos crivos norteadores da produção sociológica de Pierre Bourdieu, e muito mais que uma marca peculiar de suas investidas, trata-se de uma iniciativa epistemológica circunscrita no prolongamento das reflexões do filósofo francês Gaston Bachelard (BOURDIEU, 2005; BOURDIEU; WACQUANT, 2008). Sobre a propensão reflexiva presente na filosofia *bachelardiana* Bourdieu comenta: “Bachelard recusa à ciência as certezas do saber definitivo para lembrar que ela só poderá progredir ao colocar perpetuamente em questão os princípios de suas próprias construções” (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 1999, p. 39).

Decorre dessa leitura, o entendimento de que as inquietações suscitadas por Bachelard (1974) sobre a legitimidade e o progresso da ciência no texto “A filosofia do não”, foram apropriadas e incorporadas por Bourdieu para fundamentar seu método de investigação propriamente reflexivo, já que uma criteriosa sociologia do mundo social, segundo apregoa a matriz sociológica *bourdieusiana*, só se torna possível a partir do momento que os sociólogos colocam em questionamento o próprio espaço acadêmico no qual se situam e procuram legitimar suas concepções de ciência e de como fazer ciência (BOURDIEU, 2004).

Deste modo, trata-se de um argumento no mínimo razoável considerar a possibilidade de Bourdieu ter retido e herdado objetivamente da análise *bachelardiana* a essência dos pressupostos sócio-filosóficos que amparam e fundamentam seu método de investigação propriamente reflexivo. Mais razoável ainda é a idéia de que a sociologia reflexiva tal como praticada em sua obra se trata de uma contingência que possivelmente reflete sua transição da filosofia a etnologia e, desta última, para a sociologia.

Logo, esse exercício de reflexividade pode ser considerado um *continuun* na produção sociológica de Pierre Bourdieu; uma condição indispensável à construção do seu modelo teórico-analítico que abrange desde a sua elaborada teoria da prática (BOURDIEU, 2003a), passando pela teoria dos sistemas simbólicos (BOURDIEU, 1998b), das representações (BOURDIEU, 1998a), do gosto (BOURDIEU, 2007a), do conhecimento (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 1999), da reprodução social (BOURDIEU; PASSERON, 2008), das relações de gênero (BOURDIEU, 2002a), dos *habitus*, atingindo finalmente a sua teoria de análise sociológica dos campos e, diga-se de passagem, dos mais diferentes campos.

Nas linhas que se seguem pretendemos demonstrar o caráter de reflexividade presente na elaboração do modelo de análise sociológica dos campos de Pierre Bourdieu, mais especificamente, em sua forma adquirida e explicitada na construção da teoria do campo esportivo. Antes disso, entretanto, sentimos a necessidade de apresentar um breve panorama histórico-sociológico sobre a constituição do campo da sociologia do esporte no cenário internacional, fazendo, em seguida, algumas inferências e transposições para pensar o cenário brasileiro e, talvez, latino-americano.

Para essa investida, procuramos partir de uma abordagem bibliográfica de cunho exploratório, de modo a resgatar alguns elementos históricos do desenvolvimento da sociologia do esporte e, além disso, elaborar um panorama geral que contemple algumas das principais matrizes teóricas e respectivos autores que se ativeram ao estudo do fenômeno social chamado esporte moderno e, por conseguinte, contribuíram para institucionalização desse espaço de discussão acadêmica.

A urgência em elencarmos algumas das principais tensões geradas no interior do referido campo, especialmente entre aqueles agentes e instituições que foram decisivos e indispensáveis para a emergência desse espaço, se faz imprescindível para que possamos avançar rumo a uma sociologia reflexiva do esporte. E isso exatamente porque uma sociologia reflexiva do esporte tal como recuperada e sistematizada a partir da obra de Bourdieu, prescreve a elaboração de um quadro analítico que permita compreender, para além das transposições de conceitos e esquemas de análise, a produção do conhecimento gerado sobre, entre e nesse espaço.

Mais precisamente, a função de uma sociologia reflexiva que abranja a produção e a circulação do conhecimento no interior do campo da sociologia do esporte consiste em possibilitar aos pesquisadores que controlem os efeitos dos “pré-construídos doutos” na construção e recorte de um objeto de pesquisa, de modo, que a realidade empírica não seja deformada ou, o que é pior, obscurecida de forma a ocultar o que por “natureza” já é oculto.



Olhar para o processo de constituição histórica da sociologia do esporte pelas “lentes sociológicas” de Pierre Bourdieu, nos permite ir muito além do que simplesmente demarcar o espaço que essa disciplina vem conquistando no âmbito acadêmico. Dito de forma mais específica, a perspectiva *bourdieusiana* de análise dos campos científicos nos possibilita perceber as lutas travadas entre os pesquisadores e instituições científicas no interior desse

microcosmo configurado, seja pela definição de objetos legítimos a serem estudados, seja em função da legitimidade acadêmica dos métodos e teorias que balizam as respectivas produções viabilizadas no interior do referido espaço.

Essas lutas aparentemente de ordem mais interna se devem a princípios de hierarquização científica e, de certo modo, refletem a autonomia que o campo goza em relação ao macrocosmo. É lógico que o campo da sociologia do esporte também sofre influências externas, sobretudo, de dimensões políticas. Entretanto, as tensões demandadas nesse campo parecem se aproximar mais da concorrência “pura”, ou seja, daquela concorrência que costuma opor empiristas a teóricos, pesquisadores de orientação objetivista aos pesquisadores de orientação mais subjetivista, dentre inúmeras outras polarizações.<sup>12</sup>

É importante lembrar que essas tensões fomentadas no campo científico da sociologia do esporte também parecem refletir, em suas devidas proporções, o embate típico entre as disciplinas que compõe o núcleo das chamadas ciências sociais e, no caso específico do campo sociológico, as lutas entre sociologia contemporânea *versus* sociologia clássica, entre as áreas de especialidade sociológica e, principalmente, entre os mais distintos paradigmas e teorias que constituem epistemologicamente o referido *locus* social de produção e circulação dos bens científicos.

Um primeiro aspecto pertinente ao tratamento das produções bibliográficas reservadas ao campo da sociologia do esporte consiste em não apreciar as mesmas pelo olhar pessimista resultante do jugo de uma avaliação valorativa, desavisada, e muitas vezes partidária, mas, pelo contrário, como inserções acadêmicas que contribuem para o desenvolvimento da ciência sociológica, na medida em que a produção de conhecimento potencialmente avança via confrontação de conceitos, métodos ou então através da aproximação de paradigmas e posições teóricas tidas como inconciliáveis.

Como pressuposição norteadora e diretiva dessa análise, sustentamos que o campo da sociologia do esporte, em seus mais diferentes estágios de desenvolvimento, parece ter absorvido algumas tensões demandadas no interior do campo das ciências sociais, já que os pesquisadores ao manterem uma fidelidade à determinada abordagem e/ou metodologia tendem a se colocar em posição de descrédito em relação àquelas perspectivas teórico-

---

<sup>12</sup> Para uma discussão mais específica sobre a lógica de funcionamento dos campos científicos, ver: BOURDIEU, P. A causa da ciência: como a história das ciências sociais pode servir ao progresso das ciências. *Política e Sociedade*, Florianópolis, n. 1, pp. 143-161, set. 2002b; BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R, (org.). *A sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho d'Água, 2003c, pp. 112-143; BOURDIEU, P. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: UNESP, 2004.



metodológicas que contradizem a sua, contribuindo para que se estruture um espaço de forças segundo a lógica da reprodução social dos *habitus* científicos.

Um rápido passeio pela história da sociologia do esporte, em companhia do sociólogo inglês Eric Dunning,<sup>13</sup> nos permitirá perceber algumas dessas conjecturas sugeridas mais detidamente. Segundo Dunning (2004, p. 04), na transição do século XVIII para o XIX já é possível mapearmos a produção de alguns trabalhos pioneiros sobre as práticas esportivas na Grã-Bretanha. Esses trabalhos não foram realizados em instituições acadêmicas, o que, no entanto, não impediu que os mesmos se tornassem importantes fontes de pesquisas para os estudiosos do esporte do século XX.

Dentre esses trabalhos precursores apontados por Dunning, destacam-se o de Peter Beckford sobre caça a raposa em 1796, o de Pierce Egan sobre pugilato em 1812 e, aproximadamente 70 anos mais tarde, os trabalhos de Montagu Shearman contemplando a história e desenvolvimento do futebol, rúgbi e atletismo e que foram publicados em 1887 e 1889 (DUNNING, 2004, p. 04).

No entanto, tal panorama começa a se tornar um pouco mais sugestivo na transição do século XIX para o XX, quando alguns autores clássicos das ciências sociais passam a reservar um espaço mais específico para discutir o fenômeno esportivo em suas obras. Thorstein Veblen em “A teoria da classe ociosa” de 1899, por exemplo, menciona o esporte como uma das atividades aptas a distinguir uma classe pecuniariamente favorecida e que não precisava dispensar tempo com atividades desgastantes de trabalho (VEBLEN, 1965).

Em 1902, Marcel Mauss recupera a noção de técnicas corporais para se referir as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, sabem servir-se de seus corpos. Dentre as técnicas enumeradas por Mauss se encontram aquelas denominadas de atividades de movimento, a saber, corrida, nado, escalada, saltos, movimentos de força, dança (MAUSS, 2003, pp. 401-406). Já Max Weber, em “A ética protestante e o espírito do capitalismo” de 1904, problematiza a oposição do puritanismo inglês em relação às atividades de cunho esportivo-recreativo presentes naquela sociedade (WEBER, 2004).

É oportuno notarmos, que as iniciativas preconizadas na obra desses autores mencionados ainda não seriam estruturalmente representativas para caracterizar a formação de um campo institucionalizado da sociologia do esporte – até porque, nesse período, a própria sociologia se encontrava em um incipiente processo de institucionalização como

---

<sup>13</sup> Especialmente em seus textos: DUNNING, E. *Sociology of sport in the balance: critical reflections on some recent and more enduring trends*, *Sport in Society*, Lancashire, v. 7, n. 1, pp. 01-24, 2004; DUNNING, E. *Sport matters: sociological studies of sport, violence and civilization*. London: Routledge, 1999.

disciplina acadêmica. O que, no entanto, podemos admitir é que as referidas contribuições talvez conformem e definam o estágio pré-histórico de um campo que começaria a se estruturar mais sistematicamente a partir dos anos 1960.

Na continuidade de construção deste cenário, temos em 1921 os escritos de Heinz Hisse, que desenvolveu sob a orientação de Alfred Weber o primeiro estudo sociológico mais abrangente sobre tema do esporte (DUNNING, 2004, p. 05; PILZ, 1999). Nesse trabalho, Hisse procurou impreterivelmente analisar o esporte competitivo a partir de uma crítica ao modelo de sociedade industrial vigente (MARCHI JÚNIOR; CAVICHIOLLI, 2008).

Outro autor que sistematizou um arcabouço teórico que conduz à retomada do esporte sob o crivo sociológico é Johan Huizinga. Em seu clássico texto “*Homo Ludens*” de 1938, Huizinga aborda o jogo como um componente indissociável da cultura e que, sucessivamente, deve ser percebido em uma perspectiva de interação entre divertimento e seriedade (HUIZINGA, 1995). No que se refere às questões propriamente esportivas, Huizinga afirma que o equilíbrio entre o prazer e seriedade foi fortemente abalado na dinâmica de organização do desporto moderno.<sup>14</sup>

Nos anos de 1940 devemos destacar, por sua vez, as contribuições da chamada primeira geração da Escola de Frankfurt, especialmente em sua vertente divulgada nos escritos de Adorno e Horkheimer. No texto de 1947, intitulado “Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos”, esses autores procuraram discutir as atividades de lazer e, de certo modo, as próprias práticas esportivas sob o ângulo crítico do que vieram a chamar de “indústria cultural” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).<sup>15</sup>

No entanto, após o estudo de Hisse em 1921 e das incursões de Huizinga e da primeira geração da Escola de Frankfurt nas décadas seguintes, apenas em 1955 é que o esporte seria novamente tratado de uma forma mais notável. Referimo-nos ao trabalho de Gregory P. Stone que além de se debruçar sobre a manifestação do jogo na sua forma esportiva avança rumo a uma definição preliminar de esporte-espetáculo e problematiza as implicações deste sobre o caráter do jogo esportivo, no sentido de torná-lo mais previsível e, sucessivamente, menos espontâneo (DUNNING, 1992b, p. 307).

<sup>14</sup> Para uma abordagem crítica ao trabalho de Huizinga desenvolvido sobre a relação jogo, esporte e cultura ver: DUNNING, E. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e significados social do desporto. In ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992b, pp. 299-325.

<sup>15</sup> No livro “Palavras e Sinais”, mais precisamente no capítulo sobre o tempo livre, essas relações também foram tematizadas. Ver: ADORNO, T. W. *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Petrópolis: Vozes, 1995. Para um melhor dimensionamento das contribuições desses autores para pensar o esporte ver: VAZ, A. F. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. *Caderno Cedes*, Campinas/SP, n. 48, p.89-108, ago. 1999; VAZ, A. F. Na constelação da destrutividade: o tema do esporte em Theodor W. Adorno e Max Horkheimer. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 65-108, 2000.

Anos mais tarde, em 1961, são apresentados dois trabalhos bastante sugestivos para o modesto campo da Sociologia do Esporte que estava por se desenhar. Anthony Giddens defendeu sua tese de mestrado na *London School of Economics* abordando tópicos relacionados ao esporte na sociedade inglesa contemporânea.<sup>16</sup> Eric Dunning, sob a orientação de um até então desconhecido sociólogo alemão chamado Norbert Elias, defendeu na Universidade de Leicester sua tese de mestrado sobre o desenvolvimento do futebol tendo como referencial de análise a teoria do processo de civilizador e a abordagem configuracional proposta pelo autor alemão.<sup>17</sup>

Além dessas contribuições mencionadas e ainda no andar dos anos 1960, temos como marco importante a fundação do Comitê Internacional de Sociologia do Esporte (ICSS e atual ISSA desde 1998) em 1965 na cidade de Varsóvia/Polônia. A fundação dessa entidade se deve, sobretudo, aos esforços de estudiosos tanto da área de educação física quanto da sociologia (DUNNING, 2008, p. 229). Dentre as realizações desta instituição, se destacam, com mais notoriedade, a editoração da Revista Internacional de Sociologia do Esporte (IRSS) que passou a ser publicada periodicamente desde 1965, assim como, a organização de simpósios internacionais, sendo o primeiro deles realizado em 1966 na cidade de Colônia/Alemanha (DUNNING, 2004).<sup>18</sup>

Nesse período de transição para o início dos anos de 1970, são também publicados alguns dos primeiros textos mais direcionados à sociologia do esporte, e nos quais os autores procuram fornecer uma visão mais geral e sistemática do desenvolvimento da área até então. De acordo com Dunning, exemplos claros dessa iniciativa podem ser contemplados no trabalho “*Sport, culture and society*” de John W. Loy e Gerard S. Kenyon em 1969 nos Estados Unidos, seguido de perto de seu livro “*The sociology of sport: a selection of readings*” publicado na Inglaterra em 1971 (DUNNING, 2004, p. 07).

Acresça-se a esses projetos, o trabalho de orientação marxista de Bero Rigauer “*Sport und arbeit*” de 1969, o estudo de Harry Edwards “*The sociology of sport*” de 1973 e, com maior notoriedade, o livro “*Sport in society: issues and controversies*” publicado por Jay Coakley em 1978,<sup>19</sup> e que segundo Dunning permanece até hoje justificadamente como o *best-seller* da área (DUNNING, 2004, p. 08).

---

<sup>16</sup> Para um maior aprofundamento ver: GIDDENS, A. *Sport and society in contemporary England*. Tese de mestrado. London School of Economics, London, 1961.

<sup>17</sup> Para maiores detalhes ver: DUNNING, E. *Early stages in the development of Football as in organized game*. Tese de mestrado. University of Leicester, Leicester, 1961.

<sup>18</sup> Para informações complementares ver: <<http://www.issa.otago.ac.nz/about.html>>.

<sup>19</sup> Para um embasamento mais aprofundado ver: COAKLEY, J. *Sport in society: issues and controversies*. New York: McGraw-Hill, 2009.

Ainda em 1978, temos a produção de alguns textos onde os autores se propuseram a sistematizar um modelo de análise sociológica do esporte. É o caso do livro de Allen Guttmann (1978) intitulado “*From ritual to record: the nature of modern sports*”, no qual o autor seguindo a matriz weberiana dos tipos ideais procura aprimorar um esquema analítico apto a diferenciar o esporte moderno das antigas práticas esportivas; do artigo “*Sport and social class*” de Pierre Bourdieu (1978), que com esse texto inaugura e estende os pressupostos de sua teoria dos campos para substanciar a análise dos consumos e práticas esportivas; e do livro de inspiração marxista “*Sport: a prison of measured time*” publicado na Inglaterra por Jean-Marie Brohm (1978) como resultado de pesquisas e artigos que o autor já havia desenvolvido e publicado em anos anteriores.

Tal panorama aqui percorrido de forma um tanto quanto apressada e preliminar nos parece, contudo, bastante razoável para tecermos algumas considerações sobre o campo da sociologia do esporte que entre os anos 1960 e 1980, se nossa linha de raciocínio estiver correta, se institucionalizou criteriosamente como lugar legítimo para o investimento acadêmico-científico.

Um dos primeiros aspectos a ser lembrado, nesse sentido, se trata do caráter de desenvolvimento do campo em termos mais regionalizados e atendendo, sobretudo, as demandas da língua inglesa. De acordo com Dunning, o campo da sociologia do esporte experimentou um considerável crescimento a partir dos anos 1960, sobretudo, nos Estados Unidos, no Canadá, e na própria Inglaterra, onde essa área já era um pouco mais privilegiada. Entretanto a Alemanha Ocidental e a França foram possíveis exceções, devendo ser ponderado o papel dos estudiosos desses países para potencial emergência desse campo (DUNNING, 1992a; DUNNING, 1999).

Outro ponto a ser comentado se refere à pluralidade de abordagens teórico-metodológicas possíveis de serem identificadas no período de 1960 a 1980 no campo da sociologia do esporte. Para se ter uma idéia mais exata e precisa dessa diversidade, basta olharmos para as inúmeras frentes de apreciação que partem do funcionalismo, marxismo, estruturalismo, interacionismo, etnometodologia, teorias feministas, abordagem figuracional, dentre outras. (DUNNING, 2004).

Por sua vez, tais paradigmas ao serem interiorizados pelos agentes sob a forma de *habitus* científicos e exteriorizados no campo como práticas científicas mais ou menos consagradas ajudaram a definir algumas das polarizações/tensões que atualmente se visualizam com mais frequência neste espaço e, de uma forma mais ampla, no âmbito das ciências humanas e sociais: materialismo *versus* idealismo, agente *versus* estrutura, síntese

*versus* análise, objetivismo *versus* subjetivismo, estática social *versus* dinâmica social, estudos sincrônicos *versus* estudos diacrônicos, abordagens histórico-comparativas *versus* abordagens estatísticas.

Essa última dicotomia pode ser ilustrada, por exemplo, no embate entre, de um lado, Loy e Kenyon sustentando as análises estatísticas da escola empirista norte-americana e, de outro, Elias e Dunning (Pierre Bourdieu e Peter McIntosh oferecem possibilidades parecidas), defendendo interpretações que atribuem uma maior importância às contingências históricas e que, dessa forma, possibilitam abordar a relação entre esporte e sociedade de forma comparativa e como partes de um mesmo processo. O meio termo entre essas duas vertentes, para fins de esclarecimento, seria a perspectiva interacionista-simbólica de Stone (DUNNING, 2004, p. 18).

No decorrer das décadas de 1980 e 1990, a sociologia do esporte começa a se desenvolver de uma forma mais ampla se inserindo, inclusive, em novos contextos do cenário mundial. O que, no entanto, percebemos neste processo é que os pesquisadores, muito mais que proporem outros modelos analíticos para estudar o esporte, buscaram dar continuidade aos legados teóricos que constituíram o campo das ciências sociais em termos de produção de conhecimento durante os séculos XIX e XX.

Um parâmetro avaliativo destas possíveis inserções da sociologia do esporte, assim como, do caráter de reprodução teórica no campo que ela própria constitui, pode ser elaborado na medida em que estabelecemos, em um empreendimento similar ao de Dunning no artigo “*Sociology of sport in the balance*” (2004), uma possibilidade de comparação entre o “*Handbook of social science of sport*”, editado por Günther Lüschen e George H. Sage em 1981<sup>20</sup> e o “*Handbook of sport and society*” publicado pelos sociólogos Jay Coakley e Eric Dunning em 2000.<sup>21</sup>

De acordo com Dunning (2004, p. 13-14), a primeira coletânea compilou contribuições de um número relativamente pequeno de países – seis apenas – enquanto a sua coletânea produzida juntamente com Coakley ampliou esse número para treze países. Além disso, na primeira coletânea foram publicados 24 artigos sendo que dezesseis destes eram de autores norte-americanos. Na coletânea de Coakley e Dunning, a quantidade de artigos publicados aumentou para o número de 49, sendo quatorze contribuições de autores norte-americanos e quinze de pesquisadores da Ucrânia.

<sup>20</sup> Para maior aprofundamento ver: LÜSHEN, G.; SAGE, G. H. (eds). *Handbook of the social science of sport*. Champaign, IL, Stipes: 1981.

<sup>21</sup> Para um maior detalhamento: COAKLEY, J.; DUNNING, E. *Handbook of sport and society*. London: Sage, 2000.

Deste modo, o “*Handbook of social science of sport*” de 1981, se caracteriza como uma obra predominantemente composta por trabalhos de pesquisadores dos Estados Unidos, e os artigos publicados refletem o paradigma estrutural-funcionalista norteador do campo da sociologia norte-americana naquele contexto. Já o “*Handbook of sport and society*” organizado no ano 2000, embora conte com 29 publicações divididas entre Estados Unidos e Ucrânia, já aponta para um ecletismo maior em termos dos países representados na composição dos textos da coletânea. Além do mais, os textos do “*Handbook of Sport and Society*” contemplam vários paradigmas das ciências sociais e, em sua regularidade, não apresentam descrições empíricas destituídas de reflexões teóricas.<sup>22</sup>

Outro dado que nos chama bastante atenção nessas duas coletâneas é a ausência de trabalhos de pesquisadores da América Latina como referências em sociologia do esporte em termos de divulgação internacional. Diante desse quadro ligeiramente evocado uma questão de maior urgência nos incorre – Será que a sociologia do esporte é uma área de investigação que tem sido negligenciada na América Latina, ou então, os trabalhos sociológicos do esporte desenvolvidos nesse continente é que não são levados em conta pelos agentes e instituições em condição de definirem e imporem uma visão do que seria primeiramente sociologia e, em seguida, sociologia do esporte?

Na tentativa de fomentar uma reflexão mais sólida sobre essa questão, sentimos a necessidade de recorrer a uma realidade mais palpável e concreta. Sendo assim, decidimos concentrar nossos esforços momentâneos em alguns aspectos, a nosso ver, cruciais do desenvolvimento da sociologia do esporte no Brasil. Essa opção se justifica pelo fato de nos ser uma realidade bastante familiar, além do fenômeno esportivo no Brasil assumir uma conotação social peculiar, diversificada, e que, por sua vez, não é exterior e alheia ao processo de desenvolvimento da sociologia do esporte no país.

Uma consideração a ser introduzida de imediato, é que o campo da sociologia do esporte no Brasil dá alguns passos importantes rumo a um caminho de consolidação neste início de século XXI. E isso, não por uma simples eventualidade do estágio de desenvolvimento acadêmico e de discussão científica em que nos encontramos, mas graças a alguns primeiros esforços e movimentos engendrados, sob determinadas circunstâncias e contingências históricas, no interior do campo das ciências sociais e do campo da educação física no Brasil.

---

<sup>22</sup> Para um embasamento mais atualizado ver a segunda edição do livro publicado em 2002 com o título: COAKLEY, J.; DUNNING, E. *Handbook of sports studies*. London: Sage, 2002.

Mais precisamente, o argumento central que defendemos é que o desenvolvimento da sociologia do esporte no Brasil se deu a partir de alguns fios condutores elencados a partir de uma análise exploratória do campo e, que a nosso ver, se ramificam essencialmente em três possibilidades: (1) via sociologia do futebol ou, se preferirem, estudos sócio-antropológicos do futebol; (2) via teoria crítica do esporte preconizada por autores da educação física a partir de 1980; (3) via história das práticas esportivas.

O primeiro fio condutor que pudemos identificar nesse percurso exploratório se estabelece na relação aparentemente conflituosa viabilizada entre sociologia do esporte e sociologia do futebol, na medida em que o desenvolvimento da primeira área parece ter sido fomentado, ao menos no Brasil, predominantemente em função do desenvolvimento da segunda. Um dimensionamento melhor do que estamos dizendo, poderia ser dado se, por exemplo, resolvêssemos mapear o estado da arte dos estudos que a partir do século XX foram produzidos no âmbito das ciências sociais e que sugeriram alguns caminhos significativos para a implementação de uma sociologia do futebol no país.

Vale lembrarmos, nesse sentido, que o sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, já a partir do final da década de 1920 teve a sensibilidade de perceber o futebol como um objeto passível de ser problematizado sociologicamente (SOARES, 2003). Outra contribuição para a emergente sociologia do futebol foi sistematizada pelo jornalista Mário Filho, que em 1947 publica a primeira edição do livro “O negro no futebol brasileiro”, o qual foi prefaciado pelo próprio Gilberto Freyre.<sup>23</sup>

É interessante notarmos, que embora Mário Filho não tivesse vínculos com a academia e muito menos com a Sociologia, seu livro foi exaustivamente reproduzido no âmbito das ciências sociais e utilizado como uma referência bastante requisitada para pensar alguns problemas relativos à inserção do negro e das camadas mais pobres da população no universo sócio-cultural do futebol (SOARES, 2003).

Um exemplo mais incisivo da recorrência ao futebol como escopo das análises sociológicas no Brasil, pode ser vislumbrado ainda na obra do antropólogo Roberto DaMatta, sobretudo nas que foram publicadas a partir do final dos anos de 1970 e início dos anos 1980 (DAMATTA, 1979; DAMATTA, 1982a; DAMATTA, 1982b). Já como ilustração mais recente, temos o trabalho de Murad (2007), Helal (1997), Helal; Soares; Lovisolo (2001), Rodrigues (2003; 2007) e Toledo (2002).

---

<sup>23</sup> Para uma leitura mais acurada ver: FILHO, M. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

Este último autor cuja formação é em antropologia, nos chama atenção por apresentar em determinado momento de sua obra, “Lógicas no futebol”, uma revisão de literatura (1982-2002) sobre o que ele entende ser a incursão das ciências sociais no terreno empírico que constitui o fenômeno esportivo, deixando claro que, para o autor, o esporte se apresenta como um drama encarnado na dimensão simbólica do futebol (TOLEDO, 2002).

Obviamente esses são apenas alguns dos estudos sobre futebol que têm sido produzidos no âmbito das ciências sociais no Brasil ao longo do século XX e início do século XXI, sem falarmos ainda das iniciativas muito próximas que vem sendo viabilizada no campo da educação física, da história, da administração e, mais recentemente, também da geografia. Quanto à área de educação física, é importante mencionarmos os trabalhos de Soares (1994; 1998), Kowalski (2001), Daólio (2005), Reis (2006) Reis; Escher (2006), dentre inúmeras outras contribuições resultantes de dissertações, teses, participações em eventos, publicações em periódicos e elaboração de livros.

Entretanto e independente das áreas originais em que se vinculam esses estudos supracitados, uma consequência mais nítida podemos perceber de forma geral em suas estruturas teórico-metodológicas e escopo: ambos convergem no sentido de fornecer uma interpretação da sociedade brasileira a partir do futebol, o que, reforça nossa hipótese de que tais iniciativas contribuíram, em primeira instância, com a emergência de um campo da sociologia do futebol e, em seguida, da sociologia do esporte.

Um segundo fio condutor que, de certa maneira, sustentou o desenvolvimento da sociologia do esporte no Brasil, começa a se edificar a partir dos anos 1980, juntamente com a ascensão do chamado movimento crítico da educação física, cujos protagonistas procuraram repensar a atuação profissional e a produção de conhecimento na área para além da perspectiva anatômico-motora.

Para tal investida, esses pesquisadores buscaram aportes teórico-metodológicos na obra de autores consagrados nas ciências humanas e sociais, o que lhes permitiu problematizar com mais propriedade e consistência algumas questões pertinentes à prática da educação física na escola, aos padrões de estética disseminados na sociedade, as manifestações sociais do esporte e uma infinidade de outros temas.

Com relação à temática do esporte, ou melhor, a percepção do esporte como uma prática social repleta de significados e carregada de ideologias, vários pesquisadores da educação física no Brasil foram consideravelmente críticos e incisivos em suas argumentações, sobretudo, aqueles que se pautaram nas correntes marxistas tão em voga no contexto da retomada crítica no referido campo de atuação prática e acadêmica nos anos 1980



no país. Alguns trabalhos orientados na direção marxista devem ser lembrados, nesse sentido, como por exemplo, o de Medina (1983), Taffarel (1985), Castellani Filho (1988), Bracht (1992), Coletivo de Autores (1992).

Cabe aqui lembrarmos que tais pesquisadores procuraram denunciar, dentre outras inquietações suscitadas em suas obras, o papel das práticas esportivas como ferramenta de reprodução dos valores da sociedade burguesa. Dito de forma mais específica, esses autores, com reflexões tão importantes na construção historiográfica do pensamento da educação física brasileira, foram talvez os primeiros a encararem o esporte numa dimensão mais alargada e, ao mesmo tempo, com um ângulo crítico.

No entanto, o papel dessas pesquisas no desenvolvimento da sociologia do esporte no Brasil nos parece ter um valor auxiliar, ao passo que as mesmas constituem um *corpus* teórico-conceitual que enfatiza as questões negativas, reprodutivistas e ideológicas do esporte no âmbito da Educação Física escolar, cumprindo os objetivos propostos pelos referidos autores em seus textos, mas deixando uma lacuna de discussão a ser problematizada no universo esportivo de uma maneira mais específica e aprofundada.

Essa lacuna, a nosso ver, foi retomada no Brasil por Valter Bracht em 1997, quando o autor apresentou a primeira edição de seu livro “Sociologia crítica do esporte: uma introdução”. Nessa obra, Bracht afirma que a relação existente entre o esporte e o Estado depende da forma como a sociedade civil se articula com este último. Nesse sentido, o esporte pode se apresentar, segundo seu entendimento, como canal de reprodução da força de trabalho; como um elemento de enorme potencial de instrumentalização política a ser utilizado pelo Estado; ou como exercendo uma espécie de efeito de estabilização e atenuando as tensões sociais (BRACHT, 2005).

Um terceiro, e talvez decisivo, fio condutor da sociologia do esporte no Brasil foi constituído, como já mencionamos anteriormente, via história do esporte. Essa tendência de desenvolvimento da sociologia propriamente esportiva começa a se tornar mais perceptível a partir de 1990, e, dentre outras retomadas e movimentos, graças aos esforços do historiador e professor de educação física Ademir Gebara, o qual desempenhou um papel fundamental na criação dos Encontros Nacionais de História do Esporte, Lazer e Educação Física, sendo o primeiro deles realizado em 1993 na Universidade Estadual de Campinas/São Paulo.

Como pontos vitais desses encontros, devemos destacar as duas visitas do sociólogo inglês Eric Dunning ao Brasil e, principalmente, o fomento de uma preliminar discussão do esporte a partir de uma perspectiva histórico-sociológica (ou sócio-histórica) embasada na obra de Norbert Elias e Pierre Bourdieu, recém traduzidos no país naquele período e talvez os

principais sociólogos de renome a dedicarem um espaço consideravelmente significativo para discussão do fenômeno esportivo em suas obras (GEBARA, 2006).

Além disso, foi sob a orientação de Ademir Gebara que se produziram alguns dos estudos mais consistentes em sociologia do esporte no Brasil, e que começariam a marcar na transição do século XX para o XXI, um momento de maior representatividade para este campo no país. Dentre esses estudos, dois nos chamam bastante atenção e apresentam uma devida maturidade na leitura dos textos de Norbert Elias e Pierre Bourdieu: a tese de doutorado do economista Marcelo Weishaupt Proni, sobre a estruturação e transformação do futebol em esporte-espetáculo,<sup>24</sup> e a tese de doutorado do professor Wanderley Marchi Júnior sobre as mudanças operadas no voleibol brasileiro no sentido de transição do amadorismo para o profissionalismo e ressignificação desse esporte como espetáculo esportivo.<sup>25</sup>

Dadas essas vias de desenvolvimento da sociologia do esporte no Brasil, as quais não puderam ser amplamente formuladas em todos seus desdobramentos e perspectivas, quanto mais aprofundadas, temos a ressaltar, entretanto, que somente neste início de século XXI é que a sociologia do esporte tal como retomada na sociedade brasileira começa a ser reconhecida no cenário internacional, e em função dos bons estudos de natureza empírico-teórica que têm sido produzidos principalmente a partir dos referenciais sociológicos de Norbert Elias e Pierre Bourdieu.

Convém aqui notarmos o considerável papel do Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS) do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, na consolidação dessas perspectivas sociológicas como referências para leitura do esporte e do lazer no Brasil. Inclusive, o referido grupo liderado pelo professor Wanderley Marchi Júnior, trabalha diretamente interligado com a Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte (ALESDE), recentemente formalizada em 2008 e que tem o próprio Marchi Júnior como vice-presidente.

A propósito, no final de outubro de 2008 foi realizado na Universidade Federal do Paraná/Curitiba/Brasil, o primeiro encontro da Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte. Nessa primeira edição do evento, participaram como conferencistas o presidente da Associação Internacional de Sociologia do Esporte (ISSA), o professor Steve Jackson da Universidade de Otago/Nova Zelândia; o vice-presidente da

---

<sup>24</sup> Para um maior aprofundamento ver: PRONI, M. W. *Esporte-espetáculo e futebol-empresa*. Tese de Doutorado em Educação Física. Campinas, UNICAMP, 1998.

<sup>25</sup> Para maior aprofundamento sobre a sistematização de um quadro de análise para leitura sociológica das modalidades esportivas a partir das teorias de Pierre Bourdieu e Norbert Elias, ver: MARCHI JÚNIOR, W. *“Sacando” o Voleibol: do amadorismo a espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000)*. Tese de Doutorado em Educação Física. Campinas, UNICAMP, 2001.

Associação Européia de Sociologia do Esporte (EASS), o professor Jerzy Kosiewicz da Universidade de Varsóvia/Polônia; e o sociólogo do esporte Jay Coakley da Universidade do Colorado/Estados Unidos (MARCHI JÚNIOR; SONODA NUNES; ALMEIDA, 2008).

No entanto, a importância do evento não se restringiu única e exclusivamente à presença desses pesquisadores de renome internacional, mas, pelo contrário, foi estabelecida uma vez que essa oportunidade formalizou, ou melhor, institucionalizou a inserção da América Latina no cenário global da discussão fomentada em torno da sociologia do esporte. No caso específico do Brasil, o referido evento afirmou a Universidade Federal do Paraná com um dos principais centros de desenvolvimento da sociologia do esporte no país, com projeções de que a referida instituição futuramente se junte aos reconhecidos centros mundiais de desenvolvimento de pesquisas sociológicas sobre esporte e lazer.

Quanto às causas que explicam a tardia inserção do Brasil, ou melhor, da América Latina nesse quadro internacional de pesquisa e estudos em sociologia do esporte, sugerimos que uma discussão mais densa seja viabilizada levando em conta, além das questões propriamente científicas, fatores de desenvolvimento cultural, político e econômico. Outra medida interessante consiste em abordar esse panorama a partir de uma perspectiva macro-processual e comparada, o que não significa que devemos desconsiderar as particularidades do desenvolvimento da sociologia do esporte em cada uma das realidades constituintes e reguladoras da vida social nos mais variados países latino-americanos.

Desenvolvida essa etapa primeira de reflexividade, num exercício que consistiu em (1) organizar um breve panorama histórico-bibliográfico que contemplasse algumas das principais produções científicas que retomaram o esporte a partir do crivo sociológico e (2) estruturar um instrumento de neutralização e amenização dos possíveis efeitos teóricos que podem ser exercidos por esses estudos na construção de nosso objeto de pesquisa, convém agora avançar a discussão e explorarmos o caráter reflexivo inerente à construção da teoria do campo esportivo no conjunto dos textos em que o sociólogo francês Pierre Bourdieu se propôs em fundamentar, usando seus próprios termos, uma economia cultural dos bens esportivos.

Para essa investida, sentimos a necessidade de nos concentrar basicamente em três pontos de sustentação teórico-metodológicos trabalhados rigorosamente por Bourdieu ao longo desses textos, quais sejam: (1) a reflexividade epistemológica; (2) o papel do conhecimento histórico nas análises sociológicas do esporte; e (3) a orientação do consumo esportivo no sentido de consolidação de um espaço social associado à lógica da distinção.



As contribuições de Pierre Bourdieu para o desenvolvimento de um campo científico de pesquisas e estudos voltados para sociologia do esporte são notórias, fundamentais e vão muito além do que ter escrito dois ou três textos tratando especificamente do assunto, ou então, ter dedicado alguns números de sua revista *Actes de La Recherche en Sciences Sociales* à discussão das práticas e consumos esportivos.<sup>26</sup> Pelo contrário, a força de sua abordagem não se singulariza apenas nesse itinerário, mas em suas próprias intervenções professorais no campo da sociologia do esporte na França<sup>27</sup> além, é claro, da originalidade do método<sup>28</sup> que o autor fornece para trabalhar o esporte na esteira da reflexividade.<sup>29</sup>

Diante dessa conjuntura inferida e em conformidade com os pressupostos sustentados pelo sociólogo francês Loïc Wacquant (2008, p. 26-30), foi possível identificar no mínimo duas perspectivas de apropriação da teoria sociológica de Pierre Bourdieu para estudar o esporte. Uma primeira maneira mais pontual e que consiste em utilizar e estender seus conceitos como ferramentas de leitura e análise de determinada realidade empírica. Outra forma mais abrangente, e que preza pela lealdade acadêmica preservada ao método sociológico por ele desenvolvido.

Essa segunda via de assimilação é, segundo Wacquant (2008), aquela que potencialmente permite aos estudiosos do esporte trilhar um caminho de reflexividade tal como Bourdieu preconizava. E isso porque utilizar o método de investigação aprimorado por ele pressupõe que o pesquisador já detém certo domínio sobre as ferramentas básicas de

<sup>26</sup> Ao longo de 35 anos de circulação, a presente revista já reservou o espaço de 05 números específicos para discussão do fenômeno esportivo: BOURDIEU, P. Le sport, l'Etat et la violence. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, v. 2, n. 6, p. 02-89, déc. 1976; BOURDIEU, P. L'espace des sports-1. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, v.79, p. 02-115, sep. 1989; BOURDIEU, P. L'espace des sports-2. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, v.80, p. 02-102, nov. 1989; BOURDIEU, P. Les enjeux du football. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, v. 103, p. 03-11, jui. 1994; BOURDIEU, J. Pratiques martiales et sports de combat. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, v. 179, n. 6, p. 04-179, sep. 2009.

<sup>27</sup> No ano de 1979, Bourdieu chegou a ministrar por seis meses no Instituto Nacional do Esporte e da Educação Física (INSEP) um curso de sociologia do esporte. Para um maior aprofundamento ver: VIGARELLO, G. Sistema de esportes, esportes concorrentes. In: ENGREVÉ, P.; LAGRAVE, R-M (orgs). *Trabalhar com Bourdieu*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, pp. 185-193.

<sup>28</sup> Segundo Thiry-Cherques (2006, p. 28), Pierre Bourdieu ao longo de sua vida acadêmica não construiu e aperfeiçoou um método propriamente original, “mas um sistema de hábitos intelectuais que rejeita algumas idéias enquanto absorve outras das escolas de pensamento que fizeram fortuna na segunda metade do século passado”. Para um maior detalhamento ver: THIRY-CHERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática, *RAP*, Rio de Janeiro, n. 40, pp. 27-55, jan./fev. 2006.

<sup>29</sup> Outros estudos, também têm se preocupado em recuperar as contribuições teórico-metodológicas de Bourdieu para potencializar a análise dos mais distintos objetos e campos sociais. Na sociologia da saúde, por exemplo, têm-se as inserções do pesquisador Miguel Ângelo Montagner (2006; 2008), que procura recuperar a teoria sociológica bourdieusiana para pensar alguns aspectos relativos à temática da saúde, e que inclusive, fornecem alguns apontamentos e diretrizes para pensar a distinção social, os estilos de vida, e as próprias construções sociais do corpo. Já na sociologia da educação, é importante destacar o trabalho de Afrânio Mendes Catani (2002), o trabalho de Cláudio Marques Martins Nogueira e Maria Alice Nogueira (2002), a tese de doutorado de Cristina Carta Cardoso de Medeiros (2007) e, mais recentemente, seu texto publicado em parceria com Wanderley Marchi Júnior (2009).

apreensão do mundo social (*habitus*, campo, capital), ao mesmo tempo em que já tem incorporado as referências de que para compreender a fundo determinado espaço é também necessário problematizar a gênese do conhecimento anteriormente produzido sobre este mesmo espaço. Talvez seja por conta desse entendimento que Bourdieu sempre insistia em advertir que seu método não poderia ser estudado separadamente das pesquisas onde havia sido empregado (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 1999).

Por conseguinte, tal resgate histórico da produção de conhecimento sociológico vinculado ao universo dos esportes conserva suas próprias especificidades, não devendo, por isso, ser confundido com aquela etapa integrante de todo trabalho acadêmico e que consiste em apresentar uma boa revisão de literatura, um levantamento bibliográfico, ou então, de maneira mais exaustiva, um mapeamento sobre o estado da arte do tema a ser pesquisado.

Enfim, esse inventário da produção do conhecimento atrelada a determinado campo científico, é introduzido na sociologia *bourdieusiana* com o intuito de que se possibilite fundamentar um importante exercício de reflexividade que ele chamou de “teoria do efeito da teoria”. Para o autor, “a ciência social deve englobar na teoria do mundo social uma teoria do efeito da teoria, que ao contribuir para impor uma maneira mais ou menos autorizada de ver o mundo social contribui para fazer a realidade desse mundo” (BOURDIEU, 1998a, p. 82).

Dito de outro modo, conhecer os antecedentes históricos, ao menos em linhas gerais, da produção sociológica e epistemológica reservada ao campo das práticas esportivas – o que, dentro de nossos limites, tentamos rapidamente fazer nas páginas anteriores – é condição primeira para ser possível entender, sob diferentes ângulos, os próprios problemas que nos são colocados sobre este espaço, já que as disposições acadêmicas legitimadas pelo corpo de especialistas que se debruçam sobre o esporte, muitas vezes, nos condicionam a ter um olhar mais ou menos “treinado” a respeito das tensões demandadas no próprio campo esportivo.

Para romper exatamente com essa persuasão imposta pelos universos de produção científica, é que Bourdieu advoga em favor de que os sociólogos façam uma história social dos problemas, dos objetos e dos instrumentos de pensamento, de modo que se instaure um movimento de ruptura com o “pré-construído duto” e com o “bom senso científico”. De maneira mais concisa e como nos garante Bourdieu:

Para se não ser objeto dos problemas que se tomam para objecto, é preciso fazer a história social da *emergência* desses problemas, da sua constituição progressiva, quer dizer, do trabalho coletivo – freqüentemente realizado na concorrência e na luta – o qual foi necessário para dar a conhecer e fazer reconhecer estes problemas como *problemas legítimos*, confessáveis, publicáveis, públicos, oficiais (...) (BOURDIEU, 1989, p. 37).

Assim, antes de olharmos sociologicamente para o campo esportivo é necessário nos debruçarmos sobre o campo de produção sociológica constituída em torno deste campo ou, em outros termos, realizar um trabalho social sobre a elaboração dos instrumentos de construção dessa própria realidade social legitimada academicamente como objeto de estudo. Nisso consiste encarar a teoria do mundo social e a teoria do conhecimento como partes integrantes de uma mesma etapa do fazer sociológico.

Avançando na exposição dos argumentos, convém notarmos que embora Bourdieu tenha se debruçado sobre o esporte não foi um sociólogo do esporte como muitos confundem. Ao invés disso, recuperou o esporte (dentre outros inúmeros objetos tidos como insignificantes no âmbito das ciências sociais) como um objeto digno de ser abordado cientificamente no universo de produção sociológica.

Conforme Bourdieu, o esporte, a moda, o jornalismo – objetos aparentemente “fúteis” e “indignos” – geralmente cativam aqueles pesquisadores que se situam do lado dominado no campo, isto é, do lado que procura instaurar a heresia e impor uma nova definição de objetos legítimos. Ocorre também desses objetos, que a representação dominante tende a encarar como inferiores, muitas vezes atraírem os pesquisadores que estão menos preparados para tratá-los o que corrobora para que os princípios de visão e divisão do campo permaneçam exatamente como estão (BOURDIEU, 1998c, p. 35-38). Em outras palavras, isso nos permite entender que a tanto a ciência legítima quanto os objetos definidos como únicos e legítimos são resultado das lutas objetivas entre ortodoxia e heterodoxia, entre aqueles que buscam conservar a estrutura e aqueles que buscam subvertê-la.

Substanciado por uma visão combativa e provocativa dessas relações fomentadas nos campos científicos, a fórmula que Bourdieu recomenda para combater essa hierarquia social das coisas boas de serem ditas e estudadas em ciências sociais é demasiado instigante e incisiva: “O cume da arte, em ciências sociais, está sem dúvida em ser-se capaz de pôr em jogo “coisas teóricas” muito importantes a respeito de objetos ditos “empíricos” muito precisos, freqüentemente menores na aparência, e até mesmo um pouco irrisórios” (BOURDIEU, 1989, p. 20).

Por sua vez, esse novo *modus operandi* que consiste em trazer à luz do debate, objetos de pesquisa consagrados academicamente como de menor importância, surge, nesse sentido, tanto como condição quanto provável efeito da imersão de Bourdieu no campo da alta-costura, no campo jornalístico, nos campos de produção artística e no campo esportivo que aqui está em voga mais incisivamente.

O primeiro texto de Bourdieu versando sobre a temática do esporte se trata do artigo “Esporte e classe social” de 1978,<sup>30</sup> seguido prontamente da publicação do capítulo “*O habitus e o espaço dos estilos de vida*” como parte integrante do livro “A distinção” em 1979. Rapidamente falando, em tais ocasiões, o autor procurou retomar o esporte como uma das práticas apta a distinguir socialmente os agentes segundo sua participação nas mesmas. Anos mais tarde, em 1987, Bourdieu redigiu o texto-chave “Programa para uma sociologia do esporte”, publicado na última parte do livro “Coisas ditas”.<sup>31</sup>

Ao pensar na constituição de um campo esportivo como *locus* de análise durante a escrita desses textos evocados, Bourdieu se vale do princípio das homologias dos espaços de produção cultural, material e simbólica, o que, conseqüentemente, nos remete a uma economia geral dos campos como lógica de trabalho constituída segundo o auxílio do método comparativo/relacional. Sobre esses ajustes metodológicos Bourdieu é enfático:

O raciocínio analógico, que se apóia na intuição racional das homologias (ela própria alicerçada no conhecimento das leis invariantes dos campos), é um espantoso instrumento de construção do objeto. É ele que permite mergulharmos completamente na particularidade do caso estudado sem que nela nos afoguemos, como faz a idiografia empirista, e realizar-mos a intenção de generalização, que é a própria ciência, não pela aplicação de grandes construções formais e vazias, mas por essa maneira particular de pensar o caso particular que consiste em pensá-lo verdadeiramente como tal (BOURDIEU, 1989, p. 32-33).

Em suma, o que Bourdieu procura argumentar é que existem propriedades universais (homólogas) que regulam o funcionamento dos mais diversos campos e, muito mais que isso, que ao avançarmos na compreensão de um determinado campo seguramente construímos um referencial que nos permitirá entender, amiúde, as reservas e contingências apresentadas em outros campos e universos.

Não obstante, o cuidado que Bourdieu dispensa na lapidação desse tipo de raciocínio é minucioso e excessivo de tal modo que ele próprio não caia na freqüente armadilha com que se deparam os cientistas sociais: o de acabarem universalizando o caso particular. Inclusive, é exatamente para evitar esse tipo de equívoco que Bourdieu já justifica a natureza dos campos como sendo relativamente autônoma, o que, de antemão, pressupõe a vigência de leis e propriedades específicas e redutíveis a cada um destes universos.

<sup>30</sup> Para uma análise mais acurada ver: BOURDIEU, P. Sport and social class, *Social Science Information sur les Sciences Sociales*, Paris, v. 17, n. 6, pp. 819-940, 1978.

<sup>31</sup> Para fins de esclarecimento, é importante frisar que Bourdieu publicou o texto “Esporte e classe social” pela segunda vez no livro “Questões de sociologia” – edição francesa de 1980 – e com o título “Como se pode ser esportivo?”. Já o artigo “Programa para uma Sociologia do Esporte” foi reapresentado pelo sociólogo no segundo número de “Sociology of Sport Journal” de 1988.

É sempre bom lembrarmos que o conceito de campo foi inicialmente pensado por Bourdieu para dar conta da aplicabilidade do estruturalismo à sociedade francesa. Com o passar do tempo, entretanto, essa noção vai sendo lapidada, ganhando, assim, mais corpo de aplicações, como a cultura e a educação, por exemplo. A idéia de Bourdieu, em termos mais precisos, era autonomizar as referidas áreas em relação às explicações economicistas (CHARTIER, 2002).

Dentre esses espaços, que possuem cronologia própria e uma história estrutural relativamente autônoma à esfera econômica e política, se encontra o campo esportivo. Na condição de *locus* social delimitado pela análise *bourdieusiana*, o campo esportivo, a propósito dos demais campos, também se trata de um espaço estruturado onde há dominantes e dominados que disputam os capitais específicos em jogo e buscam conservar a estrutura ou então transformá-la. Além disso, esse campo, como qualquer outro espaço social, desenvolve uma *doxa* e um *nomos* que lhe são pertinentes, ou seja, um senso comum que atribui lógica ao campo e um conjunto de leis invariantes que regulamentam as ações dos agentes.

Para desenvolver uma abordagem sobre um campo como, por exemplo, o das práticas esportivas, Bourdieu nos sugere alguns passos metodológicos a serem seguidos. De acordo com o sociólogo, um primeiro passo seria analisar a posição que o referido campo ocupa frente ao campo do poder. Em seguida, é necessário traçar um mapa da estrutura objetiva das relações ocupadas pelos agentes ou instituições que competem pela forma legítima de autoridade específica no campo. Por fim, devem ser analisados os *habitus* dos agentes, isto é, os diferentes sistemas de disposições adquiridos em relação ao campo (BOURDIEU; WACQUANT, 2008, p. 143).

Na esteira dessa análise, é possível afirmar, portanto, que a constituição de um campo relativamente autônomo das práticas esportivas se institui na medida em que se considera a incidência dos *habitus* esportivos nesse espaço, já que como nos ensina Bourdieu o campo estrutura o *habitus* em tão presente medida que o *habitus* constitui o campo. (BOURDIEU, 1998b, p. 102-103). Decorre dessa leitura, o entendimento de que o *habitus* se trata, antes, de um corpo socializado, um corpo estruturado, um corpo que, enfim, incorporou “as estruturas imanes de um mundo ou de um setor particular desse mundo, de um campo, e que estrutura tanto a percepção desse mundo quanto a ação nesse mundo” (BOURDIEU, 2007b, p. 144).

Nesse sentido, os *habitus* funcionam como um programa de percepção, classificação e organização da ação; uma espécie de força que mantém e sustenta determinada ordem social. Exatamente por isso, é que o *habitus* se apresenta e se distingue como “princípio unificador e gerador de todas as práticas”. Como sistemas de disposições duráveis e incorporados pelos



agentes, os *habitus* tendem a reproduzir a estrutura objetiva de que são produtos (BOURDIEU, 2003a, p.54)

Respaldados, portanto, por esse olhar relacional bem como pela condição de cumplicidade ontológica estabelecida entre os espaços sociais relativamente autônomos e as disposições incorporadas pelos agentes, podemos dizer, em conformidade com a idéia de objetividade de apreensão dos fatos sociais conservada na sociologia de Pierre Bourdieu, que a noção de campo é, em certo sentido, “uma estenografia conceptual de um modo de construção do objeto que vai comandar – ou orientar – todas as opções de prática de pesquisa” (BOURDIEU, 1989, p. 27).

Dito de forma mais precisa e substantiva, é a noção de campo que possibilita ao pesquisador cercar determinado objeto com a pretensão de taquigrafá-lo. Para tal empreendimento, entretanto, esse mesmo pesquisador deve “verificar que o objeto em questão não está isolado de um conjunto de relações de que se retira o essencial das suas propriedades” (BOURDIEU, 1989, p. 27).

No texto “Programa para uma sociologia do esporte” (1990b), Bourdieu discorre detalhadamente sobre cada um desses passos mencionados e, deste modo, nos apresenta um quadro teórico-metodológico de bastante consistência para estudarmos a estruturação do campo esportivo. Um primeiro aspecto sugerido pelo sociólogo que nos chama atenção, diz respeito ao fato de que um pesquisador não podendo estudar o espaço das práticas esportivas como um todo, deveria recortar um subespaço dentro desse espaço, isto é, delimitar um subcampo a fim de desenvolver sua respectiva análise.

Outro ponto essencial consiste em relacionar esse subcampo evidenciado aos demais subespaços que constituem o campo esportivo, para então reconhecer a posição que ele ocupa na referida estrutura. Por fim, e instaurando uma dialética entre estruturas micro e macrossociológicas, outro aspecto metodológico de singular importância seria identificar o espaço das posições sociais manifestos nos subcampos e no campo esportivo em sua totalidade.

Para levar a diante tal empreendimento, Bourdieu reconhece antecipadamente o campo esportivo como um lugar condicionante e condicionado pela história social das práticas esportivas. Esse argumento se encontra desenvolvido com bastante clareza no texto “Como é possível ser esportivo?” (1983b), quando então o sociólogo introduz uma série de questionamentos sobre as origens do fenômeno social que aceitamos como “esporte moderno” e, mais especificamente, sobre o momento histórico em que as práticas esportivas com seus

agentes, organismos e instituições mantenedoras passaram a funcionar como um campo de lutas propriamente específico.

Dito de outra forma e nas palavras do próprio Bourdieu, um dos objetivos principais de uma teoria social do esporte seria saber: “como se constituiu este espaço de jogo, com sua lógica própria, este lugar com práticas sociais inteiramente particulares, que foram definidas no curso de uma história própria e que só podem ser compreendidas a partir desta história (...)?” (BOURDIEU, 1983b, p. 138).

Essa preocupação de Bourdieu com a historicidade do campo esportivo – esse espaço trabalhado pelas contingências históricas – deve ser compreendida relacionalmente a trajetória imprimida em seu pensamento sociológico no findar dos anos 1970. Nesse propósito, José Sérgio Leite Lopez em debate com o historiador francês Roger Chartier, faz questão de frisar que as obras produzidas por Bourdieu a partir de 1980 evidenciam um maior compromisso dele com a temática da história (CHARTIER, 2002, p. 157).

Ainda nessa mesma ocasião, Chartier atribui uma lógica explicativa para a crescente recorrência histórica nas análises *bourdieusianas*, principalmente no que tange as contínuas lapidações de conceitos como campo ou *habitus* segundo a ótica da historicidade. Segundo ele, isso se explica ao considerarmos a própria história de vida de Pierre Bourdieu, sua relação com a disciplina histórica e sua interlocução com os historiadores (CHARTIER, 2002).

Quanto à forma como Bourdieu trabalha a dimensão histórica nas ciências sociais e, em específico, na sociologia, é necessário assinalarmos algumas particularidades. Primeiramente, ele atribui uma nítida vantagem a descontinuidade histórica, isto é, não se interessa pelos grandes processos de burocratização, racionalização e modernização, os quais, segundo sua forma de encarar o *metier* sociológico “trazem muitas vantagens sociais a seus autores e pouco proveito científico” (BOURDIEU, 1990a, p. 57).

Segundo, que a dimensão do campo, como espaço constituído na esteira de uma história estrutural de transformações, não representa um processo linear garantido por regras previamente definidas ou que então foram projetadas a partir de um cálculo racional dos agentes. Muito pelo contrário, a história de um campo muda à medida que agentes e instituições entram no jogo; à medida que novos interesses substituem os antigos e outros objetos de disputa passam a orientar a rede de relações e atrair a atenção dos jogadores.

No entanto, muitas vezes os leitores de Bourdieu não se dão conta de tais pressupostos e passam a utilizar a noção de campo de forma mecânica, se esquecendo que o mesmo deve ser abordado na perspectiva de sua constituição histórica ou então, e em maior proximidade ao modelo *bourdieusiano*, estabelecendo uma comparação estrutural entre os vários

momentos de sua história relativamente autônoma e não necessariamente linear. Sobre esses usos desatentos do conceito de campo, Chartier comenta:

Creio que trabalhar com Bourdieu aplicando mecanicamente a categoria de campo seria introduzir a idéia de uma categoria universal sem dar suficiente atenção às descontinuidades. E há em Bourdieu também, uma proposta de descontinuidade. Não se trata de um pensamento da necessidade, nem da consequência, nem da continuidade (CHARTIER, 2002, p. 167).

Essa fala de Chartier, em imediato reforça que a continuidade histórica não parece ter sido o foco principal da perspectiva sociológica *bourdieusiana*, ao contrário, por exemplo, de Norbert Elias, que ao preocupar-se com os grandes processos civilizacionais do ocidente europeu atribuiu um papel secundário ao advento de “pontos de ruptura”, embora insistentemente lembre que a teoria do processo de civilização é passível de “pontos cegos”, os quais, por sua vez, não foram trabalhados mais detidamente pelo autor.

Adotemos como exemplo mais específico dessas nuances sugeridas sobre a obra de Elias, a gênese do esporte moderno, já que a mesma se situa na “continuidade do estudo do processo de civilização, isto é, em linha direta com aquilo que constitui por excelência o tema eliasiano” (GARRIGOU, 2001, p. 67).

Para Elias, a gênese do esporte moderno é uma das principais evidências de que o processo de civilização que descrevera durante a Idade Média não estaria encerrado. O autor procura demonstrar esse “impulso civilizador” dos esportes pela lógica da “esportização”, ou seja, da crescente passagem ou, até mesmo, substituição dos jogos antigos e tradicionais pelas práticas esportivas modernas.

Não obstante, essa linha de continuidade apresentada por Elias para explicar o surgimento do esporte moderno em favor do desaparecimento dos jogos tradicionais (*folk games*) apresenta algumas fragilidades, embora em muitos casos como o futebol e o boxe, por exemplo, as teses *eliasianas* estejam extremamente compatíveis. Essas impressões são melhores sintetizadas por Bourdieu:

Además, Elias es más sensible que yo a la continuidad. El análisis histórico de tendencias de largo plazo es siempre susceptible de rupturas críticas ocultas. Tomemos el ejemplo del programa de investigación histórica sobre los deportes que Elias esboza en su conocido “Ensayo sobre los deportes y la violencia”. Al delinear una genealogía continua que va desde los juegos de la Antigüedad a los Juegos Olímpicos de hoy, este texto conlleva el peligro de enmascarar las rupturas fundamentales introducidas, entre otras cosas, por el surgimiento de los sistemas educativos, los *colleges* ingleses y los internados, como así también por la subsecuente constitución de un “espacio de los deportes” relativamente autónomo. No hay nada en común entre los juegos rituales del tipo del *soule* medieval y el fútbol americano (BOURDIEU; WACQUANT, 2008, p. 129-130).

Importante reiterarmos, que, em nenhum momento dessa fala, Bourdieu desconsidera ou recusa a abordagem eliasiana sobre a história processual do esporte, até porque a mesma é academicamente reconhecida como uma das matrizes sociológicas de maior consistência para estudar o processo de surgimento do esporte moderno. No entanto, Bourdieu tece alguns contrapontos que, no mínimo, nos instigam a questionar a perspectiva *eliasiana*.

Sucintamente falando e até mesmo em congruência com o escopo de análise desenvolvido em seus programas de pesquisa, podemos admitir que Bourdieu ligeiramente se ocupa daqueles chamados momentos de ruptura que quase escapam à história. Daí sua sensibilidade em perceber que a passagem do jogo ao esporte propriamente dito tenha se realizado nas grandes escolas reservadas às elites da sociedade burguesa.

Além disso, o autor aponta que foi a partir dessas instituições que o esporte se difundiu para as associações esportivas de massa, onde recebeu um sentido completamente novo e que mantém estreita ligação com o surgimento de um universo relativamente autônomo das práticas esportivas.

Em suma, Bourdieu circunscreve o surgimento do campo esportivo – esse espaço estruturado, mas também estruturante – como um momento de descontinuidade na história dos esportes. Nesse sentido, ao pensar a origem das práticas esportivas modernas, Bourdieu percorre um caminho inverso ao de Norbert Elias demonstrando que na própria esteira da civilização, “esportização”, “cortenização”, existem outras vias mais sutis, ocultas e, até mesmo, decisivas no processo de desenvolvimento dos esportes modernos.

Um último aspecto de fundamental importância a ser recuperado do modelo de análise sociológica do campo esportivo de Pierre Bourdieu é a estruturação de um quadro de análise que nos permite compreender devidamente a distribuição e orientação dos consumos e das práticas esportivas nos mais distintos círculos sociais. Para isso, o sociólogo, nos apresenta basicamente uma economia cultural dos bens esportivos pautado na relação entre, de um lado, a oferta – bens esportivos oferecido aos agentes sob a forma de práticas e consumos – e de outro, a demanda – orientada pelo gosto e pelas transformações nos estilos de vida.

A partir dos pressupostos conceituais *bourdieusianos* pode-se entender por demanda da prática de esportes, ou consumo ativo, o ato dos agentes estarem jogando voleibol, lutando boxe ou disputando uma partida de tênis, dentre outras possibilidades. Já o consumo esportivo passivo, se evidencia quando os agentes estão acompanhando uma partida de futebol pela TV, ou compram uma camiseta do time que torcem, ou ainda, quando crianças e adolescentes passam a se comportar de acordo com os estereótipos e padrões disseminados através da

transmissão de espetáculos esportivos na mídia, e que incitam modos de vestir, de falar, de se alimentar e de, uma forma mais específica, escolher redes de sociabilidade e convivência.

Ao pensar nas formas como se apresentam os consumos e as práticas esportivas, Bourdieu procura estabelecer relação imediata com as posições sociais. Segundo o sociólogo (1983b, p. 143), na medida em que se desce na hierarquia social a probabilidade de um agente praticar esporte depois da adolescência, isto é quando adulto ou idoso, diminui nitidamente. Já quanto à possibilidade de assistir aos espetáculos esportivos mais populares, essa decresce na medida em que os agentes sobem na hierarquia social. Conforme Bourdieu:

Os lucros distintivos são dobrados quando a distinção entre as práticas distintas e distintivas, como os esportes “chiques”, e as práticas que se tornaram “vulgares”, devido à divulgação de vários esportes originalmente reservados à “elite”, como o futebol (...) é acrescida da oposição, mais marcada ainda, entre a prática do esporte e o simples consumo de espetáculos esportivos (BOURDIEU, 1983b, p. 143).

Deste modo, podemos perceber a formação de um campo esportivo substantiado pela tônica da dicotomia entre esporte-prática e esporte-espetáculo; entre esporte de elite e esporte de massa. Contudo, outras oposições também se vinculam a este campo, como as que seguem reiteradas: amadorismo contra o profissionalismo; esporte de lazer *versus* esporte de competição; esportes de contato direto e esportes à distância; esportes que requerem de maior atividade intelectual e menor dispêndio físico *versus* esportes que solicitam de maior uso da força e de uma menor capacidade de reflexão, e os exemplos se multiplicam.

Decorre desses sistemas de classificação e dicotomias, que o esporte em si confere um estilo de vida distintivo aos seus consumidores e praticantes. Em outras palavras, o esporte moderno na forma como é consumido e praticado se demonstra perfeitamente compatível e complacente com a lógica da estrutura de classes, ou melhor, na condição de um campo onde estão em jogo às próprias definições legítimas da prática esportiva e dos usos diferenciados que se pode fazer do corpo nos esportes.

Aliás, é nesse mesmo espaço social configurado que se definem os gostos dos agentes, através de uma alquimia das classificações imanente ao jogo, e que muito mais que indicar que “o motor de todas as condutas humanas seria a busca da distinção” (BOURDIEU, 2007b, p. 22-23), demonstra que existir em um espaço é diferir; é ser diferente; é ser classificado e, ao mesmo tempo, classificante. Dessa forma, é perfeitamente compreensível que para haver gostos,

(...) é preciso que haja bens classificados, de "bom" ou "mau" gosto, "distintos" ou "vulgares", classificados e ao mesmo tempo classificantes, hierarquizados e hierarquizantes, e que haja pessoas dotadas de princípios de classificações, de gostos, que lhes permitam perceber entre estes bens aqueles que lhes convém, aqueles que são "do seu gosto" (BOURDIEU, 1983a, p. 127).

Essa capacidade de percepção, apreciação, enfim, de escolhas de práticas, equivale a ter o sentido do jogo – *habitus* – impresso, tatuado no corpo, ou seja, incorporado nas formas de determinado agente, agir, encarar e se situar no espaço social. Recolocado, portanto, sobre a rubrica de um conjunto de práticas e de propriedades de uma pessoa ou grupo, o gosto funciona como “(...) operador prático da transmutação das coisas em sinais distintos e distintivos (...)” (BOURDIEU, 2007a, p. 166), possibilitando que as diferenças de ordem material se convertam em diferenças de ordem simbólica e vice-versa.

Tais constatações possibilitam encarar o gosto como sendo o produto do encontro de duas histórias – uma objetivada e outra incorporada. História objetivada porque está diretamente relacionada à exposição de bens e práticas nos campos de produção cultural, ou em termos similares, à exteriorização da oferta segundo sanções de uma economia propriamente não econômica que apresenta objetos e produtos classificados. E história incorporada porque se interioriza nos agentes os sistemas de classificação que lhes permitem escolher, dentro dos limites impostos pela estrutura e de maneira não consciente (embora não possamos descartar as intenções e transições conscientes), entre os bens e práticas disponíveis e precedentes ao gosto em si.

O esporte é uma dessas práticas classificadas, classificantes e classificadoras. Não obstante, os próprios produtos e bens culturais atrelados, direta ou indiretamente, à indústria do esporte também o são; definem posições distintivas a serem antecipadas por agentes dotados do senso de percepção e apreciação requisitada. E isso essencialmente porque o esporte e os bens culturais correlatos se tratam de práticas objetivamente classificadas e com potencialidade a se converter em práticas classificadoras, isto é, a se tornarem um lucro e expressão simbólica da condição de classe.

Deste modo, não seria equivocado dizer que as diferentes posições ocupadas pelos agentes no espaço social, correspondem a estilos de vida mais ou menos ajustados, e que os gostos de classe são a conseqüente incorporação da estrutura do espaço social através da experiência *dóxica* desses mesmos agentes em uma região determinada do referido espaço.<sup>32</sup>

---

<sup>32</sup> Para uma discussão mais aprofundada ver: BOURDIEU, P. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, R, (org.). *A sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho d'Água, 2003b, pp. 73-111.

Na definição dos estilos de vida, ou melhor, na “estilização da vida” é que residem, portanto, as variações que balizam os gostos. Por sua vez, o gosto pode se exprimir de duas formas complementares, ou seja, contemplando as exigências impostas pela necessidade dos agentes e grupos, ou então, como estratégia cuja expectativa é suprir um estilo de vida distintivo e condizente com as posições ocupadas. Dessas impressões derivam, sucessivamente, dois conceitos-chaves desenvolvidos por Bourdieu no livro “A distinção” (2007a), quais sejam, consumo cultural distinto e consumo cultural vulgar.

No primeiro caso, o consumo é entendido exatamente pela raridade e distinção social que engendra. Já no segundo caso a banalidade e o fácil acesso ao produto, bem ou prática, representa o código de vulgaridade investido no jogo. Assim, o consumo distinto pressupõe um acúmulo razoável de capital econômico e cultural, ao passo que o consumo vulgar, geralmente, está desprovido do volume desses capitais.

A propósito, o conceito de capital é de suma importância e capilaridade para entender a dinamicidade com que se organiza o espaço social, sobretudo, no que tange a definição do gosto e dos estilos de vida. Para tanto, Bourdieu procura ampliar a noção de capital para além do poder explicativo que esse conceito se revestia nas abordagens marxistas, demonstrando que, para compreender as trocas simbólicas permeadas nos mais distintos campos sociais, pode-se recorrer à figura analógica da economia, na medida em que o capital se apresenta como um recurso que tende a conferir lucros distintivos a quem o possui.

Decorre conseqüentemente dessa leitura, a existência de tantas variedades de capitais em jogo como campos propriamente ditos. De acordo com Bourdieu, os espaços sociais, ao se constituírem como campos, produzem formas de interesse específicas e que, por sua vez, podem ser consideradas como desinteresse no ponto de vista dos demais campos de produção material e simbólica (BOURDIEU, 2007b, p. 149).

Deste modo, seria um equívoco pensar a relação entre o consumo distinto e vulgar de forma determinista e mecânica, o que, conseqüentemente, camuflaria a existência de uma posição intermediária. Para Bourdieu esse projeto não é válido, já que entre o consumo distinto e vulgar existem zonas intermediárias povoadas por práticas pretensiosas, pela discordância dos agentes e pelas disputas envolvendo o monopólio dos capitais específicos (BOURDIEU, 2007a, p. 167).

Acresça-se por fim a essa análise, que os capitais que obtêm predominância nas estratégias de distinção e nas disputas entre agentes e estruturas no interior do campo esportivo, são o capital econômico, cultural e social, exatamente nessa ordem. (BOURDIEU, 1983b). Além disso, o maior ou menor provimento do volume desses capitais potencialmente

define o envolvimento dos agentes em determinadas práticas esportivas, bem como o acesso aos produtos esportivos correlatos, numa dinâmica que possibilita tanto à conversão do capital econômico e cultural em capital simbólico, quanto ao contrário, o que, de certo modo evidencia a dinamicidade dos agentes diante da construção de um “gosto de classe”.

Em síntese e amparado nessa arquitetura teórica pautada na relação entre *habitus*, campo e capital, Bourdieu (1983b, 1990b) circunscreve o campo esportivo como um lugar de disputas pela definição legítima da prática esportiva e das funções legítimas das atividades esportivas, lembrando, que dessas lutas, que são lutas para impor novos princípios de visão e divisão no campo, resultam estilos de vidas distintivos, que denotam as estratégias dos agentes como um *locus* de “escolhas” e “investimentos”, os quais além de diferenciá-los, refletem as condições sociais e objetivas de sua própria produção.

Aliás, é sempre bom reiterar que essas mesmas lutas pelas classificações implicam na composição de um campo de forças; um campo de forças que, dentre outros fatores, é transmutado em função das lutas pela legitimação do corpo e dos usos legítimos que se pode fazer dele nos esportes; um campo de forças, mas, acima de tudo, um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças. Daí a potencialidade e propensão das relações fomentadas no universo dos esportes se constituírem de modo a opor treinadores, jogadores, torcedores, comerciantes e consumidores de bens e serviços esportivos, dentre outros agentes que se movimentam no espaço social.

Até aqui tentamos recuperar alguns princípios norteadores do método reflexivo de Pierre Bourdieu, bem como algumas das ferramentas conceituais desenvolvidas por ele com o intuito de fomentar uma leitura reflexiva e rigorosa das relações que se estabelecem entre as posições sociais, as disposições e as tomadas de posição dos agentes no campo esportivo. Feitas essas incursões, passemos agora ao resgate de elementos teórico-metodológicos que nos ajudarão a entender a constituição moderna do subcampo esportivo do xadrez.

## 1.2 PARA UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DO XADREZ NO CAMPO ESPORTIVO

“O campo científico é um jogo em que é preciso munir-se de razão para ganhar” (BOURDIEU, 1990a, p. 46). Eis um dos argumentos defendidos avidamente por Bourdieu ao sistematizar sua agenda de pesquisas direcionada à análise dos campos de produção acadêmico-científica. Na esteira dessas investigações, o sociólogo francês se questiona sobre a posição que os cientistas ocupam nos campos científicos a que pertencem, bem como, sobre as definições legítimas de fazer ciência que daí resulta. Um exemplo interessante se dá no próprio caso do campo científico da sociologia, haja vista que existe “uma estreita correlação



entre o tipo de capital de que dispõem os diferentes pesquisadores e a forma de sociologia que eles defendem como única e legítima” (BOURDIEU, 1990a, p. 50).

Ao delimitar os campos científicos como *locus* de investigação, Bourdieu se propõe, em primeira instância, a demonstrar e compreender os mecanismos que asseguram o funcionamento de tais espaços, bem como, a tornar inteligíveis as lutas que se travam em função dos capitais em jogo. Entretanto, para levar a diante tal empreendimento, o autor procura retomar os postulados gerais sobre os campos, mais precisamente, o fato desses espaços possuírem algumas propriedades universais de funcionamento e outras mais específicas e pertinentes a cada uma dessas realidades que eles próprios constituem.

Uma das propriedades universais dos campos se refere ao grau de autonomia e heteronomia que eles apresentam. Dizemos que um campo é bastante autônomo quando a concorrência em seu interior é “pura” ou quando os agentes têm por clientes os seus próprios concorrentes. Um campo heterônomo, por sua vez, é aquele que não têm condições e competências suficientemente desenvolvidas para refratar as forças externas, ou seja, um campo que não oferece maiores resistência às demandas políticas e mercantis, por exemplo.

O campo científico na qualidade de campo relativamente autônomo, o que implica uma relativa dependência das leis sociais externas, tem em sua especificidade constituinte dois princípios de hierarquização bem definidos, mas que por ora podem vir a se combinar: um político e o outro propriamente científico. O princípio de hierarquização política dos campos científicos nos remete a circulação de um capital institucionalizado que dá sentido a uma concorrência de caráter comercial, enquanto o princípio de hierarquização científica implica em uma concorrência pautada na disputa pelo capital científico, que caso reconhecido adquire o *status* de capital simbólico.

Ao pensarmos as pesquisas históricas sobre as origens do xadrez em conformidade com a perspectiva *bourdieusiana* de análise dos campos científicos, percebemos que a região estrutural que idealizadores dessas pesquisas demarcam no interior do subcampo esportivo do xadrez se particulariza pela predominância de lutas instituídas de acordo com princípios de aquisição interna, visto que os referidos agentes de investigação constantemente questionam os legados científicos, as problemáticas teóricas levantadas, enfim, os conceitos e métodos inerentes à constituição dos discursos autorizados e dominantes.

Dito de outro modo, uma leitura preliminar dessas situações permite a construção do pressuposto de que enquanto alguns pesquisadores e cientistas procuram conservar o passado científico de um campo, subcampo ou de uma região dele, o que equivale à tentativa de fazer parar a história desses espaços e eternizar os métodos e teorias, outros procuram colocar um

fim nesse mesmo passado, estabelecendo novos princípios de visão, divisão e, por conseguinte, tendo a possibilidade de se fazer legitimar e de se fazer consagrar como autoridades científicas no espaço de produção acadêmica.

Quanto à presença de conflitos políticos de dimensão científica, devemos frisar que os mesmos não são alheios ao subcampo do xadrez. Contudo e para o propósito das análises subseqüentes, optamos em encaminhar a discussão levando em conta algumas questões e demandas de ordem mais interna ao referido espaço, o que, a nosso ver, se trata de um tratamento de maior urgência para que possamos apresentar e esquematizar devidamente uma perspectiva de leitura sociológica da “história esportiva” do xadrez.

Sendo assim, nas próximas linhas procuramos sintetizar o embate que historicamente vem sendo construído na “região científica” desse subcampo esportivo entre aqueles autores que, de um lado, defendem o xadrez como uma forma evoluída diretamente de um antigo jogo indiano chamado *chaturanga* e, de outro, aqueles que rejeitam essa versão.



Que o xadrez possui uma história milenar, isso não resta dúvidas e se trata de um argumento já consolidado no âmbito da produção enxadrística. Entretanto, se os achados empíricos, por um lado, confirmam as raízes milenares do xadrez, por outro, também evidenciam certa discrepância quanto sua origem, de modo que lutas têm sido travadas no sentido que cada pesquisador tenta impor suas convicções e, por conseguinte, legitimar um lugar privilegiado para eles no interior do referido subcampo esportivo.

Algumas dessas tensões foram recuperadas e sintetizadas no trabalho de Michael Mark (2007) intitulado “*The beginnings of chess*”. Nessa oportunidade, o autor sugere que o xadrez pode ter sido originariamente inventado, ou então, ser uma forma evoluída e derivada de outras práticas. Segundo Mark, essas possibilidades se ramificam em essencialmente quatro alternativas, formuladas por ele após um intenso trabalho de revisão de literatura. Desse modo, o autor concluiu que o xadrez poderia ter evoluído de um ou mais tipos de corrida, caça ou jogos de guerra; ter sido criado a partir do zero, como um jogo de guerra representando as forças do exército indiano; ter derivado de exercícios matemáticos; ou então, ser um produto de técnicas de adivinhação ou rituais (MARK, 2007, p. 150).

No entanto, podemos dizer que o embate mais caloroso que se materializa no sentido de legitimar a gênese da prática enxadrística é protagonizado, em específico, por dois grupos concorrentes e com abordagens genealógicas rivais. Nesse particular, enquanto alguns

estudiosos mais ortodoxos defendem o jogo de xadrez como uma forma evoluída diretamente da *chaturanga* indiana jogada por volta de 550 DC, outros pesquisadores, do lado da heterodoxia, sustentam interpretações contrárias e questionam a referida vertente. Além disso, a primeira versão tem funcionado como uma *doxa* predominante no universo enxadrístico e que remonta fundamentalmente aos escritos de Hyde (1694), Jones (1790), Forbes (1860), Van der Linde (1874; 1881) culminando, finalmente, com a canônica obra “History of chess” publicada por Harold James Ruthven Murray em 1913 (CAZAUX, 2001).

De acordo com Murray (1913), por volta de 570 DC praticava-se no interior dos círculos sociais indianos (leia-se sistema de castas) um xadrez similar ao modelo que seria padronizado na Idade Média. Esse xadrez indiano chamava-se *chaturanga* e seria o precursor do xadrez persa (*chatrang*) e árabe (*shatranj*) e anterior ao xadrez chinês (*xiangqi*), japonês (*shogi*) e a todas as outras tipologias. Contudo, as novas descobertas arqueológicas e os trabalhos mais recentes publicados sobre a temática acrescem outros achados a discussão e colocam em xeque as premissas de Murray (JOSTEN, 2001).

Dentre os críticos do trabalho desse autor, destacam-se aqueles pesquisadores pertencentes ao *Initiativgruppe Königstein* (IGK), formalizado e estabelecido em Colônia/Alemanha desde 1991. Esse grupo tem por interesse investigar a história primitiva do xadrez em termos científicos, sistematizando uma estrutura para além do senso comum e dos mitos vigentes sobre a origem da prática.<sup>33</sup> Vale notarmos que os pesquisadores do grupo de *Königstein*, embora apresentem convicções próprias e diferentes entre si para a origem do xadrez, são unânimes ao questionarem a versão indiana fornecida por Murray. O grupo rejeita exatamente a idéia de um único inventor para o jogo e procura pensar a constituição do xadrez relacionalmente aos demais jogos do gênero.

Yuri Averbakh (1999), nesse mérito, é enfático ao propor que a história do xadrez não pode ser analisada sem o conhecimento adequado da história de outros jogos de tabuleiros. Já, Jean-Louis Cazaux (2001) entende o xadrez como um jogo híbrido que pode ser o resultado da combinação de características de jogos greco-romanos ou indianos no ocidente com alguns elementos de outros jogos responsáveis pela formatação do *xiangqi* na China.

Não menos difícil que a análise da gênese do jogo de xadrez, é determinar os rumos de disseminação e propagação da prática enxadrística para as mais diversas sociedades. E isso

---

<sup>33</sup> Os pesquisadores que contribuíram decisivamente para produção e divulgação dos trabalhos científicos do grupo são Yuri Averbakh, Peter Banaschak, Pavle Bidev (†), Ricardo Calvo (†), Jean-Louis Cazaux, Gianfelice Ferlito & Alessandro Sanvito, Gerhard Josten, Victor Keats, Egbert Meissenburg, Joseph Needham, Myron Samsin, Kenneth Whyld (†). Para um melhor embasamento consultar o site do grupo disponível no endereço: <<http://www.mynetcologne.de/~nc-jostenge/index.htm>>.

exatamente porque tal empreendimento necessita de fundamentação nas concorrentes abordagens teóricas vigentes sobre as origens do jogo, as quais, por sua vez, fornecem as vias mais consistentes para discutirmos o processo de difusão do enxadrismo dos possíveis núcleos originários para o velho mundo.

Esse problema pode ser mais bem explorado quando notamos, por exemplo, no trabalho de Romeo (2006) sobre a introdução do xadrez na Europa, a fidelidade mantida a versão histórica de Murray. Dito de forma bastante sucinta, essa retomada nos sugere que a validade científica de seus argumentos está atrelada a validade científica do estudo desse outro autor. Desse modo e caso as teses de Murray estejam equivocadas, a análise de Romeo sobre a rota e fluxo de distribuição e desenvolvimento do xadrez na Europa se torna bastante comprometida, restando-nos evocar seu trabalho como um referencial de caráter ilustrativo e de valor auxiliar.

Quanto aos rumos e nuances de desenvolvimento de uma prática enxadrística com contornos propriamente modernos é importante lembrarmos que também foram encontradas contradições na literatura, visto que alguns autores entendem o xadrez moderno como sendo uma prática característica já da segunda metade do século XV (CALVO, 1998), enquanto outros defendem uma cronologia mais recente e alegam que uma estrutura enxadrística tipicamente moderna começou a se alicerçar com a realização de grandes torneios internacionais, como o de Londres em 1851 ou então o primeiro campeonato mundial oficial em 1886 (LASKER, 1999; KASPAROV, 2004a).

Elencadas algumas das tensões estruturantes e constitutivas dessa “região científica” do subcampo do xadrez, cujos porta-vozes procuram legitimar suas versões históricas sobre a origem do jogo, convém direcionar a discussão para outro nível e demonstrarmos algumas frentes de apreciação que podem ser vislumbradas para potencializar a leitura sociológica da modalidade a partir do resgate histórico-estrutural dos campeonatos mundiais de xadrez.



O xadrez na condição de uma prática social de múltiplos significados e incumbida das mais diversificadas funções, remonta e constitui uma história milenar, a qual, no entanto, só pode ser examinada declaradamente em termos esportivos a partir do final do século XIX. Todavia, isso não significa que a história da prática enxadrística anterior ao referido século não possa contribuir para entendermos os contornos esportivizados, ou então, os próprios usos

esportivos que os agentes e instituições começaram a remeter a essa prática de forma mais incisiva e notória a partir do início do século XX.

Para tal encaminhamento, entretanto, é necessário pensarmos conjuntamente com Norbert Elias, em processos sociais constituídos na perspectiva de longo prazo, sem obedecerem a uma linha reta e sem apresentarem um caráter planeado e linear, o que, conseqüentemente, não significa que os mesmos foram postos em movimento sem o auxílio de um tipo específico de ordem (ELIAS, 1994b, p. 193-195).

Indiscutivelmente, a história milenar do xadrez pode ser retomada à luz de um longo processo civilizacional dos passatempos e costumes, o qual, por sua vez, reflete mudanças macro-estruturais no quadro social vigente tanto nas civilizações onde a prática se originou quanto nas que posteriormente foi difundida. Ao recorrermos, por exemplo, a algumas das principais vertentes teóricas que se propuseram a explicar a origem do xadrez, podemos visualizar claramente o jogo, em boa parte das versões históricas fornecidas, sendo conformado em função das características estruturais de cada uma das sociedades onde a prática se instaurava.

Nesse sentido, devemos lembrar que a *chaturanga* foi organizada a partir da figura do exército indiano (composto por infantaria, carros, cavalaria, elefantes), e embora a data para o ocorrido não possa ser fixada com precisão, essa provavelmente não pode ser anterior à organização do exército sobre o qual o jogo se baseia (MURRAY, 1913).

Outro indicativo interessante é estabelecido na medida em que percebemos que a identidade do xadrez ao chegar a Europa medieval foi alterada com o propósito de adequar o jogo à estrutura da monarquia européia (MARK, 2007, p. 154). Notemos ainda, que o movimento das peças também foi alvo de mudanças no final do século XV, quando, por exemplo, os bispos ganharam maior mobilidade (CALVO, 1998) juntamente com a nova rainha poderosa que emergiu como figura de destaque, influência e poder na sociedade européia da época em questão (WESTERVELD, 1994).

Mais uma conclusão possível de inferirmos dessa história milenar da prática enxadrística é a importância que gradativamente vem sendo atribuída ao jogo e, de uma forma mais ampla, aos demais jogos e atividades de lazer nessas sociedades. Porém, este não tem sido o enfoque principal dos estudos que se propõem a resgatar a história do xadrez como escopo de análise. Inclusive, cabe aqui frisarmos que a viabilização desses estudos vem sendo desenvolvida especificamente por pesquisadores e enxadristas europeus, evidenciando a carência de investigações mediadas por pesquisadores e enxadristas de outros continentes.

A fim de organizar e subsidiar suas análises, os estudiosos do xadrez têm identificado dois períodos bem definidos para contextualizar a história dessa prática, a saber, o período antigo (da origem do jogo até aproximadamente 1600) e o moderno (de 1600 até os dias atuais).<sup>34</sup> Esses dois momentos são subdivididos em outros estágios estabelecendo-se, dessa forma, uma tendência de classificação mais detalhada e específica.

Contudo, é imperativo notarmos que tal proposta taxionômica não partiu de um sólido trabalho empírico direcionado teoricamente. Além disso, foi possível percebermos certa imprecisão teórico-metodológica na medida em que tais autores organizaram seus escritos desconsiderando a articulação entre a história do xadrez e a história social, ou seja, sem levar em conta o fato do xadrez se tratar de uma prática circunscrita ao longo de determinadas estruturas sociais e institucionais que comportam e orientam o desenvolvimento da sociedade.

Na tentativa de superar essa dicotomia é que surge então a necessidade de revisitarmos a história do xadrez à luz da teoria social contemporânea, especialmente com base nas abordagens preconizadas nos trabalhos de Norbert Elias e Pierre Bourdieu, os quais, além de terem dedicado um espaço significativo para análise do fenômeno esportivo em suas obras, resolveram muito bem a questão do equacionamento entre a visão micro e macrosociológica presente na teoria social clássica, e, por conseguinte, na leitura dos mais diversos objetos sociológicos que receberam esse tratamento dicotômico, dentre os quais, o esporte e o lazer.

Neste particular, a matriz sociológica *eliasiana* além de constituir um arcabouço refinado para pensarmos a transição do período antigo ao moderno segundo as linhas de um longo processo civilizacional, fornece-nos uma perspectiva de leitura para a origem do esporte moderno e, obviamente, do xadrez moderno, que na transição do século XIX para o século XX, se nossa análise estiver correta, passou a manter estreitas ligações com o sistema esportivo emergente. Consideremos ainda o fato de que o esporte moderno, conforme nos sugere o historiador Ademir Gebara (1995; 2000), não se trata de um objeto plenamente acabado, mas em vias de constituição e, acrescente-se, reconstituição.

Já da sociologia de Bourdieu é possível recuperarmos uma perspectiva de análise para estudar a “história esportiva” do xadrez moderno, na medida em que formulamos algumas reflexões histórico-estruturais extremamente decisivas para o entendimento do fenômeno esportivo. Sendo assim e por conta dessa leitura é promissor indagarmo-nos: Sob qual momento e circunstâncias poderíamos falar em uma prática enxadrística moderna mantendo estreitas relações com o sistema composto pelos demais esportes modernos? Quando foi que o

---

<sup>34</sup> Informações disponíveis nos sites: <<http://www.chess-players.org/eng/news/viewarticle.html?id=22>> Acesso 29 out. 2008; <<http://www.mynetcologne.de/~nc-jostenge/index.htm>> Acesso 29 out. 2008.

sistema de agentes e instituições responsáveis pelo xadrez passou a fazer parte do campo esportivo e concorrer com os demais esportes? Como funciona esse subcampo fundamentado por uma história que lhe é peculiar no interior do campo esportivo?

Por sua vez, tais questionamentos de ordem histórico-estrutural são imprescindíveis para se fundamentar uma sociologia reflexiva da história do xadrez no campo esportivo que na medida em que nos ajuda a desfazer algumas imagens “congeladas” e “essencializantes” sobre a circulação social da referida prática, também corrobora para que seja revisto o pressuposto de algumas críticas imputadas ao quadro teórico-analítico do autor e que enfatizam que a noção estruturalista de campo faz às vezes de um *locus* social engessado, já teorizado suficientemente, restando apenas estendê-lo como ferramenta de leitura do esporte e da sociedade envolvente.

Inclusive, cabe aqui chamarmos atenção de um modo geral, para aqueles estudos desenvolvidos no âmbito da história ou sociologia do esporte que simplesmente utilizam a noção *bourdieusiana* de campo com o fim de delimitar um território de investigação e um terreno de inteligibilidade, esquecendo que o campo esportivo deve ser problematizado na perspectiva de sua gênese, de suas lutas e de sua historicidade.

Sobre a modernização do xadrez, devemos reiterar que a mesma possui vínculos com a modernização esportiva, o que não significa que este processo social estruturante da história do xadrez seja uma consequência imediata de sua inserção no campo esportivo. Pelo contrário, o processo de modernização do enxadrismo já pode ser distinguido em termos da estrutura interna do jogo (modificação das regras, desenvolvimento das teorias de jogo, estratégias e táticas posicionais) desde quando a prática começou a ser difundida pela Europa e muito antes de adquirir o lucro distintivo de esporte. Quanto à estrutura externa ao jogo (administração, gerenciamento), essa sim foi fortemente influenciada pela conjuntura esportiva moderna em vias de ascensão.

Aqui coincide, com alguns ajustes e ponderações, a incursão do modelo de análise sociológica proposto por Allen Guttman para pensar o esporte moderno. Seguindo a tradição metodológica weberiana que consiste na elaboração de tipos ideais, o etnólogo destaca algumas características norteadoras aptas a diferenciar o esporte moderno do esporte não-moderno, quais sejam: equidade (igualdade de oportunidades diante da competição); secularismo (afastamento do universo sacro-religioso); racionalismo (padronização, normatização das regras e aperfeiçoamento tático-estratégico); especialização (envolvimento do atleta em uma única modalidade visando o aprimoramento de sua técnica e performance); quantificação (mensuração padronizada do desempenho atlético através das análises

estatísticas); organização burocrática (rígido controle do calendário e hierarquização administrativa); busca pelos records (obsessão em superar antigas marcas estabelecidas por outros competidores no passado) (GUTTMANN, 1978).

É importante frisarmos que embora essa abordagem não privilegie, especificamente, a historicidade da formação do esporte moderno, pode contribuir para que seja desenvolvida a problematização do tema e estruturação metodológica da análise. No caso do xadrez, o modelo interpretativo de Guttman nos garante um quadro de bastante valia para identificarmos a compatibilidade da lógica de modernização funcional dessa prática com o advento do esporte moderno e do campo esportivo moderno.

Com relação ao desenvolvimento de tessituras e aproximações entre o esporte moderno e a formação de um campo esportivo adjacente, cabe lembrarmos que Bourdieu (1983) estruturou sua análise partindo do universo empírico substanciado nos conhecimentos que possuía sobre a história do futebol e do rúgbi, sobretudo, na sociedade inglesa, com algumas menções mais freqüentes e de modo complementar a realidade francesa.

De acordo com o autor, o esporte moderno seria uma reinvenção de jogos populares no interior das *public schools* inglesas no final do século XIX, onde lhe foi imposto um sentido elitizado, criando um lucro de distinção social na medida em que a valoração das práticas esportivas alocadas no sistema de ensino pressupunha a exaltação do esporte como uma atividade formadora de caráter e apta a inculcar nos filhos das classes dominantes o sentimento de superioridade moral.

Das escolas de elite às associações esportivas de massas, o esporte passou por inúmeras transformações tanto no âmbito de sua oferta quanto de sua demanda. Essas mudanças, por conseguinte, foram contextualizadas e recuperadas por Bourdieu ao passo que ele percebe o campo esportivo moderno como um espaço sensível e orientado pela lógica mercantil vigente na sociedade capitalista. Por sua vez, o potencial de consumo e prática de esportes é correlacionado imediatamente pelo sociólogo, às lutas entre classes ou frações de classes, de modo a se estruturar um campo de forças subsidiado por oposições entre amadorismo e profissionalismo, esporte-prática e esporte-espetáculo, esporte de elite e esporte de massa, esporte de lazer e esporte de competição, esportes de contato direto e esportes à distância e os exemplos se multiplicam.

Interessante notarmos que ao dirigir seu olhar para o esporte moderno, Bourdieu já tinha estruturado e sistematizado seu modelo de análise sociológica dos campos, o que, de antemão, nos sugere que o princípio das homologias dos espaços de produção de bens materiais e simbólicos foi uma das ferramentas metodológicas mais importantes utilizadas por



ele ao inventariar o esporte como uma categoria, ou melhor, um objeto cabível às reflexões sociológicas. Não obstante, Bourdieu é extremamente cuidadoso com as generalizações e, ao inferir a constituição de um campo esportivo por volta do final do século XIX, ressalva que tal processo não seguiu um modelo uniforme e restritivo, como se todos os esportes e os agentes a eles ligados tivessem galgado a mesma história, pelas mesmas linhas.

Eis aí um desdobramento teórico enfatizado rigorosa e repetidamente pelo sociólogo, e que, inclusive se delineia como uma frente de abordagem ímpar para compreendermos as inter-relações viabilizadas entre xadrez moderno, esporte moderno e o campo esportivo que começava a se formar na passagem do século XIX para o XX. Tal empreendimento, no entanto, requer um exame minucioso nas literaturas enxadrísticas, as quais, a saber, nos apresentam uma idiosincrasia pertinente ao subcampo e avaliativa das transformações operadas na história da modalidade.

A seguir e em continuidade com essa agenda até aqui esboçada, procuramos apresentar mais elementos teórico-metodológicos de análise e, se possível, ainda sistematizá-los para compreender a inserção da modalidade de xadrez no campo esportivo bem como a potencialidade explicativa que pode ser construída para entender a “história esportiva” da modalidade a partir dos campeonatos mundiais de xadrez.



Entender o espaço construído pelo xadrez junto ao universo dos esportes como um processo em andamento é uma das premissas básicas para que se avance no conhecimento dessa prática e da própria sociedade sob a qual ela se instaura. Obviamente tal interpretação decorre, primeiramente, de nossa leitura amparada nas contribuições conceituais e metodológicas desenvolvidas na teoria do processo civilizador de Norbert Elias. Contudo, é importante frisarmos que o presente argumento também possui sustentação empírica corroborada pelas literaturas enxadrísticas.

Nos escritos de Garry Kasparov sobre a história moderna do xadrez, por exemplo, é evidente sua sensibilidade em perceber que as mudanças operadas no xadrez no sentido de uma suposta modernização estão associadas às transformações sociais dos últimos 150 anos. Tais impressões podem ser sintetizadas em suas próprias palavras: “Passando pela lista dos catorze campeões do mundo, novamente observamos um inseparável vínculo entre o xadrez e o ambiente social” (KASPAROV, 2004a, p. 08). Ou então, de forma mais contundente:

“Espero que este trabalho possibilite ver a colossal evolução do xadrez durante os últimos cento e cinquenta anos, que é totalmente comparável com o progresso científico e tecnológico” (KASPAROV, 2004a, p. 12).

Ao percorrer um período de aproximadamente 115 anos de campeonatos mundiais de xadrez, Kasparov procurou demonstrar o progresso contínuo e o desenvolvimento da modalidade através do jogo dos seletos campeões mundiais oficiais, que até o ano 2000, segundo seu entendimento, totalizavam quatorze, sendo o primeiro deles Wilhelm Steinitz (1886-1894), seguindo a lista com os enxadristas Emanuel Lasker (1894- 1921), José Raúl Capablanca (1921-1927), Alexander Alekhine (1927-1935, 1936-1946), Max Euwe (1935-1937), Mikhail Botvinnik (1948-1957, 1958-1960, 1961-1963), Vasily Smyslov (1957-1958), Mikhail Tal (1960-1961), Tigran Petrosian (1963-1969), Boris Spassky (1969-1972), Robert James Fischer (1972-1975), Anatoly Karpov (1975-1985), Garry Kasparov (1985-2000) e finalmente Vladimir Kramnik (2000).

Logicamente outros nomes no decorrer desse período também somaram ao universo enxadrístico internacional, tal como Chigorin, Tarrasch, Pillsbury, Schlechter, Rubinstein, Ninzovitsch, Réti, Keres, Bronstein, Geller, Larsen, Polugayevsky, Kortchnoi, dentre inúmeros outros. E sem falarmos daqueles enxadristas que foram extremamente cruciais para o desenvolvimento do xadrez em termos mais regionalizados, como é o caso de Reshevsky nos Estados Unidos, Najdorf na Argentina ou então do Mequinho no Brasil.

No entanto, e já feita à ressalva de que a história do xadrez não foi construída apenas pelos grandes vencedores, devemos concordar que o primeiro rol de enxadristas mencionados, isto é, os campeões mundiais, tiveram mais chances de antecipar as “tendências do jogo” e conformar a estrutura enxadrística de acordo com suas disposições. E isso, de uma forma mais incisiva, na medida em que esses jogadores não foram apenas os campeões mundiais, mas indiscutivelmente os melhores de suas épocas e, por conseguinte, aqueles cujas disposições forneceram de modo mais objetivo e freqüente as diretrizes para oferta da modalidade.

Tal argumento, por sua vez, pode ser mais bem situado e explorado, quando temos a sensibilidade de perceber, em conformidade com Bourdieu, as relações dialéticas firmadas entre as estruturas objetivas (leia-se campo) e as disposições estruturadas e estruturantes (leia-se *habitus*) de modo a se potencializar um processo de interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade (BOURDIEU, 2003a, p. 40).

No caso da “história esportiva” do xadrez, esses ajustes são potencialmente identificáveis, visto, por exemplo, que cada um dos campeões mundiais (estabelecidos em função das lutas e condições objetivas do campo em determinado momento histórico), após

suas conquistas puderam usufruir, de certa forma, de alguns privilégios notórios, dentre os quais, a condição de impor as definições legítimas do que seria um xadrez bem jogado, de qual seria a melhor forma de abrir o jogo, a melhor estratégia, os jogadores a serem respeitados, os torneios de prestígio a se frequentar, enfim, os melhores produtos enxadrísticos a serem consumidos.

Ressalvamos, contudo, que isso não significa encarar os agentes como calculadores racionais, mas apenas entender que “(...) as condutas podem ser orientadas em relação a determinados fins sem ser conscientemente dirigidas a esses fins, por esses fins” (BOURDIEU, 1990a, p. 22). Para tanto, é necessário conservarmos assim como Bourdieu a idéia de objetividade das relações sociais, numa dinâmica que leva em conta a mediação entre estruturas subjetivas e objetivas, entre as abordagens fenomenológicas e estruturalistas.

Ao estendermos essa perspectiva *bourdieusiana* para pensar a história moderna do xadrez, surge então a necessidade de avançarmos da proposta didática de Garry Kasparov, fundamentada na história dos campeões do mundo, para uma perspectiva que parte do estudo estrutural dos campeonatos mundiais de xadrez e demais torneios significantes e expressivos, os quais, a saber, se configuram como propriedade histórica e constituinte do subcampo esportivo em questão.

A mudança de enfoque não quer dizer que os agentes serão minados da análise, mas ao invés, introduzidos como operadores práticos de construção de objetos de disputa. Além disso, os campeonatos mundiais de xadrez (o que já inclui a história dos seletos campeões e, especialmente, as lutas objetivas entre os agentes no campo) emergem, a nosso ver, como importantes indicadores sociológicos do estado de desenvolvimento e negociação da prática enxadrística, a qual, ao longo dos anos, vem sendo reconhecida e legitimada na condição de esporte pelos respectivos agentes no interior do campo esportivo.

Convém abriremos um parêntese aqui e ressaltarmos que a presente proposta também pode ser estendida para substanciar a leitura dos campeonatos mundiais das demais modalidades esportivas. A propósito, os eventos de competição esportiva, realizados e disputados no âmbito global, emergem como importantes indicadores sociológicos do estado de desenvolvimento e negociação daquelas práticas que, ao longo dos anos, vem sendo reconhecidas e legitimadas no interior de nossa sociedade sob o rótulo de esportes.

É importante notarmos que por eventos esportivos protagonizados em escala global, entendemos a conjuntura evidenciada pelos campeonatos mundiais das mais diferenciadas modalidades esportivas, tenham essas o lucro distintivo de “esportes olímpicos” ou não; sejam elas encabeçadas por confederações esportivas de destaque ou de menor expressão;

apresentem essas práticas uma clientela representativa ou que viva no anonimato; tenham elas uma repercussão considerável nos meios de comunicação de massa ou atinjam apenas uma população restrita por intermédio de veículos de informação mais restritos ainda; enfim, sejam esportes destinados às elites ou então acessíveis aos grupos sociais na posse de um menor capital econômico.

Ao nos atentarmos para a conjuntura que se cria em torno desses campeonatos, assim como para as lutas entre classes e frações de classes manifestas em sua lógica interna de funcionamento, evitamos encará-los como um fim em si mesmo, ou seja, na condição de eventos que apresentam e denotam um caráter fragmentário e descontextualizado dos demais setores da vida social.

Além disso, por conta desse olhar conjuntural podemos perceber com maior nitidez o entrelaçamento que se estabelece entre agentes e instituições no sentido de possibilitar a estruturação dos referidos campeonatos e viabilizar sua oferta como um ramo do *show business* na sociedade. Dessa forma, os campeonatos mundiais surgem como uma categoria passível de análise sociológica, pois o microcosmo que eles constituem além de absorver as características da estrutura social e, ao mesmo tempo (re) traduzi-las, dissemina disposições a serem seguidas e orienta os estilos de vida dos agentes.

Os campeonatos mundiais dos mais distintos esportes se caracterizam, a nosso ver, como uma propriedade histórica do campo esportivo, embora não exclusivamente, pois tais eventos são re-apropriados e ressignificados pelo trabalho de agentes dos demais campos sociais. Um exemplo pode ser vislumbrado quando notamos a inserção da mídia nos eventos esportivos, com o intuito de suprir um mercado de consumo de bens e serviços de entretenimento que ela própria contribuiu para que se instaurasse nas cadeias sociais.

Essa leitura, por sua vez, nos remete a prerrogativa *bourdieusiana* de que um campo não se fecha inteiramente a outro, ou ainda, de que os campos possuem uma natureza relativamente autônoma, o que, conseqüentemente, implica em uma relativa dependência das forças externas e de campos paralelos. Quanto à possibilidade de se recuperar os campeonatos mundiais como categoria de acesso à história das modalidades esportivas se faz pertinente lembrarmos que esses eventos abrem espaço singular para produção de um precioso material empírico a ser posteriormente utilizado pelos pesquisadores.

Nesse sentido, a gama de informações relacionadas a esses campeonatos e que circulam com uma frequência considerável na mídia impressa e televisionada surgem como fontes avaliativas dos processos engendrados na trajetória histórica das mais diversas modalidades esportivas. Devemos frisar ainda, que o contexto gerado em torno desses

campeonatos incita a produção de uma literatura esportiva bastante rica em impressões pessoais e, a nosso ver, indicativas do estado da difusão e arraigamento de determinadas práticas esportivas nos mais distintos e complexos círculos sociais.

Com relação à importância dos grandes eventos esportivos serem submetidos aos modelos de análise sociológica, temos a dizer que tal iniciativa é imprescindível para que possamos estudar com maior critério e afincos os contornos que o esporte assume quando é consumido, ou então, praticado pelos agentes no interior das escolas, clubes, academias esportivas, parques, praças, dentre outros lugares.

E isso basicamente porque o esporte conforme apresentado nos grandes eventos esportivos, isto é, na forma profissional, performática e espetacular, tende a se impor como concepção dominante nas demais esferas e momentos da vida social. Dito de outro modo, para melhor entendermos as disposições esportivas no contexto dos consumidores é necessário levarmos em conta as disposições esportivas vigente no espaço dos produtores, já que, conforme garante Bourdieu, existe uma correspondência entre a oferta e a demanda esportiva, onde “o espaço dos produtores (isto é, o campo dos agentes e instituições que contribuem para a transformação da oferta) tende a reproduzir, em suas divisões o espaço dos consumidores” (BOURDIEU, 1983b, p. 152).

Em síntese e de acordo com os *insights* empírico-teóricos recuperados da análise que Bourdieu empreende sobre o mercado esportivo, podemos dizer que tais tensões sugeridas parecem ser suficientemente representativas e elucubrativas para demonstrar que os campeonatos mundiais se tratam de eventos definidos, primeiramente, na especificidade de cada prática esportiva (surf, golfe, ginástica, voleibol, automobilismo, xadrez etc.) e, em seguida, no espaço das posições sociais que se apresentam nas referidas práticas.

Dessa forma, ao recuperarmos os campeonatos mundiais de xadrez como categoria de análise sociológica é de suma importância considerar que os limites dos usos sociais conferidos aos mesmos, potencialmente se explica em função das propriedades intrínsecas a referida modalidade e, ao mesmo tempo, pelo sentido dominante que os agentes e instituições imprimem a ela.

Por fim, convém ainda ressaltarmos que a partir da matriz sociológica *bourdieusiana*, viabiliza-se a abertura de um leque de questões a serem exploradas e desveladas sociologicamente, tais como, a ortodoxia e heterodoxia no subcampo do xadrez; os novos vínculos objetivos de sociabilidade que foram produzidos por conta do desenvolvimento da tecnologia virtual e popularização de servidores para jogar xadrez *online*; a formação dos *habitus* enxadrísticos e estilos de vida correspondentes; a dominação masculina no subcampo

do xadrez; o percurso histórico-estrutural da modalidade no campo esportivo; o embate entre socialistas e capitalistas durante o “*match* do século”; a mercantilização da prática enxadrística; o momento espetacular do xadrez em 1972.

Por sua vez, tais frentes de apreciação são reforçadas ao passo que o campo esportivo, na qual o xadrez se aloca, deve ser evocado em aproximação aos demais campos de produção cultural, ao campo econômico, ao campo político e, impreterivelmente, ao campo do poder. Esse empreendimento, por sua vez, amplia o quadro de discussão e análise já que o consumo enxadrístico, sob o peso de determinadas demandas e contingências históricas, não pode ser compreendido a fundo independentemente das lutas políticas, das transações econômicas, da influência dos meios de comunicação e, além disso, das pretensões artísticas, científicas e literárias atreladas direta ou indiretamente a essa prática.

Sem perder de vista essas referências de análise, procuramos no próximo capítulo contextualizar brevemente as tendências de desenvolvimento histórico-estrutural de longo prazo anunciadas em nosso arcabouço teórico-metodológico. Em outras palavras, no decorrer do referido capítulo nos predispomos, primeiramente, à tarefa de apresentar as principais linhas histórico-sociológicas de desenvolvimento do subcampo esportivo do xadrez e, em seguida, problematizar algumas relações que caracterizaram o embate entre Estados Unidos e União Soviética no interior desse subespaço e, de uma forma mais ampla, do próprio campo esportivo como um todo por conta da Guerra Fria.

## CAPÍTULO II – CONFRONTAÇÕES

### 2.1 PELAS “LINHAS” E “VARIANTES” SOCIOLÓGICAS DA “HISTÓRIA ESPORTIVA” DO XADREZ

O campo esportivo em sua forma racionalizada e burocratizada trata-se de uma invenção relativamente moderna e que manifestou suas primeiras tendências de conformação estrutural na sociedade inglesa da metade final do século XIX. A questão que de imediato nos incorre é por que essa série de mudanças e transformações no sentido de sistematizar as primeiras práticas esportivas modernas se deu primeiramente na Inglaterra e não na Alemanha, na França ou em outra sociedade qualquer, por exemplo?

Ao estudar a formação do parlamentarismo na Inglaterra, Norbert Elias logrou em sistematizar alguns argumentos que nos permitem melhor entender a indagação colocada. Para o autor (1992a, p. 68), o mesmo grupo social – um pequeno grupo de proprietários rurais desenvolvido no interior da aristocracia inglesa – que havia participado no avanço da pacificação e no aumento da regulamentação das lutas entre as facções no parlamento inglês, também contribuiu, para o aumento da pacificação e regularização de seus divertimentos. Tal processo, por sua vez, foi expresso objetivamente, dentre outros fatores, na criação dos *clubs*, das associações e, nas décadas seguintes, das primeiras federações e confederações esportivas.

Em contrapartida, um pequeno grupo de proprietários rurais não poderia ter se desenvolvido e se sustentado no interior do círculo aristocrático francês e alemão, porque tanto na Alemanha quanto na França, a posse de terras estava estritamente relacionada à tradição feudal que ligava objetivamente o monopólio de grandes propriedades rurais a serviços de guerras prestados ao soberano. Além disso, a posse de terras nesses países era uma exclusividade dos nobres, exatamente pelo fato de tal atributo conferir e estabelecer o senso de distinção que permitia a esse grupo se diferenciar dos demais. Por sua vez, na Inglaterra essa tensão já havia sido completamente diluída nas teias de interdependências sociais ao longo dos séculos XVIII e XIX (ELIAS, 1994b).

Decorre conseqüentemente dessa leitura, a conclusão de que a “esportivização” dos passatempos ingleses no âmbito do lazer corresponde ao movimento civilizatório verificado empiricamente na estrutura política inglesa por conta da criação do parlamento. Acresça-se a essa análise, o fato desses processos serem característicos da mesma modificação na estrutura

do poder na Inglaterra e nos hábitos sociais dessa pequena “aristocracia rural” que se consolidou como grupo dirigente mediante provas eliminatórias e em busca do monopólio nas tomadas de decisões. Em suma, a condição de aparecimento dos primeiros esportes modernos e das primeiras competições esportivas modernas na Inglaterra, se deve, sobretudo, ao fato daquela sociedade ter acumulado e reunido as condições estruturais relativamente necessárias, em termos psicogenéticos e sociogenéticos, para que o desenvolvimento dessas práticas esportivas regulamentadas fosse efetivamente possível.

Quanto à exportação de alguns esportes modernos de origem inglesa para outros países, é importante notarmos que a mesma se deve à relativa autonomia que essas práticas esportivas conseguiram manter em relação àqueles grupos que tinham originalmente sistematizado-as como tais no interior daquela sociedade. Além disso, essa relativa autonomia a que Elias se refere, foi estabelecida na medida em que os esportes modernos tais como praticados pela aristocracia inglesa possuíam uma fisionomia própria com potencialidade de atrair as pessoas à prática e de modo, inclusive, a satisfazer as características específicas de suas personalidades independentemente do tipo de sociedade em que estivessem inseridos, se bem que algumas práticas esportivas não tiveram boa aceitação em determinadas sociedades, como foi o caso, por exemplo, do *soccer* nos Estados Unidos.

Essa relativa autonomia das práticas esportivas modernas em relação aos organismos e instituições que possibilitaram seu aparecimento foi trabalhada também por Pierre Bourdieu (1983b). Entretanto, o autor agrega à leitura *eliasiana* a possibilidade do esporte moderno ter sido sistematizado como tal no interior das escolas públicas destinadas às elites inglesas. De acordo com o sociólogo francês:

Parece indiscutível que a passagem do jogo ao esporte propriamente dito tenha se realizado nas grandes escolas reservadas às “elites” da sociedade burguesa, nas *public schools* inglesas, onde os filhos das famílias da aristocracia ou da grande burguesia retomaram alguns jogos populares, isto é, vulgares, impondo-lhes uma mudança de significado e de função muito parecida àquela que o campo da música erudita impôs às danças populares, *bourrées*, *gavotas* e *sarabandas*, para fazê-las assumir formas eruditas como a *suite* (BOURDIEU, 1983b, p. 139).

Essa reinvenção dos jogos tradicionais sob a forma de esportes modernos amadores seria, no ponto de vista das classes dominantes inglesas, uma estratégia das mais eficazes para assinalar sua diferença social e inculcar nos seus filhos essa mesma crença e moral elitista. Além disso, os antigos passatempos organizados sob a forma de esporte eram mais interessantes e convenientes para entreter os alunos que passavam 24 horas por dia na nova escola inglesa da época vitoriana.



Sem dúvida, essa retomada das atividades esportivas no interior das *public schools* inglesas é uma das vias de aparição e divulgação do esporte moderno e, principalmente, da multiplicação de associações interessadas em promover sistematicamente essa prática, de modo, inclusive, a se configurar um *locus* relativamente autônomo de produção, circulação e disputa em torno do fenômeno esportivo (BOURDIEU, 1983). Por conseguinte, essa interpretação sociológica decorre do entendimento de que as origens dos esportes ditos modernos resultaram tanto de continuidades quanto de rupturas operadas no interior de um quadro social e específico de mudanças “estruturalmente planejadas” e “explicáveis” que comumente atribuímos o nome de “história do esporte”.

Nas linhas que se seguem procuramos identificar algumas dessas continuidades e rupturas na construção daquilo que estamos a chamar de “história esportiva” relativamente autônoma do xadrez. Conforme vimos no capítulo anterior, a prática enxadrística possui uma história milenar, mas, que, no entanto, só passou adquirir os primeiros traços de esporte designadamente moderno quando foi contraposta a um quadro muito específico de mudanças sociais e estruturais operadas na sociedade inglesa da metade final do século XIX.

Talvez após essa exposição, fique mais claro que a definição de pertencimento do xadrez ao campo esportivo e, por conseguinte, a especificação de que se o enxadrismo, de fato, caracteriza e configura uma prática esportiva, não se trata de uma questão meramente conceitual, mas uma resposta que deve ser buscada na história estrutural relativamente autônoma da modalidade. Essa é uma de nossas pretensões nesse capítulo.



Para o enxadrista Garry Kasparov (2004, p. 13), as etapas de desenvolvimento do jogo de xadrez podem ser comparadas com o percurso tomado por todos os indivíduos que evoluem de principiante até níveis mais elevados. Segundo o enxadrista, todo iniciante tende a reproduzir, inconscientemente, a maneira de jogar que predominou durante o século XVI e XVII, de modo à nunca desperdiçar a oportunidade de dar um xeque, trazer a dama rapidamente para o jogo e lançar-se ao ataque contra o rei adversário.

Ao empregar essa analogia, Kasparov procura chamar-nos atenção para o estilo intuitivo e imaginativo da escola italiana de xadrez que predominou no universo enxadrístico, de forma bastante incisiva, durante os séculos XVI/ XVII, e, de maneira mais latente, até meados do século XIX. Entre os representantes da escola italiana se destacam, com mais notoriedade, Gioacchino Greco que viveu de 1600 a 1634 ou ainda a tradição personificada

nos maestros de Modena,<sup>35</sup> cujos principais expoentes – Ercole Del Rio, Giambattista Luli e Domenico Ponziani – publicaram na metade final do século XVIII alguns manuais dando ênfase exatamente à importância de se manter um padrão mais criativo para o jogo.

Conjuntamente a essa escola italiana intuitiva e combinatória, outra escola de xadrez com características distintas e distintivas se desenvolveu e marcou posição de destaque nesse período. Essa escola emergente, em oposição à escola italiana, primava mais pela troca sistemática de peças ao risco das combinações e sacrifícios de material para se obter um ataque consideravelmente rápido e, muitas vezes, arrematador.

Do lado dessa escola sistemática que insurgia, temos como principal representante o enxadrista e compositor francês François-André Danican Philidor que viveu de 1726 até 1795. Como grande contributo desse jogador, além de suas vitórias e hegemonia no universo enxadrístico europeu, destaca-se, nesse período, a publicação do livro “*L’analyse du jeu des Échecs*” em 1749, o qual, posteriormente, acabou se tornando um clássico. Nesse manual, Philidor procurou sujeitar as aberturas de jogo a um estudo de caráter mais sistemático e científico de modo a estabelecer alguns princípios gerais para o desenvolvimento de uma partida. De certa forma, podemos depreender que a necessidade de formulação desses princípios estava diretamente relacionada à emergência do xadrez como atividade em crescente processo de inserção e expansão social (GARCIA, 2006, p. 09).

Na esteira dessas rupturas, Philidor pode ser considerado, portanto, um jogador muito além de seu tempo e, além disso, o primeiro a se preocupar em estabelecer uma estratégia posicional. Não obstante, convém notarmos que essa tendência “racionalizadora” teria que esperar, ao menos, mais um século para ser assimilada amplamente no universo enxadrístico, já que o estilo proposto por Philidor ainda era de difícil compreensão e aceitação por parte dos demais enxadristas naquele contexto histórico. Nos termos *bourdieusianos*, podemos dizer que seu *habitus* e, por conseguinte, suas tomadas de posição eram estruturalmente incompatíveis com o espaço social no qual estava inserido. Além disso, devemos lembrar que

---

<sup>35</sup> A escola de Modena, como ficou conhecida essa geração da escola enxadrística italiana, se contrapunha ao método de jogo sistematizado por Philidor. Para eles, o esquema de Philidor apresentava resistência ao tratamento mais dinâmico das posições, preconizando, pelo contrário, o manejo dos peões em falange, de modo um tanto quanto obsessivo e em detrimento da ação imediata e direta das peças. Segundo Loureiro (2006, p. 1011), essa tensão teórica materializada entre, de um lado, os princípios científicos expressos nas idéias de Philidor e, de outro, os defendidos pela Escola de Modena, se trata de uma das polêmicas que através das épocas foram definindo e firmando a cultura própria do jogo e o modo de operar que aproxima a teoria do xadrez de uma disciplina com pretensões científicas. Já Garcia (2006), tende a reconhecer as contribuições da Escola de Modena, para outro jogo que não o xadrez propriamente dito, já que os representantes dessa escola tinham uma regra diferente para se fazer o roque.

esses mesmos jogadores eram dominados pelo espírito intuitivo, criativo e avante de uma fase estrita e predominantemente romântica do xadrez.

O desenvolvimento subsequente do xadrez, pautado na tensão entre uma escola de princípios mais combinatórios e outra que levemente primava pelo jogo mais posicional, pôde se materializar na figura de alguns confrontos emblemáticos que mobilizaram jogadores dos principais pólos enxadrísticos europeus durante a primeira metade do século XIX, isto é, França, Inglaterra e, num determinado momento, a Alemanha. É imperativo notarmos, que a iniciativa de agendar tais confrontos ficava por conta dos próprios enxadristas, o que, mais uma vez, reforça o espírito romântico que reinou por alguns séculos no xadrez (SAIDY; LESSING, 1974; FINE, 1983; GIUSTI, 2002; KASPAROV, 2004; FILGUTH, 2006).

Dentre esses confrontos agendados, cabe aqui uma devida ênfase para a série de seis *matches* disputada entre o enxadrista francês Louis Charles de La Bourdonnais – pupilo do também francês Alexander Louis Deschapelles – e o enxadrista irlandês Alexander McDonnell – pupilo do escritor e jogador inglês William Lewis – no ano de 1834. O organizador desse confronto disputado em Londres foi outro discípulo de Lewis, a saber, o enxadrista George Walker.

Segundo Kasparov (2004a, p. 17), esse confronto ficou conhecido no meio enxadrístico como a “maratona de Westminster” e pode ser considerado o primeiro entrave pela coroa do xadrez, isto é, o evento precursor dos *matches* oficiais do campeonato mundial. Naquela oportunidade, La Bourdonnais venceu a série de partidas ao obter 45 vitórias, 27 derrotas e treze empates. Com o retorno ao seu país, o jogador francês na posse de um maior capital simbólico que se somava ao capital econômico e social que previamente detinha na sociedade francesa, fundou em 1836 o primeiro periódico de xadrez do mundo, a revista mensal “*Le Palamède*”.

A disputa entre Inglaterra e França foi continuada por Howard Staunton e Pierre Charles de Saint-Amant. Em novembro de 1843, ambos os jogadores se reuniram no *hall* de entrada do Café de *la Régence* em Paris, para disputar um *match* que teria como campeão aquele que fosse o primeiro a vencer onze partidas. Nesse período ainda, não eram utilizados relógios para cronometrar as partidas de xadrez, de modo que a duração média de cada confronto durava aproximadamente nove horas. Diante de um assíduo e paciente público francês, Staunton com onze vitórias, seis empates e quatro derrotas, se consagrou como campeão, obtendo certa revanche pela derrota de McDonnell, anos antes, e, além disso, quebrando a hegemonia francesa estabelecida no universo enxadrístico internacional.

Nos anos que se seguiram, Staunton publicou dois importantes livros de xadrez, o “*Chess Player’s Handbook*” em 1847 e o “*Chess Praxis*” em 1860. Além disso, seu prestígio após a vitória sobre Saint-Amant tomou tal proporção, que em 1849, Nathaniel Cook, projetou e formatou em sua homenagem um padrão *standart* para as peças de xadrez, e que, inclusive, até os dias de hoje é comercializado como o nome “Staunton” (LOUREIRO, 2006, p. 1012).

Entretanto, a grande contribuição do jogador inglês no universo enxadrístico foi ter organizado na cidade de Londres, em 1851, um evento que ficou conhecido como primeiro torneio internacional de xadrez. Na oportunidade se reuniram os melhores enxadristas do velho mundo na disputa do respectivo título, com exceção de Saint-Amant da França, Lasa da Alemanha e os jogadores russos que, por questões econômicas, não puderam participar. A premiação do torneio chegou ao montante geral de quinhentas libras inglesas, um valor considerável para época e, além disso, uma marca histórica no desenvolvimento do subcampo esportivo do xadrez como parte de um processo, ainda muito incipiente, “profissionalização”<sup>36</sup> das práticas esportivas e culturais. Tal conjuntura é avaliada pelo estudioso José Loureiro:

Essa é uma indicação e confirmação de uma crucial característica da organização esportiva do jogo, isto é, o xadrez constitui-se no primeiro esporte publicamente profissional da história moderna. Alguns *matches* individuais já haviam envolvido bolsas de premiação, mas este torneio ampliou as possibilidades e significou um incentivo concreto para os eventuais inclinados a se dedicar exclusivamente ao xadrez (LOUREIRO, 2006, p. 1012)

Tais impressões do autor nos possibilitam duas profícuas entradas de discussão para pensar alguns aspectos relativos ao desenvolvimento inicial desse espaço de lutas que é o campo esportivo. Primeiramente, devemos mencionar o fato de o xadrez ter incorporado, a propósito também de outros esportes, essas referências primárias de “profissionalização” justamente na sociedade industrial inglesa. Inclusive é oportuno notarmos que o torneio de 1851 coincidiu com a “Grande Exibição Industrial em Londres” e graças ao apoio do *St. George’s Chess Club* – entidade privada promotora e incentivadora do xadrez britânico naquele contexto (KASPAROV, 2004a, p. 24).

O segundo ponto a ser recuperado diz respeito à formação de possíveis *habitus* esportivos com contornos “profissionais” graças aos estímulos financeiros investidos no campo por conta, talvez, da inserção de patrocinadores. No caso do xadrez, a premiação de

---

<sup>36</sup> Toda a vez que o conceito de profissionalização, profissionalismo ou profissionais aparecer entre aspas no texto significa que estamos querendo fazer uma ressalva para o fato de que emergência desse processo não foi isento de conflitos e contradições no interior da sociedade inglesa da metade final do século XIX.

torneios no contexto histórico-social evocado foi decisiva para o desenvolvimento técnico da modalidade, sobretudo, em termos de sistema defensivo. Além disso, houve um sutil deslocamento da compreensão do jogo como fim artístico em si mesmo, ou no máximo, uma prática que garantia vantagens simbólicas aos vencedores, para um meio de obter lucros materiais expressos em quantias e montantes em dinheiro.

A propósito, o ganhador das quinhentas libras inglesas em disputa no torneio de 1851, foi o então desconhecido jogador alemão Adolf Anderssen – talvez o maior expoente do xadrez romântico (GARCIA, 2006, p. 03) –, que, nesse percurso, havia derrotado Kieseritzky da França nas oitavas-de-final, Szén da Hungria nas quartas-de-final, Stauton da Inglaterra nas semifinais e Wyvill, também da Inglaterra, na final. No entanto, essa conquista ainda não havia sido suficiente para que Anderssen fosse considerado o principal enxadrista mundial. Mais precisamente, até esse período havia poucos torneios de xadrez e os grandes jogadores precisavam provar sua força mais com conquistas criativas do que competitivas. Cabe aqui notarmos que essa preponderância do elemento artístico ao elemento esportivo se estendeu até os primeiros campeonatos mundiais oficializados no final do século XIX, quando então os pratos da balança começaram ligeiramente a se inverter.

Outro marco importante na “história esportiva” do xadrez se estabeleceu em 1857. No outono desse mesmo ano foi realizado o 1º Congresso Norte-Americano de Xadrez onde se confrontaram os dezesseis melhores jogadores daquele país em *matches* eliminatórios, obedecendo aos moldes do primeiro torneio internacional disputado anos antes em Londres e que havia repercutido consideravelmente no novo mundo. O campeão do torneio norte-americano foi Paul Murphy, que, no ano seguinte, viajou até Paris e impôs derrotas surpreendentes a falange enxadrística européia.

Dentre esses jogos que Murphy disputou durante sua *tournee* pela Europa em 1858, se destaca o *match* amistoso contra Anderssen realizado na cidade de Paris em dezembro do mesmo ano. Após sete vitórias, dois empates e duas derrotas, Murphy se consagrou como melhor enxadrista mundial; um jogador que “em apenas um ano havia demonstrado que não havia pares para ele no mundo” (KASPAROV, 2004a, p. 47).

Ao retornar da Europa, Murphy foi recebido calorosamente em Nova York mediante uma comemoração oficial preparada num *hall* com duas mil pessoas sentadas. Outro aspecto interessante a ser notado, é que nesse *hall* foram fixadas placas gigantes que continham o nome dos oponentes derrotados pelo norte-americano. Essa atitude, por sua vez, talvez já seja o indício da construção de um *habitus* nacionalista norte-americano, historicamente constituído e estruturalmente corroborado por conta do êxito de seus atletas diante de algumas

práticas culturais e esportivas exportadas do continente europeu durante o século XIX. Não obstante e independentemente do reconhecimento obtido nos Estados Unidos e na Europa, Murphy abandonou o xadrez prematuramente em 1862, quando já demonstrava sinais de estar acometido por uma grave doença mental.

Com Murphy fora de cena, Anderssen viu novamente surgir possibilidades para se tornar o enxadrista ativo mais forte do mundo, uma reputação que ele reforçou ao vencer o torneio internacional de Londres em 1862. Esse evento, ainda se singularizou por marcar uma ruptura de valores na concepção temporal do jogo de xadrez e, obviamente, na racionalidade dos atletas envolvidos na prática e na organização burocrática dos demais torneios. Nos referimos, mais especificamente, a inserção do uso de controle de tempo nas partidas, sendo destinado um limite máximo de duas horas, por jogador, para cada 24 lances realizados.

Essa preocupação em administrar e racionalizar o tempo de jogo é uma das características mais explícitas do desenvolvimento do esporte moderno, o que, por sua vez, não necessariamente significa pensar que o tempo de lazer venha sendo colonizado pelo tempo de trabalho nas sociedades industriais e modernas. O que pode-se admitir, entretanto, é que a estrutura organizacional esportiva tal como vem sendo pensada e retomada na sociedade moderna acompanha a aceleração crescente que caracteriza as relações sociais da vida cotidiana, ao passo, que também impõe restrições e mudanças na administração dessa mesma vida, inclusive na esfera econômica e trabalhista. Em termos próximos aos de Elias, podemos dizer que há um entrelaçamento entre os padrões psicogenéticos e sociogenéticos, ou melhor, um padrão de entrelaçamento recíproco entre a oferta social do esporte e a constituição da sociedade industrial moderna.

Dando continuidade a nossa exposição, convém ressaltarmos que no ano de 1866 os ingleses organizaram o *macth* Anderssen-Steinitz, tendo esse último jogador se consagrado como campeão pelo placar de 8 a 6, fato esse que, em última análise, acabou comprometendo o prestígio que Anderssen finalmente havia conquistado na sociedade européia. Alguns comentaristas insistem que esse confronto pode ser considerado o primeiro campeonato mundial de xadrez oficial (FINE, 1983; LOUREIRO, 2006). Contudo, nessa época ainda havia reminiscências da supremacia de Murphy, o qual foi considerado como campeão mundial não-oficial até 1884, ano de seu falecimento.

O enxadrista Wilhelm Steinitz – adversário de Anderssen na disputa de 1866 – nasceu na cidade de Praga em quatorze de maio de 1836. Entretanto, sua formação enxadrística se deu em Viena – cidade onde concluiu seus estudos escolares e pôde ingressar na escola politécnica (LANDSBERG, 1993). De acordo com Kasparov (2004a, p. 52), enquanto no

final dos anos 1850 a fama de Morphy e Andersen se fazia circular por Londres e Paris, em um pequeno Café na cidade de Viena, um pobre estudante ganhava a vida jogando partidas de xadrez por apostas.

A primeira participação de Steinitz em evento internacional foi o torneio de Londres de 1862, que, conforme dissemos anteriormente, teve como vencedor o alemão Adolf Anderssen. Steinitz ficou com a 6ª colocação entre quatorze participantes. No entanto, o principal marco desse torneio, na construção da “história esportiva” do xadrez, talvez seja o fato de Steinitz, após o evento, ter fixado residência na capital inglesa, o que, em última análise, corroborou para o desenvolvimento e sistematização de uma nova escola enxadrística, que já havia sido antecipada, é sempre bom lembrarmos, um século antes por Philidor.

Ao recuperar algumas falas de Emanuel Lasker – o segundo campeão mundial oficial de xadrez da história –, Kasparov fornece alguns apontamentos que nos permitem melhor entender o quão decisivo foi para o xadrez a permanência de Steinitz na Inglaterra após o torneio de 1862:

O estilo agressivo e inventivo, de Steinitz, que havia crescido na escola de combinação alemã, agradava os amadores ingleses, pois eles eram capazes de aprender bastante dele, assim como, inversamente, Steinitz aprendia de seu jogo mais sólido, escreve Lasker. E como resultado dessa colisão de estilos diferentes, das combinações brilhantes e audazes de Andersen e do jogo posicional e sistemático da Escola Inglesa, surgia uma síntese na mente de Steinitz, que estava destinada a começar uma nova era no desenvolvimento do xadrez (...) (KASPAROV, 2004a, p. 57).

A propósito, uma das peculiaridades da “história esportiva” relativamente autônoma do xadrez é que o vínculo estabelecido entre, de um lado, os agentes responsáveis pelo gerenciamento da prática e, de outro, a estrutura social em que os mesmos estavam inseridos sempre manteve um padrão muito forte de entrelaçamento, o que, no entanto, não descarta a possibilidade de, ora, a estrutura conformar mais incisivamente o agente e, ora, o agente também conformar a estrutura, pressuposto esse, que pudemos identificar no trecho acima.

Em sua juventude, Steinitz praticou um xadrez que se enquadrava mais aos moldes da escola romântica alemã. No entanto, quando se mudou para Inglaterra – sociedade altamente regulada por uma ética e moral aristocrática/parlamentar – progressivamente passou a incorporar as referências enxadrísticas correspondentes aquele *locus* social. Não obstante, essa mesma sociedade inglesa em que Steinitz acabava de se inserir, tinha um sentimento ambíguo em relação ao esporte e ao jogo.

Na medida em que os agentes jogavam seu xadrez nos clubes e círculos sociais ingleses priorizando aspectos mais posicionais e sistemáticos, também ligeiramente se opunham à profissionalização daquela prática (e, acresça-se, de demais esportes), o que no caso do enxadrismo parecia engendrar uma curiosa contradição, já que o desenvolvimento posicional e dos sistemas defensivos no xadrez, como parte integrante de um processo de psicologização, estava diretamente relacionado à emergência do “profissionalismo”.

Por sua vez, o esporte amador era tido como “ideal” para as elites inglesas porque o mesmo se afastava da estética “vulgar” atribuída por aquela sociedade às atividades de trabalho ou então porque conferia um lucro de distinção material e simbólica à sua posição social (BOURDIEU, 1983b). Além disso, a ética vigente no esporte profissionalizado, na visão dessas elites, era “contaminada” simbolicamente pelas crenças construídas socialmente em torno de que as atividades de trabalho eram degradantes e, por isso, mais direcionadas às massas e ao proletariado.<sup>37</sup>

Diante desse quadro de contradições sociais rapidamente esboçadas sobre a situação do esporte e, em específico, da prática enxadrística na Inglaterra da metade final do século XIX, a questão, com que nos deparamos, nesse momento, é como que Steinitz – alguém que lutou avidamente para impor o profissionalismo no âmbito do xadrez – se saiu diante daquela sociedade e daquela estrutura social?

Longe de encarar Steinitz como um calculador racional, podemos dizer que ele tinha o “sentido do jogo” incorporado tão profundamente em sua forma de agir, encarar e se situar naquela sociedade que, muitas vezes, o mesmo teve a oportunidade de “antecipar algumas tendências” e se sobressair diante da estrutura social estabelecida. Além disso, o profissionalismo que ele defendia no universo do xadrez, como pretensa forma de ascender socialmente, resultava, sobretudo, da incorporação de um *habitus* de classe dominada que ele adquiriu inconscientemente durante sua infância e adolescência, conforme nos leva a entrever seu biógrafo Kurt Landsberg (1993).

No processo de construção objetiva dessa estrutura enxadrística com contornos “profissionais”, outro fator a ser levado em conta é que a ética do profissionalismo conforme pensada pelos grupos burgueses considerava a vitória em si muito mais importante e decisiva do que a maneira propriamente dita de se jogar. Não é de se estranhar, portanto, o deslocamento reivindicado por Steinitz em favor do sistema defensivo como forma de se

---

<sup>37</sup> As tensões entre o amadorismo e profissionalismo na sociedade inglesa do final do século XIX e início do século XX também foram retomadas pelo historiador inglês Eric Hobsbawm, em específico, na seguinte obra: HOBBSAWM, E. *A era dos impérios (1875-1914)*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.



sobressair aos adversários e, assim, conquistar a vitória. Avaliemos essas impressões em suas próprias palavras proferidas após os torneios de Baden-Baden em 1870:

Cheguei à convicção de que uma defesa segura exige muito menos desgaste de energia do que um ataque. Em geral, um ataque tem chances de sucesso somente quando a posição do adversário já está enfraquecida. Desde então meu pensamento tem sido dirigido a encontrar um caminho simples e certo de enfraquecer a posição inimiga (KASPAROV, 2004a, p. 64).

Em suma, essa preocupação com o sistema defensivo e, especialmente, com os resultados é um dos principais indícios que reforça o fato de Steinitz ter sido um dos primeiros enxadristas a assumir seu profissionalismo. Além disso, e como bem demonstra o pesquisador Federico Garcia (2006, p. 14), os traços amadorísticos e românticos inerentes ao xadrez não foram completamente abandonados pela nova escola moderna personificada em Steinitz e nos demais jogadores que viriam,<sup>38</sup> até porque a definição de que “jogar no ataque era brilhante” não passava de uma idéia arraigada num sistema de crenças socialmente legitimada nos círculos sociais em que a prática enxadrística estabelecia vínculos.

Em 1872, Steinitz ganhou o torneio internacional de Londres e um *match* amistoso contra o jovem mestre alemão Johann Hermann Zukertort. Em 1873, venceu um importante torneio em Viena e logo, em seguida, obteve uma coluna reservada para discutir o xadrez no Jornal *The Field*, que circulava na Inglaterra (GARCIA, 2006; KASPAROV, 2004a, p. 64). Nesse espaço editorial que lhe havia sido destinado, Steinitz durante nove anos pode comentar as mais diversas partidas dos mestres e, principalmente, divulgar suas idéias e sua teoria enxadrística baseada em princípios posicionais e no acúmulo de pequenas vantagens. Além disso, nesse período, gozava de uma relativa prosperidade material e se dedicava avidamente em pesquisas para elaborar novos princípios de jogo.

Esse panorama começou a ser modificado no importante torneio de Londres em 1883, quando o enxadrista Johann Zukertort obteve a vitória com 22 pontos conquistados em 26 rodadas. Steinitz ficou em segundo lugar com dezenove pontos. Some-se a essa conjuntura, o fato de que a coluna de xadrez de Steinitz alguns meses antes do torneio de Londres havia sido encerrada, sendo, oportunamente, reaberta após o torneio e, curiosamente, sob a direção de seu rival Zukertort (SAIDY, 1972). Por sua vez, esse desdobramento, apenas reforça o

---

<sup>38</sup> Cabe aqui a ressalva de que as fronteiras espaciais que separam os jogadores profissionais dos amadores nunca foram tão tênues na “história esportiva” do xadrez. Prova disso é que, no decorrer dessa história relativamente autônoma, a maioria dos torneios sempre contou com a participação simultânea desses dois públicos, o que talvez explique algumas das “resistências” que a modalidade de xadrez ainda sofre no campo esportivo – *locus* social diretamente influenciado pela ética moralista prevalecente nas ações do Movimento Olímpico e suas instituições de controle e normatização (LOUREIRO, 2006).

quão articulados estavam, já naquele contexto histórico em questão, os interesses da imprensa e os interesses do mundo esportivo.

Ainda nesse mesmo ano de 1883, Steinitz, após residir por duas décadas na Inglaterra, emigrou para os Estados Unidos. Em 1885, o enxadrista recrutou o apoio de seus novos amigos e fundou a revista *International Chess Magazine*. Além disso, nesse período, também pôde divulgar seus artigos e opiniões no *New York Tribune*. Em inúmeras oportunidades, Steinitz declarou nesses veículos de informação, estar preparado para enfrentar Zukertort pela disputa de um título mundial. Por sua vez, esse confronto poderia ser realizado em qualquer lugar, exceto Londres.

Finalmente, em 1886, formalizou-se o primeiro campeonato mundial de xadrez oficial, no qual Wilhelm Steinitz e Johannes Zukertort – os jogadores mais fortes da época e os agentes que personificaram categoricamente a disputa entre a escola combinatória (romântica) e a escola posicional (moderna) – disputaram o respectivo título, que já havia sido inventado por Steinitz em 1866, mas que até então continuava sem um herdeiro reconhecido (SAIDY, 1972). Um melhor retrospecto sobre o referido *match* é fornecido por Kasparov:

O tão esperado *match* começou aos 11 de janeiro de 1886 em Nova Iorque, ante um grande público de espectadores, no Cartier's Rooms na Fifth Avenue. Os lances eram exibidos num tabuleiro de demonstração especial, e o demonstrador era o conhecido maestro McKenzie! Eles jogaram por uma bolsa de \$2000 de cada lado, três partidas por semana, até quatro vitórias para um dos jogadores em Nova Iorque, mais três em Saint Louis, e depois em Nova Orleans, cidade natal de Morphy. O controle de tempo era de duas horas para trinta lances, depois após um intervalo de duas horas para o jantar, uma hora para quinze lances (vale lembrar que, começando em Londres 1883, relógios modernos de dois lados eram utilizados) (KASPAROV, 2004a, p. 68).

A estrutura do *match* descrita por Kasparov nos conduz ao entendimento de que as forças mercantis presentes na sociedade norte-americana daquela época haviam se infiltrado de forma muito particular naquele microcosmo. Também é possível recuperarmos no interior dessa conjuntura evidenciada dois traços característicos dos esportes modernos apontados por Guttmann (1978), a saber, a racionalização e a burocratização. Percebemos ainda, o estado processual do desenvolvimento da prática enxadrística que, segundo as condições avaliadas no referido evento, avançava no sentido de uma suposta modernização.

No entanto, o que esse primeiro campeonato mundial oficializado, reserva de mais impressionante é o fato de reiterar uma ruptura com os valores amadorísticos que ainda predominavam no universo esportivo. E isso exatamente por prever em seu regulamento premiação para os dois jogadores independentemente do resultado final do *match*. Dito de

outro modo, para uma estrutura amadora do esporte tal como vislumbrada na sociedade inglesa do final do século XIX, era inconcebível a idéia de que o perdedor se beneficiasse de alguma “fatia” do prêmio.

Talvez seja por conta desse impasse que as bases do profissionalismo no subcampo do xadrez tenham se consolidado primeiramente na sociedade capitalista norte-americana. É possível também que a premiação para ambos os jogadores não esteja simplesmente atrelada ao ideal de constituir uma estrutura enxadrística tipicamente profissional, mas ao fato de se relativizar as demandas mercantis e não reduzir a disputa de um título mundial a fins estritamente econômicos.

Nos anos que se seguiram, Steinitz foi desafiado quatro vezes a colocar seu título em disputa. Em 1889 e 1892 pelo maestro russo Mikhail Ivanovich Chigorin; em 1890 e 1891 pelo maestro anglo-húngaro Isidor Gunsberg; e em 1894, pelo jovem jogador Emanuel Lasker de 26 anos. Nas três primeiras ocasiões Steinitz conseguiu manter o título. No entanto sucumbiu diante de Lasker. Em 1896, Steinitz teve o direito de revanche contra o jovem enxadrista, mas novamente voltou a perder (LANDSBERG, 1993).

Ainda nesse período, Steinitz publicou em 1889 o primeiro volume de seu guia de aberturas intitulado “*The Modern Chess Instructor*”, na qual incluiu o artigo temático “A escola moderna e suas tendências”. Em 1891, publicou um livro sobre o 6º Congresso Americano de Xadrez disputado em 1889 em Nova York. Como atrativo principal da programação desse evento, se realizou um torneio com vinte jogadores (em sua maioria, ingleses e norte-americanos) que jogaram todos contra todos em dois turnos.

Esse torneio, de acordo com Kasparov (2004a, p. 78), foi o mais longo da história do xadrez contabilizando 64 dias de duração. Contudo, é imperativo frisarmos que a importância do torneio, ou melhor, do congresso, não se resumiu a esse aspecto temporal. Na percepção de Steinitz (1891, p. 09), a grande relevância do evento se singularizou no fato de servir como um laboratório de demonstração sobre a importância de se alicerçar uma estrutura organizacional e burocrática que futuramente permitisse superar a lógica amadorística que até então regia o gerenciamento enxadrístico no continente.

O número total de inscritos no congresso, segundo as informações documentais reunidas por Steinitz (1891, p. 28-38), foi de 434 enxadristas. Um dado que nos chama atenção nesse manual, diz respeito a uma inscrição realizada no nome do *Beethoven Club*/ Rio de Janeiro/ Brazil e outras duas inscrições no nome de dois jogadores brasileiros do Rio de Janeiro, Arthur Napoleon e J. Caldas Vianna. Se esse achado, não nos permite tecer considerações mais precisas sobre o desenvolvimento do xadrez brasileiro na referida época,

no mínimo, nos conduz ao entendimento de que já havia uma incipiente preocupação de alguns enxadristas nacionais em se manterem atualizados com relação aos centros produtores do xadrez de alto nível.

Na continuidade de construção desse cenário histórico, é importante lembrarmos que essa nova escola moderna de xadrez expressa no plano de ações e pressupostos sistematizados por Wilhelm Steinitz foi continuada e divulgada por Lasker e, principalmente, pelo enxadrista e médico Siegbert Tarrasch (1862-1934). De acordo com Kasparov (2004a) sem os esforços de Tarrasch, muito dificilmente os ensinamentos de Steinitz teriam sido amplamente difundidos até jogadores como Akiba Rubinstein ou então os fundadores da escola enxadrística que seria denominada convenientemente de “hipermoderna”.

Cabe frisarmos que por volta dos anos 1920, o mundo ocidental experimentou o apogeu da arte modernista. No subcampo do xadrez, o equivalente a esse processo se verificou na criação de um movimento denominado “hipermodernismo”, no qual seus precursores idealizavam uma ruptura com o classicismo da geração mais antiga, em específico com os princípios formalizados nos textos de Steinitz e Tarrasch. Assim, da mesma forma como os artistas se voltaram para a abstração, ou os compositores abandonaram a tonalidade, no xadrez, os jovens mestres fizeram experiências com movimentos pouco convencionais, como, por exemplo, controlar o centro do tabuleiro à distância através da ação dos bispos e cavalos ao invés de alocar seus peões objetivamente nas casas centrais (SAIDY, 1972; SAIDY; LESSING, 1974).

Vale notarmos que essa designação “hipermodernismo” foi lançada pioneiramente pelo enxadrista Savielly Tartakower de modo a explicitar e, possivelmente, conferir um lucro distintivo às transformações reivindicadas por ele e outros jogadores representantes dessa tendência, tais como Aaron Nimzowitch, Richard Réti, Gyula Breyer, Ernst Grunfeld, Efim Bogoljubov e, indiretamente, Alexander Alekhine.

Muitas publicações, nesse período, vieram também a respaldar o movimento enxadrista “hipermoderno”. Podemos citar, por exemplo, o texto de Tartakower publicado na cidade de Viena em 1922 e intitulado curiosamente como “*Die neuen ideen im schaschpiel*” (Novas idéias no jogo de Xadrez). Ainda em Viena no ano de 1925, o mesmo Tartakower publicaria “*Die hypermoderne schaschpartie*” (A partida hipermoderna de xadrez). Também em 1925, Nimzowitch publicou em Berlim sua principal obra intitulada de “*Mein system*” (Meu sistema). Segundo Loureiro (2006), o enxadrista Aaron Nimzowitch, além de sistematizar as descobertas técnicas que marcariam essa tendência de compreensão estratégica

do jogo, tornou seu livro ainda mais notório por empregar um estilo literário rebuscado, criando várias expressões inovadoras para realçar os conceitos e técnicas explicadas.

Entretanto, essa retomada expressa na escola “hipermoderna” não implicou que os conceitos clássicos de luta e ocupação do centro, caros à escola ortodoxa de Steinitz e Tarrasch, fossem abandonados no universo enxadrístico. E isso basicamente porque Emanuel Lasker – herdeiro legítimo da chamada escola posicional – além de compartilhar dos princípios posicionais e das lutas de Steinitz, sobretudo, no que tange à profissionalização e organização efetivamente burocrática do xadrez, também detinha um capital cultural e simbólico com condições de impor e perpetuar essa visão mais ortodoxa e anular as tomadas de posições consideradas heréticas, o que, nesse caso, tem seu equivalente nos representantes do movimento hipermoderno.

A principal diferença de Lasker em relação à Steinitz era que o jovem mestre não se preocupava apenas com as dimensões posicionais e táticas do jogo. Para o enxadrista, uma boa performance não consistia apenas em adotar e obedecer a uma série de leis e princípios estabelecidos durante a partida. Ao contrário, para um desempenho mais efetivo e consistente se fazia também necessário, segundo seu ponto de vista, estudar as características do adversário, de modo que fosse possível criar uma situação no tabuleiro na qual o mesmo se sentisse inseguro (LANDSBERG, 1993).

Com esse estilo, Lasker conseguiu vencer seis campeonatos mundiais consecutivos, permanecendo com o monopólio do título por 27 anos – a maior sequência da “história esportiva” relativamente autônoma do xadrez. Entretanto, devemos ponderar que Lasker não colocou em disputa seu título entre os anos de 1896 a 1907 por conta basicamente de seus estudos na academia que lhe demandavam total dedicação e, de 1911 a 1920, porque não conseguiu organizar um *match* nas condições financeiras e estruturais desejadas. Além disso, de 1914 a 1918, houve o imperativo da Primeira Guerra Mundial, que inviabilizou qualquer negociação mais específica e duradoura no campo esportivo e em outros campos sociais.

Sobre Lasker, cabe ainda notarmos que o mesmo nasceu em 24 de dezembro de 1868 na pequena cidade de Berlinchen, localizada próxima da então fronteira entre a Prússia e a Rússia. Mais que um jogador, Lasker era um pesquisador do xadrez com doutorado em matemática e filosofia. Os seus trabalhos mais significantes são expressos em sua teoria dos jogos e em seu clássico “*Manual of chess*” publicado originalmente em 1925.

Outro dado importante a ser mencionado, é que Lasker conseguiu sua estabilização financeira por meio da divulgação de suas reflexões acadêmicas sobre o xadrez através do jornalismo e de palestras proferidas em congressos (JOHNSON, 2005; 2007). Além disso, seu

capital cultural e simbólico adquirido por conta dessas inserções e, é claro, de seu desempenho na modalidade, foi tão expressivo a ponto de demarcar significativamente, no período em que viveu, uma melhora da remuneração e nas condições de realização de eventos e torneios no âmbito do xadrez internacional.

Em 1900, no 12º Congresso da União de Xadrez da Alemanha realizado em Munique, Lasker ainda presidiu uma reunião com alguns dos principais enxadristas da época e cuja pauta central era fundar uma União dos Maestros Internacionais de Xadrez. O primeiro presidente dessa então associação recém fundada foi Berger e, logo em seguida, Tarrasch em 1902. Todavia, essa organização logo perdeu sua representatividade e se dissipou.

Ao longo de sua trajetória enxadrística, Lasker também sugeriu que fossem dados direitos autorais aos jogadores sobre suas partidas, enxergando nessa medida a base para consolidação de um profissionalismo. Essa reivindicação dos direitos autorais, por sua vez, evidencia que o xadrez para Lasker, mais que um esporte, era como uma obra de arte produzida por um artista profissional. Suas palavras rebatendo àqueles que consideravam que o xadrez não poderia ser tratado profissionalmente são esclarecedoras, nesse sentido:

Os milhões de entusiastas que reproduzem as partidas dos mestres, aprendem através delas, e encontram um prazer anímico, não deveriam adotar este ponto de vista. Usando os mesmos argumentos, o mundo da música poderia negar o sustento aos talentosos músicos profissionais, o que seria, evidentemente, injusto. Somente aqueles que se dedicam inteiramente a um assunto particular podem criar algo grande em tal campo (KASPAROV, 2004a, p. 213).

O raciocínio de Lasker recuperado por Kasparov possibilita o entendimento de que o profissionalismo tratava-se de uma condição indispensável ao desenvolvimento do xadrez de modo que essa prática pudesse atingir, naquele contexto histórico, uma maturidade artística e científica. Além disso, devemos frisar que tal concepção de xadrez como manifestação propriamente artística estava excepcionalmente vinculada a pressões de ordem econômica, de modo inclusive a transcender o ideal romanesco “da arte pela arte”. Em suma, para Lasker o grau de envolvimento e dedicação ao enxadrismo dependia da quantidade de capital econômico oferecido aos produtores enxadristas no subcampo, assim como a qualidade artística do xadrez à soma dessas duas proposições.

Avançando na exposição dos argumentos, convém lembrarmos que nos anos de 1909 e 1914 foram realizados os torneios de xadrez de São Petersburgo – principal centro de produção cultural da Rússia czarista. Lasker venceu ambos dividindo o primeiro lugar com Akiba Rubinstein em 1909, seguido de Capablanca e Alekhine em 1914. O czar Nicolau II da

Rússia concedeu aos cinco finalistas da edição do torneio em 1914 – Emanuel Lasker, José Raúl Capablanca, Alexander Alekhine, Siegbert Tarrasch, e Frank Marshall – o título de Grande Mestre (KASPAROV, 2005). No entanto, esse título só seria formalizado pela FIDE em 1950, quando a mesma criou uma hierarquia de títulos que seria conferida aqueles jogadores que apresentassem bons resultados diante de outros mestres e grandes mestres do xadrez internacional.

No ano de 1921, Lasker perdeu seu título mundial para o jovem cubano José Raúl Capablanca, considerado um dos mais fortes enxadristas que fez história no subcampo do xadrez. Essa distinção atribuída ao jogador se materializou exatamente porque o mesmo não se preparava para seus jogos, o que, no entanto, não comprometeu seu desempenho e sua efetividade expressa, por exemplo, na invencibilidade que conseguiu manter de 1916 a 1924 quando o enxadrista cubano não sofreu nenhuma derrota sequer.

No entanto, em 1927, Capablanca foi derrotado pelo jogador russo Alexander Alekhine. O enxadrista russo superou a “habilidade natural” de Capablanca com sua extensa preparação técnico-tática sobretudo no que tange a análise profunda de aberturas – um diferencial que inclusive se tornaria marca registrada de todos os futuros grandes mestres. Alekhine conseguiu manter o título até 1935 quando o enxadrista e matemático holandês Max Euwe o derrotou pelo placar de 15,5 a 14,5. Entretanto, em 1937 Alekhine conseguiu recuperar o título de campeão mundial em um *match* revanche contra Euwe e o manteve até 1946, ano de seu falecimento (GIUSTI, 2002; KASPAROV, 2005).

É importante reiterarmos que até esse período a disputa pelo título de campeão mundial de xadrez era conduzida de modo informal, ou seja, ficava a cargo de acordos estabelecidos entre os próprios enxadristas e eventuais organizações que os mesmos estivessem filiados. Além disso, a realização dos *matches* pela disputa do título mundial era financiada, sobretudo, pela iniciativa privada que obviamente investia nesses eventos em função do retorno simbólico e, por conseguinte, material que poderia advir dessas negociações fomentadas no interior do campo esportivo.

Também é oportuno notarmos que a corrida pelos patrocínios e investimentos era uma iniciativa atribuída, invariavelmente, ao jogador desafiante, o que, mais uma vez reforça o argumento *bourdieusiano* de que a história estrutural relativamente autônoma das práticas esportivas se constitui como importante recurso de leitura das relações materiais e simbólicas que são construídas e sedimentadas nos subcampos e campo esportivo. Tal assertiva, por sua vez, está fundamentada no pressuposto de que as leis específicas de funcionamento do subcampo do xadrez, dentre as quais se inclui aquelas pertinentes ao processo de seleção dos

campeões mundiais, garantiam uma relativa autonomia no gerenciamento dessa prática e na circulação da mesma no mercado de bens simbólicos e culturais.

Com a morte de Alekhine o sistema informal de organização dos *matches* foi incisivamente prejudicado tendo em vista que as negociações para que o enxadrista russo jogasse um *match* contra seu compatriota Mikhail Botvinnik já estavam bem adiantadas. Nesse caso, Max Euwe poderia aclamar moralmente a coroa de campeão mundial e, assim, defender o título no lugar de Alekhine. Todavia, o jogador acabou concordando que a FIDE organizasse o próximo confronto para definição do título mundial. Curiosamente, em 1970, esse mesmo Max Euwe seria eleito presidente da referida federação esportiva, cargo em que permaneceu por oito anos (KASPAROV, 2005).

Cabe aqui frisarmos que embora a FIDE já houvesse sido fundada em 1924, a mesma não detinha um potencial de poder suficientemente representativo para impor modificações na estrutura de organização dos campeonatos mundiais. Essa passividade da Federação Internacional de Xadrez durante as duas primeiras décadas de sua fundação se explica basicamente porque a nação enxadrística mais forte do mundo, a União Soviética, recusava a participar de um encontro pela disputa do título mundial que fugisse aos seus interesses e compromettesse de alguma forma a ortodoxia instaurada no subcampo do xadrez.

Decorre dessa leitura o desvelamento de uma das disputas históricas mais contundentes travadas no interior do referido subcampo esportivo. De um lado, a União Soviética que possuía uma infra-estrutura enxadrística capaz de propor um campeonato mundial à parte monopolizando, dessa forma, a distribuição dos bens materiais e simbólicos no subcampo do xadrez. De outro lado, a FIDE que tinha seu raio de ação e intervenção comprometida pelas tomadas de posição da União Soviética no interior do subcampo esportivo em questão.

É imperativo ressaltarmos que a prática sistemática do xadrez já se fazia presente na Rússia czarista. Todavia, foi por volta de meados de 1920 que se iniciou o processo de massificação dessa prática na União Soviética – uma experiência de popularização esportiva jamais vista no interior de uma mesma sociedade. Essa experiência, inclusive, se possibilitou quando o partido comunista assumiu o governo da União Soviética e decidiu adotar o jogo como forma de treinamento mental e preparação para a guerra. O xadrez era visto como uma demonstração do materialismo dialético; um jogo que transcendia às lutas entre classes sociais e que, além disso, não era controlado pela ideologia burguesa (JOHNSON, 2005; 2007).

O primeiro e, talvez, maior expoente enxadrista formado no interior desse sistema foi Mikhail Moisseievitch Botvinnik. Nascido em 1911, doutor em engenharia, Botvinnik liderou



a forte escola soviética de xadrez, caracterizada especificamente como um sistema profissional de treinamento dos jogadores e expressa, dentre outras coisas, no amplo estudo de aberturas, no conhecimento aprofundado dos finais temáticos e em uma valoração e avaliação acurada das posições de meio de jogo. A escola soviética encabeçada por Botvinnik formou, dentre outros jogadores, os campeões mundiais Anatoly Karpov e Garry Kasparov que dominariam hegemonicamente o xadrez no último quarto do século XX.

A primeira aparição de Botvinnik no exterior se deu no torneio de Hastings em 1934, quando obteve uma performance incompatível com seu nível de preparação e treinamento. Após esse torneio, Botvinnik se retirou por dois anos da arena internacional e trabalhou no sentido de corrigir suas deficiências. Quando retornou à arena internacional, no torneio de Nottingham em 1936, Botvinnik ficou em primeiro lugar juntamente com Capablanca – campeão mundial de 1921 a 1927 – e a frente do então campeão mundial Max Euwe e dos ex-campeões mundiais Alexander Alekhine e Emanuel Lasker (FINE, 1983).

No entanto, o domínio soviético no xadrez seria de fato estabelecido pela vitória de Botvinnik no campeonato mundial de 1948, disputado em forma de torneio entre os cinco melhores enxadristas do mundo: Mikhail Botvinnik, Vasily Smyslov e Paul Keres representando a União Soviética, Samuel Reshevsky representando os Estados Unidos e, finalmente, Max Euwe representando a Holanda. O referido torneio foi organizado pela FIDE que, com o apoio da URSS, declarou a vacância do título mundial de 1946 até 1948 (KASPAROV, 2005). Cabe notarmos que essa aproximação da União Soviética à FIDE pode ser entendida como estratégica já que sua estrutura e infra-estrutura enxadrística nesse momento estava preparada e pronta para enfrentar qualquer adversário. De fato, esse triunfo do comunismo manifesto no subcampo do xadrez foi perpetuado hegemonicamente por mais de duas décadas, quando então um enxadrista norte-americano quebrou essa sequência de títulos mundiais acumulados pelos enxadristas soviéticos.

Sobre a estrutura do xadrez na União Soviética é oportuno ainda notarmos que a mesma representava, e até os dias de hoje representa, a posição dominante no subcampo do xadrez. E isso exatamente porque a referida nação conseguiu, com base no idealismo comunista, massificar a prática entre crianças, adolescentes e trabalhadores de modo a reunir e sistematizar um exército de milhões de jogadores (JOHNSON, 2005; 2007). Notemos ainda que essa estratégia de massificação seria adotada em outras práticas esportivas na União Soviética e, além disso, transferida para outros países de orientação socialista. Segundo os pesquisadores David Edmonds e John Eidinow (2007, p. 60-61), calcula-se que em 1923 só haviam mil jogadores de xadrez registrados na União Soviética. Em 1929, por sua vez, esse

número aumentou para 150 mil, atingido em 1951, o número de um milhão de jogadores filiados e em meados de 1960 cerca de três milhões.

A partir dessas estratégias de massificação é que seriam descobertos os talentos enxadrísticos, os quais, segundo a ideologia comunista, deveriam se tornar funcionários do Estado com a missão coletiva de enriquecimento esportivo, além de envolvimento em trabalhos intelectuais e analíticos, exibições em partidas simultâneas e oferta de cursos especializados (FINE, 1983; JOHNSON, 2007). Outro dado que expressa o lugar de destaque ocupado pelo xadrez no interior da cultura soviética se estabelece na medida em que consideramos que todas as empresas, sindicatos, clubes, seções de exército, tinham suas próprias equipes de xadrez que disputavam entre si fortes torneios e competições a nível nacional (KASPAROV, 2005; EDMONDS; EIDINOW, 2007).

Além disso, conforme a grande campanha soviética de massificação e treinamento dava frutos, culminando com a formação de centenas de jogadores que atingiam o nível de mestre ou grande mestre entre os anos 1940 e 1960, um amplo sistema de recompensas e punições foi estruturado e estendido ao subcampo do xadrez. Se por um lado, a vida de um profissional do xadrez era privilegiada com remunerações mais altas do que os salários médios dos “cidadãos comuns” e com viagens ao exterior que lhes eram permitidas, por outro, esses mesmos jogadores tinham suas vidas mais expostas às censuras políticas o que, inclusive, incluía o préstimo de conta ao governo sobre suas atuações comprometedoras no exterior (JOHNSON, 2005; 2007; EDMONDS; EIDINOW, 2007). Por sua vez, essa rígida inspeção e fiscalização imposta pelo partido comunista ao xadrez profissional soviético não foi suficiente para ausentar o sistema de tomadas de posições individualistas, como o caso, por exemplo, de Boris Spassky que nem sequer chegou a se filiar ao partido (EDMONDS; EIDINOW, 2007, p. 86).

Retomando o torneio de 1948, convém notar que o mesmo demarcou uma ruptura no subcampo esportivo do xadrez de modo a aproximar a URSS da Federação Internacional para então eleger o primeiro campeão mundial de xadrez da chamada era FIDE. A disputa do torneio, como foi dito anteriormente, se deu entre cinco jogadores que se enfrentaram todos contra todos em *matches* de cinco partidas. Dos seus vinte pontos possíveis, Botvinnik somou 14 pontos, Smyslov 11, Keres e Reshevsky 10,5 e Euwe 04 pontos. Indiscutivelmente e com base nos escores apresentados, podemos dizer que Botvinnik foi superior aos seus adversários. No entanto, alguns comentaristas insistem na hipótese de que Paul Keres sofreu pressões das autoridades soviéticas para entregar suas partidas a Botvinnik (FINE, 1983).

Após o referido torneio de 1948, a FIDE obteve o monopólio da organização dos campeonatos mundiais. Não obstante, no lugar do sistema informal anterior, um novo sistema de torneios qualificatórios foi preparado. A disputa do título mundial deveria ser realizada em ciclos de três anos, sendo que os aspirantes seriam definidos mediante um sistema burocrático e altamente racionalizado. Esse sistema adotado pela FIDE, dividiu o universo enxadrístico, ou melhor, o subcampo do xadrez em oito zonas: Europa Ocidental, Europa Oriental, URSS, EUA, Canadá, América do Sul e Austrália. Posteriormente, outras duas zonas foram incorporadas: Europa Central e Ásia Ocidental (GONZÁLEZ, 1972, p. 09-10).

No interior de cada uma dessas zonas se realizaria os chamados “torneios zonais”, que definiria os jogadores, segundo as cotas reservadas em cada zona, para disputar o “torneio interzonal”. Os principais finalistas do torneio interzonal, por sua vez, participariam do “torneio de candidatos”, inicialmente realizado no sistema todos contra todos e a partir de 1965 no sistema eliminatório de partidas. O vencedor do torneio de candidatos iria então disputar uma série de partidas com o atual campeão pela disputa do título mundial (GONZÁLEZ, 1972, p. 10). Em todo caso, se o campeão fosse derrotado, ele teria o direito de se juntar ao seu sucessor e ao futuro desafiante na próxima disputa do título. Todavia, em 1957 essa regra foi mudada para permitir que o campeão derrotado disputasse uma revanche um ano após sua derrota.

Respalado nesse sistema, Botvinnik acabaria sendo presença constante nas disputas dos títulos mundiais por mais de dez anos. Nos seis primeiros anos, Botvinnik defendeu com sucesso seu título duas vezes, derrotando respectivamente David Bronstein em 1951 e Vasily Smyslov em 1954. Ambas as disputas terminaram empatadas em 12 a 12, mas, de acordo com as regras estabelecidas pela FIDE, Botvinnik deveria manter o título por ser o atual campeão (KASPAROV, 2005).

Entretanto, em 1957, Smyslov venceu seu contrerrâneo pelo placar de 12,5 a 9,5, se tornando o novo campeão-mundial. Por sua vez, em 1958, Botvinnik teve o direito de revanche e recuperou novamente sua coroa com o placar de 12,5 a 10,5 em seu favor. Em 1960 novamente Botvinnik seria superado. Desta vez, pelo enxadrista letão Mikhail Tal. A ousadia e o estilo de sacrifícios imprimido por Tal levou-lhe ao sucesso, sobrepujando Botvinnik pelo placar de 12,5 a 8,5. Todavia, em 1961, mais uma vez Botvinnik recuperaria seu título com o placar de 13 a 8 (GIUSTI, 2002).

Botvinnik viria a jogar apenas mais um *match* pelo campeonato mundial, contra o armeno Tigran Petrosian, perdendo de 12,5 a 9,5 no ano de 1963. Nessa oportunidade não houve revanche, porque a FIDE havia abolido essa regra. Botvinnik então se retirou dos

campeonatos de xadrez e preferiu se ocupar então com a prática enxadrística por computadores e com a sistematização de sua escola de xadrez, a qual, futuramente, revelaria grandes enxadristas soviéticos.

No campeonato mundial de 1966, Petrosian defendeu o título diante de seu conterrâneo Boris Spassky, vencendo-lhe por uma pequena margem de 12,5 a 11,5, em um *match* histórico protagonizado na cidade de Moscou. Três anos depois, os jogadores voltaram a se enfrentar. A cerimônia de abertura do *match* se deu no Teatro da Televisão de Moscou para que a população soviética pudesse acompanhá-la. Com seis vitórias, quatro derrotas e treze empates, Spassky venceu a Petrosian por 12,5 a 10,5 (EDMONDS; EIDINOW, 2007, p. 71-72). No entanto, em 1972, esse mesmo Spassky – o primeiro campeão mundial soviético que teve que defender seu título contra um aspirante que não era de seu país – viria a ser derrotado pelo norte-americano Robert James Fischer no chamado “*match* do século”.

Na continuidade desse capítulo e, principalmente, na discussão a ser desenvolvida durante a exposição do *capítulo 3*, serão apresentadas, com maior acuidade empírico-teórica, a estrutura simbólica, mimética e material que esteve envolta e inerente ao “*match* do século” de 1972. Nas linhas que seguem essa agenda será retomada na medida em que procuramos contextualizar e localizar historicamente a estrutura de curto prazo do “*match* do século” e a estrutura de longo prazo da “Guerra Fria” trazendo, inclusive, apontamentos para uma leitura e análise correlacional das mesmas.

## 2.2 O “MATCH DO SÉCULO” E A GUERRA FRIA: FRAGMENTOS EMPÍRICO-TEÓRICOS PARA UMA ANÁLISE CORRELACIONAL

O período histórico-social denominado como Guerra Fria determinou a paisagem estratégica e o equilíbrio de forças no mundo por volta de aproximadamente cinquenta anos (KENNEDY, 1991). Na tentativa de sistematizar uma definição que contemple os múltiplos aspectos sociais envolvidos nesse contexto, podemos dizer, de forma sintética, que a Guerra Fria se tratou do embate político, econômico, tecnológico, científico, ideológico e cultural que se deu entre o bloco capitalista e socialista durante o período compreendido entre o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945 e a queda da União Soviética em 1991.

A denominação “Fria” se explica exatamente porque não se tratou de um confronto em que Estados Unidos e União Soviética – as duas nações que emergiram como superpotências após o fim da Segunda Guerra – se envolveram direta e objetivamente nos campos de batalha, embora essa hipótese, durante esse período, tenha sido sempre uma constante e perigosa ameaça no universo das relações internacionais (HOBSBAWM, 1995).

Muitos estudiosos de produção expressiva no campo de produção historiográfica e sociológica têm se debruçado e pesquisado sobre a temática da Guerra Fria (DEUTSCHER, 1969; KOLKO, 1970; LEUCHTENBURG, 1976; DELMAS, 1979; CASTORIADIS, 1982; THOMPSON, 1982; 1985; 1993; ELIAS, 1985; KENNEDY, 1991; HOBBSBAWM, 1995; CHOMSKY, 1996; BIAGI, 2001; GADDIS, 2006; VIZENTINI, 1996; 2008). No entanto, ainda há muitas rupturas, obscuridades e lacunas que precisam ser trazidas à tona sobre esse período histórico-social que, longe de se tratar de um recorte homogêneo e linear da história, representa um estágio de desenvolvimento social marcado pelas incertezas e pelos rumores.

Segundo o historiador brasileiro Paulo Vizontini (2008, p. 195), a Guerra Fria tem sido estudada prioritariamente de duas formas: ou como prolongamento de um conflito de natureza ideológica, ou então, na condição de uma mera luta pelo poder entre duas superpotências. Não obstante, o que ambos os enfoques guardam em comum é o fato de priorizarem a dimensão militar-nuclear como eixo de análise, o que, em última instância, trata-se de uma postura que representa a distorção da realidade social.

Em afastamento a essas perspectivas, Vizontini propõe uma leitura histórico-social da Guerra Fria como um conflito de dimensão multifacetada, racionalmente explicável a partir das transformações sociais que marcaram o século XX e que, sobretudo, sustentaram o desenvolvimento das relações internacionais no curso de uma história-social orientada e mobilizada basicamente em função das demandas internas das duas superpotências que insurgiram objetivamente após a Segunda Guerra (VIZENTINI, 1996).

Além disso, devemos frisar que uma das mais notórias particularidades de algumas das discussões historiográficas produzidas sobre a Guerra Fria é considerar que a mesma “foi uma construção soviética, que queria expandir o comunismo para o resto do mundo” ou então, “uma construção norte-americana, para justificar suas ações e conseqüentes intervenções nas nações que estivessem fora da ‘esfera’ do domínio soviético” (BIAGI, 2001, p. 62-63).

No entanto, esses argumentos estão carregados de prenoções de pensadores ocidentais<sup>39</sup> que, engajados na luta contra a expansão do comunismo, tendem a culpar exclusivamente os soviéticos pela Guerra Fria. Por outro lado, uma série de estudos produzidos nas viradas dos anos 1960 e 1970,<sup>40</sup> defendem a idéia de que a gênese da Guerra

<sup>39</sup> Como exemplo dessa tendência ver: WESSON, R. G. *A nova política externa dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

<sup>40</sup> Dentre esses trabalhos, podemos citar: DEUTSCHER, I. *Mitos da Guerra Fria*. In HOROWITZ, David (org.). *Revolução e Repressão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969; KOLKO, G. *The Limits of Power*. New York: Harper & Row Publishes, 1970.

Fria seria uma construção norte-americana, já que os soviéticos abalados pela Segunda Guerra Mundial, não poderiam provocar uma guerra contra os Estados Unidos (BIAGI, 2001).

É importante notarmos, que as explicações que comumente se desenvolvem na esteira dessas argumentações, tendem a bloquear nosso acesso a uma série de fatores, fundamentos e desdobramentos sociais da Guerra Fria. Além disso, para entendermos a produção das crenças – e a Guerra Fria esteve arraigada num forte sistema de crenças (ELIAS, 1985, pp. 123-128) – precisamos primeiramente romper com nossas próprias ideologias e prenoções herdadas do senso comum ou então expressas e legitimadas sob a forma de “bom senso científico”.

Neste subcapítulo, procuramos esboçar uma possibilidade de leitura preliminar que contemple rigorosa e objetivamente as dinâmicas sócio-culturais e políticas presente nesse campo de forças orientado pelo embate entre capitalistas e socialistas durante a Guerra Fria. Para tanto, delimitamos como terreno de averiguação empírica, a realidade social inerente e constitutiva do “*match* do século” protagonizado no campo esportivo em 1972.

Deste modo, num primeiro momento, serão apresentados, a partir da sociologia configuracional de Norbert Elias, alguns pontos de aproximação que podem ser estabelecidos entre a estrutura microssociológica do “*match* do século” e a estrutura macrossociológica da Guerra Fria. Em seguida, nos propomos a explorar essas relações a partir do modelo de análise sociológica dos campos de Pierre Bourdieu.



Ao pensarmos a temática a ser abordada neste subcapítulo, como escopo de reflexão para se discutir sociologicamente, uma primeira questão que nos incorreu foi de ordem teórico-metodológica. Isto é, deveríamos contextualizar o *match* “Fischer-Spassky” com base na grande estrutura social projetada na Guerra Fria ou então buscar compor um aparato de compreensão daquele contexto estabelecendo relação entre o *match* enxadrístico protagonizado pelos dois jogadores e a guerra? Enfim seria mais interessante refletir o micro a partir do macro ou procurar entender as ligações que podem ser traçadas entre os microcosmos sociais e o macrocosmo, entre as partes e o todo?

Para a discussão aqui fomentada, tomamos como ponto de partida a possibilidade de compreender a conjuntura histórico-social da Guerra Fria considerando o “*match* do século” como uma ferramenta importante para se entender o próprio contexto em que o mesmo foi realizado, e não simplesmente como um mero efeito reproduzido de um jogo maior. Em

outras palavras, tendo por base o microcosmo social configurado em torno daquela série de partidas e correlacionando-lhe diretamente com o contexto delineado pela Guerra Fria, acreditamos na possibilidade de construir um instrumental de interpretação e entendimento de alguns problemas desencadeados na grande configuração social daquele período.

É exatamente nessa direção que procuramos pensar o “jogo” da sociedade e tecer algumas considerações preliminares sobre o “xadrez social” jogado na Guerra Fria. De fundamentação na obra “Introdução a Sociologia” de Norbert Elias (1970) onde o autor sistematiza uma teoria sociológica a partir do jogo competitivo e auxiliado pela leitura em Marchi Júnior (2004; 2005) que resgata esse modelo *eliasiano* para subsidiar os estudos no campo da sociologia do esporte no Brasil, pretendemos recuperar um aparato teórico que contribua com a compreensão das dinâmicas sociais que entrecruzam o microcosmo do “*match* do século” e o macrocosmo da Guerra Fria

Como observação inicial, convém ressaltarmos que Norbert Elias, ao partir do jogo competitivo, explicita um modelo didático que já se fazia presente em seus primeiros estudos realizados durante os anos 1930, a saber, “O processo civilizador” (1994a; 1994b) e “A sociedade de corte” (2001). Todavia, nas referidas obras não havia ainda sido sistematizada uma teoria sociológica, projeto esse que, por sinal, Elias iria empreender algumas décadas depois em sua “Introdução a Sociologia” (1970).

Ao estudar a sociedade de corte, Elias definiu essa configuração como um “grande jogo”. E isso o fez não partindo do pressuposto que o jogo fosse uma simples metáfora explicativa da sociedade, mas “(...) uma descrição realista e analítica das relações sociais existentes naquela configuração” (MARCHI JÚNIOR, 2005, p. 124).

Também na construção de sua teoria do processo civilizacional do ocidente europeu, Elias logrou em recorrer ao referencial que, mais tarde, seria tipificado na figura dos “modelos de jogos competitivos”. Um exemplo elucidativo dessa inserção pode ser vislumbrado quando o sociólogo disserta sobre o mecanismo monopolista em seu segundo tomo da obra “O processo civilizador”. Nesse particular, Elias discorre exaustivamente sobre a competição inerente a luta pelo monopólio e que, segundo ele, se apresentam em duas direções:

Em primeiro lugar, o estágio da livre competição de provas eliminatórias, tendendo os recursos a se acumularem num número cada vez menor de mãos e, finalmente, em apenas duas mãos, ou a fase da formação do monopólio; em segundo, a etapa em que o controle dos recursos centralizados e monopolizados tende a passar de um indivíduo para números sempre maiores até finalmente, tornar-se função da rede humana interdependente como um todo. É esta a fase em que o monopólio relativamente “privado” torna-se “público” (ELIAS, 1994b, p. 105-106).

Com efeito, cabe aqui notarmos que essa mobilidade social que ascende do nível micro para o macrosociológico é uma preocupação central na obra de Elias e lhe permite, dentre outras investidas, demonstrar ao nível das interdependências sociais e da formação do monopólio como se processou, na esteira de longo prazo, a organização das sociedades européias ocidentais sob a forma de estados. Para tanto, o modelo do jogo competitivo, ainda que em fase de construção, foi uma ferramenta metodológica decisiva para o entendimento das referidas relações de interdependência, já que o mecanismo monopolista, conforme ilustrado, havia se tornado possível através da competição e da disputa pelo controle das oportunidades de poder. Além disso, na sociologia configuracional nitidamente “a sociedade é definida e estruturada num processo competitivo, ou seja, a categoria central para o entendimento da sociedade é a competição definida no conjunto das suas interdependências e interconexões” (MARCHI JÚNIOR, 2005, p. 123).

Adentrado agora especificamente na leitura da obra “Introdução a Sociologia”, tem-se a definição de que os modelos de jogo “são uma forma excelente de representar caráter distintivo das formas de organização que encontramos no nível de integração que as sociedades humanas representam” (ELIAS, 1970, p. 105).

Podemos entrever, portanto, a preocupação de Elias em propor um modelo de investigação sociológica para pensar a dinâmica com que se constituem e se apresentam as configurações sociais. Segundo o autor, as relações humanas apresentadas sobre a forma de configurações se desenvolvem de modos bastante diferenciados tendo, entretanto, como princípio estruturante o fato dos indivíduos se relacionarem a partir da lógica de participação em um jogo muito específico – o de competição.

Para Elias, o jogo de competição se constitui como um elemento natural de todas as relações humanas, pois todos os indivíduos desde a mais tenra idade aprendem a jogar uns com os outros. Nesse jogo, o poder entra em cena como princípio organizacional e constituinte das redes de interdependências sociais. Para tanto, o poder é desenvolvido na sociologia *eliasiana* como um elemento estrutural que não se apresenta fixo na mão de alguns, ou seja, enquanto um objeto do qual somente alguns indivíduos privilegiados teriam acesso e os demais estariam totalmente desprovidos. Segundo Marchi Júnior:

Resquício do ideário mágico-mítico é a percepção de que poder é algo que possa ser detido de forma pessoal, individualizada. Ele é, como destacado anteriormente, uma característica estrutural das relações humanas, o que a princípio, torna o modelo do jogo e da competição uma pertinente e compatível alegoria explicativa da sociedade (MARCHI JÚNIOR, 2004, p. 74).



Nos modelos de jogo preconizados em Elias, o poder se apresenta tanto de forma bipolar como multipolar. E isso, na medida em que o sociólogo demonstra em sua teoria sociológica do jogo competitivo, a existência tanto de modelos mais simples, sem regras e jogados apenas por duas pessoas, quanto de modelos mais complexos, regrados e jogados em vários níveis por muitas pessoas e grupos.

Dentre os modelos de jogo sistematizados por Elias (1970) se encontram: “competição primária e sem regras” e “processo de interpenetração com normas” que se subdivide sucessivamente em “jogo entre duas pessoas”, “jogo de muitas pessoas a um só nível”, “jogo multipessoais a vários níveis”, “jogo de dois níveis do tipo oligárquico” e o “jogo a dois níveis do tipo democrático crescentemente simplificado”.

Sobre o modelo “competição primária” Elias (1970), enfatiza que ele está presente em quase todas as relações humanas. Podem ser jogados por apenas duas pessoas, mas também por dois grupos, os quais são interdependentes e não se orientam por regras estabelecidas. Assim, a dinâmica de entrelaçamento é organizada pela idéia que um indivíduo ou grupo faz de seu oponente, bem como dos recursos e condições que estes possuem para dar continuidade ao jogo. Já no modelo denominado “processo de interpenetração com normas”, Elias desenvolve o argumento de que as relações entre os indivíduos/grupos tendem a se modificar conforme se altera a distribuição potencial de poder.

Sem dúvida, esse modelo de análise sociológica sistematizado por Norbert Elias é um recurso metodológico dos mais sofisticados para se desenvolver uma leitura não reificante ou maniqueísta da Guerra Fria ou de qualquer outra relação social bélica. Partindo, portanto, desse entendimento relacional, procuramos nas próximas páginas apresentar alguns vínculos de interdependência funcional mantidos entre EUA e URSS durante o período da Guerra Fria e, mais precisamente, durante o período de realização do “*match* do século”.

Adiantamos, contudo, que nosso objetivo ao evocarmos esse referencial não é identificar quais modelos de jogo estiveram presentes nessas configurações ou então enumerar quais deles se constituem como mais pertinentes para subsidiar a leitura sociológica das relações delimitadas. Em suma, nosso objetivo é demonstrar que os vínculos de interdependência protagonizados entre EUA e URSS se desenvolveram de modo a garantir o equilíbrio de poder entre as duas superpotências no âmbito das relações internacionais.



Ao revisitarmos a “teoria do jogo competitivo” adotada pelo sociólogo alemão Norbert Elias como modelo analítico e heurístico, ainda que tardio, de sua Sociologia Configuracional (ELIAS, 1970), nos deparamos com a possibilidade metodológica de relacionarmos a Guerra Fria com um grande “jogo social” desde que, entretanto, consideremos o desenvolvimento do mesmo a partir de uma série de movimentos não planejados, dotados de significância histórica e, portanto, cruciais para compreender quais demandas sócio-políticas teriam polarizado Estados Unidos e União Soviética em um confronto que transcendeu aos *fronts* de batalha, ou melhor, que nem chegou a se delinear diretamente neles.

No bojo dessa análise, o historiador Paul Kennedy (1991), formula uma estrutura de análise político-econômica para contextualizar e explicar algumas contingências que teriam colocado em movimento a chamada Guerra Fria. Para tanto, o autor se propõe a pensar e retomar uma série de eventos e fatores que vinham se desenhando nas políticas internas de Estados Unidos e União Soviética, assim como na ordem global anterior.

Na formulação dessa agenda, Kennedy enfatiza que durante o período da Segunda Guerra Mundial, as diferenças e tensões político-ideológicas já existentes entre Estados Unidos e União Soviética, foram deixadas provisoriamente de lado, ante a necessidade de se unir forças para combater o nazismo e fascismo em ascensão (KENNEDY, 1991, p. 355).

Com o fim da Segunda Guerra e a vitória dos Aliados (Estados Unidos, Grã-Bretanha e União Soviética) essas divergências políticas, econômicas, culturais e ideológicas foram trazidas à tona sob o crivo do que ficou conhecido como Guerra Fria. Na compreensão do autor, a visão de harmonia, liberdade e paz mundial visada pelos Estados Unidos com o fim da Segunda Guerra ainda era comprometida pelo regime soviético.

Além disso, algumas posturas soviéticas desagradavam aos Estados Unidos, tais como, a eliminação da democracia na Polônia e na Tchecoslováquia; o desejo da elite soviética de isolar seus países satélites e seu povo das idéias e “riquezas” do Ocidente; enfim, a resistência soviética à influência norte-americana suscitada pela intensificação do papel da ideologia no interior do bloco socialista (KENNEDY, 1991, p. 349).

Eric Hobsbawm (1995), por sua vez, também se ateu à problemática da Guerra Fria. Em “A era dos extremos”, o autor defende que esse período que vai desde o lançamento das bombas atômicas até a queda da URSS, não representou um período homogêneo, único e linear na história. Hobsbawm apresenta alguns argumentos importantes em seu texto. O primeiro deles seria a existência de no mínimo duas fases para a referida guerra – primeira Guerra Fria que transcorreu até aproximadamente 1970 e segunda Guerra Fria, demarcada a partir de 1970 até a queda do muro de Berlim e a desfragmentação da União Soviética.

Um segundo ponto enfatizado pelo autor é que a Guerra Fria possivelmente não se originou na Europa, mas nos Estados Unidos e em função do temor que o governo norte-americano tinha de uma expansão socialista pela Europa central e demais países. Outro aspecto que Hobsbawm aborda diz respeito ao constante estudo e atenção que uma potência exercia sobre a outra, sem a qual se inviabilizava jogar o jogo da corrida armamentista, tecnológica, científica, ideológica, dentre outras (HOBBSAWM, 1995; BIAGI, 2001).

Diante de tal conjuntura explicitada pelos autores, podemos entrever, portanto, que durante a Guerra Fria, Estados Unidos e União Soviética formaram aquilo que Elias (1970, p. 83), chama de interdependência funcional, isto é, uma configuração onde os movimentos de um grupo determinavam os movimentos do outro grupo e vice-versa. Um “lance” que potencialmente ilustra essa estrutura de dependência mútua foi, por exemplo, a retirada dos mísseis norte-americanos na Turquia no ano de 1962 e em resposta a desativação dos mísseis soviéticos instalados na Cuba de Fidel Castro no mesmo ano (HOBBSAWM, 1995, p. 227).

Entretanto, o que interessa, sobretudo, para o nosso argumento aqui é notarmos que foi exatamente nesse cenário de lutas para equilibrar a balança de poder, ora pendida para o lado norte-americano, ora para o lado soviético, que se desenrolou o “*match* do século”, ou seja, no período em que se iniciara a segunda fase da Guerra Fria por volta dos anos 1970. Vale ressaltarmos, que a própria denominação “*match* do século” é resultado de uma forte campanha midiática construída em torno do fato de Estados Unidos e União Soviética entrarem pela primeira vez frente a frente e fisicamente numa arena de guerra – a guerra simulada pelo jogo de xadrez.

Importante evocarmos aqui os aspectos miméticos e catárticos do jogo competitivo conforme sugeridos por Elias na parte introdutória do livro “A busca da excitação”. Para o autor, quando os indivíduos se encontram em situações de jogo, lhes é permitido vivenciar uma luta sem tantos perigos físicos que uma batalha real representaria. Trata-se, portanto, daquilo que o sociólogo chamou de combates miméticos, isto é, “(...) confrontos realizados por meio do jogo num contexto que pode originar uma excitação agradável, desencadeada pelo combate, com o mínimo de ferimentos nos seres humanos” (ELIAS, 1992a, p. 95).

Assim sendo, o “*match* do século” pode ser encarado como um confronto mimético, ou seja, uma disputa revestida de toda uma indumentária simbólica e que possivelmente gerou nos indivíduos uma carga de excitação fornecida pelo quadro imaginário de uma guerra entre dois extremos, a qual não se realizou objetivamente nos *fronts* de batalha, mas em palcos alternativos. Dito de outro modo, o “*match* do século” se caracterizou, de fato, como uma guerra protagonizada em um tabuleiro de xadrez, ou melhor, um capítulo de uma guerra, já

que o embate político entre capitalistas e socialistas também atingira e abrangera demais esportes, além de outros setores da vida social.

Quanto ao vínculo de interdependência social mantido entre Fischer e Spassky, é imperativo notarmos que o mesmo não se limitou ao confronto protagonizado na Islândia em 1972. Pelo contrário, esse vínculo entre os dois jogadores se tratava, já naquela época, de uma contingência histórica, visto que eles já eram adversários antigos, tendo se enfrentado em outras cinco oportunidades, com três vitórias para Spassky e dois empates.

Não podemos perder de vista ainda, o fato de que os dois jogadores estudavam reciprocamente o repertório enxadrístico um do outro, o que também caracterizou um grau de dependência mútua estabelecida entre eles. Na preparação para o *match* sabe-se, por exemplo, que Spassky treinou cerca de quatro meses com sua equipe técnica fornecida pelo governo soviético, dentre os quais se incluía o grande mestre Efim Geller, ao passo que Fischer se dedicou individualmente ao estudo das partidas de seu adversário (LASKER, 1999).

Todavia, é importante lembramos que o mais significativo vínculo de aproximação estabelecido entre Fischer e Spassky foi atingido, de fato, durante o “*match* do século”. E isso não simplesmente por se tratar de uma decisão de campeonato mundial, mas pelo fato de que os próprios países rivais a que ambos pertenciam terem se colocado nesta final a partir da figura dos dois jogadores em questão. Nesse sentido, faz-se necessário reiterarmos que os vínculos de interdependência não se evidenciam apenas nos casos de aliança, mas também quando grupos e indivíduos se rivalizam. Quanto a isso Elias melhor nos esclarece:

No caso de um jogo de futebol, possivelmente, não é muito difícil reconhecer a interdependência dos adversários, a interligação das suas acções e, desse modo, o facto de os grupos rivais constituírem uma única configuração. Talvez, no tempo presente, seja muito mais difícil reconhecer isto na sociedade em geral, onde igualmente, numerosos grupos são totalmente interdependentes e na qual, também, as acções e sentimentos recíprocos não podem ser reconhecidos se não compreenderem os oponentes em causa como uma única configuração. A este respeito, talvez o exemplo mais elucidativo seja a corrida aos armamentos entre duas superpotências. É um exemplo de um processo autoperpetuado, o qual não pode ser compreendido se alguém tentar perceber cada um dos lados de maneira isolada, isto é, independentemente do outro. Nesta situação, o equivalente de um processo de jogo, a corrida em auto-escalada aos armamentos, tem, também, uma relativa autonomia em relação aos objetivos e intenções dos grupos de dirigentes dos dois lados. Cada parte pode acreditar ser um agente livre, mas ambos são, de facto, cativos do processo de jogo que, também neste caso, provavelmente, toma um curso que não era intencional para nenhum dos lados (ELIAS, 1992a, p. 87-88).

Durante a Guerra Fria, a interdependência funcional e estrutural mantida entre Estados Unidos e União Soviética foi uma constante. Os vínculos possibilitados não no sentido de unir forças, mas de medir forças se confirmava a cada novo “lance” realizado no grande “tabuleiro

social”. Como exemplo dessa trama, podemos citar o fato de que, ao fim da Segunda Guerra, tanto a União Soviética quanto os Estados Unidos reduziram mutuamente seus exércitos, a fim de evitar dispêndios e investimentos desnecessários.

Entretanto, quando uma das potências demonstrava abrir uma vantagem numérica e qualitativa na produção de armamentos e demais produtos belicosos, a outra remanejava seus investimentos em pesquisa e aumentava a cota de produção interna desses equipamentos de guerra (KENNEDY, 1991). Além disso, devemos destacar no âmago desse processo, o importante papel desempenhado pelos serviços secretos de informação de ambos os blocos e sem o qual se impossibilitava conhecer os passos do adversário, seu potencial de investimento bem como o ritmo de produção armamentista. (HOBSBAWM, 1995; VIZENTINI, 2008).

Na oportunidade do mundial de 1972, os laços de interdependência entre os dois lados haviam se estreitado mais ainda, haja vista, por exemplo, que nesse período, segundo observa Hobsbawm (1995), além das inúmeras negociações políticas protagonizadas entre os dois países, o uso da famosa linha vermelha – sistema de telefonia que ligava o Kremlin à Casa Branca – havia se intensificado. Além disso, a idéia do tabuleiro de xadrez como simulacro de um confronto político e militar foi levado muito a sério pelas duas superpotências. Com efeito, é importante lembrarmos que desde 1940, Estados Unidos e União Soviética usavam uma espécie de protótipos do que viriam a ser os programas de computadores (que hoje conhecemos) para simular confrontos nucleares (JOHNSON, 2007).

Quanto ao “*match* do século”, a aspiração norte-americana possivelmente era desbancar a URSS de um dos postos que ainda mantinha sob sua hegemonia após a Segunda Guerra. É oportuno notarmos que a maestria do xadrez sempre esteve associada à inteligência, o que no contexto da Guerra Fria implicaria em associar a nação que viesse a ser derrotada como “menos inteligente”. Por sua vez, tais disseminações ideológicas, dentre outras, se faziam possíveis graças ao papel desempenhado pelos meios de comunicação de massa.

Outras situações também corroboram para avaliarmos o envolvimento do governo norte-americano e soviético na decisão do campeonato mundial de xadrez de 1972. É sabido, por exemplo, que quando Fischer se indispusera a continuar o *match* contra Spassky, Henry Kissinger – conselheiro especial do presidente norte-americano Richard Nixon – telefonou pedindo-lhe que não desistisse do campeonato, pois se tratava de algo muito importante para a nação norte-americana (CORDOVIL, 1973, p. 210).

Por outro lado, quando Fischer já caminhava a “passos largos” para a conquista do título mundial com 10,5 a 7,5 em seu favor, Sergei Pavlov – presidente da comissão oficial de desportos da URSS ao nível de ministério – recomendou, em duas oportunidades, que

Spassky abandonasse a decisão do mundial e regressasse ao seu país em protesto as injúrias do norte-americano durante o decorrer do campeonato (CORDOVIL, 1973, p. 292-293).

Óbvio que as possibilidades analíticas não se esgotam nos exemplos rapidamente evocados. Entretanto, tais situações evidenciadas são bastante pontuais e úteis para ilustrar algumas das estratégias utilizadas, consciente ou inconscientemente, pelo bloco soviético e norte-americano no sentido de procurar manter o equilíbrio estável da balança de poder na configuração social que ambos os países e seus aliados compunham na arena internacional; situações que, enfim, nos permitem inferir que a gênese do embate entre o sistema capitalista e socialista se deu preliminarmente no interior do campo político e econômico e se legitimou nos campos de produção dos bens culturais e simbólicos, como veremos a seguir.



A reconstrução dos estados europeus, após a Segunda Guerra Mundial, foi financiada basicamente com o dinheiro norte-americano visando, sobretudo, impor uma política de protecionismo econômico e de expansão dos mercados. Dito de forma mais precisa, depois da Segunda Guerra acentuou-se as dificuldades financeiras principalmente na Europa, visto que os países pertencentes a essa região do globo haviam sofrido grande desgaste econômico nesse período, restando-lhes aderir à economia de importação oferecida pelos EUA, a qual, em última análise, levou-os estados europeus a exaustão de suas reservas monetárias.

Entretanto, devemos notar que essa expansão do mercado norte-americano na Europa não foi aceita pacificamente e, pelo contrário, foi contraposta, primeiro, pelas tendências democratizantes dos movimentos antifascistas que conferiram representatividade aos chamados grupos políticos de esquerda e, segundo, pela existência de vias nacionais autônomas tanto no oeste como no leste europeu (VIZENTINI, 1996).

O governo norte-americano percebendo a ação diretiva e opositiva desses movimentos, oportuna e imediatamente proclamou a Doutrina Truman e, em seguida, lançou o Plano Marshall. A implementação dessas políticas se deu no ano de 1947. A Doutrina Truman foi lançada e legitimada através de um discurso do presidente norte-americano Harry Truman, no qual o mesmo defendia o auxílio dos Estados Unidos aos países europeus que estivessem sob ameaça de regimes considerados totalitaristas e opressores. O Plano Marshall, por sua vez, concedia empréstimos a juros baixos aos governos europeus para que, em seguida, exportassem mercadorias produzidas nos Estados Unidos (KENNEDY, 1991).

Importante frisarmos que o contraponto econômico da aceitação dessas políticas era considerável, já que as nações que se beneficiassem desse crédito deveriam abrir suas economias aos investimentos norte-americanos, o que, no caso das economias fracas (em especial as do leste europeu) ou devedoras (mais precisamente as dos países do ocidente europeu) representava abandonar parte de sua soberania demarcada de forma histórica e estrutural no universo das relações internacionais.

Some-se a essa análise o fato de que tais planos previam o aprofundamento da divisão de trabalho entre o ocidente europeu que centrava sua economia na indústria e o leste europeu que devia seu desenvolvimento econômico, até aquele momento, especialmente à agricultura (HOBBSAWM, 1995; VIZENTINI, 2008). Pautados nessas implicações e demandas, tanto a União Soviética quanto os países sob seu raio de influência recusaram-se a aceitar a ajuda norte-americana, percebida, pelo contrário, como uma invasão econômica que conduziria à perda de autonomia e representatividade no campo político e econômico.

Diante dessa conjuntura explicitada, podemos dizer, portanto, que a Doutrina Truman e o Plano Marshall lançaram as bases materialistas para a divisão da Europa em dois blocos político-militares. No entanto, apenas a inserção dessas políticas ainda não seria suficientemente representativa para demarcar a abertura e instituição da Guerra Fria. Além disso, a crença socialmente partilhada em torno do antifascismo e do pacifismo conforme previsto no Tratado de Yalta – acordo pós-guerra estabelecido entre Churchill, Roosevelt e Stalin em 1945 –, representava um contraponto ideológico de grande significância a implementação de uma nova guerra tão próxima da que, há anos antes, havia deixado a estrutura social e econômica européia completamente fragmentada e destruída.

Dito de outro modo e aproveitando o raciocínio do historiador Paulo Vinentini (2008, p. 200), para que a Guerra Fria, de fato, pudesse se estruturar de maneira incisiva no universo das relações internacionais, “era preciso lançar mão de poderosos mitos e imagens, que desarticulassem essa corrente e condicionassem a população a uma visão maniqueísta”. Daí a necessidade, sobretudo do bloco ocidental e capitalista, de estender e legitimar essa disputa no interior dos campos de produção dos bens simbólicos e culturais. Nesse sentido, os meios de comunicação, a arte e, em específico, o esporte foram *locus* e instrumentos pelos quais tanto os Estados Unidos quanto a União Soviética procuraram projetar ao mundo uma determinada proposta de sociedade “ideal”.

No que se refere aos meios de comunicação, ou melhor, às tomadas de posição dos agentes no interior do campo midiático, as estratégias utilizadas pelos dois blocos político-econômicos visavam, primeiramente, mobilizar a opinião pública em favor de um dos

sistemas e, em seguida, “demonizar” o concorrente (CASTORIADIS, 1982; BIAGI, 2001). É oportuno notarmos que nos Estados Unidos, os meios de comunicação não funcionavam sob o controle do Estado, o que, por sua vez, não significa que as implicações de ordem política se faziam ausentes no campo. Já na União Soviética, os meios de comunicação foram utilizados como um difusor ideológico controlado rigorosamente pelo partido comunista.

Nas produções culturais divulgadas e vendidas nos países de economia capitalista eram feitas constantes alusões anticomunistas que circulavam tanto de forma explícita quanto velada através dos mais variados veículos e plataformas de informação (ARBEX JÚNIOR, 1997). Todavia, temos a impressão de que esse uso político dos produtos e bens culturais no interior dos mais distintos campos não foi calculado e projetado conscientemente pelos agentes e estruturas responsáveis pela produção dos referidos bens e práticas, o que, por sua vez, não significa que os mesmos eram passivos diante das demandas e dinâmicas sócio-culturais e políticas decorrentes com e da Guerra Fria.

Além disso, devemos frisar que no ocidente divulgava-se e veiculava-se, através da venda de produtos e bens culturais, a imagem dos comunistas como “máquinas” a serem vencidas: fortes, frios e calculistas, incapazes de sorrir ou então expressar qualquer traço humanista. Um interessante exemplo desta caricaturização do “indivíduo do outro lado” é o filme “*Rocky IV*” de produção norte-americana e no qual o personagem soviético representava uma verdadeira “máquina assassina”, enquanto o norte-americano – prestativo e sensível – lutava avidamente para vingar a morte de seu amigo, morto no ringue pelo boxeador soviético (CRUZ et al., 2005).

Por outro lado, as ações políticas do governo soviético, expressas através da produção de bens culturais e artísticos foram direcionadas, impreterivelmente, para dentro dos estados socialistas, ressaltando, sobretudo, sua superioridade frente ao imperialismo capitalista a partir do discurso sobre a inevitável vitória do comunismo na tessitura social mais ampla. Valores pautados no otimismo, nacionalismo, sucesso do regime, ameaça exterior e produtividade foram temas invariavelmente enfatizados.

Cabe ainda lembramos a importância da propaganda para o regime socialista como arma de divulgação dos valores estatais. Por sua vez, a disseminação desses ideais e crenças se davam, sobretudo, a partir da ação diretiva e militante dos integrantes do partido comunista e de modo a difundir homogeneamente a doutrina ao longo das teias sociais e politizar o bloco como uma massa popular uniforme (CHOMSKY, 2003).

A produção artística soviética também foi fortemente influenciada e direcionada pelo sistema comunista. A “arquitetura imponente” e as “esculturas colossais” dos líderes e



trabalhadores soviéticos tinham segundo Noam Chomsky (2003), a função de impor a imagem desses agentes ao povo na condição de autoridades oficiais indiscutíveis. Exemplo dessa inserção se deu, de modo mais incisivo, durante o governo de Stalin, quando o realismo soviético nas artes e o culto à personalidade do estadista se estabeleceram como as estratégias de maior destaque e eficácia. Quanto à mídia soviética, é importante frisarmos que a mesma filtrava as notícias internacionais e reiterava o papel soviético no contexto mundial, tendo também o intuito de politizar a população conforme a doutrina regente do partido comunista.

Essas disputas, por sua vez, não se limitavam apenas ao raio de ação do campo midiático e artístico. Dentre outros espaços sociais, o campo esportivo também foi palco do embate entre capitalistas e socialistas. A propósito, podemos dizer que os Jogos Olímpicos de Helsinque de 1952 foi o primeiro grande evento esportivo no qual os dois blocos político-ideológicos procuraram demonstrar a superioridade de um regime ao outro através do desempenho dos seus atletas, dos resultados obtidos nos estádios, ginásios e piscinas, da distribuição das medalhas e, principalmente, do uso midiático do desempenho esportivo dessas duas nações e, é claro, dos demais países influenciados diretamente por seus sistemas político-econômicos (SIGOLI; DE ROSE JÚNIOR, 2004).

É sempre bom lembrarmos que a União Soviética iniciou sua participação em Jogos Olímpicos exatamente na edição de Helsinque em 1952. Na edição de 1948 em Londres, a nova potência mundial optou por não comparecer e, dessa forma, não medir forças com a hegemonia esportiva norte-americana expressa no campo esportivo, sobretudo, através da boa performance de seus atletas nos esportes olímpicos. Ao invés de participar, a União Soviética resolveu enviar um corpo de especialistas para analisar os atletas e os métodos de treinamento adotados pelos países capitalistas. Nos anos que se seguiram, o governo soviético destinou grandes recursos a projetos de massificação e especialização esportiva, visando formar atletas de alto nível que representassem a ideologia comunista nos jogos (SIGOLI; DE ROSE JÚNIOR, 2004; CARDOSO, 2000; LANCELOTTI, 1996).

Entretanto, o retorno material e simbólico esperado pelo regime comunista só veio nos Jogos Olímpicos de 1956 em Melbourne, quando a União Soviética conseguiu superar os Estados Unidos no número de medalhas de ouro/prata/bronze e, por conseguinte, no número total de medalhas. Na edição dos jogos de 1960 em Roma, novamente a União Soviética repetiu o feito. Já nos Jogos Olímpicos de Tóquio e Cidade do México, realizados respectivamente em 1964 e 1968, os Estados Unidos recuperou o posto de primeiro lugar no quadro geral de medalhas. A União Soviética, nas duas ocasiões, ficou em segundo lugar,

tendo, sobretudo, somado mais medalhas que os Estados Unidos na edição dos Jogos realizados em Roma (CARDOSO, 2000).

Nos Jogos Olímpicos de 1972 em Munique, a União Soviética terminou em primeiro lugar com dezessete medalhas de ouro a mais que os Estados Unidos que ficou na segunda colocação. Em 1976, nos Jogos de Montreal, não apenas a União Soviética se colocou na frente dos Estados Unidos, mas também a Alemanha Oriental que, a propósito, também era controlada pelo regime comunista soviético. Em 1980, os Jogos Olímpicos foram realizados em Moscou, e os Estados Unidos por questões aparentemente políticas resolveu boicotar essa edição dos jogos juntamente com mais 61 países que aderiram ao apelo do presidente norte-americano Jimmy Carter.<sup>41</sup>

A justificativa de ordem política para a boicotagem desses países aos jogos de Moscou se deu especificamente pela invasão das forças soviéticas ao Afeganistão em dezembro de 1979. Entretanto, também é importante buscarmos outros motivos para explicar o referido boicote a partir da história estrutural relativamente autônoma do esporte, já que os Estados Unidos muito provavelmente não ultrapassaria a União Soviética em número de medalhas de ouro, pelo fato de que a estrutura esportiva soviética, naquele momento, talvez estivesse mais bem preparada e, além disso, porque a URSS era anfitriã dos jogos, o que potencialmente maximizaria mais ainda o desempenho de seus atletas.

Em 1984, na edição dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, foi a União Soviética, Alemanha Oriental, Cuba e demais países sob a zona de influencia comunista que resolveram boicotar os jogos. Não obstante, o boicote do bloco soviético teve menor abrangência devido a uma grande campanha iniciada anos antes pelo COI, e que, dessa forma, havia convencido muitos países a participarem dessa edição dos Jogos Olímpicos (SIGOLI; DE ROSE JÚNIOR, 2004; RUBIO, 2010). Um dado interessante, a ser lembrado dos Jogos Olímpicos de Los Angeles é o fato do mesmo ter sido o primeiro na história a ser financiado majoritariamente pela iniciativa privada, demonstrando ao mundo que a relação entre esporte e as grandes corporações é eficaz e proporciona grandes espetáculos (SIGOLI; DE ROSE JÚNIOR, 2004).

Finalmente em 1988 na cidade de Seul, as duas potências tornaram a se enfrentar pelos Jogos Olímpicos. Na oportunidade, a União Soviética conseguiu conquistar dezenove medalhas de ouro a mais que os Estados Unidos que ficou em terceiro lugar, atrás ainda da

---

<sup>41</sup> Informações disponíveis em: < <http://olimpiadas.uol.com.br/2008/historia/1980/historia.jhtm> > Acesso 19 out. 2009.

Alemanha Oriental.<sup>42</sup> Nos Jogos Olímpicos de 1992 realizados em Barcelona, a URSS, já então desintegrada, competiu representando a Comunidade dos Estados Independentes (CEI) e fechou em primeiro lugar no ranking de medalhas, seguida de perto pelos Estados Unidos que ficou com a segunda colocação geral (CARDOSO, 2000).

De forma bastante sintética, essa são algumas das principais tensões protagonizadas no interior do campo midiático, artístico e esportivo por conta da Guerra Fria. No que se refere às tomadas de posição político-ideológicas refletidas e construídas no universo de concorrência esportiva, devemos frisar que embora o confronto olímpico seja alusivo e esclarecedor sobre as dimensões do embate entre socialistas e capitalistas durante o período da chamada Guerra Fria, é importante lembrar que a disputa travada por Estados Unidos e União Soviética no campo esportivo não se resumiu única e exclusivamente à agenda dos Jogos Olímpicos. Dito de outro modo, o embate entre o sistema capitalista e socialista durante esse período de aproximadamente cinquenta anos também foi protagonizado em outros eventos esportivos, deixando marcas tão profundas na história social do esporte quanto àquelas que foram construídas e constituídas por ventura e pela ocasião dos Jogos Olímpicos.

Em que se pesem tais pressupostos e argumentos sustentados na análise até aqui empreendida, podemos considerar, portanto, o “*match* do século” protagonizado no subcampo do xadrez em 1972 como um bom exemplo desses eventos com conotação político-ideológica que se legitimaram no interior do campo esportivo de modo a direcionar as tomadas de posições dos agentes segundo as sanções do mercado e segundo a lógica das disputas travadas no campo político. Vejamos algumas dessas implicações:

Em primeiro lugar, devemos lembrar os esforços políticos que foram realizados para que Bobby Fischer pudesse disputar o torneio interzonal de Palma de Mallorca em 1970 e, conseqüentemente, o torneio de candidatos em 1971, sem os quais o mesmo não poderia ter conquistado o direito de ir à final contra Spassky. Oficialmente, os classificados para disputar o torneio interzonal de 1970 representando os Estados Unidos foram os enxadristas William Addison, Samuel Reshevsky e Paul Benko que haviam conquistado as vagas no torneio zonal norte-americano um ano antes.

No entanto, é imperativo frisarmos que apesar desses enxadristas supracitados se distinguirem, de fato, como jogadores de alto nível, os mesmos, objetivamente falando, não tinham grandes condições de desbancar Spassky e conquistar o título mundial para os Estados Unidos (BJELICA, 1992). Amparado nesse raciocínio o coronel Edmund B. Edmondson –

---

<sup>42</sup> Informações disponíveis em: < <http://olimpiadas.uol.com.br/2008/historia/1988/historia.jhtm> > Acesso 19 out. 2009.

diretor executivo da federação norte-americana de xadrez – convenceu Fischer, que estava inativo há dezoito meses, a retornar aos torneios de xadrez. Uma segunda medida tomada por Edmondson foi articular uma estratégia de negociação para que Fischer pudesse disputar o torneio interzonal.

Convicto de que a FIDE já havia cedido a muitas reivindicações de Fischer, Edmondson primeiramente propôs que o enxadrista fosse incluído no próximo interzonal por se tratar do jogador número um do ranking norte-americano – sistema que inclusive a FIDE mais tarde admitiria para realizar uma classificação mundial dos jogadores (MORAN, 1972, p. 67). No entanto, essa proposta não foi aceita. Então Edmondson realizou outra proposta, que consistia na possibilidade de desistência de um dos classificados no torneio zonal norte-americano de modo que Fischer viesse a ocupar essa vaga. Nesse caso, a FIDE não apresentou objeções.

Restava agora a Edmondson convencer um dos três enxadristas norte-americanos classificados para o torneio interzonal de desistir de sua participação e ceder o posto a Fischer. Por uma boa compensação oferecida pela federação norte-americana de xadrez, Paul Benko acabou aceitando a proposta (BJELICA, 1992, p. 135). No entanto, alguns anos mais tarde Benko declarou que a idéia dessa troca havia sido arquitetada por ele e que jamais teria feito isso por outro jogador senão Fischer, afinal acreditava que somente esse enxadrista tinha possibilidades reais e concretas de conquistar o inédito título para os Estados Unidos (EDMONDS; EIDINOW, 2007, p. 110).

O torneio interzonal de Palma de Mallorca – uma ilha localizada na Espanha – foi realizado entre os dias 08 de novembro e 13 de dezembro de 1970. Grandes nomes do xadrez mundial participaram do referido torneio, dentre os quais, Efim Geller, Vasily Smyslov, Mark Taimanov e Lev Polugaievski da União Soviética, Lajos Portisch da Hungria, Bent Larsen da Dinamarca, Wolfgang Uhlmann da Alemanha Oriental, Robert Hübner da Alemanha Ocidental, Svetozar Glicoric da Iugoslávia, Henrique da Costa Mecking do Brasil, além é claro, de Bobby Fischer que foi o vencedor e a grande sensação do torneio (MORAN, 1972, p. 68-69; EDMONDS; EIDINOW, 2007, p. 111).

Os seis primeiros colocados no torneio interzonal de Palma de Mallorca foram então, respectivamente, Fischer, Larsen, Geller, Hübner, Taimanov e Uhlmann. Em 1971, esses enxadristas juntaram-se ao ex-campeão mundial Tigran Petrosian e a Viktor Kortchnoi – finalista no torneio de candidatos de 1968 – para disputarem o torneio de candidatos que revelaria o adversário de Spassky em 1972. O primeiro desafiante de Fischer nesse torneio qualificatório para disputa do título mundial foi o soviético Mark Taimanov. O referido *match*

correspondente então às quartas-de-final do torneio de candidatos foi realizado na cidade canadense de Vancouver em uma série melhor de 10 partidas, sendo que o jogador que somasse primeiramente 5,5 pontos estaria apto a avançar as semifinais.

Por um placar de 6 a 0 Fischer desbancou Taimanov. A repercussão desse resultado foi bastante negativa na União Soviética. Placar igual a esse só havia se construído na “história esportiva” do xadrez em 1876 quando Steinitz venceu Blackburne por 7 a 0 em um *match* histórico realizado na cidade de Londres (MORAN, 1972, p. 71). Ao retornar a seu país, Taimanov teve que dar explicações oficiais ao Comitê de Educação Física e Esportes – órgão equivalente aos demais ministérios estatais controlados pelo partido comunista na União Soviética.

Como medida punitiva para o mau desempenho apresentado pelo enxadrista soviético diante do adversário norte-americano na competição, o ministro de Educação Física e Esportes, Sergei Pavlov, sugeriu que fosse retirado seu título de grande mestre. Todavia, isso não foi possível e Pavlov foi advertido de que não era competência do governo soviético dar ou retirar tais títulos de um jogador. Como consequência política de sua derrota, Taimanov teve então seus bens e patrimônios confiscados, além de ter sido proibido de dar concertos e aulas de piano por tempo indeterminado em seu país e no exterior (EDMONDS; EIDINOW, 2007, p. 117).

Nas semifinais do torneio de candidatos, o adversário de Fischer foi o dinamarquês Bent Larsen que havia vencido Uhlmann em seu *match* de quartas-de-final. Após acordos entre os jogadores, suas respectivas federações e a FIDE, o lugar escolhido para celebração do *match* foi a cidade norte-americana de Denver. Larsen também foi derrotado por Fischer pelo placar de 6 a 0. Depois do encontro, Larsen declarou que em Denver fazia um excessivo calor e a altitude da cidade era muito elevada, o que, segundo o enxadrista, comprometeu seriamente seu desempenho. Seu grande equívoco insistiu Larsen, foi ter aceitado jogar na cidade que havia sido sugerida pelo norte-americano (MORAN, 1972, p. 73).

Após sua classificação invicta para a final do torneio de candidatos, Fischer recebeu a seguinte carta do presidente norte-americano Richard Nixon:

Quería añadir mis felicitaciones personales a las muchas que ya habrá recibido. Su racha de de diecinueve victorias consecutivas en una competición mundial carece de precedentes, y tiene todos los motivos para sentirse muy satisfecho de su soberbio logro. Mientras se prepara para enfrentar-se al ganador del encuentro entre Petrosian y Korchnoi, no le quepa duda de que sus compatriotas le estarán dando ánimos. ¡Buena suerte! (EDMONDS; EIDINOW, 2007, p. 119).

Interessante notarmos nessa fala traços de um *habitus* nacionalista norte-americano equivalente a relativa posse de um capital simbólico adquirido no espaço das tomadas de posições no campo esportivo e, mais especificamente, naquele momento histórico, no subcampo esportivo do xadrez. Esse trecho também nos confirma no entendimento de que enfrentar a União Soviética em um esporte que há algumas décadas vinha representando a ideologia comunista e, além disso, com possibilidades reais de vitória, era algo dotado de enorme significância política e simbólica nos Estados Unidos.

Avançando na exposição dos argumentos, convém frisarmos que a final do torneio de candidatos também se revestiu de certa indumentária simbólica e mimética. Segundo os pesquisadores David Edmonds e John Eidinow (2007, p. 120), esse *match* protagonizado entre o enxadrista soviético (armênio) Tigran Petrosian e o enxadrista norte-americano Bobby Fischer foi um prelúdio do circo midiático de Reykjavik. O encontro entre Petrosian e Fischer foi realizado, a saber, na cidade de Buenos Aires, embora durante as negociações o enxadrista soviético tivesse insistido para jogar na cidade de Atenas. Todavia a capital argentina, havia oferecido mais dinheiro e melhores condições para realizar o *match* do que a capital grega. Sob essa circunstância, os dois jogadores bem como suas federações e a FIDE optaram pela oferta argentina, escolha essa, é sempre bom lembrar, que coincidia mais incisivamente com as tomadas de posição de Fischer.

Buenos Aires era uma das capitais do xadrez mundial, com cerca de sessenta clubes funcionando e oferecendo essa prática à população local e, principalmente, aos aficionados. Para organizar o *match* foram oferecidos sete mil e quinhentos dólares para o vencedor e quatro mil e quinhentos dólares para o perdedor. O confronto disputado em melhor de doze partidas teve lugar no Teatro General San Martín – centro da vida cultural citadina e localizado na famosa Avenida Corrientes, a Broadway argentina (MORAN, 1972, p. 73; EDMONDS; EIDINOW, 2007, p. 120).

Seria considerado vencedor o enxadrista que antes somasse 6,5 pontos. Ao término da quinta partida, o *match* estava empatado por 2,5 a 2,5 com uma vitória para cada lado e três empates. No entanto, as quatro próximas partidas foram vencidas por Fischer que assim conquistou o direito de no ano seguinte disputar a final do título com o atual campeão mundial Boris Spassky.

Em 03 de janeiro de 1972 foram então iniciadas as negociações para a realização do *match* entre Spassky e Fischer. A primeira medida tomada pela FIDE foi estabelecer um consenso juntamente com os dois enxadristas finalistas e suas respectivas federações, sobre a escolha da cidade-sede para o evento. Spassky elaborou uma lista elencando as quatro cidades

de sua preferência: Reykjavik, Amsterdam, Dortmund e Paris. Fischer procedeu do mesmo modo e sugeriu as seguintes cidades: Belgrado, Sarajevo, Buenos Aires e Montreal.

Como podemos perceber as listas elaboradas pelos jogadores, de fato, eram bem distintas. Diante desse impasse, o presidente da FIDE, Max Euwe, propôs no dia 14 de fevereiro de 1972 que o *match* fosse realizado em duas cidades: a primeira série de doze partidas em Belgrado e a segunda série de doze partidas em Reykjavik (GONZÁLEZ, 1972). Cabe notarmos que a proposta não agradou a nenhuma das cidades apontadas. Em Reykjavik, a preocupação era que um dos jogadores conseguisse tal vantagem de pontos na primeira parte do *match* que quando o campeonato fosse transferido para Islândia, o resultado já seria irreversível. Em Belgrado, por sua vez, a preocupação era que a melhor e mais lucrativa parte do *match* seria realizada em Reykjavik (BJELICA, 1992; EDMONDS; EIDINOW, 2007).

Finalmente, em 20 de março de 1972 esse acordo foi formalizado em reunião presidida na cidade de Moscou com os representantes da federação soviética, norte-americana, islandesa e iugoslava de xadrez, além é claro, dos representantes da FIDE. No entanto, alguns dias depois, o enxadrista Bobby Fischer enviou uma carta recusando o acordo assinado por Edmondson, e na qual ameaçava não comparecer ao *match* caso não se modificassem os acordos econômicos de modo que todos os ingressos dos campeonatos, descontando os gastos, fossem revertidos para os jogadores, além de uma cota dos direitos televisivos (LIMA, 2002a; EDMONDS; EIDINOW, 2007, p. 154-155).

Perplexos com essa situação, os organizadores iugoslavos pediram uma garantia de 35 mil dólares para a realização dos jogos, já que as freqüentes exigências e o histórico de faltas de Fischer em torneios poderiam comprometer o andamento e, até mesmo, a realização e continuidade do *match*. Todavia, a federação norte-americana de xadrez era uma associação amadora que não tinha receita própria, e muito menos condições autônomas para levantar essa quantia exigida (LIMA, 2002a). Os soviéticos, por sua vez, não demonstraram nenhuma objeção ao pagamento desse valor e assentiram ao pedido iugoslavo. Edmondson apresentou resistências e insistiu que qualquer garantia desse gênero era ilegal, o que, em última análise, levou os iugoslavos a retirarem sua oferta para sediar o *match* (EDMONDS; EIDINOW, 2007, p. 155).

Então se desencadeou um novo trâmite e Reykjavik assumiu a função de organizar o confronto por completo. O presidente da federação islandesa Gudmundur Thorarinsson acreditava que o referido confronto não apenas seria o “*match* do século”, mas o *match* de todos os tempos. É importante frisarmos que os esforços de Thorarinsson para que a Islândia organizasse o *match* não era um ato desinteressado. Pelo contrário, seu objetivo principal se

constituía em aproveitar a oportunidade do *match* para lançar as bases de uma futura e possível carreira política em seu país (EDMONDS; EIDINOW, 2007).

Thorarinsson viu esse ideal político e simbólico ser comprometido, quando as vésperas da realização da cerimônia oficial de abertura do *match*, soube que o enxadrista Bobby Fischer ainda não havia chegado à Islândia. Seu receio era ser lembrado como organizador de um *match* que não aconteceu. De fato, o cerimonial de abertura do *match* foi realizado sem a presença do enxadrista norte-americano no dia 1º de julho de 1972, às oito horas da tarde no Teatro Nacional de Reykjavik (MORAN, 1972).

A primeira partida do confronto estava marcada para dia 02 de julho às 05 horas da tarde no Palácio de Esportes Laugardals-Hollei. Quando faltavam duas horas para que se iniciasse a partida, Max Euwe, já informado de que Fischer não compareceria ao jogo, convocou uma coletiva à imprensa e declarou oficialmente que se o norte-americano não chegasse à Islândia até o meio-dia do dia 04 de julho, o *match* estaria cancelado e Spassky retornaria a Moscou para defender seu título diante de Petrosian (GONZÁLEZ, 1972).

No entanto, não foram essas as circunstâncias e ameaças que fizeram Fischer mudar de idéia. Além do telefonema especial de Henry Kissinger, pedindo para que o enxadrista reconsiderasse sua posição em honra aos Estados Unidos, a oferta do banqueiro londrinense Jim Slater de dobrar a premiação do *match* de 125 mil dólares inicialmente oferecidos pela Islândia para 250 mil dólares, contrabalançou a situação de modo que Fischer se dispôs a tomar um avião de Nova York e por volta das sete da manhã do dia 04 de julho desembarcar no Aeroporto Internacional de Reykjavik para jogar o *match* contra Spassky (SEGAL, 1972, p. 13; BJELICA, 1992, p. 79).

Euwe concedeu uma semana de adiamento ao *match* por conta de reivindicações da equipe soviética. Nesse meio tempo, Fischer aproveitou para pedir desculpas oficiais a Spassky através de uma carta enviada ao hotel em que o jogador se hospedava. Nessa semana de folga, ainda veio uma notícia de Moscou alegando que um computador seria usado em Nova York para ajudar Fischer, de modo que o mesmo receberia as jogadas, calcularia e retornaria o melhor lance a ser executado pelo enxadrista norte-americano (LIMA, 2002a).

No entanto, essa hipótese foi tida como ridícula, afinal, em 1972, os computadores ainda tinham pouca capacidade de processamento e jogavam muito pior do que qualquer mestre. Seria preciso aguardar 25 anos até que o programa *Deep Blue* da IBM (International Business Machines) vencesse Garry Kasparov (LIMA, 2002a). Cabe aqui notarmos que por mais descabidas que fossem tais alegações e especulações, as mesmas eram muito comuns e rotineiras no universo em questão, povoando o imaginário popular e constituindo uma *doxa*



bastante rentável (aquilo que no capítulo que segue chamaremos de “teoria da conspiração”) a ser noticiada e vendida pela imprensa escrita e televisada.

No dia 11 de julho de 1972, finalmente, iniciou-se então a disputa para definir o título de campeão mundial de xadrez. Spassky venceu a 1ª, a 2ª e a 11ª partida. Fischer, por sua vez, venceu a 3ª, a 5ª, a 6ª, a 8ª, a 10ª, a 13ª e a 21ª partida. Os demais jogos terminaram empatados totalizando onze partidas. A 21ª partida que consagrou Fischer como campeão mundial de xadrez se realizou no dia 31 de agosto de 1972.

Convém reiterarmos que esse período de quase dois meses foi caracterizado por muitas indisposições de ordem política, sobretudo, do lado soviético. A partir do momento em que Fischer tomou a frente no *match* na sexta partida, Spassky e sua equipe receberam orientação do Comitê de Educação Física e Esportes da União Soviética para que não fizessem mais nenhuma concessão a Bobby Fischer. Contudo, o ápice desse embate simbólico se deu logo após a 17ª partida realizada no dia 22 de agosto, quando os dirigentes da equipe soviética acusaram os norte-americanos de estarem usando dispositivos eletrônicos e uma substância química para enfraquecer Boris Spassky (MORAN, 1972; BJELICA, 1992).

No dia seguinte, os organizadores islandeses convocaram dois renomados estudiosos locais detentores de um volume expressivo de capital científico – Dadi Augustin e Sigmundur Gudbjarnason – para averiguarem o cenário em que o *match* estava sendo protagonizado. A cadeira de Fischer e a iluminação do palco também foram alvos das análises (EDMONDS; EIDINOW, 2007). No entanto, o ponto incisivo desse episódio se deu quando Dadi Augustin adentrou ao local de jogo, sacudiu um saco plástico no interior da sala em que se realizavam as partidas, e em seguida selou-o, escrevendo numa etiqueta: “Ar do palco”. O laudo final dessa inspeção sugeriu a presença de duas moscas mortas no equipamento luminoso, o que provocou hilaridade por parte da imprensa (LIMA, 2002b).

Como última observação do capítulo e resumo da análise empreendida, podemos dizer, portanto, que essas, dentre outras argumentações e suspeitas levantadas pelos soviéticos, são bastante esclarecedoras do quão importante era a disputa daquele título para o bloco comunista, afinal as inúmeras e consecutivas vitórias que a União Soviética havia conseguido perpetuar no subcampo do xadrez desde 1948 confirmavam, segundo o sistema de crenças difundido no país, a superioridade do sistema soviético sobre os Estados Unidos em termos de solicitação das faculdades intelectuais e desenvolvimento cultural, industrial, tecnológico e esportivo.

Até aqui procuramos nos ater especialmente às estruturas de longo prazo expressas na “história esportiva” do xadrez e na história social da Guerra Fria. Se por um lado estamos

cientes de não ter sido possível contemplar e aprofundar todas as frentes de apreciação abertas a respeito dessas respectivas estruturas, por outro, temos o sentimento de ter devidamente contextualizado-as a partir da incursão empírico-teórica suscitada nas páginas anteriores e de modo que, no capítulo que segue, fique claro que o movimento de *crystalização* do xadrez e a ressignificação de sua concorrência no interior do campo esportivo não se trata de um recorte tendencioso de nossa imaginação ou de uma apreensão imediatista da realidade, mas, ao invés disso, de retomadas sociais legitimadas pelos agentes no subcampo do xadrez e objetivamente estruturadas, sob o peso das demandas históricas e políticas da Guerra Fria, no universo representacional e estrutural que constitui o próprio campo esportivo.

## CAPÍTULO III – ABERTURAS

### 3.1 OS CONTORNOS MERCANTIS, ESPETACULARES E MIMÉTICOS DA OFERTA ENXADRÍSTICA DURANTE O “MATCH DO SÉCULO” EM 1972

A mercantilização e a espetacularização das práticas esportivas tratam-se de processos sociais que vem se desenvolvendo de forma relacional e estruturante no interior da sociedade capitalista. Como pudemos ver no capítulo anterior, a expansão e, é claro, a reprodução da lógica estrutural do mercado norte-americano pela Europa, em termos logísticos e materiais, se deu objetiva e exclusivamente logo após a Segunda Guerra Mundial e sob a forma velada de reconstrução dos estados europeus, com exceção da União Soviética e dos países sob seu raio de influência que rejeitaram ao máximo a intervenção financeira norte-americana e se reergueram basicamente a custa de suas próprias estratégias e negociações no campo econômico e no universo das relações internacionais.

Durante o período da Guerra Fria, a dinâmica social de funcionamento do mercado estadunidense, pautada nas estratégias do marketing, da visibilidade empresarial e do *show business*, se impôs de uma forma mais contundente pela Europa e pelos chamados países de Terceiro Mundo. Algumas consequências políticas dessa expansão mercadológica inerente ao cenário histórico evocado foram sintetizadas pelo historiador brasileiro Paulo Vinentini:

Um traço fundamental da sociedade industrial do Oeste europeu e americana foi o estabelecimento de um elevado padrão de consumo acessível à maior parte da população desses países. A opção pelo consumo em massa tinha alguns objetivos e implicações importantes: prestigiava o modelo capitalista, identificado com a imagem do *american way of life*; implicava o recuo da participação política, reduzida a rituais eleitorais; produzia o declínio numérico da esquerda ou adoção de posturas cada vez mais moderadas; e, finalmente, aprofundava as relações econômicas desiguais entre centro e periferia, em proveito das sociedades de consumo superdesenvolvidas (VIZENTINI, 2008, p. 205).

Com efeito, essa série de fatores apontada pelo autor só poderia obter eficácia e durabilidade social se estivesse objetivamente erigida sobre fortes políticas de Estado, o que, de fato, foi levado adiante como base na efetivação da Doutrina Truman e do Plano Marshall. Com as novas regras do “jogo mercadológico” institucionalizadas no mundo pós-Segunda Guerra, restava então aos países negociarem suas alianças comerciais de modo a recolocar, ao menos no plano das aparências, o mundo sob as leis de “igualdade” de um só mercado global.

No entanto, apesar desses desdobramentos serem centrais para compreendermos os efeitos e implicações políticas do processo de constituição de uma sociedade pautada predominantemente no consumo, o que, sobretudo, interessa para o nosso argumento é entender que a recepção em cadeia da lógica mercantil norte-americana, cujo efeito mais perverso foi e continua sendo a disseminação de uma ideologia meritocrática de acesso dos agentes ao mundo social, não se consolidou simplesmente na abertura de um mercado global de produção e consumo em massa de bens materiais, mas exatamente no apelo simbólico inerente a oferta de tais produtos com potencialidade de mobilizar a opinião pública e encontrar aceitação pelas redes de consumidores. Sem dúvida essa foi uma das vias que favoreceu o desenvolvimento e divulgação de práticas esportivas com contornos miméticos e espetaculares. Entretanto, devemos lembrar que no âmago desse processo, a imprensa escrita e, principalmente, a televisionada teve um papel propulsor dos mais fundamentais e decisivos.

Dito em outros termos, a espetacularização das práticas esportivas como fenômeno de dimensão e alcance global deve muito ao “jogo simbólico” da Guerra Fria protagonizado entre Estados Unidos e União Soviética durante a metade final do século XX. No entanto, devemos frisar que esse entendimento não implica em atribuir única e exclusivamente o desenvolvimento de uma sociedade com dimensões espetaculares às demandas simbólicas e miméticas da Guerra Fria. Em contrapartida, também somos inclinados a rejeitar explicações que alegam o aparecimento do esporte-espetáculo como uma consequência quase que natural e óbvia do desenvolvimento da economia capitalista pós-industrial.

Por sua vez, tais delineamentos teóricos ligeiramente expostos não são inéditos e foram estruturados a partir do modelo de análise sociológica dos campos de Pierre Bourdieu. A nosso ver, essas inter-relações estabelecidas entre uma economia propriamente material e outra simbólica é um dos grandes méritos e inovações propostas pelo autor francês ao longo de sua obra. A propósito, a constante reconversão de relações abstratas em relações concretas e vice-versa, foram trabalhadas por ele na sistematização de análise dos mais diversos campos sociais: campo artístico, político, econômico, esportivo, midiático. Tais campos, por sua vez, tendem a reproduzir veladamente a estrutura do campo do poder e conservam como lei geral, dosado os limites impostos por suas histórias estruturais relativamente autônomas, o fato de se inter-relacionarem entre si, o que talvez explique a circunscrição de alguns valores e práticas de ordem simbólica e material entre ambos.

Subsidiados por essa leitura relacional é possível afirmar, portanto, que o campo esportivo como *locus* social onde se vinculam práticas materiais e simbólicas tem em sua especificidade constituinte o fato de se inter-relacionar mais diretamente com o campo

econômico, político e midiático. Aliás, é exatamente por conta dessa circunscrição de valores, práticas, agentes e estruturas que se reuniram as condições sociais necessárias para que processos como, a espetacularização e a mercantilização das práticas esportivas, viessem à tona e fossem exteriorizados no campo sob a forma de oferta e interiorizados nos agentes como disposições consumistas associados à economia do gosto e da distinção.

Além disso, essas relações materiais e simbólicas, ou melhor, essa economia abstrata e concreta das práticas sociais exteriorizadas nos campos invariavelmente se entrelaça à construção da história relativamente autônoma das mais distintas modalidades esportivas. Nesse particular, convém notarmos que durante a discussão suscitada na primeira parte do *capítulo II*, foi possível verificarmos a compatibilidade desse argumento com a leitura da realidade empírica que constitui o universo de produção e circulação dos bens enxadrísticos. Em outras palavras, tivemos então a oportunidade de perceber que a “história esportiva” relativamente autônoma da modalidade de xadrez, construída pelos agentes em meio a lutas e tensões, se encaminhou tanto pelas trilhas simbólicas quanto materiais que prescrevem e orientam a constituição da sociedade moderna.

É sempre bom lembrarmos que essa tendência de desenvolvimento da “história esportiva” do xadrez conforme verificada nas literaturas enxadrísticas, não se delineou de forma uniforme e linear, mas em meio a uma série de irregularidades e rupturas. Por sua vez, essa percepção histórica nos conduz ao entendimento de que algumas práticas esportivas e culturais igualmente ao que ocorrera com o xadrez, podem, de fato, ter passado por alguns deslocamentos mercantis e espetaculares ao longo de suas histórias, o que, com a devida comprovação empírica trazida à tona, mais uma vez, reforçaria os referidos processos como condições estruturais de determinados momentos históricos do desenvolvimento da sociedade.

Na esteira dessa análise e com o respaldo das amarrações empírico-teóricas que até aqui foram feitas, podemos considerar, portanto, o “*match* do século” de 1972 como um momento de irregularidade e de dimensão única na “história esportiva” do xadrez. Dito de forma mais específica, o pressuposto que sustentamos é que no interior desse contexto histórico-social configurado, os rumos da modalidade de xadrez no campo esportivo foram decisivamente orientados na perspectiva da mediação entre a economia abstrata e material das práticas, entre a espetacularização e a mercantilização do fenômeno esportivo.

Em síntese e retomando nossa hipótese original lançada na introdução do trabalho, entendemos que durante o “*match* do século” – e aqui se inclua o período que ligeiramente antecedeu e sucedeu o confronto – a economia abstrata e a economia concreta relativas ao gerenciamento da prática enxadrística haviam se consolidado no interior do campo esportivo,

de modo a reordenar os padrões históricos de oferta e consumo da modalidade. A esse processo atribuímos o nome de *cristalização* justamente por evidenciar um período em que o entrelaçamento entre os contornos mercantis, espetaculares e miméticos conferidos a oferta do xadrez representou a consolidação da modalidade frente à lógica de distribuição e consumo das demais práticas esportivas no contexto histórico em questão.

Nesse subcapítulo, pretendemos nos debruçar mais detidamente sobre essas dimensões alcançadas pela oferta e demanda enxadrística no campo esportivo em 1972 de modo a apresentar alguns contornos mercantis e midiáticos inerentes à oferta da modalidade durante o “*match* do século”; demonstrar alguns vínculos estabelecidos entre a construção midiática da imagem de Bobby Fischer com o respectivo aumento da demanda enxadrística no campo esportivo em 1972; e avançar nessas inter-relações estabelecidas entre os padrões mercantis, espetaculares e consumistas no cenário histórico-social em questão.



Para um melhor entendimento das dimensões espetaculares inerentes à exteriorização da oferta enxadrística no campo esportivo em 1972, é importante recorrermos à análise do campo midiático em suas disputas próprias, relações de conflito e mecanismos específicos de reprodução social. Tal incursão se justifica uma vez que a oferta da modalidade de xadrez não se estruturou simplesmente pelos serviços prestados por aqueles agentes que concorriam para o bom transcurso do *match*, mas também graças à ação de produtores culturais pertencentes ao campo midiático. Esses agentes, por sua vez, contribuíram decisivamente para que o evento e os atletas nele envolvido fossem submetidos à “lei da vitrine”.

Com relação ao referido campo social, é importante lembrarmos que o mesmo foi delimitado sistematicamente por Bourdieu como objeto de análise sociológica no livro “Sobre a televisão” (1997). Nessa obra, o sociólogo procura estender seus pressupostos teórico-analíticos para pensar os meios de comunicação, em especial, as leis de reprodução social inerentes à ação da imprensa escrita e televisionada. Conforme o autor, o campo midiático é caracterizado pela extrema dependência que possui dos outros campos bem como das forças sociais propulsoras e reguladoras do mercado de bem materiais e simbólicos. Mais um aspecto a ser levado em consideração é a potencialidade de o campo de produção midiática gerar conseqüências nesses mesmos campos que historicamente depende, “(...) afetando o que aí se faz e o que aí se produz e exercendo efeitos muito semelhantes nesses universos fenomenicamente muito diferentes” (BOURDIEU, 1997, p. 101).

Quanto à “lei da vitrine” a que a modalidade de xadrez foi exposta em 1972, temos a ressaltar que a mesma se tratara de um mecanismo construído nas redes de interdependências sociais mediadas pelo mercado de bens culturais e simbólicos que, naquele período, já havia se consolidado como o principal regulador social da formação de disposições no campo esportivo. Por sua vez, essa “lei da vitrine” pode ser definida a partir de um raciocínio simplista de que para se vender um produto é necessário torná-lo visto e apreciado pelos potenciais consumidores. Assim, não é de estranharmos que a oferta de determinados esportes e produtos esportivos seja invariavelmente regida pelas estratégias de espetacularização que a partir de 1970 vem se introduzindo de forma mais incisiva e regular na sociedade capitalista.

Entretanto, antes de nos atermos mais detalhadamente aos contornos mercantis e espetaculares da oferta enxadrística em 1972, a qual, segundo nosso ângulo de análise, é favorecida pela aproximação suscitada entre os agentes e instituições estruturantes do subcampo do xadrez e do campo de produção midiática, convém mencionarmos o impacto do *match* “Fischer-Spassky” para se rever e, de certa forma, abalar a lógica de ortodoxia presente no subcampo do xadrez. Notemos, nesse sentido, que desde 1948, quando a FIDE passou a organizar o calendário enxadrístico internacional, a União Soviética vem mantendo sob sua hegemonia os títulos mundiais totalizando uma sequência de nove conquistas consecutivas.

Além disso, devemos lembrar que essa monopolização soviética no subcampo do xadrez já vinha sendo questionada pelos norte-americanos desde quando Fischer disputou sem muito êxito seus primeiros torneios de candidatos ao título mundial, respectivamente, em 1959 na Iugoslávia e 1962 em Curaçao (MECKING, 1973, p.152). Segundo alegou Fischer, o formato do torneio de candidatos no qual todos os jogadores deveriam se enfrentar mutuamente favorecia a União Soviética, ao passo que seus representantes empatavam sem muitos rodeios entre si e jogavam até o último peão contra os demais enxadristas, especialmente quando se tratava de um norte-americano (BJELICA, 1992, p. 70-71).

Por conta dessas circunstâncias, em 1962, durante um congresso institucional realizado na cidade de Estocolmo, a FIDE pressionada pela federação de xadrez norte-americana e incomodada com as queixas públicas de Fischer, alterou o formato do torneio de candidatos para *matches* individuais (MECKING, 1973, p. 152). Essa tomada de posição, por conseguinte, demonstra a estrutura do campo sendo alterada e conformada em função das disposições dos agentes. Com efeito, devemos notar que para estrutura de um campo ser modificada de acordo com os interesses de determinados indivíduos, esses devem estar se beneficiando de uma maneira privilegiada dos capitais em jogo, o que, de certo modo, indica que a balança do poder ligeiramente está inclinada em suas direções.

Outro ponto a ser mencionado é que a ameaça apresentada pela estrutura enxadrística norte-americana à hegemonia soviética estabelecida no subcampo do xadrez, de fato, pode ser considerada como um estímulo que atraiu a atenção da mídia para a decisão do campeonato mundial de 1972. Ressalvamos, contudo, que a motivação da mídia internacional em transmitir e noticiar o *match* “Fischer-Spassky”, não pode ser devidamente reconhecida se não tivermos em mente o fato de Estados Unidos e União Soviética estarem travando, desde o final da Segunda Guerra, uma batalha em palcos alternativos e sob o clímax do que ficou conhecido como Guerra Fria. Foi por conta, inclusive, da possibilidade de associação entre o *match* e a guerra, que se fundamentou um corpo de informações de bastante lucratividade no campo midiático, cujos agentes e instituições mantenedoras procuram vender ao público, por intermédio de seus serviços, a decisão de 1972 como um simulacro desse conflito.

De modo a complementar esse raciocínio, devemos ainda reiterar que de 1951 até 1969 as finais dos campeonatos mundiais de xadrez só haviam sido disputadas entre jogadores soviéticos, o que mais uma vez nos remete a ortodoxia inerente ao subcampo e, de uma forma mais específica, a ausência do elemento da excitação nas referidas decisões. Como bem alerta Elias e Dunning, quanto mais previsíveis forem os resultados de um confronto, mais tedioso ele se demonstra e mais comprometido se torna o fator surpresa, sem o qual a carga de excitação consideravelmente diminui (ELIAS; DUNNING, 1992a, p. 134).

Dessa maneira, podemos inferir que tanto a ortodoxia presente no subcampo enxadrístico como também a carência do componente da emoção nessas repetitivas finais protagonizadas entre os enxadristas soviéticos, dificultava a adequação do enxadrismo ao mercado de venda de bens e serviços de entretenimento – um setor em franca e progressiva expansão na sociedade pós-Segunda Guerra.

Por conseguinte, essa conjuntura inferida se explica, primeiramente, pelo fato de que a organização do subcampo enxadrístico em termos ortodoxos, possivelmente não confluía aos interesses das instituições midiáticas responsáveis pela exposição dos produtos na vitrine social. E segundo, porque os meios de comunicação com o passar do tempo e com o reforço da concorrência no interior do microcosmo social que eles próprios constituíam, se orientavam cada vez mais pelos índices de consumo, fator esse que, em última análise, demandava a inserção midiática em eventos que pudessem suprir adequadamente as necessidades psicossociais dos consumidores.

Com base nesses argumentos, podemos dizer, portanto, que a lucratividade gerada pela prestação de serviços em torno daqueles eventos aptos a satisfazerem as demandas sociais, pode ser considerada uma explicação razoável para compreendermos a frequência com que as



estruturas midiáticas se inserem nos torneios, campeonatos e competições afins realizadas no campo esportivo. Além disso, a venda de um produto parece ser proporcional ao prazer ou qualquer outra necessidade psicossocial suscitada nos consumidores, o que nos leva supor que muito dificilmente as instituições midiáticas bem como os patrocinadores, investirão em acontecimentos de natureza monótona, tediosa e que geram pouca emoção no público.

No entanto, a partir dos anos 1970, a estrutura do subcampo do xadrez já não era tão ortodoxa e monótona conforme aludem nossos materiais empíricos. Além disso, esse espaço se demonstrava mais aberto à introdução de relações mercantis e mais exposto à lógica da oferta e da procura esportiva. Na tentativa de explicar essa maior flexibilidade do subcampo em análise, é claro que devemos recorrer ao modelo societário vigente e considerar o xadrez como um espaço que progressivamente veio se tornando mais sensível e subordinado às forças mercadológicas.

Contudo, não podemos perder de vista as propriedades intrínsecas à inédita final estabelecida no subcampo em 1972, as quais contribuíram decisivamente para que o xadrez se tornasse, ainda que não em definitivo, um espaço fértil para se investir interesses das mais diversas ordens, sejam aqueles defendidos pelos jornalistas, publicitários, patrocinadores, grupos políticos, dentre outros agentes imersos em outros campos sociais. Um melhor dimensionamento dessa estrutura remontada é fornecido no relato do enxadrista e jornalista Jose Maria González que, inclusive, naquele período, era editor de uma das principais revistas de xadrez do mundo, a revista espanhola *Jaque*:

Nunca antes un acontecimiento ajedrecístico había repercutido a los ojos del público como esta “cumbre de Reykjavik”. Los motivos han sido muchos y de diversa índole: un sugestivo choque de ideologías, estilos y personalidades, que ha dado como resultado el match más emocionante y accidentado de la historia del juego-ciencia. Por vez primera en los últimos 20 años la disputa del título mundial se alejaba del Kremlin para alojarse en la remota Islandia, cuyas bajas temperaturas convivieron por espacio de 53 días con el “ardiente pugilato de los 64 escaques”. Los protagonistas “llegan”, y hasta el más modesto aficionado cruza apuestas especulando con el consabido interrogante ¿quién ganará? Las emociones de Reykjavik son transmitidas por prensa, radio y televisión a toda la afición ávida de reproducir ante el tablero las alternativas del match. Los teletipos teclean si cesas jugada tras jugad... algebráico, descriptivo, jeroglíficos... da lo mismo; el ajedrez se está internacionalizando. La literatura ajedrecística comienza a agotarse en varias capitales europeas y americanas; aficionados o no, todos se sienten identificados con las alternativas que se van sucediendo dentro y fuera de un tablero situado a miles de kilómetros de la mayor parte del mundo (GONZÁLEZ, 1972, p. 287).

Como podemos notar nesse trecho, a catarse e a *mimesis* social inerente ao jogo competitivo parecia rondar de forma muito específica àquela conjuntura construída em torno da final do campeonato mundial de xadrez de 1972. E isso basicamente porque a composição

de forças no subcampo em xeque opondo Estados Unidos e União Soviética frente ao tabuleiro de xadrez remetia os consumidores a contemplar uma situação de guerra disputada sem os perigos físicos decorrentes de uma batalha real e, além disso, sem deixar se dissolver na vida desses mesmos consumidores e espectadores o componente da emoção, do medo e do risco inerentes ao que se convencionou esperar de uma estrutura típica de guerra.

Quanto à inserção da lógica mercantil no interior do subcampo em análise, um breve exemplo que ilustra o quão sensível o xadrez, de fato, havia se tornado em relação às demandas econômicas da sociedade capitalista, pode ser recuperado em janeiro de 1972, quando então se iniciou a corrida para se escolher o país que iria sediar o confronto entre o soviético e o norte-americano. O enxadrista e escritor espanhol Pablo Moran é bastante sintético ao comentar esse episódio:

Enquanto ambos contendentes afiavam as armas, uma grande batalha estava acontecendo para organizar o encontro, e numerosas cidades disputavam a honra oferecendo quantidades fabulosas e nunca conhecidas no xadrez. Vejamos as mais importantes: Belgrado, 152.000 dólares; Argentina, 150.000; Islândia, 125.000; Sarajevo, 120.000; Bled, 100.000; Chicago, 100.000; Alemanha, 92.000; Brasil, 80.000; Montreal, 75.000; Zagreb, 70.000; Suíça, 60.000; Grécia, 52.000; França, 50.000 e 5% dos ingressos; Colômbia, 40.000 (MORAN, 1972, p.78).

Obviamente, além dos critérios financeiros outros fatores, como por exemplo, os interesses e as preferências dos dois finalistas e de suas respectivas federações, também foram levados em conta pela FIDE ao se definir qual país organizaria o confronto. Esse entendimento, por sua vez, reforça a centralidade da teoria do campo esportivo de Pierre Bourdieu para subsidiar a leitura das relações constituídas entre os agentes e as estruturas que compunham o subcampo do xadrez sob as contingências do referido contexto histórico, uma vez que essa disputa não foi uma reprodução microsocial fidedigna de relações macro-econômicas e macro-políticas, como se convencionou disseminar no senso-comum.

Tal retomada empírico-teórica, por conseguinte, estabelece um considerável grau de correlação com os pressupostos de Bourdieu ao evocar a história relativamente autônoma do esporte em resposta ao que chamou de erro do “curto-circuito”, isto é, a tendência em se reduzir a leitura sociológica do microcosmo às sanções do macrocosmo social (BOURDIEU, 2007b). Em suma, considerar essa relativa autonomia do subcampo do xadrez como *constructo* histórico se trata de um exercício metodológico que possibilita no mínimo recuperar outros elementos de análise que não necessariamente estão vinculados às demandas do mercado capitalista ou então da política.

Outro exemplo que potencialmente ilustra as inserções mercantis no subcampo do xadrez no contexto do “*match* do século” pode ser recuperado ao nos reportarmos às negociações financeiras acertadas para o encontro entre Spassky e Fischer em Reykjavik:

Em 1972, Fischer ya no era un niño, por supuesto, y las negociaciones sobre el dinero no tendrían que haberse prolongado. Al parecer, el acuerdo económico estaba zanjado. El ganador recibiría 78. 125 dólares; el perdedor, 46. 875, y los dos contendientes percibirían el treinta por ciento de los derechos para televisión y cine cada uno. Pero el enfoque de Fischer era siempre no acordar nada, no firmar nada, no confirmar nada. Cuando solo faltaban días para el inicio, dijo que el premio debería incluir el treinta por ciento de los ingresos por la venta de entradas. Los islandeses se negaron. El local, la Sala de Exposiciones, tenía capacidad para dos mil quinientas personas, y dependían de este ingreso para cubrir gastos (EDMONDS; EIDINOW, 2007, p. 162-163).

Devemos frisar que impressões desse gênero foram repetidas constantemente nas literaturas enxadrísticas, jornalísticas e nas instâncias midiáticas, de modo a reforçar o enxadrista Bobby Fischer como uma personalidade excêntrica. Convém notarmos que embora Fischer, de fato, tenha sido um dos enxadristas profissionais mais incisivos em suas opiniões e tomadas de posição no subcampo do xadrez, isso não significa que as dificuldades nos acertos e negociações financeiras pertinentes ao “*match* do século” tenham sido determinadas em função de atitudes isoladas e possam, portanto, ser explicadas em função das características de uma personalidade qualquer seja ela categórica ou não. Ao invés disso, a introjeção de relações mercantis em uma proporção nunca anteriormente vista no subcampo esportivo em questão se deve a um processo mais amplo (e devedor a múltiplos fatores) de consolidação e constituição simbólica do mercado de bens e práticas culturais no período da Guerra Fria.

Sobre as apropriações midiáticas organizadas em torno da final entre Fischer e Spassky em 1972, é imperativo notarmos que a lógica de transmissão conferida ao evento também refletiu a predominância de relações mercantis tanto no interior do subcampo enxadrístico quanto no espaço de produção jornalística. Contudo, devemos ressaltar que a excessiva reprodução do evento em imagens e notícias não pode ser explicada apenas na perspectiva de infiltração dos jornalistas no universo enxadrístico.

Pelo contrário, a articulação entre o subcampo do xadrez e o campo midiático se caracterizou como um movimento dúplice e relacional, o que nos sugere, de forma mais precisa, que não somente a mídia recorre ao setor esportivo visando lucros, mas que os agentes do campo esportivo também se usufruem do espaço da mídia com intuito de divulgar suas práticas, tornar prestigiado seus serviços e, acima de tudo, se beneficiar dessas “fatias lucrativas” emergentes com o mercado capitalista.

No caso do xadrez em 1972, esses pressupostos se demonstraram perfeitamente aplicáveis, tendo em vista que uma das restrições apresentadas por Edmund B. Edmondson – defensor dos interesses da federação norte-americana de xadrez e de Bobby Fischer no acordo de Moscou – era que a realização do *match* na Islândia comprometeria a geração de imagens no evento dada à baixa qualidade das transmissões televisivas daquele país (LIMA, 2002b). Com efeito, devemos reiterar ainda, que para jogar o *match*, Fischer havia requisitado o pagamento de uma fração dos lucros obtidos com a transmissão televisiva. Além disso, outra exigência era que as partidas fossem transmitidas ao vivo para população norte-americana que queria ver pela primeira vez um representante de seu país jogando pela disputa do título mundial (LIMA, 2002b).

Uma dimensão mais exata da introjeção desses contornos mercantis, inerentes ao raio de ação midiática no interior do subcampo estudado, pode ser contemplada na fala do enxadrista Pablo Moran:

Com uma expectativa sem precedentes começou a primeira partida. Todas as entradas estavam vendidas e um tabuleiro de 7x7 permitia a todos os espectadores ver as jogadas comodamente, enquanto que um circuito fechado de televisão repartia a imagem a outras salas, e os câmeras enviavam as jogadas a todos os lugares do mundo. Uma empresa norte-americana tinha os direitos de fotografias e televisão, e pela imagem da primeira jogada se pagaram 10.000 dólares. Fischer chega ao cenário de jogo com sete minutos de atraso, saúda seu rival e começa-se a partida (MORAN, 1972, p. 79).

O ex-campeão mundial de xadrez Garry Kasparov, também avaliou a cobertura midiática que foi dada à decisão do título mundial entre o soviético e o norte-americano em 1972. De acordo com o enxadrista: “(...) the international media coverage was incredible. The games were shown live around the world. I was nine years old and already a strong club player when the Fischer-Spassky match took place, and I followed the games avidly” (KASPAROV, 2004b, p. a10).

Já no Brasil, esse balanço sobre a atuação da imprensa no “*match* do século” ficou por conta do enxadrista Henrique da Costa Mecking, o Mequinho. Nessa época, ele já se projetava como “prodígio” do xadrez nacional, sendo inclusive uma das personalidades que figuravam no campo esportivo brasileiro. Vejamos quais foram suas impressões sobre a inserção midiática no evento:

A importância do acontecimento obrigou a imprensa a realizar um esforço informativo sem precedentes. O grande público queria uma informação completa e havia de transmiti-la de qualquer maneira. O encontro Fischer-Spassky foi acompanhado por centenas de milhões de pessoas diariamente em todo o mundo (MECKING, 1973, p. 14).

Ambas as falas selecionadas evidenciam em específico, o impacto da ação midiática que fora exercida sobre a decisão do campeonato mundial de xadrez de 1972. O comentário de Moran, além de nos chamar a atenção para “estrutura espetacular” que foi preparada para o evento, também nos leva a entrever o caráter mercantil da relação momentaneamente vislumbrada entre os agentes e instituições representantes do subcampo do xadrez e do campo de produção dos bens jornalísticos e midiáticos.

Já Kasparov, em seu discurso, enfatiza aquele que possivelmente foi o momento “telespetacular” da modalidade de xadrez, com transmissões ao vivo das partidas pelos canais abertos de televisão. Por sua vez, na fala de Mequinho fica nítido seu esforço em tentar estabelecer uma correspondência entre a estrutura do *match* e a atuação da imprensa. É possível entrever que seu raciocínio se organizava no sentido de afirmar que os serviços prestados pelos meios de comunicação se ajustavam proporcionalmente a estrutura mimética e simbólica do *match* “Spassky-Fischer”.

Enfim, cada um desses trechos supracitados contém uma determinada visão de mundo que reflete a posição privilegiada de seus interlocutores no interior do subcampo enxadrístico. Dito de outro modo, tais porta-vozes tratam-se de agentes dotados de um *habitus* formado no interior desse subcampo, o que, de certa forma, lhes confere um discurso de autoridade. Além disso, essas impressões pessoais, pelo que pudemos perceber, convergem entre si no sentido de evidenciar as dimensões mercantis e espetaculares da oferta enxadrística em 1972, o que, por conseguinte, lhes predispõe como importantes fontes avaliativas dos processos sociais que definiriam os rumos de *crystalização* do xadrez no interior do campo esportivo.

Feitas essas considerações preliminares, convém avançarmos a discussão e explorar alguns exemplos empíricos bem pontuais que evidenciam as relações de proporcionalidade estabelecidas entre a construção da imagem de Bobby Fischer no campo midiático e o respectivo aumento da demanda enxadrística no campo esportivo em 1972.



A construção da imagem do enxadrista Robert James Fischer no interior do campo midiático não se tratou de um processo homogêneo e linear. Mais especificamente, algumas facetas deram conta de caracterizar o jogador durante sua inserção social como atleta. Essa condição, por sua vez, se explica tanto em função de sua história ou trajetória de vida quanto pelas apropriações que os agentes e estruturas midiáticas fizeram das aparições do enxadrista

no subcampo do xadrez e em outros espaços sociais. Ao publicar uma reportagem em 19 de janeiro de 2008, dois dias após o falecimento de Fischer, a revista *Época* enfatiza:

Para que os mais novos compreendam a importância de Bobby Fischer para o xadrez e para o esporte em geral (...), é preciso dividir sua trajetória em três fases: a do menino-prodígio campeão adulto dos Estados Unidos aos 14 anos; a do símbolo do combate americano contra a União Soviética; e por fim, a do desequilibrado mental cujos últimos anos de vida foram uma sucessão de incidentes patéticos.<sup>43</sup>

Importante evocarmos aqui, o poder simbólico vinculado ao campo midiático e cuja essência Bourdieu entende tanto pela ótica da consagração quanto pela ótica do estigma (BOURDIEU, 1998a). Essas dimensões típico-ideais do poder conforme empregados na análise *bourdieusiana*, se introduzem no campo midiático, na medida em que os símbolos, as imagens, os textos e os discursos disseminados por agentes autorizados encontram cumplicidade, exercendo desta forma algumas funções sociais, seja a de integrar ou dissociar, incluir ou excluir, consagrar ou arruinar as pessoas.

No caso de Bobby Fischer, tanto o poder de consagração quanto o poder de destruição foram investidos em sua imagem. Reportagens, matérias e propagandas, num determinado momento, lhe projetaram como um “*pop star*” e, em outro, como “vilão”. Essa primeira fase se deu quando Fischer aos quatorze anos de idade despontou como campeão de xadrez adulto dos Estados Unidos e, principalmente, quando apresentou condições de se tornar campeão mundial – um processo que, segundo Kasparov (2006), vinha se amadurecendo desde os anos 1960 e se consolidou em 1972. A segunda fase, por sua vez, teve como ponto nostálgico e decisivo a reedição do “*match* do século” em 1992, na Iugoslávia do ditador Slobodan Milosevic e quando os Estados Unidos se envolviam no confronto dos Bálcãs. Sob essas circunstâncias, Fischer foi proibido de jogar pelo governo norte-americano, sendo, inclusive ameaçado de condenação à prisão e pagamento de uma multa quando retornasse ao país.<sup>44</sup>

No entanto, para a construção de nosso argumento é de maior urgência atermo-nos à primeira fase de apropriação midiática da imagem de Bobby Fischer, mais especificamente, aquela que veio à tona com o campeonato mundial de xadrez de 1972. A propósito, durante esse período, a imagem do enxadrista transitou com uma intensidade considerável pelos principais jornais, revistas e canais de TV norte-americanos e do mundo. Além disso, por intermédio da ação televisiva, a referida final do campeonato foi transmitida e disseminada

<sup>43</sup> As três vidas de Bobby Fischer. *Época*, Rio de Janeiro, n. 505, 19 jan. 2008. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG812059293505,00AS+TRES+VIDAS+DE+BOBBY+FISCHER.html>> Acesso 11 mai. 2008.

<sup>44</sup> O herói (e o pária) do xadrez. *Veja*, São Paulo, p. 69, 23 jan. 2008.

para vários países do continente americano e europeu (MORAN, 1972; JOHNSON, 2007 EDMONDS; EIDINOW, 2007). De modo ilustrativo segue algumas apropriações midiáticas feitas pela imprensa norte-americana em torno da imagem de Fischer e do “match do século”:

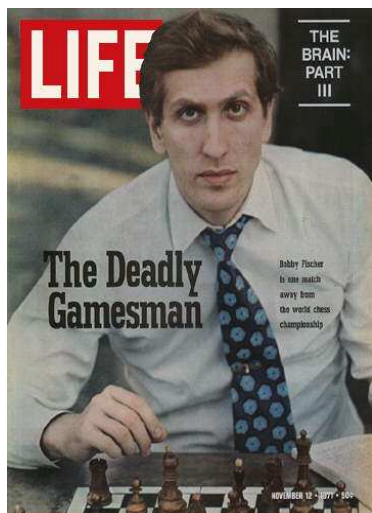


IMAGE 1

45

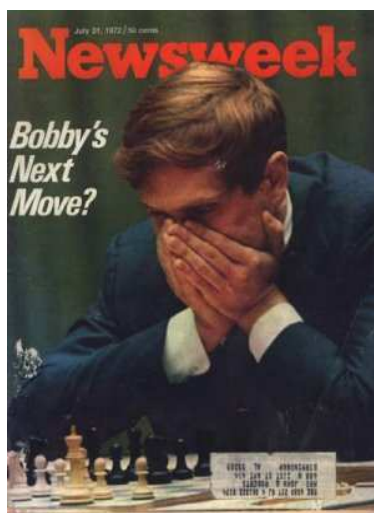


IMAGE 2

46

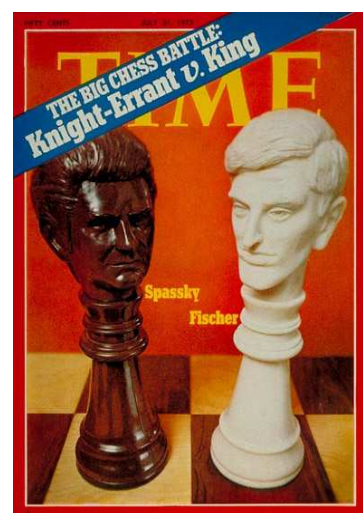


IMAGE 3

47

A imagem de Fischer estampada na capa da revista *Life* de 12 de novembro de 1971, como podemos ver, vem acompanhada dos seguintes comentários: “O cérebro: parte III” e “O homem-jogo mortal”. A edição da revista *Newsweek* publicada em 31 de julho de 1972, quando Fischer já abria uma vantagem de três pontos sobre Spassky, acrescentou a seguinte pergunta junto à capa: “O próximo movimento de Bobby?”. Já a edição da revista *Time* de 31 de julho de 1972, apresentou não somente a imagem de Fischer, mas também a de Spassky. Possivelmente ambos estavam sobre o tabuleiro jogando o “xadrez social” da Guerra Fria. Notemos a mensagem que se situa na faixa azul: “A grande batalha de xadrez: Cavaleiro errante *versus* Rei” (a alusão “errante” diz respeito tanto ao erro de Spassky cometido na oitava partida quanto ao sistema político a que o jogador pertence).

Ao observarmos cuidadosamente cada uma das três capas, torna-se possível então suspeitar de uma tentativa de utilização ideológica da imagem de Bobby Fischer por conta da Guerra Fria. Na capa da revista *Time* esse uso está mais explícito e se verifica na medida em que percebemos que Boris Spassky foi ilustrado na cor preta, com uma expressão carrancuda e com o rótulo de “cavaleiro errante”. Já na capa da revista *Life* e *Newsweek*, os editores

<sup>45</sup>Disponível em: <[https://www.originallifemagazines.com/searchmagazine\\_view.php?id=1226](https://www.originallifemagazines.com/searchmagazine_view.php?id=1226)> Acesso 19 mai. 2008.

<sup>46</sup>Disponível em: <<http://www.fpx.com.br/mostracol.asp?colid=132>> Acesso 19 mai. 2008.

<sup>47</sup>Disponível em: <<http://timesonline.typepad.com/comment/2008/01/bobby-fischer.html>> Acesso 19 mai. 2008.

procuraram inadvertidamente associar um capital intelectual à imagem de Bobby Fischer – um americano que, segundo o sistema de crenças difundido era “muito inteligente”, “com um Q.I. de ‘184’ e que correspondia, inclusive, ao Q.I. do cientista Albert Einstein”.<sup>48</sup>

Outra particularidade das referidas imagens que circularam em cada uma das revistas mencionadas se trata do fato delas aludirem não simplesmente ao enxadrista Bobby Fischer, mas à própria prática de xadrez como um ramo emergente da oferta esportiva. Observemos, nesse sentido, que nas três capas, o tabuleiro e as peças se fazem presentes tornando as respectivas revistas num próprio produto enxadrístico a ser consumido. Tais imagens elucidam, ainda, o quão rentável se tornou para o campo midiático – vencido direto ou indiretamente pelas forças externas – explorar acontecimentos do universo esportivo, neste caso específico, o “*match* do século” e seus protagonistas.

Quanto ao aumento da circulação da imagem de Bobby Fischer nos meios de comunicação de massa, isso se justifica, dentre outras circunstâncias, pelo fato de que nesse campo também se predomina a lógica da concorrência e do índice de audiência. Decorre dessa interpretação, o desvelamento de que o campo midiático se caracteriza, de fato, como um espaço social onde o confronto de forças é posto em jogo: Qual revista trará as melhores reportagens? Que canal de TV transmitirá o “*match* do século” com mais detalhes, profundidade e, acima de tudo, em tempo real? Que jornal trará a melhor imagem estampada?

Importante agregarmos a essa proposta de análise que o desenvolvimento do mercado capitalista tal como projetado e dimensionado na sociedade norte-americana no pós-guerra contribuiu decisivamente para que a lógica mercantil pudesse se infiltrar no interior do campo midiático, já que o acúmulo e concentração de altas taxas de capital econômico e simbólico por parte das estruturas e dos agentes que concorriam no interior do referido *locus* só poderia ser elevado a patamares expressivos (e, portanto, asseguradores de uma posição dominante) mediante a apreensão imediatista, instantânea e sensacionalista da realidade. Deste modo, pensar que a frequência de divulgação da imagem de Fischer nos meios de comunicação locais tenha se restringido apenas aos interesses políticos e ideológicos norte-americanos se trata de uma postura um tanto quanto reducionista, ou o que é mais grave, de uma abordagem que subestima a capacidade de resistência dos agentes.

Entretanto e independente do pano de fundo teórico delimitado para explicar a crescente divulgação da imagem de Bobby Fischer tanto pela mídia impressa quanto pela televisionada, uma consequência com maior nitidez e teor de objetividade se evidencia no

---

<sup>48</sup> Morre o genial Bobby Fischer. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19 jan. 2008. Disponível em <[www.estado.com.br/editorias/2008/01/19/esp-1.93.6.20080119.21.1.xml](http://www.estado.com.br/editorias/2008/01/19/esp-1.93.6.20080119.21.1.xml)> Acesso 14 mai. 2008.



interior da estrutura social: essa imagem esportiva que atingiu seu ápice de circulação durante o “*match* do século” (JOHNSON, 2007) teve seu devido papel para a difusão e popularização do xadrez nos Estados Unidos e em outros países, ainda que não do modo como os agentes sociais pensam ou exteriorizam em suas falas. Algumas primeiras impressões que gostaríamos de introduzir, nesse sentido, são as dos próprios jogadores de xadrez. Começamos pelo enxadrista soviético Garry Kasparov que ao se reportar à figura de Bobby Fischer, comenta:

Ele mudou o jogo de uma maneira que não se vê desde o passado século XIX. Quando Bobby subiu ao topo do xadrez mundial no início dos anos 70, ele era um vinho fino em vaso defeituoso. Suas contribuições para a modalidade, tanto no tabuleiro quanto em uma perspectiva comercial, não foram menos que uma revolução no xadrez mundial (KASPAROV, 2004c, p. 09).

Em direção próxima à traçada pelo jogador soviético, o enxadrista brasileiro Henrique da Costa Mecking, ao ceder uma entrevista ao *Jornal da Globo* no dia 18 de janeiro de 2008, também procurou manifestar sua opinião e, de certa forma, sair, por um instante, do ostracismo em que foi, nas últimas décadas, encerrado no interior do subcampo do xadrez e do campo esportivo local:

Ele desenvolveu boas técnicas para iniciar o jogo com as aberturas mais agressivas. Era muito completo e bom nas finalizações. Ele aperfeiçoou também a chamada defesa siciliana que era a sua paixão. Trata-se de uma defesa agressiva que utiliza mais as peças pretas. Bobby também ajudou a melhorar a popularidade do xadrez no mundo e com isso os prêmios melhoraram. E eu lembro que mesmo aqui no Brasil o xadrez se tornou mais popular por causa dele. O xadrez até hoje é o primo pobre dos outros esportes, mas antes de Bobby não dava para sobreviver.<sup>49</sup>

Outra análise sobre a relação de Fischer com o xadrez que gostaríamos de acrescentar é aquela que foi feita pelo grande mestre argentino Miguel Najdorf ao redigir algumas crônicas para a revista espanhola *Jaque* durante o período de realização da final entre Spassky e Fischer nos meses de julho e agosto de 1972. Vejamos algumas de suas impressões:

Nosotros, los ajedrecistas, debemos estar agradecidos a Fischer, porque, gracias a él, el ajedrez se há impuesto a la consideración de todo el mundo. El gran maestro yugoslavo Svetozar Glicoric, por ejemplo, ha recibido una fuerte suma de anticipo de una editorial norteamericana para trabajar en un libro del match, que tendrá una tirada de 50.000 ejemplares. Junto con él, otros maestros colaboraran para distintos diarios europeos y americanos. A mi me pagaron para aparecer en la televisión italiana y yanqui. Así, la repercusión de lo que Fischer ha hecho por la difusión del juego es extraordinaria (NAJDORF, 1972 *apud* CORDOVIL, 1973, p. 283).

<sup>49</sup> MECKING, H. C. *A morte de Bobby Fischer – Entrevista concedida ao Jornal da Globo*. Disponível em <<http://g1.globo.com/jornaldaglobo/0,,MUL732472-16021,00-A+MORTE+DE+BOBBY+FISCHER.html>> Acesso 14 mai. 2008.

Antes de desenvolver qualquer análise a respeito desses comentários, devemos notar que se ambas as falas, por um lado, demarcam um discurso “nativo” e, portanto, não isento de envolvimento e comprometimento com as causas e razões próprias do subcampo esportivo do xadrez, por outro, essas mesmas falas instituem um discurso de autoridade e legitimidade apto a ser reproduzido em outros campos como, por exemplo, e principalmente, o de produção e circulação dos bens midiáticos. Além disso, esses discursos conservam um poder de síntese e atribuição de sentidos às práticas sociais que, certamente, só vem a ser superado pelo discurso teórico que é o próprio trabalho de objetivação a ser realizada sobre os materiais históricos e com o intuito ou, no mínimo, a expectativa de estabelecer as conexões causais que interligam a série de fatos, impressões e episódios.

No caso das três falas selecionadas, o fio condutor que perpassa e interligam-nas é constituído exatamente em torno da figura de Bobby Fischer, revelando-nos, por conseguinte, a necessidade que os agentes do subcampo do xadrez têm de personificar as mudanças objetivadas no interior do referido espaço, em função basicamente das tomadas de posição de indivíduos específicos e, na maioria das vezes, isolados. Embora nas próximas páginas ainda devamos nos concentrar em materiais históricos que reforçam a centralidade de Fischer no processo de espetacularização, mercantilização e *cristalização* da modalidade no contexto do “*match* do século”, é imprescindível frisarmos que esse tipo de diagnose que as literaturas enxadrísticas e jornalísticas propõem, constitui uma “meia verdade”, aquilo que Norbert Elias (1970) chamou de “ponta do *iceberg*”.

Se não bastassem tais implicações, esse tipo de pensamento conserva ainda o imperativo de ser politicamente utilitário e socialmente perigoso, uma vez que toda leitura substancial e imediatista da realidade leva ou conduz os agentes a dirigir suas reivindicações e lutas contra seres humanos isolados, quando, na verdade, os responsáveis pela ocultação e reprodução de condições sociais injustas e opressoras são, de fato, as estruturas e instituições sociais que suportam os agentes. Em se tratando dos universos esportivos, essa forma instantânea de compreender a realidade, conduz, por exemplo, os indivíduos, sejam produtores ou consumidores – aqui essa distinção de papéis não é tão relevante – a atribuir tanto os êxitos quanto os fracassos esportivos a atores independentes e que embora tenham suas parcelas de contribuições nos processos sociais, nada podem fazer sozinhos e sem a cumplicidade dos demais indivíduos e instituições.

Nesse propósito, o que é, portanto, louvável na fala dos três enxadristas recorridos é a sensibilidade, ou melhor, o sentido do jogo impresso em suas formas de ver as relações genéticas inerentes ao referido espaço, o que, diga-se de passagem, lhes permitem enxergar e

reconhecer, por exemplo, as contribuições técnicas e táticas de Fischer para o subcampo do xadrez e para a própria elevação do *status* esportivo da modalidade. Já no que concerne ao restante de suas opiniões expressas nos aludidos trechos, devemos encará-las com reservas e procurar entendê-las a partir do pano de fundo consensual que lhes confere sentido próprio e, portanto, significância para o entendimento e explicação de algumas regularidades simbólicas e objetivas que constituem e conferem dinamicidade aos processos sociais.

Na continuidade de construção e compreensão dessa estrutura espetacular *crystalizada* em torno do xadrez no contexto do “*match* do século” e cuja funcionalidade e eficácia os agentes tendem a associar, de forma irrefletida e automática, a atitudes e tomadas de posição exclusivamente orientadas na pessoa de Fischer, convém avançarmos a algumas impressões de produtores culturais que muito embora sejam jogadores de xadrez apresentam pontos de vista com elementos discursivos que refletem mais a lógica do espaço de produção dos bens jornalísticos ou então literários do que propriamente do campo esportivo. Alguns traços dessa apropriação podem ser visualizados no comentário de Pablo Moran, em seu livro sobre o “*match* do século” publicado um mês após o término do confronto:

“Bobby” Fischer ha hecho por el ajedrez más que todos los campeones del mundo juntos, pues ha logrado que el juego se popularice de forma jamás soñada. Durante el “match” con Spassky acaparó la atención de la prensa mundial y del gran público. Se puso de moda en todas partes y en los Estados Unidos una fábrica de piezas de ajedrez tuvo que trabajar las 24 horas, ya que se veía imposibilitada para atender los pedidos; una canción “La balada de “Bobby” Fischer”, la emitían cientos de emisoras (...) En todo el mundo se vendieron más libros de ajedrez en un mes que en otras ocasiones durante un año, y en la mayor parte de las ciudades, se agotaron. Gentes que jamás habían hablar del ajedrez aprendieron a mover las piezas; el resultado de las partidas, así como los movimientos, se esperaban con ansiedad, y en todos los círculos, en todos los cafés, se veía a gentes reproduciendo y discutiendo con calor las partidas. En París, el ajedrez se puso de moda hasta en las “boites” donde los jóvenes alternaron los bailes con el mundo mágico de las sesenta y cuatro casillas. En Bogotá grandes tableros murales instalados en plazas públicas, permitían a los aficionados seguir las incidencias del juego, mientras se cruzaban importantes y singulares apuestas; y nada digamos de los países, como Rusia, donde ya el ajedrez era un espectáculo de masas. La semilla está sembrada en todos los países de la tierra, y con Fischer un nuevo capítulo se abre en el mundo del ajedrez, y con su victoria se beneficiaran todos los ajedrecistas que, ignorados hasta a hora, comenzarán a tener cierta popularidad (MORAN, 1972, p. 81).

Com um diagnóstico próximo ao apresentado por Moran e com a preocupação de reiterar o processo de internacionalização da prática enxadrística bem como estabelecer correspondências entre a mesma e a final do campeonato mundial, o enxadrista e jornalista português João Cordovil em reportagem para o *Diário Popular* de Portugal apresenta alguns fatos que, por sua vez, soam como um discurso que reflete a lógica do campo midiático sem, no entanto, deixar de atender seu deslumbramento de enxadrista com o referido evento:

Reproduzimos hoje dois telegramas significativos: o primeiro veio de São Francisco da Califórnia, onde o Mestre Internacional Koltanowski, falando sobre uma verdadeira explosão de entusiasmo por este jogo, disse que a Federação Norte-Americana admitiu, nos últimos três meses, cinquenta mil novos filiados. E acrescentando: “Tudo isso devido a “Bobby” Fischer. Quer queiram quer não, ele fez aumentar o interesse pelo xadrez nos Estados-Unidos”. O segundo veio da Itália (Bagnacavallo) e falava de uma professora de matemática, Cinzia Ponzi, que se propunha apresentar uma nova disciplina, e disse: “O primeiro ponto de contato entre as ciências é o xadrez. Quero que os meus alunos aprendam que pensar não é apenas acadêmico e abstrato. O xadrez ajudá-los-á a aprender” (CORDOVIL, 1973, p. 265).

É possível percebermos tanto no depoimento de João Cordovil quanto no de Pablo Moran, a recorrência a uma variedade de informações que conduz à idéia de transcendência ou quebra das fronteiras territoriais da oferta do xadrez tal como redimensionada por ocasião do embate entre Fischer e Spassky e, é claro, entre os próprios países que ambos enxadristas pertenciam. Para tanto, os dois produtores culturais procuraram, cada um ao seu modo, recuperar fatos e conseqüências objetivas dessa apropriação mercadológica e espetacular do xadrez em diversas realidades sociais e de modo a oferecer aos leitores e consumidores de suas idéias uma dimensão de totalidade e globalidade da projeção do xadrez no mundo.

Por sua vez, essa lógica da internacionalização do xadrez reivindicada nos materiais jornalísticos e nas literaturas enxadrísticas por agentes dotados de um *habitus* correspondente às suas inserções no subcampo do xadrez e também no campo midiático ou literário necessita de um tratamento sociológico mais refinado de modo a não produzirmos uma relação “causa-efeito” ou então introduzirmos argumentos simplistas. Primeiramente, devemos lembrar que a repercussão do evento nos Estados Unidos e na União Soviética, por razões históricas e estruturais específicas de cada uma das sociedades e cuja dinâmica e efeitos retomaremos no próximo subcapítulo, “naturalmente” tomou dimensões espetaculares e mobilizou, de fato, os agentes sociais em torno do “*match* do século”. No entanto, as mudanças estruturais no subcampo do xadrez e no campo esportivo local dessas duas sociedades em si mesmas não nos permitem sustentar, por exemplo, a idéia da *cristalização* do xadrez no campo esportivo.

Um segundo ponto, inclusive, correlacionado ao primeiro, se refere ao fato de que a lógica da internacionalização do xadrez, por conta do “*match* do século” e da projeção global da imagem de Bobby Fischer, só é validada empiricamente quando reunimos evidências de que essa estrutura foi reproduzida para os universos esportivos e midiáticos dos mais diferentes países e das mais distintas culturas. Convém aqui notarmos que muito embora as literaturas enxadrísticas e jornalísticas nos sugiram corretamente que a repercussão do xadrez durante o “*match* do século” teve destaque em países como Itália, Iugoslávia, Espanha, Portugal, Colômbia, Argentina, essa mobilização recíproca e em contextos diferenciados só

vem a reforçar a legitimidade do argumento de *cristalização* do xadrez no campo esportivo, quando há indícios de que a mesma se consolidou em países com experiências históricas e culturais não significativas, do ponto de vista estrutural, com a referida modalidade.

Outro cuidado que ainda devemos ter é o de diferenciar que uma coisa é a internacionalização da informação para o interior dos círculos de enxadristas, ou seja, de agentes que já possuem vínculos duradouros como o xadrez e, outra coisa completamente distinta é a internacionalização da informação e a divulgação, portanto, de uma novidade esportiva e cultural para agentes que nunca tiveram um contato ou então experiências mais expressivas com o xadrez. Sob essa última circunstância, a dimensão de desenvolvimento e projeção do subcampo é caracterizada, atribuindo, dessa forma, efeito e coerência ao processo que estamos chamando de *cristalização*, justamente por evidenciar uma recondução na lógica das disposições enxadrísticas a partir de razões históricas e estruturais que não podem ser única e exclusivamente explicadas a partir da prescritividade de políticas governamentais ou então da estrutura de estímulos consumistas que resulta da ação do mercado.

De modo a contemplar empiricamente essas abstrações, é no mínimo interessante nos voltarmos, por um momento, para a divulgação midiática do “*match* do século” em uma sociedade que nos é mais próxima e familiar, nesse caso, a brasileira. Os seguintes trechos retirados da revista *Veja*, que, a propósito, no ano de 1972, veiculou em seu editorial algumas páginas significativas de reportagens reportando ao referido evento, tem potencialidade ilustrativa para fundamentar nosso argumento:

Spassky, como todos os grandes mestres soviéticos, tem um pequeno grupo de assessores técnicos para analisar o jogo do adversário e auxiliá-lo no estudo das partidas suspensas. Fischer prefere depender apenas de seus próprios méritos, apesar da acusação de um jornalista russo de estar em contato pelo rádio com um maravilhoso computador fixado nos Estados Unidos (VEJA, 12-7-72, p. 55).

Ganhar o título de Spassky é uma espécie de desforra pessoal para Fischer – um americano cuja concepção sobre os soviéticos é ainda a dos tempos da guerra fria e que acredita serem os russos capazes de todas as trapaças para vencer. Há dez anos, quando na disputa de um mundial de xadrez todos os participantes jogavam entre si, ele denunciou um complô dos jogadores russos – sempre em maioria – que, para manter o título, combinavam empates para se poupar e garantir pontos. Agora alterados os regulamentos, as disputas são por eliminatórias –, Fischer voltou a competir com a impiedosa determinação de quem executa uma vingança pessoal (VEJA, 9-8-72, p. 60)

Antes de qualquer coisa, devemos nos atentar para o tom maniqueísta com que a revista *Veja* retomou a final do campeonato mundial de xadrez de 1972. As duas inserções editoriais sobre o evento, uma do mês de julho e outra do mês de agosto, reforçam a suposta presunção individualista norte-americana e o suposto espírito de coletivismo reinante na

União Soviética. Estão presentes também nessas reportagens, traços especulativos daquilo que mais frente iremos chamar de “teoria da conspiração”. Vale adiantarmos que suspeitas e alegações do gênero, até por conta da Guerra Fria, vieram a nascer originalmente no interior do campo político e a partir desse universo e, principalmente, dos espaços midiáticos é que as mesmas lograram em se transferir para os demais campos de produção cultural de modo a disseminar e espalhar para as redes sociais esse sistema de crenças que, para usarmos termos de efeito, fazem às vezes de um “pano de fundo” simbólico no mundo social.

Esse “pano de fundo” simbólico somado ao processo de internacionalização do xadrez para além dos círculos sociais e sociedades em que a prática enxadrística vem se demonstrado consolidada, subjaz, portanto, a lógica da *cristalização* do xadrez no campo esportivo. Dito de outro modo, esse acordo ou contrato consensual implícito com seu poder de interligar diferentes sociedades e classes em torno de um evento específico, ou melhor, de uma prática esportiva, até então, reservada a públicos determinados e, além disso, oferecida para os mesmos através de veículos de informação mais restritos ainda, se constitui como fundamento estruturante de disposições consumistas *cristalizadas* em torno da modalidade de xadrez.

Essas produções jornalísticas e, em suas devidas proporções, as próprias produções literárias revelam ainda um interessante mecanismo oculto e relacional estabelecido em função das aproximações suscitadas entre as estruturas do campo esportivo e do campo midiático, isto é, a condição estruturante de que tanto o espetáculo produz a notícia quanto a notícia, em tão presente forma, produz o espetáculo. Esse caráter relacional estabelecido entre as respectivas estruturas esportivas e midiáticas durante o “*match* do século” pode ser problematizado a partir da seguinte inserção do jornalista Jose Maria González:

En Estados Unidos se vendieron millones de juegos de ajedrez, hasta el punto de agotarse, y no hubo un ciudadano norteamericano que el día de su cumpleaños no tuviera por regalo un juego con su correspondiente tablero, en el que pudiera plasmar las victorias de su compatriota. Pero nadie mejor que el G.M. Pilnik para dar una impresión de lo que este match ha representado para el ajedrez: “A Fischer debemos agradecerle muchas cosas. En primer lugar, le ha dado al ajedrecista otra categoría. Por primera vez el ajedrez se ha convertido en espectáculo. Sus exigencias no han sido caprichos, los que opinan así están equivocados. El contribuyó con sus exigencias a que los dirigentes comprendieran su responsabilidad y dotaran a los jugadores de ajedrez de una mayor comodidad. Antes a esto no se le daba la menor importancia. El pidió buena luz, una mesa agradable y sillas confortables. Era lógico. No hay que olvidarse que uno debe pasar delante de una mesa más de cinco horas, y todas esas comodidades son fundamentales. Fischer ha sido uno de los responsables de valorizar el ajedrez”. Así pues, el gran triunfador de esta cumbre de Reykjavik, ha sido el ajedrez, que, de la mano de dos colosos, ha emergido de su moderado transcurrir, para pasar al primer plano de la actualidad mundial, como jamás nadie pudo imaginar. El juego-ciencia ha pasado de la hegemonía soviética a la del aficionado, gracias a un genial excéntrico llamado Robert... ya se sabe (GONZÁLEZ, 1972, p. 290-291).

Notemos novamente que a figura de Fischer, conforme sugere o jornalista, se constitui como propriedade central e decisiva para compreensão da estrutura do momento no subcampo do xadrez, constituída, é sempre bom lembrarmos, a partir dos padrões estruturais de oferta e consumo da modalidade. Apesar de corretamente reconhecer que a oferta da modalidade ancorada na imagem de Fischer assumiu proporções espetaculares, González e, arriscaríamos dizer, os demais produtores culturais que se debruçaram sobre o “*match* do século” têm dificuldade ou não lhes convém considerar a hipótese de que seus próprios ofícios fazem parte do espetáculo. Esse exercício de alteridade que nos revela que os discursos jornalísticos e literários constituem o espetáculo que os constitui, reforça, dentre outras coisas, que o mundo social, em suas principais esferas, é apreendido de forma inconsciente e irrefletida, e não por vias racionalistas como tende a pregar, por exemplo, uma análise *weberiana*.

Um último ponto a explorarmos nesse subcapítulo se refere à lógica de materialização das práticas aludida na maior parte dos depoimentos e reportagens que elencamos. Se, de um lado, ambos os porta-vozes do espetáculo reservam em comum o fato de reconhecerem em Bobby Fischer e na internacionalização da prática enxadrística, elementos estruturantes da concorrência do xadrez no interior do campo esportivo, de outro, esses mesmos agentes dotados do “poder de falar em nome de...” não se eximem de enfatizar o processo de materialização dos bens e práticas enxadrísticas. Mais uma vez é González que corrobora:

En la Dorada (Colombia) se cruzan apuestas por valor de más de cuatro millones de pesetas: en Bogotá un ciudadano se apuesta u ojo a favor de Spassky, a condición de que si pierde se lo extraigan sin dolor (El ojo em cuestión fue valorado en 17,5 millones de pesetas). El tráfico de la capital colombiana queda interrumpido por el publico, que se agolpa frente a un tablero mural instalado por un periódico local con el fin de que los transeúntes puedan seguir las incidencias de las partidas. En Moscú, los grandes maestros soviéticos se reúnen en el Club Central para comentar las jugadas a “soto voce”. Y en toda la URSS se siguen las partidas retransmitidas al anochecer por maestros de gran prestigio por la TV. En las “boîtes” de Paris ya no sólo se baila: lo verdaderamente “in” es jugar al ajedrez. El mágico mundo del tablero ha acabado por fascinar a los franceses gracias as “Super-Star” Fischer. Las librerías de la capital francesa agotaron las existencias de libros como: “El ajedrez artístico”, “El placer del ajedrez”, “Mis mejores 60 partidas anotadas”, por Fischer; “El breviario de ajedrez”, de Tartakower; “Bobby Fischer, sub-campeón del mundo por ahora”, anexo I de la revista española “Jaque”, de J. M<sup>a</sup>. González, que se han hecho tan célebres como la última novela de Françoise Sagan “Azules en alma”. En el salón “Capablanca”, de Buenos Aires, El G.M. Herman Pilnik comentaba las partidas ante una multitud que hacía pequeño el local. En los clubs de análisis esto se hacía por la noche. Lo cierto es que las partidas eran seguidas “al minuto” Pero el ingenio de los fanáticos ajedrecistas argentinos hizo un milagro: alguien conocía a los empleados del teletipo que recibía las partidas, y concertó el siguiente arreglo: él les descifraba los signos algebráicos para que no transmitiesen mal las jugadas a los diarios de la tarde, ni a las emisoras de radio, y de ese modo llegaban antes, por ejemplo, al salón “Capablanca” que a otros lugares, mientras Najdorf, Luckis, Placi, Puiggros, Schweber y otros prestigiosos maestros se encontraban allí tensos y expectantes para discutir los pormenores del encuentro (GONZÁLEZ, 1972, p. 289).

Com efeito, esse processo de materialização dos bens enxadrísticos aludido na fala do autor é ao mesmo tempo uma representação subjetiva e consensual do estado em que se encontra o subcampo e uma condição objetiva das relações de oferta e consumo da modalidade no contexto do “*match* do século”. Nesse particular, a lógica prática que pressupõe o encontro quase que milagroso das disposições incorporadas com as disposições objetivadas é o que confere sentido, por exemplo, ao fato dos agentes responderem tão bem as demandas do mercado, sem, no entanto, abrirem mão daquilo que justamente mais primam, ou seja, o prestígio e a distinção de pertencerem a um espaço social distinto e distintivo. Como diria categoricamente Bourdieu: “É porque os agentes jamais sabem completamente o que fazem que o que fazem tem mais sentido do que imaginam” (BOURDIEU, 2009, p. 113).

Respaldados por essa leitura, podemos dizer, portanto, que a proliferação de livros publicados<sup>50</sup> pelos grandes mestres logo após o término do confronto e pelos anos que se estenderiam se enquadra dentro da regra social que Bourdieu evoca em quase todos seus textos, qual seja, a lógica perfeitamente lógica pelo qual os agentes, de forma pré-reflexiva e automática, incorporam e acabam transformando suas necessidades em virtudes. Esse entendimento, dentre outras implicações, nos sugere ainda que os produtores culturais, de fato, precisam crer naquilo que puderam constatar *in loco* no subcampo do xadrez, uma vez que essa crença é o que impreterivelmente fundamenta a lógica de comercialização dos produtos e das próprias práticas. Aqui o ensinamento de Émile Durkheim (1996) de que só se pode definir o rito após se ter definido a crença mostra toda sua coerência e sustentação. Mais interessante ainda, para os nossos propósitos, é a releitura da teoria *durkheimiana* das representações sociais que veio a ser feita por Bourdieu (1998a), de modo a recuperar a força dos agentes diante dos processos e das práticas, uma vez que a crença de todos preexistente ao ritual, conforme sugere seu argumento, é a condição de eficácia do próprio ritual.

No que se refere à construção da “história esportiva” do xadrez, essa crença se reveste das formas mais opacas e intransparentes, tomando alguns contornos específicos e singulares no contexto do “*match* do século”. Por sua vez, esse sistema de crenças tende a fazer às vezes de um contrato consensual implícito que, somado às demandas simbólicas da Guerra Fria e ao processo de constituição do mercado, possibilitou a *cristalização* da modalidade de xadrez no campo esportivo e a consolidação, ainda que provisória, de uma nova lógica de concorrência para a mesma no interior do referido universo, conforme tentaremos demonstrar a seguir.

---

<sup>50</sup> Em levantamento preliminar, pudemos recuperar mais de setenta títulos que foram publicados a respeito da performance enxadrística de Bobby Fischer ou então sobre “*match* do século” durante o período de 1972 a 2007. A lista completa dessas literaturas se encontra como *anexo* da dissertação.



### 3.2 A LÓGICA DE CONCORRÊNCIA DO XADREZ NO CAMPO ESPORTIVO

O conceito de campo de Pierre Bourdieu além de ser um recurso metodológico que nos permite olhar as relações sociais sem desconsiderar as mediações operadas entre o nível micro e o macrosociológico, ou seja, entre a história e as lutas próprias a determinadas regiões do espaço social e as demandas mais amplas de ordem cultural, política e econômica, numa tradição sociológica já reivindicada, por exemplo, nas obras de Durkheim e Elias, também denota, em certo sentido, uma demarcação física e espacial do mundo e dos universos específicos que o constituem. Ao retomar a análise desse conceito, o sociólogo francês Jean-Claude Passeron corrobora afirmando que:

No uso fortemente argumentado, feito por Bourdieu em seus melhores artigos, o conceito de “campo”, que juntos havíamos tomado emprestado da *Gestalttheorie*, na origem do conceito, é, ao mesmo tempo, um “programa” e um engajamento do método. Exigindo que mostremos, por observação ou experimentação, como fazia Kurt Lewin, que se encontrava na origem desse emprego do conceito, em que e como “um campo é responsável por sua própria causalidade”, tal termo nos obriga sempre a provar que *acrescentamos* algo à descrição e que *reforçamos* a explicação de um estado de fato, fazendo uso desse conceito, que estabelece mais a existência de uma dinâmica indivisível das relações entre uma totalidade e seus elementos do que a existência de outro conceito totalizador, dotado de uma ambição teórica mais “fraca” ou de importância descritiva mais limitada: “meio”, “interação”, “cena”, “mundo social” etc. (PASSERON, 2005, p. 42).

Deste modo, ao se referir ao conceito de campo como “programa” e “engajamento do método”, Passeron, mais precisamente, está evocando duas perspectivas de aplicabilidade metodológica dessa noção, as quais invariavelmente se interpõem e se complementam durante a construção da pesquisa sociológica: uma primeira num sentido mais abstrato e outra num sentido mais concreto. Enquanto “programa”, a noção de campo funciona, portanto, como ferramenta reflexiva que nos permite pensar as práticas e as ações dos agentes não em termos unidirecionais e substancialistas, ao passo que na condição de “engajamento do método” esse mesmo conceito tende a adquirir uma dimensão física mais palpável, na medida em que nos possibilita uma intervenção descritiva mais sistemática e estrutural (expressa, por exemplo, na identificação dos agentes, estruturas, *habitus* e capitais das mais diversas ordens) ainda que sempre talhada pelo senso de reflexividade.

No caso de delimitação do fenômeno esportivo como objeto de análise sociológica, esse duplo uso da noção de campo foi requisitado, ainda que implicitamente, nos textos “Como é possível ser esportivo” (BOURDIEU, 1983b) e “Programa para uma sociologia do esporte” (BOURDIEU, 1990b). Nessas oportunidades, Bourdieu se propôs em questionar sobre o momento de constituição histórico-estrutural desse espaço de disputas pela definição legítima da prática esportiva e das funções legítimas das atividades esportivas, lembrando,

que dessas lutas, que são lutas para impor novos princípios de visão e divisão no campo, resultam estilos de vidas distintivos, mais ou menos ajustados às condições sociais e objetivas de suas próprias produções. Entretanto, gostaríamos de agregar (sem maiores pretensões teóricas, é claro) a essas contribuições tecidas nos respectivos textos, uma preocupação de caráter histórico-estrutural, que, no nosso entendimento, é anterior às perguntas que foram colocadas por Bourdieu em relação à constituição desse microcosmo.

Se nessas oportunidades Bourdieu se perguntou então sobre como foi se constituindo esse universo de disputas que é o campo esportivo, nós, por sua vez, entendemos como de suma importância, para os propósitos e procedimentos de reflexividade histórica, indagar sobre o momento de constituição dos subcampos esportivos, até porque avaliamos que uma das principais condições estruturantes de um universo esportivo concreto em seu momento de aparição na metade final do século XIX na sociedade inglesa, para além das disputas entre amadores e profissionais, entre adeptos do esporte-lazer ou do esporte-competição, é a própria disputa que se protagonizou entre cada um dos esportes emergentes ou reinventados, ou seja, entre os subcampos esportivos e seus respectivos representantes e estruturas.

É possível ainda pensarmos a constituição concreta do campo esportivo não apenas em termos de conflito, mas também de consenso já que muito dos esportes em seu processo de construção histórica e social foram emprestando a outras modalidades esportivas seus modelos de gestão e gerenciamento. Aqui a análise do sociólogo alemão Jürgen Habermas, por exemplo, nos seria muito útil. No entanto, é exatamente o elemento das lutas e dos conflitos que se introduz como ponto central para o nosso argumento, visto que é o sistema de concorrências que o universo das práticas esportivas engendra autonomamente ou por conta ainda da influência política e midiática nas tomadas de posições dos agentes que, inadvertidamente, se constitui como um dos principais fundamentos estruturantes das disposições, isto é, das formas duradouras de ver o mundo e agir nele.

Na exposição realizada durante a primeira parte do capítulo anterior procuramos nos ater justamente sobre essas implicações supracitadas de modo a demonstrar a constituição histórico-estrutural do subcampo esportivo do xadrez tomando por referência de análise alguns dos principais eventos – campeonatos mundiais e torneios – disputados entre a metade final do século XIX e os últimos anos da década de 1960. Nesse percurso, pudemos ainda recuperar muitas das rupturas inerentes à constituição deste subespaço, as quais, invariavelmente, correspondem às exigências do mercado e, por sua vez, denotam as tomadas de posição dos especialistas e produtores culturais segundo as sanções impostas pela nova lógica mercantil que passou a vigorar, tudo leva a crer, após a Revolução Industrial inglesa.

Um primeiro exemplo dessa conjuntura pode ser elencado ao retomarmos as publicações do enxadrista inglês Howard Staunton em 1847 e 1860 bem como a confecção de um padrão *standart* para as peças de xadrez em sua homenagem no ano de 1849. Ambas as inserções ao mesmo tempo em que reforçavam ou conferiam um senso de distinção ao jogador inglês também conformavam um sentido de oferta das práticas esportivas e culturais condizente com as demandas mercadológicas cambiantes no interior dos mais distintos *locus* e universos sociais.

Outro caso bastante esclarecedor nesse sentido mercadológico recobrado se deu em 1873 quando o enxadrista Wilhelm Steinitz, já residindo na Inglaterra, obteve uma coluna no Jornal *The Field* e *Fígaro*, que destinavam um espaço editorial para divulgar as práticas esportivas em potencial destaque na sociedade inglesa dessa época, quais sejam, rúgbi, futebol, atletismo, golfe, remo e o recém inventado tênis. Algumas dessas nuances foram devidamente exploradas pelo pesquisador Federico Garcia:

The professionalisation and institutionalization of sports are related phenomena that first took place in England during the later part of the nineteenth century. In many respects, chess is a typical case. Throughout the century England had become the main center of the chess world, at least as it comes to 'institutions' (clubs, tournaments, journalism, etc.). Howard Staunton, today remembered as the best player next to Anderssen, had organized the first International Chess Tournament in 1851 (as part of the great International Exhibition). England had attracted Philidor, and it would attract both Zukertort and Steinitz (the latter wrote there chess columns for London journal *Figaro* and the newspaper *The Field*). Just as had happened with cricket, rowing, rackets, real tennis, athletics, shooting, billiards, steeple-chasing, golf, soccer, rugby, and polo, an encounter between Oxford and Cambridge was (by suggestion of Steinitz) organized in 1873. Chess was a middle-class activity, like tennis (invented in 1873, first national tournament 1877, Davis Cup in 1900), and golf, and shares with them several interesting characteristics: it was not based on team-effort, and its clubs, were not linked into 'leagues' and functioned as potential or actual social centres (GARCIA, 2003, p. 10-11)

De fato, nesse contexto de constituição de um campo relativamente autônomo das práticas esportivas na sociedade inglesa do final do século XIX, o xadrez se alocava em uma posição privilegiada em relação às demais modalidades esportivas emergentes, até porque a prática enxadrística, na condição de jogo ou passatempo preferido das elites européias, já havia se cristalizado há mais de um século nas teias de interdependência social, o que, em última análise, predispunha seus representantes como detentores de um capital simbólico historicamente legitimado e, por isso, extremamente decisivo nas disputas entre agentes e instituições esportivas no contexto do amadorismo.

É sempre bom frisarmos que a experiência de esportivização da prática enxadrística só veio a se materializar quando o jogo foi contrastado a uma série de mudanças que tiveram

lugar e destaque na sociedade inglesa do século XIX. Para sermos mais exatos, a transição do xadrez de jogo ou lazer intelectual para uma prática com contornos altamente esportivizados só se deu quando a prática enxadrística foi combinada a essa nova instituição inglesa alicerçada sob as bases do associativismo e burocratização parlamentar, qual seja, o clube.

Dessa forma, enquanto na França a cena enxadrística se construía principalmente nos cafés sob o signo do acúmulo de capital cultural e na Alemanha a prática regular do xadrez figurava como elemento fortemente educacional e formador de caráter, na Inglaterra, por sua vez, o enxadrismo se revestiu de um significado completamente distinto que priorizava os componentes racionais e burocráticos em detrimento da informalidade e prescritivismo com que se conduzia a prática do xadrez nos círculos sociais europeus nos séculos XVII e XVIII (LASKER, 1999; SAIDY, 1974; KASPAROV, 2004a).

Se com base nessa análise é certo dizermos que a Inglaterra se constituiu, portanto, como universo social que favoreceu a esportivização do jogo do xadrez, devemos, por sua vez, lembrar que foi nos Estados Unidos que se objetivou pioneiramente e de forma mais regular, sistemática e racionalizada o processo de mercantilização e profissionalização da prática enxadrística. O exemplo mais incisivo para essa análise, talvez seja a realização do primeiro campeonato mundial de xadrez realizado oficialmente nos Estados Unidos em 1886. Em todo caso, é bom lembrarmos que se essa estrutura mercantil e profissional do xadrez que veio a ser sistematizada na sociedade norte-americana teve êxito é porque os mecanismos de gerenciamento esportivo lançados na sociedade inglesa vieram a se reproduzir objetivamente nos Estados Unidos.

No caso do xadrez, essa condição inferida veio a ser personificada nas tomadas de posição de Steinitz, sobretudo, no que tange aos seus esforços para elevar o *status* da prática enxadrística a um esporte e, ao mesmo tempo, profissão. Nesse período, o xadrez experimentou um rápido crescimento na sociedade norte-americana tanto em termos de popularidade como de contribuições técnicas. Houve também uma proliferação de torneios que percorriam semanas e contavam com altas premiações. A imprensa escrita, por sua vez, impulsionou a oferta da modalidade de modo a contribuir com a formação de um contingente de praticantes de xadrez para além da esfera do rendimento e da alta performance (STEINITZ, 1891; FINE, 1983; LANDSBERG, 1993; KASPAROV, 2004a; GARCIA, 2006)

Com efeito, essa nova lógica começou a se consolidar também pela Europa de modo que os principais enxadristas mundiais podiam disputar torneios tanto no velho continente quanto nos Estados Unidos. No entanto, essa proliferação de torneios de xadrez com dimensões mercantis e espetaculares teve uma decaída durante a Primeira Guerra Mundial,

retornando após esse período sem, no entanto, manter as mesmas proporções iniciais com que esse fenômeno foi dimensionado no mundo pré-Primeira Guerra ainda que a conservar um mesmo sentido mercadológico recobrado nas condições histórico-sociais anteriores (FINE, 1983; KASPAROV, 2004a; GARCIA, 2006)

Esse conjunto de relações e propriedades estruturantes do universo do xadrez rapidamente elencados correspondem, no nosso ponto de vista, a uma primeira ruptura incisiva demarcada no sentido de oferta social da prática enxadrística. Uma segunda ruptura contundente, por conseguinte, seria aquela que se deu nos países do leste europeu, especialmente, na antiga União Soviética. Portanto, se por um lado, podemos dizer que as experiências mais incisivas de esportivização e mercantilização do xadrez tiveram sua gênese e sistematização no interior da sociedade inglesa e norte-americana, por outro, podemos afirmar que as experiências mais expressivas de massificação e popularização do xadrez foram estabelecidas originalmente enquanto tais nas redes sociais constituintes da sociedade soviética das primeiras décadas do século XX.

Dessa forma, é possível construir o argumento de que nos países de orientação capitalista uma das especificidades do subcampo esportivo do xadrez a partir dos anos 1880 diz respeito ao fato de que as relações entre os agentes e estruturas envolvidos nessa prática esportiva eram impreterivelmente reguladas e mediadas pelo mercado de bens materiais e simbólicos ao passo que nas sociedades de orientação exclusivamente socialista as relações estabelecidas no subcampo esportivo do xadrez, sobretudo a partir dos anos 1920, eram reguladas pela burocracia estatal e pelas tomadas de posição governamentais (FINE, 1983; LASKER, 1999; KASPAROV, 2006).

É claro que essas variações se retroalimentam de modo que a economia do mercado não estava ausente no subcampo do xadrez na União Soviética e nem muito menos a alta racionalização ideológica do Estado no que tange ao gerenciamento das modalidades esportivas – expresso, por vezes, no acúmulo de capital político – se fazia remota no subcampo do xadrez consolidado na sociedade consumista norte-americana. O que podemos afirmar, portanto, é que no interior de uma sociedade de orientação socialista as relações entre esporte e Estado se sobrepõem as relações entre esporte e mercado, ao passo que em uma sociedade de orientação capitalista essa ordem tende a se inverter.

Com rigor, essa dinâmica de funcionamento do subcampo esportivo do xadrez é fundamental para entendermos o processo de concorrência histórica que essa modalidade estabeleceu frente às demais opções de prática de esportes em sua “história esportiva” relativamente autônoma. Na União Soviética, o xadrez – prática esportiva associada

consensualmente à ideologia comunista – era tratado como uma causa de Estado. Na condição de modalidade diferenciada por acumular um alto volume de capital intelectual e simbólico em sua forma e sentido de oferta, o xadrez soviético possibilitava aos seus mestres e grandes mestres, isto é, os enxadristas de ponta, salários diferenciados em relação aos cidadãos comuns e aos atletas de outras modalidades (LASKER, 1999; KASPAROV, 2005; LOUREIRO, 2006; EDMONDS; EIDINOW, 2007).

Além disso, os jogadores profissionais de xadrez da URSS assim como os atletas das demais modalidades esportivas eram considerados como funcionários do Estado e no interior dessa hierarquia de distribuição das práticas culturais, o enxadrismo, por sua vez, ocupava posição dominante ainda que, por mais contraditório que se pareça, das duzentas escolas de especialização esportiva que a União Soviética mantinha regularmente na transição dos anos 1960 para 1970 apenas sete delas ofertavam sistematicamente o xadrez. Em contrapartida, o xadrez era componente curricular obrigatório nas escolas primárias e secundárias soviéticas se concretizando assim como a principal via de formação de um *habitus* enxadrístico no interior dos países de orientação política comunista (SAIDY, 1972; LASKER, 1999).

Já nos países de economia capitalista, a lógica de formação dos *habitus* esportivos tem se mantido histórica e prioritariamente condicionada aos ideais e valores do mercado. No caso do xadrez, esse processo de formação dos *habitus* tem seu equivalente na difusão de produtos e bens associados diretamente a essa prática para além da zona de consumo formada pelos grupos sociais e esportivos com experiências consolidadas com o enxadrismo no decorrer de suas histórias. Dito em outros termos, é muito claro e até mesmo natural que no interior de uma família de enxadristas, essa prática seja herdada pelos filhos segundo a lógica de transmissão do capital cultural, para usarmos os termos de Bourdieu.

Diante dessa tendência de transmissão do capital cultural e formação do *habitus* primário (referências sociais e culturais herdadas da família), a lógica do mercado não pode ser considerada, portanto, como principal dispositivo inerente a perpetuação de estilos de vida esportivos pautados na prática e no consumo do xadrez. No entanto, com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa no mundo pós-Segunda Guerra, a difusão da prática enxadrística e a formação dos *habitus* esportivos passam a ser condicionados especificamente pelas sanções do mercado e pelo subsequente desenvolvimento de uma sociedade de consumo, ultrapassando, inclusive, as tendências de formação do gosto a partir da herança cultural familiar e das ações centralizadas nas políticas estatais de esporte e lazer.

Por conseguinte, a concorrência da modalidade de xadrez frente aos demais esportes no campo esportivo tendia, nesse contexto de desenvolvimento dos meios de comunicação de

massa, a ser minimizada ou até mesmo anulada. Isso, por sua vez, não quer dizer que o subcampo do xadrez tenha se mantido resistente as demandas midiáticas e mercadológicas. Como pudemos ver até aqui, ao longo de sua “história esportiva” relativamente autônoma, a atribuição de contornos mercantis e espetaculares à prática enxadrística foi um dos fundamentos cruciais para a esportivização do jogo e para sua consolidação como um dos primeiros subcampos esportivos modernos.

Nesse sentido, a dificuldade da modalidade de xadrez em se firmar no pólo dominante do campo esportivo no contexto da sociedade de consumo não se trata ou se deve a uma recusa de seus representantes e estruturas a entrar no “jogo mercadológico”, mas, dentre outros fatores, se explica em função da hierarquia moral de distribuição do capital intelectual e corporal no campo esportivo e na sociedade como um todo. Vale notarmos que em termos de distribuição e circulação dos artefatos e bens culturais, não resta dúvidas, de que aquelas práticas esportivas que priorizam o corpo, a continuidade do movimento e o descontrolo controlado das pulsões tendem a se constituir como esfera dominante no setor de vendas e comercialização do esporte e dos bens esportivos.

Em contrapartida, as práticas esportivas que supostamente enfatizam mais os aspectos cognitivos e mentais em relação ao corporal tendem a ser encerradas em segundo plano no campo esportivo atraindo a atenção e despertando o interesse apenas de populações restritas e que ocupam prioritariamente as posições privilegiadas no interior dos universos culturais e eruditos, embora sempre existam as devidas exceções. Nem mesmo a posição dominante consolidada pela URSS no subcampo do xadrez após a Segunda Guerra foi suficiente para alocar o enxadrismo em um patamar de oferta e consumo semelhante ao futebol e as modalidades integrantes do programa olímpico.

Com base, portanto, nesses argumentos introduzidos e nas amarrações empírico-teóricas que foram tecidas durante o *capítulo II*, podemos dizer que ao longo da “história esportiva” do xadrez, foram, sobretudo, suas primeiras décadas na condição de prática concorrente no campo esportivo que representou uma maior visibilidade social para seus adeptos e aficionados; visibilidade essa, expressa objetivamente na internacionalização dos torneios, na inserção da imprensa escrita e de investidores no subcampo esportivo do xadrez.

No entanto, logo após a Primeira Guerra, o xadrez começou a perder sua representatividade no universo dos esportes, até porque a criação da Copa do Mundo de Futebol em 1930 e a realização dos Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1932 viriam a demarcar o início de um período em que os grandes eventos e os grupos aristocráticos a eles ligados passariam a deter privilegiadamente o monopólio das ações no campo esportivo de

modo que as práticas esportivas não incluídas no rol olímpico e que não mobilizassem as massas como o futebol e demais esportes coletivos emergentes estariam condenadas, sob o peso das demandas simbólicas e materiais, a cair no ostracismo e se encerrar cada vez mais dentro de seus próprios universos e círculos sociais.

No caso do xadrez ainda existe o imperativo da modalidade desde 1927 sediar uma espécie de Olimpíada própria denominada de “Torneio das Nações”, a qual foi criada oportunamente após o fracasso da inclusão desse esporte nos Jogos Olímpicos de Paris em 1924 quando então foi realizado um torneio individual que contou com a participação de apenas dezoito países, fato esse que, em última análise, acabou levando o COI a não reconhecer o xadrez como modalidade integrante do programa olímpico.

Após um quarto de século de indisposições entre o COI e a FIDE – entidade máxima do xadrez mundial que foi formalizada na oportunidade dos Jogos Olímpicos de Paris – finalmente o “Torneio das Nações” passou a se chamar oficialmente de Olimpíadas de Xadrez, ainda que seus adeptos e representantes, mesmo sem essa oficialização, insistissem em atribuir o jargão de olímpico a sua modalidade o que, mais uma vez, reforça a categoria da distinção social como um dos fundamentos centrais e decisivos na construção e consolidação da “história esportiva” do xadrez. Por sua vez, essa concessão do termo olímpico pelo COI foi conferida desde que a FIDE não se valesse dos atributos e símbolos olímpicos (anéis, bandeiras, hino), uso esse que, por sinal, só seria permitido apenas em 2001 quando o xadrez foi reconhecido oficialmente como esporte olímpico pela instituição.

Durante o período de 1948 até o início da década de 1970 a concorrência da modalidade de xadrez no campo esportivo, igualmente ao que já vinha se estabelecendo no período entre guerras, também se constituiu sob as bases da informalidade midiática e da oferta social da prática apenas para círculos sociais restritos. E isso, dentre outros fatores, basicamente porque a ortodoxia instaurada no subcampo do xadrez por conta da hegemonia soviética expressa no monopólio dos títulos em disputa nos Campeonatos Mundiais e nas Olimpíadas de Xadrez, não propiciara um clímax esportivo apto a atrair e mobilizar um contingente de consumidores, o que, de certa forma, tendia a inviabilizar a incursão da mídia dominante e dos potenciais investidores e patrocinadores no subcampo esportivo em questão.

A propósito, é sempre bom lembrarmos que uma das mais evidentes características psicossociais inerente à prática enxadrística se refere ao fato da mesma possibilitar, em função de seus atributos esportivos e lúdicos, um contexto de fruição muito específico e diferente da maior parte dos esportes; um contexto de fruição onde se predomina uma espécie de emoção “refreada” e um controle severo das pulsões tanto por parte dos atletas quanto dos torcedores.



Esse sentimento específico, por sua vez, só é desperto naqueles agentes que possuem os códigos da modalidade e o sentido de jogo impresso em sua forma de ver e apreciar a referida prática. Nessa circunstância inferida, aqueles que não possuem os pressupostos psicossociais e técnicos para a leitura do jogo são reduzidos a categoria de leigos e, além disso, tendem a não reconhecer a emoção específica que a prática do enxadrismo evoca e desperta.

Se não bastasse, portanto, essa economia emocional vigente no subcampo do xadrez que pouco favorecia uma tomada de posição mais expressiva da estrutura enxadrística no campo esportivo, ainda tinha-se o elemento da ortodoxia no subcampo que tornava a prática de xadrez potencialmente inapta a cativar um público mais heterogêneo e jovem. Talvez seja, inclusive, por conta desse entendimento que muitos dos organismos e instituições sociais posicionadas predominantemente no campo esportivo se manifestam resistentes ao monopólio de títulos e conquistas esportivas na figura de uma nação, Estado e, até mesmo, clube, visto que as estratégias de conservação da estrutura de distribuição dos títulos e das consagrações esportivas, a partir de um determinado tempo, estão fadadas a levar a monotonia e ao tédio, condicionando alguns esportes a uma possível perda de visibilidade pelo afastamento gradual e circunstancial da mídia e, o que é mais grave, pelo desinteresse dos consumidores.

Em que se pese essa descrição ensaiada sobre a posição historicamente subordinada do enxadrismo em relação à distribuição e circulação das práticas no universo de oferta e consumo dos esportes, no contexto do “*match* do século”, entretanto, a modalidade de xadrez finalmente logrou em alcançar uma posição de prestígio e visibilidade no campo esportivo, a qual foi traduzida respectivamente na ressignificação de sua oferta e consumo, ainda que por um período relativamente curto conforme aludem os materiais empíricos que consultamos. Nas próximas linhas procuramos nos ater exatamente sobre essa tomada de posição da estrutura enxadrística no campo esportivo de modo a torná-la o mais inteligível e transparente possível do ponto de vista sociológico.



A final do torneio de candidatos disputada pelo soviético Tigran Petrosian e pelo norte-americano Bobby Fischer entre os meses de setembro e outubro de 1971 na cidade de Buenos Aires foi um prelúdio do circo midiático e da conjuntura mimética e catártica que viria a se constituir e se protagonizar durante o chamado “*match* do século” em Reykjavik no ano seguinte. Na edição 165 da revista *Veja* de novembro de 1971, algumas dessas impressões foram devidamente reforçadas e sintetizadas:

Foi a luta do mastim com o buldogue. No fim, depois de 27 dias e 370 jogadas, a agressividade do mastim venceu a tenacidade do buldogue. E, às 21h20 da terça-feira passada, sentado numa cadeira de madeira, no estrado iluminado a luz fluorescente da sala Martín Coronado, no teatro San Martín, de Buenos Aires, Tigran Vartanovich Petrossian, um armênio de 42 anos de idade, deitou o rei preto no tabuleiro de xadrez e estendeu a mão ao seu adversário. Foi Tudo. Mas a sala Martín Coronado explodiu. Duas mil pessoas saltaram de seus lugares e invadiram as passagens, gritando e aplaudindo. Após 22 anos de indiscutível hegemonia soviética, Robert James Fischer, um americano magro, de 28 anos, acabava de conquistar o direito a disputar o título mundial de xadrez, em abril do ano que vem VEJA, 3-11-1971, p. 63).

Essa edição de *Veja* ainda retratou alguns dos efeitos que a final do torneio de candidatos produziu na capital argentina:

(...) O assalto de Fischer ao título mundial produziu uma verdadeira histeria nos países onde o xadrez é uma paixão popular. Na Argentina, onde 1 milhão de pessoas (6% da população acima dos 15 anos de idade) pertencem aos clubes de xadrez, manchetes de jornais saudaram Bobby à sua chegada a Buenos Aires (VEJA, 3-11-1971, p. 63).

De fato, o ano de 1971, por conta das vitórias de Fischer contra dois dos mais renomados maestros soviéticos no torneio de candidatos – Mark Taimanov e Tigran Petrosian – favoreceu o estabelecimento de um contexto social simbolicamente singular para a posterior consolidação do xadrez como uma prática *cristalizada* no campo esportivo pelo no mínimo durante os próximos cinco anos. Ao contrário do que se convencionou pensar, portanto, o xadrez não obteve uma circulação nos principais jornais, revistas ou programas televisivos do mundo apenas em 1972, mas já durante a realização do torneio de candidatos.

Devemos ponderar, nesse sentido, que a figura de Bobby Fischer, sem dúvida, foi central nesse movimento, visto, inclusive, que uma das leis gerais de atuação dos especialistas midiáticos em suas tomadas de posição no campo esportivo é exatamente corroborar com a construção e projeção de algumas personalidades “ideais” (segundo a lógica do mercado e da exposição sensual do corpo) aptas a mexer com as emoções do público consumidor.

Além disso, e pelo que os materiais históricos sugerem, Fischer conserva o posto distintivo de ter sido um dos primeiros garotos propaganda da modalidade de xadrez ao longo de sua “história esportiva” relativamente autônoma, condição essa reforçada tanto pela inserção prematura de sua imagem no referido subcampo esportivo quanto pelas apropriações estéticas de sua pessoa quando jovem, expressas, sobretudo, nas fotografias que até hoje continuam sendo reportadas e reproduzidas nos meios de comunicação de massa. Notemos algumas inserções demandadas exatamente com esse intuito:



IMAGEM 4 51



IMAGEM 5 52



IMAGEM 6 53

A imagem 4 trata-se da capa da *Chess Review American* de dezembro de 1956 que explorou a figura de Fischer quando o mesmo tinha treze anos, enquanto as imagens 5 e 6 se referem a fotografias que foram recuperadas pelo editorial do jornal *The New York Times* para compor reportagem divulgada em 19 de janeiro de 2008, dois dias após o falecimento do enxadrista em Reykjavik, cidade onde residia desde 2005. Na imagem 5, segue a seguinte legenda: “Mr. Fischer in 1972, the year he won with such brilliance and dramatic flair that he became an icon, an unassailable representative of greatness in the world of competitive games, much as Babe Ruth had been and Michael Jordan would become”. Já na imagem 6 temos o seguinte comentário: “Bobby Fischer died on Thursday at 64, leaving behind a legacy as one of the greatest chess players the world has ever seen. At left, a portrait from 1962”.

É no mínimo curioso notar que ambas as frases vinculadas às referidas imagens no *The New York Times* conservam atributos discursivos e simbólicos típicos do patriotismo vigente na sociedade norte-americana. A comparação de Fischer a Babe Ruth e Michael Jordan bem como o uso abusivo de adjetivos são indícios desse uso, consciente ou inconsciente, que é feito dos espaços jornalísticos e midiáticos para reforçar a percepção superior que, sob o peso de muitas circunstâncias, os cidadãos norte-americanos fazem deles mesmos. Em contrapartida, nessa mesma reportagem do *The New York Times* – estrutura posicionada predominantemente no campo midiático estadunidense – apenas uma imagem do Bobby Fischer envelhecido, doente e decadente dos últimos dez anos que antecederam sua

<sup>51</sup> Disponível em <<http://www.chessbase.com/newsdetail.asp?newsid=3467>> Acesso 13 mai. 2008.

<sup>52</sup> Disponível em <<http://www.nytimes.com/2008/01/19/crosswords/chess/19fischer.html?Sitecp=2&sq=bobby+fischer&st=nyt>> Acesso 13 mai. 2008.

<sup>53</sup> Disponível em <<http://www.nytimes.com/2008/01/19/crosswords/chess/19fischer.html?Sitecp=2&sq=bobby+fischer&st=nyt>> Acesso 13 mai. 2008.

morte foi veiculada, o que, por conseguinte, também não deixa de denotar que para as instâncias midiáticas, em sua regularidade, a pessoa pública do atleta só tem valor quando a mesmo está no auge de sua fama, de seus feitos e façanhas no mundo esportivo.

Em relação à imagem de Fischer devemos frisar que muitas teorias e leituras povoadas ora por elementos “míticos” e “mágicos”, ora por argumentos de teor político alegando utilização de meios ilícitos para obtenção de vitórias foram associados à sua pessoa, especialmente, quando seu desempenho enxadrístico começou a comprometer objetivamente a hegemonia dos enxadristas soviéticos no subcampo do xadrez. Tanto no “*match* do século” quanto no torneio de candidatos que precedeu o referido confronto, o enxadrista norte-americano foi acusado de possuir “poderes sobrenaturais” e utilizar de hipnose contra seus adversários, afinal a derrota de Taimanov e Larsen sem ganhar sequer uma partida dele, era tida no senso-comum como algo improvável e impossível a não ser que estratégias ilícitas estivessem em jogo. O comentário do enxadrista e jornalista português João Cordovil é alusivo quanto a esse argumento:

Não é a primeira vez que “Bobby” Fischer sofre deste tipo de acusações. No “*match*” precedente contra Tigran Petrossian, é o grande mestre Miguel Najdorf que nos conta, nos comentários que faz à segunda partida deste encontro, o seguinte diálogo: “Meio a sério, meio a brincar, Rona, esposa de Petrossian, perguntou-me, no dia anterior, se Fischer não teria oculto consigo algum computador electrónico que lhe ditasse as jogadas. Eu ri, mas ela insistiu. Não se ria que pode ser verdade”. O norte-americano perdeu essa partida e Najdorf intitulava o seu artigo, ironicamente, de “O computador em mau dia”. Os soviéticos há muitos anos que se preocupam com Fischer. Pode o leitor estar seguro de que o estudaram de todas as formas possíveis e imaginárias. Não correriam o risco de o deixar chegar até à final, se houvesse alguma suspeita de hipnotismo... (CORDOVIL, 1973, p. 224)

Outro comentário bastante sugestivo sobre as “forças ocultas” ou ilícitas supostamente atuantes nas vitórias de Bobby Fischer é fornecido pelos pesquisadores e periodistas da BBC Londres, David Edmonds e John Eidinow. Em sua empreitada empírica sobre o “*match* do século” os autores enfatizam:

La vigilancia existía antes del match, tal como prueba el informe oficial al Comité de Deportes sobre la preparación de Spassky, redactado el 16 de octubre de 1971 por Víktor Baturinski. En el informe advertía de que los norteamericanos intentarían celebrar el match en el continente americano, lo cual conferiría a Fischer “ciertas ventajas” El informe continuaba: “Además, en la relación con los resultados de los matches de Fischer contra Taimanov, Larsen e Petrosian, existen algunas conjeturas sobre la influencia en estos resultados de factores ajenos al ajedrez (hipnosis, telepatía, comidas drogadas, escuchas de análisis internos, etc.)”. Tras la aplastante derrota de Taimanov, el director de su equipo, Alexandr Kotov, suscitó el tema de las influencias externas ajenas al ajedrez sobre Spassky: “Da la impresión de que esto no es la primera vez que sucede. En el match entre Taimanov e Fischer, tuve la sensación todo el tiempo de que había gente escuchándonos” (EDMONDS; EIDINOW, 2007, p. 288).

Do lado dos produtores do espetáculo, esse tipo de especulações conserva no fundo o desejo dos agentes envolvidos justificarem seus fracassos e maus desempenhos no subcampo do xadrez e no campo esportivo atribuindo essas condições, na maioria das vezes, a causas terceiras ou então a tomadas de posições que ferem a lisura esportiva. Já do lado dos consumidores do espetáculo, essas suspeições e crenças têm objetivamente por intuito fomentar e fundar um universo de representações e tensões que conferem sentido as práticas ou bens consumidos e, de forma indireta, aos seus próprios estilos de vida. Por sua vez, essas duas perspectivas de circulação e repercussão dos fatos esportivos tendem a se retroalimentar de modo a constituir aquilo que Bourdieu chama de *doxa*.

Óbvio que existem implicações políticas e relações de favorecimento no campo esportivo. Não estamos a colocar isso em prova. Entretanto, somos inclinados a crer que nessa conjuntura imaginária e simbolista criada no universo das práticas esportivas se prefiguram mais traços característicos e identificadores de uma “teoria da conspiração social” do que propriamente de um cálculo prospectivo e racionalista dos produtores esportivos de modo a prescrever os resultados e a transcorrência do jogo, se bem que não podemos ignorar que as tentativas do *corpus* de especialistas burocráticos em subverter as regras sempre estão a rondar de forma perigosa os eventos protagonizados no campo esportivo. Com relação ao “*match* do século”, o indício de construção de uma “teoria da conspiração” ganha força ao revisitarmos as próprias imagens e notícias que circularam sobre o acontecimento. Vejamos:

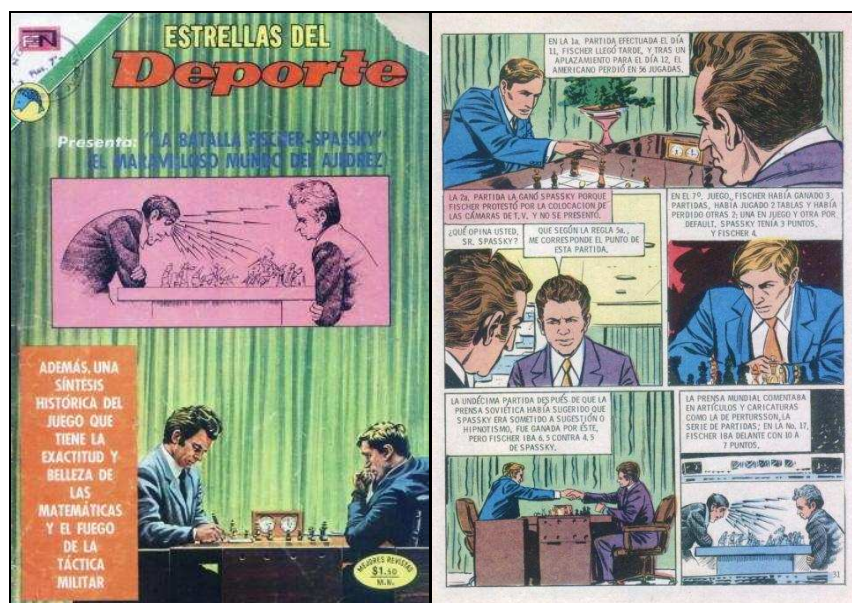


IMAGEM 7

54

<sup>54</sup> Retirada de: La Batalla Fischer-Spassky – El maravilloso Mundo del Ajedrez. *Estrellas del Deporte*, México, capa e p. 31, fev. 1973.

A referida imagem é composta pelo recorte da capa e da página 37 da revista mexicana *Estrellas del Deporte*, colocada a disposição dos consumidores em fevereiro de 1973, cinco meses após o término do confronto entre Fischer e Spassky. O que é importante retermos dessa imagem, além da condição de repercussão do “*match* do século” após a finalização do confronto, é exatamente a atribuição de “poderes mentais” ao enxadrista norte-americano Bobby Fischer (veja-se a tira rosa da capa), o que, em última instância, reitera que a conquista do título mundial por ele, passado alguns meses da disputa em Reykjavik, ainda continuava a povoar o imaginário dos agentes no sentido de solicitar conspirações políticas e econômicas que supostamente e de forma articulada envolviam o esporte nesse período.

Essa “teoria da conspiração”, por conseguinte, não é boa e nem má. Fruto de disposições históricas, ela está a se perpetuar e se reproduzir no campo esportivo revestida das mais distintas formas simbólicas, miméticas e catárticas quando senão dessas três variantes combinadas. Além disso, é exatamente por via desses questionamentos e dúvidas suscitadas no universo representacional do esporte que se constitui uma das especificidades em voga nas práticas esportivas e que inclusive lhes tornam atrativas e lhes predis põem como um *locus* de visibilidade e lucratividade das mais diversas ordens e sintonias, isto é, o sensacionalismo.

Com relação ao universo representacional constituído em torno do “*match* do século” existe ainda o imperativo da Guerra Fria. A propósito, se ignorássemos esse contexto histórico de disputas objetivas e simbólicas entre Estados Unidos e União Soviética, muitos detalhes e informações cruciais para análise que estamos propondo nos seriam bloqueados. Não teríamos, por exemplo, condições de sustentar o argumento de que a *cristalização* do subcampo do xadrez no campo esportivo se deu mediante a imposição de um arbitrário cultural pautado nas disputas simbólicas entre as duas superpotências como realidade objetiva e fundadora de um universo consumista de disposições midiáticas e políticas.

Dentre outras circunstâncias, essa retomada do período histórico-social da Guerra Fria é também importante para as análises sociológicas do esporte porque a mesma nos possibilita recuperar e, em seguida, entender os sentidos da oferta esportiva produzidos na sociedade do consumo e do espetáculo. Conforme tentamos demonstrar no capítulo anterior, esses sentidos específicos da oferta esportiva nesse contexto histórico foram construídos de duas formas complementares. Primeiramente, devemos notar que o embate entre EUA e URSS favoreceu a disseminação, em larga escala, do modelo de vida consumista norte-americano para várias regiões do mundo. E isso, sobretudo, pelas vias mais insidiosas possíveis, quais sejam, as que solicitam irrefletidamente o imaginário dos agentes e suas emoções, o que, em termos mais sucintos, nos sugere uma constituição simbólica do mercado.

Um segundo ponto de sustentação para pensarmos o esporte a partir dessa incursão histórico-estrutural no contexto da Guerra Fria diz respeito ao fato de que o conjunto de crenças e mitos que veio a consolidar aquilo que estamos chamando de “teoria das conspirações” no campo esportivo foram ressignificadas e encontraram as condições sociais favoráveis para sua *cristalização* durante esse período de aproximadamente meio século. Dito de outro modo, sem esse pano de fundo simbólico e consensual, muitas das especulações cotidianas e midiáticas produzidas, por exemplo, em relação aos Jogos Olímpicos (especialmente a edição de Moscou e Los Angeles) ou então sobre o “*match* do século” dificilmente seriam digeridas e repercutiriam em escala global.

Na consolidação desse processo, os agentes e estruturas do campo midiático, conforme já sugerimos nesse capítulo, concorreram de forma singular no interior do universo que eles próprios constituíam e de modo a possibilitar a circulação e distribuição homogênea desses valores perpassados pelo simbolismo da Guerra Fria e que haviam encontrado oportunamente no confronto entre “Fischer-Spassky” um *locus* social apto a materializar a dimensão desse embate entre as duas potências nascido objetivamente no campo político. Além disso, devemos nos atentar ao *insight* empírico-teórico de que enquanto algumas idéias e representações presentes no subcampo esportivo em questão têm sua gênese no senso comum e são impulsionadas pela mídia, outras idéias e representações são lançadas pioneiramente pelos agentes midiáticos e a partir daí é que se espalham e se enraízam no senso comum.

O desvelamento dessa dialética simbólica nos interessa, sobretudo, porque a mesma veio a se constituir como um dos componentes que regulou a lógica de concorrência da modalidade de xadrez – prática esportiva e cultural fundada em esquemas simbólicos e miméticos decorrentes de seu caráter historicamente relacional traçado com a guerra e em função do contexto histórico-estrutural definido, com a própria Guerra Fria – no interior do campo esportivo, principalmente, durante o “*match* do século” e, no mínimo, pelos próximos cinco anos que sucederiam o confronto.

Por conseguinte, essa lógica de concorrência do xadrez se apresentou de maneiras distintas no interior do campo esportivo, isto é, obedecendo basicamente demandas e sanções colocadas, por um lado, pela estrutura político-social vigente nos países de orientação socialista e, por outro, pela estrutura correspondente às tomadas de posição dos agentes que se movimentavam no interior do campo político e econômico dos países de direção capitalista. Em relação, por exemplo, ao lugar ocupado pela estrutura enxadrística soviética no subcampo esportivo do xadrez em 1972, a revista *Veja* nos fornece alguns apontamentos que nos permitem ter idéia do quão dominante era a posição da URSS nesse universo:

Dos 6 milhões de jogadores de xadrez organizados no mundo a metade vive na União Soviética. E dos 82 grandes mestres internacionais, 36 são soviéticos (em comparação com treze iugoslavos, onze americanos, seis argentinos e um brasileiro – Mequinho) (VEJA, 9-8-72, p. 61).

De fato, a estatização do xadrez na União Soviética após a Primeira Guerra Mundial em aproximadamente meio século já havia possibilitado a consolidação de uma infraestrutura profissional – vale frisarmos, inferior a experiência de outros esportes no interior do bloco socialista – difícil de ser superada por outros países se bem que o principal efeito desse sistema não se refere apenas a essas incursões dominantes no âmbito do alto nível esportivo, mas principalmente na objetivação de uma estrutura de distribuição e circulação regular dos bens enxadrísticos garantida na figura do Estado e, desse modo, decisiva no processo de constituição de disposições enxadrísticas duráveis, isto é, de um *habitus* esportivo duradouro.

Na esteira dessa análise, devemos notar ainda que durante as últimas partidas do “*match* do século”, a mídia soviética, subvertida pela lógica estrutural do momento desfavorável ao sistema ideológico comunista, oportunamente passou a direcionar suas transmissões para os Jogos Olímpicos de Munique se bem que no início do *match*, quando Spassky mantinha vantagem no placar, a orientação jornalística era de maximizar a superioridade do atleta soviético em detrimento do norte-americano. Acompanhemos:

Em la primera partida que ganó Spassky los despachos de La Agencia soviética de noticias TASS, dedicaron cinco páginas a resaltar la Victoria. Dos mas que las noticias de Vietnam. A la tercera partida que ganó Fischer dedicó exactamente seis líneas, cuyo encabezamiento decía: 2 a 1 a favor de Spassky (GONZÁLEZ, 1972, p. 115).

Desde la apertura de los Juegos Olímpicos, la televisión soviética, que tenía costumbre de analizar y comentar todas las noches la última partida disputada en Reykjavik, cesó sus emisiones especiales sobre ajedrez y se consagró enteramente a sus atletas de Múnich. Pero esto no pudo “despistar” a los millones de aficionados rusos que seguían las partidas por cualquier medio a su alcance (GONZÁLEZ, 1972, p. 276).

Interessante notarmos que, mesmo com os efeitos sociais de caráter político exercidos no interior do campo midiático na URSS conforme sugerem as citações, a concorrência da modalidade de xadrez no espaço social soviético não foi alterada, até porque a formação dos *habitus* enxadrísticos nos países de experiência socialista, sob o peso simbólico e material do contexto histórico definido e situado, não era condicionada predominantemente pela lógica do mercado, mas de forma contrária e incisiva, segundo as posições de autoridade lançadas no interior dos campos burocráticos, ou melhor, nos *locus* sociais correspondentes à ação das instâncias legitimadoras do poder estatal.



Nesse sentido, podemos dizer que a lógica prática das disposições, a qual, sem dúvida, foi, sobretudo, a lógica reguladora da concorrência da modalidade de xadrez ou de qualquer outro esporte na União Soviética durante a Guerra Fria, conduz ao entendimento de que o poder estruturante dos agentes e estruturas midiáticas na formação dos *habitus* enxadrísticos deve ser relativizado em se tratando da análise dos estilos de vida decorrentes do consumo do xadrez nos países socialistas, visto que, nas sociedades onde a prática do xadrez já está historicamente legitimada, a ação da mídia, seja ou não controlada pelo Estado, não detém o monopólio do poder de alterar drasticamente a lógica de demanda e, portanto, de concorrência de uma modalidade no campo esportivo. As imagens que seguem talvez nos esclareçam mais quanto a esse argumento:



IMAGEM 8

55



IMAGEM 9

56

Ambas as ilustrações se referem à reprodução dos lances da 19ª partida de Spassky e Fischer por diferentes gerações de cidadãos soviéticos no dia seguinte a realização da mesma. Essa partida foi disputada em 27 de agosto de 1972 e acabou em empate, o que, por conseguinte, deixou Bobby Fischer a apenas 1,5 ponto da conquista do título. No entanto, mais que uma mera reprodução de lances, essas imagens reforçam o pressuposto de que mesmo com Spassky próximo de ser sobrepujado pelo norte-americano, os consumidores e praticantes de xadrez na União Soviética não deixaram de desfrutar de uma prática já

<sup>55</sup> Retirada de González, 1972, p. 226

<sup>56</sup> Retirada de González, 1972, p. 226

circunscrita em seus cotidianos, condição essa, que uma leitura desatenta, muitas vezes, pode ignorar ao tomar as impressões dos jornalistas ou, até mesmo, dos produtores culturais imersos no subcampo do xadrez como retrato incondicional da realidade e que, dessa forma, não precisa ser contraposto ao universo social singular onde aquilo que foi enunciado pelos agentes, de fato, se constituiu como prática objetiva.

Para além do desvelamento dessas leis gerais que desmistificam a lógica de oferta e demanda da prática enxadrística na União Soviética, é importante, entretanto, reiterarmos que a derrota de Spassky diante de Fischer, por mais contraditório que pareça, foi positiva para se reavaliar a concorrência do xadrez diante das demais práticas esportivas oferecidas pelo Estado soviético para as populações mais jovens. O seguinte trecho corrobora:

Nikolái Kroguíyus que se convirtió en director de la organización de ajedrez del Estado, reconoce que, a la larga, el impacto de la derrota de Spassky fue beneficioso: “Las autoridades querían ayudar a los jugadores jóvenes y a desarrollar el ajedrez en todo el país. Se abrieron muchas escuelas infantiles de ajedrez, se aumentó la publicación de la literatura ajedrecística, se reorganizó el sistema organizativo del campeonato de la Unión Soviética, se prestó más atención a los jugadores jóvenes prometedores, a cuya cabeza estaba Karpov. Parece paradójico, pero la victoria de Fischer tuvo una influencia positiva en la elevación de la calidad del ajedrez en la Unión Soviética (EDMONDS; EIDINOW, 2007, p. 329).

Essas tomadas de posição, que incluíram medidas e estratégias envolvendo desde a base até o alto nível do xadrez soviético, foram constituídas, nesse sentido, como os potenciais efeitos que o “*match* do século” exerceu na oferta da modalidade de xadrez no interior dessa sociedade específica e, principalmente, em sua capital Moscou. Nesse caso, podemos falar de um “legado esportivo” decorrente não de um ato ou uma série de atos econômicos e prescritivos propriamente inaugurais, mas de um processo pelo qual um contexto simbólico e mimético, isto é, de representações políticas e mentais fortes, acabou se convertendo em mudanças estruturais importantes que, anos mais tarde, materializaria novamente o estabelecimento da hegemonia soviética no subcampo do xadrez, através da personificação dos títulos mundiais nas figuras de Karpov e Kasparov.

Se é certo, portanto, falarmos que na União Soviética a mídia apenas cumpriu seu papel informativo e ideológico, não invertendo, em última análise, a lógica de concorrência da modalidade de xadrez no campo esportivo local até mesmo por conta do enraizamento social da prática enxadrística naquela sociedade, não menos correta é a análise de que nos Estados Unidos e em outros países capitalistas, a ação propulsora do campo midiático na formação de disposições e na subversão, ainda que momentânea, da estrutura de distribuição das práticas e consumos esportivos foi central e decisiva, conforme se alude na seguinte passagem:

Un reportero visitó veintiún bares durante una partida, y descubrió que dieciocho tenían la televisión sintonizada con este programa, y solo tres con el partido de béisbol de los New York Mets, que los clientes habrían exigido en circunstancias normales. Cuando, en una ocasión, los ejecutivos del Canal 13 se decantaron por retransmitir la Convención Demócrata en lugar del ajedrez, pronto se vieron obligados a dar marcha atrás en su decisión cuando cientos de personas telefonearon para quejarse, y algunas amenazaron con quemar la emisora (MORAN, 1972, p. 80).

Exigências e reivindicações desse gênero, possivelmente, vêm acompanhando as relações de consumo enxadrístico nos Estados Unidos, com mais notoriedade e frequência, desde a final do torneio de candidatos disputada entre Petrosian e Fischer em outubro de 1971 na cidade de Buenos Aires. É sempre bom lembrarmos, que se disposições consumistas puderam se constituir de forma incisiva no interior dos campos sociais conforme vimos na citação de acima, é porque a correspondência entre o espaço dos produtores e o espaço dos consumidores, estava articulada de maneira a estabelecer uma verdadeira dialética mercadológica cuja essência reside no desvelamento de esquemas simbólicos e emocionais ativados nesse contexto social específico. Essa dialética mercadológica, por sua vez, pode ser recomposta de maneira bastante justa nas impressões de Edmonds e Eidinow:

Y no obstante, solo nueve meses después de aquella súplica, el ajedrez aparecía cada día en primera plana del periódico más vendido del país, el New York Times. Las tres principales cadenas de televisión norteamericanas enviaban equipos a Islandia. Ante el asombro de los ejecutivos de la televisión, cuando el programa de la tarde del Canal 13 emitió las partidas tal como eran retransmitidas gracias a una conexión telegráfica desde Reikiavik, prono atrajo a millones de espectadores, el mayor índice de audiencia que la televisión pública había alcanzado jamás (EDMONDS; EIDINOW, 2007, p. 260).

Essa conjuntura espetacular e mercadológica construída em torno da modalidade de xadrez nos Estados Unidos, conforme sugere o relato dos autores, por conseguinte, só nos é revelada quando nos predispomos a perceber que muitos elementos simbólicos das lutas entre EUA e URSS no campo político foram transferidos para o campo esportivo, na medida em que também o “*match* do século”, os boicotes olímpicos, ou uma produção cultural como o filme “*Rock IV*”, por exemplo, exerceram efeitos duráveis no próprio embate político-ideológico dimensionado entre os dois referidos blocos.

Esse olhar relacional levado ao extremo da análise aqui empreendida, nos sugere ainda que apenas os componentes esportivos da prática enxadrística em si não teriam força simbólica e emocional para gerar essa repercussão e mobilização da sociedade norte-americana ou, em termos mais generalistas, da própria sociedade de consumo em torno da modalidade de xadrez. Pelo contrário, se essa conjuntura se delineou enquanto tal é porque os

agentes, dotados de esquemas de percepção e ação, foram ativos tanto no sentido de imediatamente estabelecerem as relações de “causa-efeito” entre o *match* enxadrístico e a guerra, quanto no ato de propriamente consumir esses códigos e símbolos dimensionados.

De certa forma, essa participação relativamente “ativa” dos consumidores em relação à oferta do xadrez e, de uma forma mais ampla, em relação às demais práticas esportivas oferecidas, é constituída, tudo nos leva a crer, como uma das especificidades da sociedade de consumo emergente no mundo pós-Segunda Guerra, visto que em um contexto social regido por leis mercantis insidiosas, todo aparato material e, principalmente, simbólico é projetado e lançado nas redes sociais de modo a conduzir os consumidores à leitura de que eles, de fato, são os “senhores da situação” quando o que ocorre, no máximo, é um “ativismo passivo” dos agentes consumidores, uma vez que todo consumo para ser efetivo e duradouro deve estar fundado e produzir o desconhecimento das causas e dos efeitos do ato de consumir, ou no mínimo, fazer os agentes crerem que seus comportamentos consumistas se devem a conjunturas terceiras e, por vezes, estranhas.

No caso do xadrez, esses mecanismos de reprodução social evidenciados têm seu equivalente na atribuição de contornos e dimensões invariavelmente políticas à oferta esportiva do *match* entre “Fischer-Spassky”, o que, muito possivelmente leva os agentes consumidores a supor que estão tomando parte e tendo acesso ao universo socialmente relevante das relações políticas internacionais por via desse confronto protagonizado no campo esportivo, o que não deixa de se constituir em uma possibilidade, se bem que apenas no plano das representações. Entretanto, ao se sentirem política e emocionalmente ativos, esses agentes são conduzidos a desconsiderar o motivo real de seus envolvimento como espectadores no “*match* do século” e até mesmo como potenciais praticantes de xadrez, qual seja, a lógica dissimuladamente condutora de um mercado de bens culturais preocupado muito mais em expandir seu território de ação do que propriamente formar seres humanos reflexivos e dotados de criticidade em relação ao mundo social.

Essa forma de leitura nos leva a entrever, portanto, que o tipo de estrutura política com conseqüências mais drásticas para a sociedade global é aquela onde as regras do jogo são opacas, ocultas e naturalizadas. Além disso, devemos frisar que a formação de disposições enxadrísticas em condições ditatoriais, ainda que impeça a reflexividade dos agentes, pelo menos não lhes conduz a um estilo de vida consumista retroalimentado pelos “modismos” do mundo esportivo ou, o que é pior, a um estilo de vida enxadrístico incorporado não em função do que a prática é, mas do que ela parece ser. Exploremos um pouco mais dessas nuances a partir do trecho e da imagem veiculada na revista *Veja* em agosto de 1972:

Quer possua poderes fantásticos ou não, sozinho Fischer já fez pelo xadrez mais do que qualquer outro grande mestre moderno. Quase da noite para o dia, ele transformou o antigo e hermético território dos grandes mestres num fascinante e turbulento mundo de intrigas e movimentos espetaculares. Nos Estados Unidos, agora, os clubes de xadrez andam tão movimentados quanto os supermercados, e os livros sobre xadrez saíram de prateleiras nos fundos das livrarias para as vitrinas. Mesmo no Brasil, termos misteriosos, como defesa siciliana, gambito do rei ou fianqueto, já são usados com descuidada intimidade por muitos principiantes. Na Guanabara, uma barraca montada na areia de Copacabana pelo Centro de Educação de Xadrez, com doze tabuleiros tem recebido mais adeptos do que em qualquer outra época. E em Curitiba, nos tabuleiros do Passeio Público, as tradicionais tampinhas de cerveja usadas em partidas de damas foram substituídas por peças de xadrez (VEJA, 9-8-72, p. 62-63).

Primeiramente, devemos notar que a lógica da internacionalização e a ênfase na pessoa de Bobby Fischer se constituem mais uma vez, conforme pudemos discutir na primeira parte do capítulo, como argumentos condutores dos discursos jornalísticos e midiáticos construídos sobre o “*match* do século”. No caso, dos referidos produtores culturais essa retomada conserva o propósito de trazer a informação da forma mais espetacular e rentável possível, enquanto, no caso específico dos “*enxadristas comentadores*”, essas regularidades discursivas fixadas em Fischer e na estrutura de internacionalização do xadrez evidencia o processo não intencional pelo qual esses mesmos agentes procuram consagrar a prática que justamente os consagra e lhes confere um senso de distinção.

Já com relação à imagem 10, convém aqui frisarmos que tanto na fotografia referente à mobilização social dos agentes em torno do xadrez no Passeio Público de Curitiba quanto na praia de Copacabana, é possível de se visualizar a presença de dois públicos potencialmente distintos, quais sejam: os praticantes e espectadores. Quanto à cena enxadrística protagonizada no Rio de Janeiro, essa divisão está mais explícita, até mesmo pelo fato de que as vestimentas com que esses indivíduos estão a se



IMAGEM 10

57

<sup>57</sup> Retirada de: *Veja*, São Paulo, n. 205, 09 ago. 1972, p. 62.

trajar, de certo modo, sugere uma configuração esportiva composta de agentes dotados de *habitus* esportivos correspondentes à realidades distintas. No entanto, mais interessante que essas próprias especificidades que constatamos, é a leitura dos efeitos de reprodução social que permitem interligar objetivamente um determinado contingente de pessoas de um país sem a menor tradição enxadrística como o Brasil (o que não implica em desconsiderarmos os esforços e contribuições de Mequinho já considerado, nesse período, como figura de destaque no campo esportivo local), a um evento enxadrístico realizado no outro lado do mundo, mais precisamente, na Islândia.

Dando prosseguimento a análise, devemos reiterar ainda que muito possivelmente a maior parte dos agentes distribuídos ao redor da mesa com o tabuleiro de xadrez, conforme se explicita na imagem 10, não possuíam os recursos e códigos próprios do enxadrismo incorporados em sua forma de ver o mundo e agir nele. Entretanto, estavam ali a desfrutar da prática esportiva momentaneamente midiaticizada! Muitos desses indivíduos, inclusive, podem vir a ter se interessado pelo xadrez por conta das condições estruturais do referido momento. Por que não? Com efeito, circunstâncias como essas são possíveis, até porque a lógica prática de incorporação irrefletida das práticas prevê esse tipo de situação e, além disso, assegura aos indivíduos se posicionarem nesse sentido. Por sua vez, esse relativismo não nos impede ou desincumbe da tarefa de vislumbrar o mínimo de reflexividade dos agentes ao “aderirem” os estilos de vida consumistas ou então se enveredarem pelo ofício esportivo seja no âmbito do amadorismo ou do profissionalismo, do lazer ou da competição.

Exatamente por conta de tais desdobramentos e leituras é que insistimos que a lógica de *cristalização* do subcampo do xadrez no campo esportivo só pode ser devidamente avaliada a partir da própria lógica das disposições em contextos sociais diferenciados, desde que, é claro, essa própria lógica seja anteriormente desvelada e recomposta no interior das próprias sociedades em disputa – URSS e EUA – que, ao conformarem uma configuração simbólica e emocional específica, permitiram que a oferta da modalidade de xadrez se constituísse na condição ou tomasse contornos de uma lógica propriamente lógica. Daí também a necessidade de procurarmos estabelecer coerência entre os fatos e discursos, de modo, a recuperar aquilo que estamos chamando, amparados talvez em uma análise sociológica mais *weberiana*, de contrato consensual implícito, cujo principal efeito consiste em instituir, para além dos limites impostos pelas fronteiras espaciais e territoriais, um arbitrário cultural e simbólico como unidade fundadora do mundo.

Esse acordo pré-reflexivo estabelecido entre o espaço dos produtores e o espaço dos consumidores, ou melhor, entre as diferentes instâncias e estruturas sociais envolvidas nessa



trama, com rigor, é o que nos permite explicar, por exemplo, a frequência e infinidade de *locus* em que a modalidade de xadrez a partir da ação recíproca e articulada de determinados produtores culturais (inclusive, do próprio Bobby Fischer que logo após o término do confronto “naturalmente” procurou aproveitar do volume de capital simbólico acumulado em sua pessoa) foi inserida no contexto histórico-social do “*match* do século”. Antes, contudo, de tecermos algumas considerações mais precisas e, de certo modo, conclusivas sobre esse argumento é importante observarmos as seguintes imagens:



IMAGEM 11

58

IMAGEM 12

59

A imagem 11 se refere mais especificamente à Vila Olímpica de Munique e o que, de fato, é interessante notarmos nessa fotografia, é o tabuleiro de xadrez que foi arranjado “estrategicamente” em uma das áreas de lazer reservada aos atletas que competiam na edição dos Jogos Olímpicos de 1972. Já a imagem 12, por sua vez, diz respeito a uma das inserções de Fischer em programas especiais sobre os Jogos Olímpicos de Munique que vieram a ser transmitidos pela mídia norte-americana. Nessa ocasião específica retratada na imagem 12, Fischer, mais precisamente, havia sido requisitado para participar do programa de Bob Hope

<sup>58</sup> Retirada de: *Veja*, São Paulo, ed. 209, p. 101, 06 set. 1972.

<sup>59</sup> Retirada de González, 1972, p. 261

de modo a apresentar e difundir suas opiniões para sociedade norte-americana a respeito dos Jogos Olímpicos em andamento e, acima de tudo, fornecer mais detalhes sobre a inédita final do campeonato mundial de xadrez recém terminada e na qual o enxadrista esteve diretamente envolvido. Cabe notarmos que essas incursões imagéticas foram relevantes para nossa discussão porque nos sugeriram alguns apontamentos e *insights* importantes sobre a lógica de concorrência da modalidade de xadrez no espaço das práticas esportivas em 1972.

Um primeiro ponto a enfatizarmos, nesse sentido, é que o fato da prática enxadrística se fazer presente na Vila Olímpica de Munique muito possivelmente indica que a mesma, com efeito, estava a repercutir entre os próprios produtores do espetáculo esportivo no interior do universo que eles mesmos constituíam. Outro aspecto importante a ser mencionado é que a participação de Fischer em programas destinados à cobertura midiática dos Jogos Olímpicos, de certa forma, lhe assegurou uma posição distintiva no campo esportivo e, até mesmo, equivalente a de outros atletas norte-americanos que faziam sucesso nesse mesmo período como, por exemplo, o boxeador Mohamed Ali.

Entretanto e para além desses efeitos mais visíveis que procuramos rapidamente evocar, ambas as imagens recuperadas reforçam e elucidam, com até certa clareza, o pacto consensual implícito estabelecido em torno da modalidade de xadrez no contexto histórico-social específico, tendo em vista que a prática enxadrística e provavelmente uma gama de termos adjacentes – “*match* do século”, defesa siciliana, abertura inglesa, peão de rei, sacrifício etc. – passou a preponderar no universo das representações esportivas de forma a conduzir os agentes mobilizados em torno dos Jogos Olímpicos de 1972, o que inclui desde organizadores, atletas e jornalistas, a se posicionarem frente ao “acontecimento esportivo do momento”. É imperativo frisarmos que a produção dessa conjuntura simbólica não se limitou apenas às demandas do campo esportivo ou midiático, mas, pelo contrário, mobilizou também os agentes de demais campos de produção cultural, como sugere Edmonds e Eidinow:

El match inspiró el musical más caro hasta el momento, *Chess*, escrito por Tim Rice y los miembros de ABBA, Benny Andersson y Bjorn Ulvaeus. La idea del musical se ocurrió a Rice poco después de la victoria de Fischer. “El bueno era el ruso, quien en teoría debía ser el malo, y el malo era el norteamericano, quien en teoría debía ser el bueno”, dice Rice. “Tudo era muy confuso, la ilustración perfecta de la injerencia de la política en todo.” Su letra lo refleja así: *The value of events like this need not be stressed/ When East and West/ Can meet as comrades, ease the tension over drinks/ Through sporting links/ As long as their man sinks*. La influencia de la Guerra Fría en el match también fue destacada por el grupo pop inglés Prefab Sprout en los ochenta, con su canción “*Cue Fanfare*”: *The sweetest momento comes at last – the waiting’s over/ in shock they stare and cue fanfare./ When Bobby Fischer’s plane touches the ground, / he’ll take those Russian boys and play them out of town,/ playing for blood as grandmasters should* (EDMONDS, EIDINOW, 2007, p. 346).



Inserções culturais e mercadológicas fomentadas no sentido mimético e simbolista sugerido no respectivo trecho, independentemente de estarem vinculadas ao âmbito musical, esportivo, jornalístico, televisivo ou literário, chamam-nos a atenção para o fato de que o “*match* do século” por conta de sua associação imediata à Guerra Fria possibilitou a *cristalização* de um imaginário social que combinado às especificidades miméticas e catárticas da modalidade de xadrez construídas no decorrer de sua “história esportiva” relativamente autônoma, fundamentou e alicerçou um contexto de “sucesso” para oferta e consumo social da respectiva prática esportiva, se bem que de forma mais objetiva e insinuante nos anos de 1971 a 1973 e com contornos subentendidos e, inevitavelmente, ressignificados por outras lógicas, até pelo menos o final da referida década.

Deste modo e se a linha de raciocínio delimitada estiver correta, por trás das ações supostamente calculistas engendradas no mercado de bens esportivos, se alojavam e residiam mecanismos simbólicos que, ao se revestirem sob a forma de um contrato consensual opaco e intransparente, conduziram os agentes em sua “saga social” na esfera da oferta ou então do consumo dos códigos e signos construídos em torno da modalidade de xadrez no contexto do “*match* do século”. Além disso, é imprescindível frisarmos que a ação orientadora e efetivamente monopolizadora do mercado na formação de disposições consumistas e estilos de vida esportivos, tende a retirar sua eficácia e força justamente dos esquemas simbólicos e emocionais instituídos no universo das representações sociais que ele próprio (o mercado) ajudou a instituir e cuja lógica, ou melhor, essência, consiste em fundar, a partir do sistema de lutas e concorrências, um universo objetivo e material duradouro, resistente e, principalmente, imune ao questionamento e imposição de outra ordem senão àquela erigida na arbitrariedade.

Por conseguinte, decorre dessas amarrações empírico-teóricas, o desvelamento de que a lógica da concorrência das modalidades no campo esportivo é impreterivelmente regulada pelas condições estruturais de determinados momentos e situações sociais bem definidas, especialmente quando o que está em jogo no espaço social são esquemas e gramáticas sociais fundadas no simbolismo e mimetismo. Acresça-se a essa análise, o fato de que determinadas modalidades, por razões históricas e pelos componentes emocionais investidos na forma de serem praticadas, são mais tendentes a desenvolver mecanismos simbólicos que asseguram e favorecem a incorporação monopolizadora dessa lógica estrutural no interior do próprio sistema que constituem, de modo que os agentes e estruturas personificados nos referidos esportes acabam criando uma espécie de “malha simbólica” que os torna potencialmente resistentes em relação à estrutura de concorrência esportiva mais ampla, remetendo-lhes, em última análise, às posições ortodoxas e de privilégio no campo esportivo.

No caso do xadrez, conforme pudemos acompanhar no decorrer da discussão suscitada nesse capítulo, a ativação circunstancial desses mecanismos simbólicos no contexto do “*match* do século” foi o que possibilitou sua *cristalização* no universo esportivo de modo, inclusive, a fundar uma nova lógica de concorrência para a mesma no interior do referido *locus* social. Essa nova lógica prática de concorrência, por conseguinte, só veio a se concretizar e se exteriorizar objetivamente porque a estrutura simbólica do microcosmo, sob as demandas e sanções do momento histórico específico e situado, era correspondente à estrutura e exigências simbólicas do macrocosmo social e vice-versa.

Como última observação, devemos reiterar que essa nova lógica de concorrência da modalidade de xadrez no campo esportivo, que, como vimos, esteve regulada e decisivamente condicionada aos efeitos simbólicos e miméticos do “*match* do século”, se estendeu e perdurou até aproximadamente o final dos anos 1970 de forma a constituir e fundamentar aquilo que entendemos ter sido a época *dourada* – *a belle époque* – da modalidade no interior do universo de distribuição e circulação dos bens esportivos e culturais.

Convém ainda frisarmos que a partir do campeonato mundial de 1975, quando Fischer abdicou de defender seu título contra o enxadrista soviético Anatoly Karpov, esses efeitos estruturais de 1972 passaram a fazer às vezes mais de efeitos históricos, isto é, de efeitos que ao invés de serem objetivamente vividos e incorporados pelos agentes passaram a ser subjetivamente revisitados quando senão rememorados. Além disso, na transição dos anos 1970 para os anos 1980, outras e novas lógicas foram somadas a “história esportiva” da modalidade, como, por exemplo, o re-estabelecimento da hegemonia soviética no interior do referido subcampo, a qual só viria a ser rompida novamente no ano de 2000 pelo enxadrista indiano Viswanathan Anand, em um período em que as calorosas disputas institucionais entre a FIDE e PCA ainda tinham lugar central no subcampo do xadrez.

Devemos também ponderar que a partir dos anos 1980, o desenvolvimento tecnológico de programas de computadores aptos a competir e, até mesmo, superar os enxadristas medianos acelerou de tal forma, que, em maio de 1997, o melhor enxadrista ranqueado no mundo, Garry Kasparov, acabou sendo derrotado (talvez, desnecessariamente derrotado) pelo computador *Deep Blue* desenvolvido pela empresa norte-americana IBM. Além disso, o desenvolvimento da *internet* e a popularização de servidores para jogar xadrez *online*, também exerceram efeitos na oferta e consumo do xadrez de modo a conduzir a modalidade, ou melhor, o espaço dos produtores subvertido, sob essas circunstâncias, à lógica do espaço dos consumidores, a percorrerem outros rumos e percursos não tão *cristalizados* no interior do campo esportivo. Feitas essas ressalvas, podemos avançar para as considerações finais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*(...) do meu envolvimento de corpo e alma, meio louco, com a ciência, é o prazer de jogar, e jogar um dos jogos mais extraordinários que podem ser jogados – o jogo da pesquisa na forma que ela adquire na sociologia (BOURDIEU, 1990a, p. 39).*

Já nas primeiras linhas dessa dissertação insistimos em deixar claro que a pesquisa em sociologia e, em geral, nas demais sociologias específicas, dentre as quais se inclui a sociologia do esporte, trata-se de um jogo demasiado sério e que merece ser encarado e, sobretudo, tratado como tal na medida em para entendermos a sociedade e trazermos à luz configurações sociais historicamente obscurecidas devemos observar as técnicas próprias ao método sociológico de modo a estabelecer uma vigilância rigorosa e constante de nossa prática. De fato, afirmamos isso e ainda estamos a sustentar e partilhar desse ponto de vista.

No entanto, naquele momento, deixamos de apontar outra característica inerente à condução do jogo da pesquisa sociológica (que, inclusive, pudemos constatar *in loco* durante nosso próprio investimento nessa dissertação), qual seja, a necessidade de introduzir algumas readequações e reformulações no processo de construção empírico-teórica do objeto, ou melhor, a urgência de muitas vezes mudarmos de estratégia no meio do jogo – condição essa que se repete com extrema frequência no mundo esportivo e que, por vezes, pode vir a se desenrolar durante o processo de construção dos objetos de pesquisa em ciências sociais com efeitos ora prejudiciais, ora benéficos para os resultados científicos almejados dependendo da forma com que o pesquisador conduz esses ajustes.

Em se tratando aqui de uma dissertação fundamentada basicamente em uma teoria sociológica reconhecida e marcada pela rigorosidade e reflexividade epistemológica, devemos atentar que a necessidade de improvisos e mudanças parece sugerir que algo de errado ocorreu no processo, já que um objeto de estudo quando bem construído e pensado, segundo explicita a referida matriz teórica naqueles seus traços metodológicos possivelmente herdados da sociologia *durkheimiana*, dificilmente requererá alternâncias e modificações em sua estrutura de desenvolvimento, com exceção dos casos em que as pressões e tensões do campo acadêmico acabam por ditar os rumos da pesquisa científica, o que, diga-se de passagem, não é nada salutar no processo de produção e lapidação do conhecimento.

Nesse sentido, devemos lembrar que o principal percalço que tivemos durante a dissertação se deu nas primeiras etapas do estudo, quando estávamos por definir nosso recorte empírico e reunir os materiais históricos necessários para subsidiar a discussão. Referimo-nos

aqui, mais especificamente, ao fato de que, num primeiro momento, havíamos pensando em realizar esse estudo com outro enfoque contextual de modo a privilegiar a constituição do subcampo esportivo do xadrez no Brasil. Dito de forma mais precisa, além de nos debruçarmos sobre a “história esportiva” do xadrez e sobre a estrutura mercantil e espetacular constituída em torno da modalidade durante o “*match* do século”, pretendíamos confrontar e contrastar essas análises com a estrutura de oferta e consumo enxadrístico no Brasil no período histórico-estrutural correspondente.

Não obstante, após um bom e razoável período de reflexões e leituras, houve um sutil (ou pretense) amadurecimento intelectual de nossa parte – ponderações como essa nunca são isentas de subjetividade – que nos levou, primeiramente, a perceber a inviabilidade dessa proposta de abordagem para o momento e, em seguida, optar em desenvolver apenas a primeira parte do projeto. Lógico que ao abortarmos essa etapa muitos dos contornos e proposições originais do estudo não puderam ser levados adiante. Além disso, os riscos metodológicos que colocamos em jogo nessa tomada de posição foram consideráveis visto que é sempre de bom tom e sociologicamente aconselhável manter uma possibilidade de articulação histórica com uma realidade que supostamente nos é mais familiar.

Em todo caso e pelo modo como se conduziu o processo de construção do objeto de pesquisa, somos direcionados a crer que nossa opção em estudar o subcampo do xadrez sem contextualizá-lo no interior de uma única sociedade – nesse caso, a brasileira –, no final das contas, foi positiva e nos permitiu recuperar e sistematizar alguns elementos empírico-teóricos que na situação anterior possivelmente permaneceriam ocultos/bloqueados e nos passariam despercebidos, até mesmo pelo fato de que um rígido e estruturado exercício de comparação se, por um lado, garante a rigorosidade da análise, por outro, pode impedir que outras experiências mais fluidas e vagas venham à tona e sejam decodificadas.

Um dos principais desdobramentos dessa dissertação, nesse sentido, é ter possibilitado a sistematização de alguns subsídios macro-analíticos expresso tanto no desvelamento de leis gerais de funcionamento do subcampo do xadrez, do campo esportivo, midiático, científico e, talvez, político, quanto no resgate de novas possibilidades e perspectivas de apropriação e utilização da teoria sociológica de Pierre Bourdieu e de alguns pressupostos teóricos e categorias analíticas da sociologia configuracional de Norbert Elias para estudar as práticas esportivas, ou melhor, a sociedade em sua relação com o esporte e/ou a partir dele.

Na esteira dessa análise, devemos, portanto, frisar que o trabalho sociológico aqui apresentando, reconstitui uma descrição mais ampla e generalista das estruturas e conexões causais envoltas à construção da “história esportiva” do xadrez, sobretudo, em seus contornos

e delineamentos adquiridos durante o período da Guerra Fria e, especialmente, no contexto do “*match* do século”. Essa retomada histórico-sociológica das referidas estruturas de longo prazo e curto prazo, por conseguinte, talvez possa ser útil para efeitos comparativos e para o estudo situado da divulgação e circulação da prática enxadrística em sociedades como a brasileira no período histórico evocado.

Além disso, se pensarmos com o sociólogo brasileiro Octavio Ianni (1999) ao afirmar que logo após a Segunda Guerra houve fortes indícios de consolidação dos processos de desterritorialização do espaço e mundialização da economia e da cultura, temos motivos suficientes para acreditar que os caminhos histórico-sociológicos aqui trilhados são preliminares para os propósitos de compreensão reflexiva e não fantasiosa da singularidade social e cultural brasileira em sua relação histórica mantida com o campo esportivo, ou ainda, com o subcampo do xadrez. De um modo geral e sintético, essa readequação solicitada no estudo, somada a uma análise crítica da produção em sociologia do esporte no Brasil, aponta para essa perspectiva de apropriação, interpretação ou até mesmo novidade teórica.

As considerações que seguem, de certa forma, conduzem, explicitam e recolocam em xeque essas impressões brevemente introduzidas. Para tanto, achamos por bem dividir a discussão em três seções, que obviamente possuem contingências comuns, interpostas e que possibilitarão uma leitura multifocal das conclusões apresentadas quando senão a elaboração de terceiras. Deste modo, num primeiro momento, nos propomos em sintetizar as contribuições e potencialidades da estrutura teórico-metodológica que aqui foi requerida e recobrada. Em seguida, procuramos tecer algumas considerações sobre as relações heurísticas estabelecidas entre o problema de pesquisa, o objetivo geral e a hipótese. Por fim, ainda temos alguns comentários a fazer sobre a “história esportiva” relativamente autônoma do xadrez e sobre o “*match* do século” no sentido de torná-los mais inteligíveis e menos carregados e povoados por lendas, mistérios e o que mais de exótico couber nessa “trama”.



A preocupação com os processos sociais e a dimensão de longo prazo foi central nesse estudo, ainda que não em seus usos e contornos deliberadamente originais que foram conferidos por Norbert Elias às referidas noções quando da oportunidade de retomar e revisitar os processos ocidentais de civilização, racionalização e psicologização. Dito em termos mais precisos, o uso das noções de processo social e longo prazo nessa dissertação

esteve desvinculada do uso que é dado a essas categorias na teoria do processo civilizacional do ocidente europeu, cujo núcleo de abrangência “espaço-tempo” conduziu Elias a estar atento, sobretudo, à continuidade histórica e, por vezes, mais sensível em estabelecer a sincronia dos fatos sociais ainda que sempre à luz das disputas de poder entre os indivíduos.

Devemos notar, nesse sentido, que as próprias tendências civilizatórias dos costumes se fizeram, de fato, mais presentes na história da prática enxadrística antes dela se constituir em um subespaço esportivo relativamente autônomo por volta da metade final do século XIX no interior da sociedade inglesa. Deste modo, o que, a partir desse contexto histórico-social específico e situado, estamos a identificar e chamar geneticamente de “história esportiva” da modalidade, conserva como seu principal atributo o fato de operar e ativar mecanismos materiais, simbólicos e emocionais tanto por vias contínuas e ininterruptas quanto por vias descontínuas e inarticuladas.

Decorre, por conseguinte, dessa leitura a conclusão de que a “história esportiva” do xadrez aqui reivindicada é a própria história de constituição do subcampo – um dos primeiros subcampos esportivos modernos a se formar, diga-se de passagem – ainda que não ao modo totalmente estrutural como Bourdieu pleiteia. Entretanto, essa história estrutural tal como retomada na obra de Bourdieu não foi aqui tratada de forma secundarizada, até porque é a partir da descontinuidade que ela evoca que podemos minimamente recuperar leis de reprodução social perpetuadas sob a forma de fundamentos ocultos de dominação de modo a torná-las mais visíveis e, a partir dessa lucidez restituída, até mesmo, inoperantes.

Com o propósito de não desconsiderar nenhuma dessas matrizes na construção de nosso objeto de pesquisa, foi que procuramos em Charles Wright Mills, portanto, um discurso de autoridade sociológica para sustentar a possibilidade de articulação teórica entre a “estrutura de uma época” e a “evolução histórica de longo prazo”, as quais, quando retomadas conjuntamente, vêm a fundamentar aquilo que Mills chama de “campo de estudo inteligível”. Desde modo, a incursão das noções *eliasianas* de longo prazo e processo social à leitura histórico-estrutural do subcampo do xadrez e do campo esportivo, nos possibilitou construir nosso objeto como “campo de estudo inteligível” e, conseqüentemente, de forma alternativa e potencialmente apta a desconstruir ou até mesmo superar as fronteiras aparentemente intransponíveis estabelecidas entre continuidade e descontinuidade histórica.

É exatamente aqui nesse ponto de inflexão teórica, inclusive, que a perspectiva de utilização combinada dessas duas abordagens sociológicas, com as devidas precauções que devem ser levadas em conta pelos pesquisadores, mostra toda sua força e potencialidade para fazermos a história social do esporte e, principalmente, a sociologia histórica das práticas

esportivas, já que ao agregarmos uma perspectiva teórica de caráter genético à outra de dimensão estrutural, muitos dos problemas e temáticas de pesquisa que possivelmente seriam inconcebíveis ou tratados de maneira simplificada quando retomados sob o crivo de uma das perspectivas teóricas isoladas, são trazidos à tona e restituídos na hierarquia social dos objetos científicos, como nos predispomos a restabelecer com a modalidade de xadrez a partir do recorte empírico que a mesma nos possibilitou para construir essa dissertação.

Armados desse conhecimento, o que procuramos fazer no plano metodológico da pesquisa foi sistematizar então uma proposta de micro-periodização para estudar a “história esportiva” da modalidade a partir do resgate histórico-estrutural dos principais eventos enxadrísticos, especialmente, os campeonatos mundiais de xadrez, sem, no entanto, desconsiderar ou perder de vista as dimensões estruturais de longo prazo que, no caso desse estudo, teve seu equivalente na própria “história esportiva” da modalidade em sua dimensão temporal mais ampla e também na história social da Guerra Fria.

Devemos reiterar que a opção pelo recorte dos campeonatos mundiais de xadrez e demais eventos de alto nível – em nosso caso específico, a final do campeonato mundial de 1972 – se justificou pelo fato de que as disposições estruturadas e incorporadas no espaço dos produtores do espetáculo tendem invariavelmente a serem reproduzidas no espaço dos consumidores de maneira a alavancar a constituição e sustentar a ação social propulsora do mercado de bens esportivos mediante a imposição de um arbitrário cultural fundado nas mais distintas e excêntricas “trocas simbólicas”, conforme pudemos argumentar no *capítulo III*.

No que se refere à apropriação e tratamento dos materiais históricos, procuramos constantemente observar o senso de reflexividade metodológica recobrado na sociologia reflexiva de Bourdieu, especialmente, em seus contornos e formas adquiridas no texto “*Le métier de sociologue*”. Quanto à utilização das literaturas enxadrísticas e dos materiais jornalísticos, esse sentido de reflexividade foi traduzido em termos de preocupação com o lugar de fala dos agentes e, acima de tudo, no estabelecimento das regularidades discursivas que interligavam ambos os textos. Essas regularidades discursivas como parte constitutiva de um *habitus* esportivo e literário, por sua vez, foram expressas pelos referidos produtores fundamentalmente nas relações de “causa-efeito” estabelecidas entre o “*match* do século” e a Guerra Fria; na personificação da estrutura espetacular do xadrez nas tomadas de posição de agentes individuais, especialmente, na figura do enxadrista Bobby Fischer; e, por fim, na excessiva ênfase e crença na internacionalização e materialização da prática enxadrística.

Em se tratando da contextualização histórico-social que nos propusemos, dentro de certos limites, sistematizar sobre a Guerra Fria, o senso de reflexividade epistemológica foi

acionado na medida em que insistimos em reiterar que a narrativa histórica construída pelos autores e autoridades no assunto não são isentas de valores políticos e ideológicos de modo que alguns deles tendem a justificar as demandas simbólicas e materiais da Guerra Fria demonizando invariavelmente a União Soviética, enquanto outros procuram inverter essas relações e explicá-las considerando apenas o legado imperialista norte-americano.

Em resposta a essas leituras reificantes, que mesmo assim não deixam de fornecer elementos histórico-sociais bastante significativos e interessantes, sugerimos, no *capítulo II*, a retomada desse tema à luz da teoria sociológica de Norbert Elias que tem no “modelo de jogos competitivos” seu suporte metodológico e heurístico. Vale frisarmos que ainda que não tenha sido possível dar um encaminhamento mais sólido a essa abordagem, até mesmo porque o que interessava para nosso argumento nessa dissertação era reconstituir basicamente um “pano de fundo” histórico-sociológico sobre a Guerra Fria, procuramos, sem dúvida, não perder de vista o sentido de interdependência entre os dois blocos e seus aliados de forma a avançar no tratamento teórico do grande jogo das relações internacionais estabelecido.

Um último desdobramento reflexivo que subsidiou a construção de nosso objeto de pesquisa veio a se exteriorizar e se objetivar quando evocamos, ainda no *capítulo I*, um breve e rápido panorama histórico-sociológico sobre a constituição do campo da sociologia do esporte. Devemos frisar, nesse propósito, que não foi um ou outro agente isolado que nos questionou sobre o que tinha a ver a proposta de sistematização de uma gênese do campo de estudos sociológicos do esporte com nossa pesquisa sociológica sobre o xadrez. Nas referidas ocasiões, sobretudo, nos aprouve refletir e repensar. Além disso, devemos admitir que para uma leitura preliminar, os dois momentos, de fato, parecem deslocados e incomunicáveis.

Com efeito, as coisas só começam a ter ou fazer sentido quando nos deparamos com o *insight* empírico-teórico *bourdieusiano* de que a teoria do mundo social e a teoria do conhecimento produzida sobre o referido mundo social fazem parte de um mesmo processo; artes do fazer sociológico que podem ser resumidas em duas palavras: *sociologie réflexive*. Essas fases de investimento no objeto e sobreinvestimento no campo de conhecimento que ele é caro ou pertinente, para além de uma mera formalidade ou etapa metodológica, exercem efeitos interessantíssimos sobre a análise, uma vez que nos permite questionar o porquê, por exemplo, dos discursos acadêmico-científicos serem unânimes ao reivindicarem a ruptura com os argumentos do senso comum e jamais colocarem em xeque suas próprias verdades?

Deste modo, o trabalho reflexivo que ensaiamos no *capítulo I* foi decisivo e central para o nosso argumento. Dito de forma complementar, esse exercício de reflexividade somado a uma socioanálise da relação pesquisador-objeto, nos possibilitou controlar e regular,



minimamente, alguns dos efeitos implícitos que, tanto a *comuni opiniun doctoris* codificada sob a forma de “ilusão escolástica” quanto o excesso de nossa proximidade ou distância em relação ao universo empírico definido, podem ter logrado, por ventura ou fortuitamente, em exercer sobre a leitura do objeto de pesquisa e sobre as análises sociológicas subseqüentes.

Também é o caso, por exemplo, de reconhecermos que a passionalidade que o esporte evoca ou desperta muitas vezes acaba por assumir e se revestir de formas “doutas” como ocorre, por exemplo, com alguns estudos que, ao retomarem as relações entre futebol e sociedade brasileira, contribuíram, impreterivelmente, no sentido de reforçar aquilo que o sociólogo brasileiro Jessé Souza (2006) denunciou como “teoria emocional da ação”. Não é o momento e nem o lugar para desenvolvermos essa crítica. Estamos cientes disso. Entretanto, foi exatamente para se proteger desse “bom senso científico” retroalimentado pelas idéias do senso comum que resolvemos mapear a gênese do campo da sociologia do esporte de modo a entender minimamente a produção acadêmica na área.

Em que se pesem tais considerações, devemos ainda reiterar que a possibilidade de articulação e aproximação traçada entre a sociologia e a história nessa pesquisa, se deu de modo a não comprometer a perspectiva de desenvolvimento e sistematização de um estudo empírico teoricamente direcionado ou, de forma inversa, da formulação de pressuposições teóricas empiricamente verificáveis. Dito em outros termos, procuramos reter da disciplina histórica exatamente a intenção e dimensão de historicidade como corretamente reconheceram Weber, Marx, Durkheim, Bourdieu, Elias, Mills e tantos outros sociólogos, sem, no entanto, abrirem mão da metodologia própria as ciências sociais que pretendam minimamente o rigor científico, qual seja, a objetividade. Feitas essas confissões sobre o método, convém agora retomarmos nosso problema de pesquisa, objetivo geral e hipótese procurando restaurar as devidas conexões e correlações entre ambas.



O questionamento e objetivo central que balizou e orientou o desenvolvimento dessa dissertação, se constituiu sob a possibilidade de compreender quais seriam as mudanças e transformações conjunturais e mercadológicas potencializadas no subcampo esportivo do xadrez, em nível de oferta e demanda da prática enxadrística, pela ocasião da final do campeonato mundial de 1972, disputada entre o enxadrista soviético Boris Vasilievich Spassky e o enxadrista norte-americano Robert James Fischer em pleno período de Guerra Fria, de modo a restabelecer, num segundo momento, as principais rupturas, tensões,

simbolismos e materialidades investidas no interior desse microcosmo social delimitado e na própria construção da “história esportiva” da modalidade.

Com o propósito de nortear essa problemática e objetivo, isto é, a não deixá-los ao acaso e a mercê das evidências do conhecimento imediato e, principalmente, das surpresas enganosas que o universo empírico muitas vezes reserva, construímos paralelamente a hipótese de que durante o período histórico-social do chamado “*match* do século”, a modalidade de xadrez conheceu a “fase de ouro” de sua “história esportiva” relativamente autônoma, demarcando um momento de singularidade histórico-estrutural que avaliamos sob a ótica da *cristalização* do subcampo no campo, justamente por evidenciar um período em que o entrelaçamento entre os contornos mercantis, espetaculares, simbólicos e miméticos conferidos a oferta do xadrez representou a consolidação da modalidade frente à lógica de distribuição e consumo das demais práticas esportivas no contexto histórico em questão.

É oportuno frisarmos que se o que estávamos chamando e entendendo provisória e preliminarmente por *cristalização* não deixava de fazer sentido e manter coerência com o estado de imersão empírica quando da construção da hipótese, agora, com mais subsídios empírico-teóricos, temos condições de refinar e melhor definir esse processo ou estrutura ideal-típica que nos ajudou na explicação da realidade empírica expressa, nessa pesquisa, no microcosmo social que o subcampo esportivo do xadrez constitui.

Para o entendimento, portanto, da estrutura espetacular de curto prazo que caracterizou a oferta da modalidade de xadrez no contexto do “*match* do século” e culminou com o processo que definimos como *cristalização* do subcampo do xadrez no campo esportivo, foi necessário buscarmos apontamentos nas estruturas de longo prazo que abrangem, respectivamente, a “história esportiva” relativamente autônoma do xadrez e a história social da Guerra Fria. Sem essas contextualizações de longo prazo, muito provavelmente não teríamos condição de sustentar a idéia da *cristalização*, visto, por exemplo, que essa estrutura que constitui a dialética entre a oferta e o consumo da modalidade tal como redimensionada no contexto do “*match* do século”, só nos é revelada mediante a comparação entre os vários momentos (micro-períodos) da “história esportiva” relativamente autônoma do xadrez.

Acrescentemos a esse argumento, que sem a reconstrução, por mais simplificada que tenha sido, do contexto histórico-social da Guerra Fria, a idéia de *cristalização* não teria sentido e seria facilmente desfeita, quando senão, dissolvida. E isso, dentre outras circunstâncias, principalmente porque o padrão de oferta e consumo que a modalidade obteve no contexto do “*match* do século” não retirou suas forças e potencialidades dos componentes estéticos – forma e conteúdo – que a modalidade de xadrez logrou em desenvolver durante

sua história, se bem que, sob as sanções e exigências do contexto macrosocial ativado, esses mesmos componentes passaram a ter sua devida importância e lugar.

Dito de outro modo, sem esse “pano de fundo” contextual, ou melhor, sem esse encontro efetivo, eficaz e circunstancial entre as disposições simbólicas inerentes ao macrocosmo e as disposições simbólicas circunscritas no microcosmo, a *cristalização* de um imaginário, ou melhor, de um universo representacional, não teria sido possível, nem tampouco a *cristalização* do xadrez no campo esportivo no contexto do “*match* do século”.

Essa linha de raciocínio se torna mais clara e articulada quando nos predispomos a notar, fundamentados em Bourdieu, que as representações sociais se tratam de uma realidade objetivada e, ao mesmo tempo, objetivante, na medida em que as mesmas contribuem decisivamente para produzir o que aparentemente elas descrevem ou designam. Logo, na condição de “enunciados performativos que pretendem fazer acontecer o que eles enunciam” (BOURDIEU, 1998a, p. 112), as representações se tratam de lutas pelas classificações, isto é, de “(...) lutas pelo monopólio do poder de fazer ver e fazer crer, de fazer conhecer e de fazer reconhecer, de impor uma definição legítima das divisões do mundo social e, por essa via, *de fazer e desfazer os grupos*” (BOURDIEU, 1998a, p.108).

Nesse sentido, podemos entender o processo de *cristalização* do xadrez no campo esportivo, tal qual abordado durante o *capítulo III*, como uma crença tornada realidade, mas desde que ousemos incluir no real o representacional do real, ou melhor, que ousemos romper provisoriamente com a dicotomia “real” *versus* “imaginário”. Dizemos provisório, porque, num primeiro momento e para efeitos de cientificidade, tivemos de operar com essas dimensões “reais” e “imaginárias” como coisas distintas de modo que nos fosse possível romper com as prenoções – as primeiras aparências do mundo social – e, dessa forma, restituir o sentido opaco e oculto que controla as ações “desinteressadas” dos agentes.

Por isso também é que não nos preocupamos a fundo, nesse trabalho, em definir e distinguir o que é fonte histórica primária do que é fonte histórica secundária, já que o que norteou todo nosso argumento foi exatamente a constatação de que os materiais produzidos pelos mais distintos produtores culturais sobre o “*match* do século” não foram apenas um registro subjetivo do que tiveram oportunidade de vivenciar ou acompanhar, mas parte importante e imprescindível no estabelecimento dessa própria estrutura mercantil e espetacular no subcampo do xadrez, categorizada sob a rubrica ideal-típica de *cristalização*.

Existe, no entanto, um “porém” que queremos acrescentar e restituir a essa gramática e ordem de coerência estabelecida para os fatos, qual seja, a condição de que a crença não se torna realidade por vias racionalistas. Pelo contrário, os sistemas simbólicos passam a

constituir a materialidade social e a materialidade encarnada nos corpos, por exemplo, a constituição de um mercado esportivo e de estilos de vida correspondentes, de forma sutil, velada e por vias pré-reflexivas e inconscientes. Desse modo, podemos afirmar que é justamente por conta dessa dinâmica que os agentes aderem tão bem, e sem a menor resistência, aos “modismos” e “instantaneidades” típicas do mundo esportivo, conforme veio a se configurar e se estruturar com o enxadrismo no contexto do “*match* do século”, tal como procuramos argumentar durante essa dissertação.

A viabilização desse processo, por sua vez, deve muito, senão completamente tudo, à ação propulsora do mercado. Diga-se de passagem, que, ao contrário de muitas discussões sobre esporte que, por conta de suas escolhas teóricas e categoriais ou por uma má utilização das mesmas, acabam sendo presas fáceis de um “essencialismo culturalista”, procuramos na construção do objeto de estudo não perder de vista a constituição de um mercado esportivo que desse suporte e amparasse os componentes espetaculares, simbólicos e miméticos que nos ajudaram a compor essa trama.

Essa retomada, por conseguinte, se justifica no fato de não acreditarmos ou acharmos muito improvável uma geração espontânea de cultura. Para aproveitamos a relação que o antropólogo norte-americano Clifford Geertz (1989) procurou estabelecer entre homem e cultura – a versão individualizante do espontaneísmo culturalista – e transpormo-la para fundamentar e fornecer uma visão mais precisa de nosso argumento, diríamos que se sem mercado esportivo certamente não haveria cultura esportiva, do mesmo modo, sem cultura esportiva muito provavelmente não haveria mercado esportivo.

Atentos a esses “lampejos” críticos e, principalmente, respaldados na leitura empírico-teórica dos *locus* sociais em questão, uma das conclusões, senão a principal, que essa gramática social profunda nos possibilitou construir é que a *cristalização* do subcampo do xadrez no campo esportivo esteve diretamente relacionada à nova lógica de concorrência dessa prática, estabelecida, pelo menos durante os anos 1970, em função de um contrato consensual implícito que logrou em perpassar os campos de produção cultural – midiático, literário, esportivo – de modo a conduzir tanto o espaço dos produtores (jornalistas, enxadristas, escritores) quanto o espaço dos consumidores a crerem fundamentalmente nas relações simbólicas que eles mesmos foram cúmplices no ato de instituírem a realidade social.

Essa realidade social trazida à tona no subcampo do xadrez durante o contexto do “*match* do século”, por sua vez, foi correspondente, em maior ou menor grau, a estrutura objetivamente traduzida na nova lógica de concorrência da modalidade no interior do campo esportivo, a qual se constituiu, é sempre bom lembrarmos, mediante a lógica de

internacionalização da oferta e objetivação do consumo enxadrístico para além dos círculos sociais e sociedades, com experiências esportivas consolidadas historicamente com essa prática. Além disso, a lógica de concorrência simbólica com eventos de grande porte como os Jogos Olímpicos e a subversão da estrutura de distribuição das práticas esportivas regionalistas também pode ser agregado como fatores que contribuíram para *crystalização* do subcampo do xadrez no campo esportivo.

Um último ponto a ser retomado quanto a essa gramática estrutural enxadrística dimensionada no contexto do “*match* do século”, se refere ao fato de que a “alquimia simbólica” inerente à *crystalização* dessa prática esportiva mediante o estabelecimento de um contrato consensual implícito, com rigor, se constituiu de forma proporcionalmente eficaz ao grau de desconhecimento das causas e efeitos dos comportamentos consumistas que ela mesma contribuiu para fundar ancorada na consolidação de um mercado esportivo global.

Além disso, devemos notar que é exatamente da ativação desses contextos simbólicos opacos, naturalizados e tornados realidade que o mercado esportivo e, sem dúvida, o próprio mercado capitalista retira sua força propulsora. Sob essas circunstâncias, a possibilidade de desvelamento dessa lógica estrutural instituída arbitrariamente, apresenta-se, portanto, como o principal desdobramento dessa pesquisa. Ponderadas essas leis ocultas de reprodução social, resta, por fim, fazermos algumas considerações sobre a “história esportiva” do xadrez e sobre o “*match* do século”.



A história milenar do xadrez tem sido revestida e constituída sob a influência dos mais variados mitos e mistérios. Não raro é encontrarmos professores que no primeiro dia de aula, ou melhor, de iniciação sistemática a essa modalidade, seja nas escolas ou nos próprios clubes de xadrez, evocam com certo saudosismo e insistência uma das mais de quarenta lendas existentes sobre a origem dessa prática. A “lenda de Caíssa ou de Sissa”, que atribui a uma suposta deusa a criação do jogo, é uma das mais revisitadas e prediletas contribuindo, no máximo, e conforme atesta nossas próprias experiências com a modalidade, para consolidação de uma espécie de misticismo que ronda curiosamente a prática do xadrez... Nada desprezível.

Não obstante, e para além dessas origens mágicas e míticas que os livros, a *internet* e os próprios enxadristas e professores de xadrez insistem em espalhar para os iniciados ou iniciantes na prática, procuramos argumentar, ainda no *capítulo I* da dissertação, que as origens histórico-sociais do enxadrismo ainda não foram estabelecidas consensualmente nas

literaturas de modo, inclusive, que a “região científica” que os “enxadristas-historiadores” ou “historiadores-enxadristas” ocupam no subcampo esportivo do xadrez se constitui como um espaço de lutas pela definição legítima de uma versão *sui generis* e totalizadora para explicar o aparecimento e as rotas geográficas de disseminação da prática enxadrística pelo mundo.

Particularmente, tendemos a crer que o mais adequado, mediante as incertezas que o debate sobre a gênese do xadrez nos coloca, é – ao invés de tomar partido frente uma ou outra concepção vigente –, assumir uma postura que não descarta nenhuma das possibilidades e vertentes teóricas apresentadas pelos autores. Nesse caso, o relativismo é mais prudente, seguro e, até mesmo, esclarecedor. Devemos também frisar que foi justamente por conta dessas incertezas que evitamos ao máximo adentrar nessa seara, se bem que a própria “história esportiva” do xadrez que nos propusemos a recuperar e sistematizar, dentro de nossos limites, nessa pesquisa, não deixa de fomentar e despertar suas próprias polêmicas, controvérsias e contestações.

Há inclusive, nesse propósito, quem diga que o xadrez não é esporte, assim como também há aqueles que dizem que o xadrez é arte, ciência, jogo, ferramenta educacional, metáfora da vida..., quando senão um combinado e emaranhado de todos esses elementos. Sinceramente, avaliamos essas tentativas de definições conceituais auto-excludentes ou que então procuram conferir um ecletismo hermético ao ponto se subentender que “xadrez é tudo”, com certa cautela e precaução.

Por sua vez, essa variedade de concepções que vem a constituir a própria luta pela imposição das definições legítimas, com bem demonstrou Bourdieu ao longo de sua obra, não é destituída de interesse, ou seja, não passa a fazer parte do universo social ao acaso e espontaneamente. Com efeito, onde há lutas por classificação há lutas por consagrações, o que, sobretudo, coloca essa pesquisa também em suspeição, já que, conforme garante Bourdieu (e também se garante) nem todos estão dispostos a fazerem uma sociologia de denúncia dos sistemas de consagrações sem pretenderem a consagração.

Se no plano das definições conceituais sobre o que é xadrez, as leituras e des-leituras dos porta-vozes autorizados, mesmo que povoadas por fantasias e alegorias do senso comum, visam garantir, portanto, uma distinção simbólica e, talvez, econômica, no plano de disputa pelo estabelecimento das funções sociais do xadrez, por sua vez, o curso e estrutura do jogo não é muito dessemelhante. Cabe notarmos que, com frequência, circulam criteriosamente no mundo social e, inclusive, com aval *ad hoc*, alguns discursos educacionais, pedagógicos e matemáticos que tendem a conferir uma espécie de “super poder” ao xadrez, o qual, somado a crença de que tudo que se associa ao plano da mente é produtivo e bom, acaba por ditar o

desenvolvimento de políticas (quando se tem) salvacionistas, ideológicas e compensatórias voltadas para a oferta social da modalidade.

É importante deixar claro, que não estamos a negar que o xadrez, de fato, tenha o seu devido papel, quando devidamente requisitado e utilizado nas escolas, nos clubes e em programas sociais, para a formação emocional, intelectual e esportiva dos seres humanos, independentemente do poder aquisitivo ou do volume de capital cultural que possuam. Também não queremos colocar em demérito o campo de estudos educacionais sobre o xadrez. Insistimos: são iniciativas de pesquisa de extrema importância e urgência, desde que não recaiam sobre as armadilhas do psicologismo ou então sobre as tentações de “glorificar” a prática para além do que ela efetivamente contribui à sociedade, o que, diga-se de passagem, não deixa de soar como uma estratégia velada de consagração na medida em que os agentes tendem a glorificar, ainda que de forma irrefletida, aquilo que mais lhes glorifica.

Outro mito construído sobre as funções sociais do xadrez, e que aqui nos interessa *in loco*, é exatamente aquele que incide sobre o caráter esportivo da prática. A propósito, paira tanto sobre o senso-comum quanto sobre universos onde se prevalece o “bom senso científico”, algumas idéias e leituras que tendem a reconhecer e construir um ideal de esportividade, ou melhor, a definir o que é e o que não é esporte, a partir de critérios substancialistas fundados na avaliação fisiológica e motora das práticas, como se os níveis de batimentos cardíacos ou de *Vo2 máximo* fossem, em última instância, os principais pilares para alocação de uma prática sob o rótulo distintivo de esporte.

Sob essas circunstâncias e ao contrário do que muitos pensam ou acreditam, até mesmo por falta de conhecimento ou alimentados pelo ideal estético ou motor que se convencionou esperar de uma ação motriz no esporte, o xadrez, de fato, constitui uma atividade física e, portanto, esportiva, tendo em vista que os níveis de atividade cerebral, a movimentação de membros superiores, a liberação de hormônios e o aumento da circulação sanguínea são bons indicativos dessa “esportividade” recobrada, para corroborar a essa linha de raciocínio que, embora não deixe de ter seu sentido, faz às vezes de uma leitura um tanto quanto reduzida da prática enxadrística e do próprio fenômeno esportivo.

Obviamente e como há alguns capítulos já perceberam, não foi essa a “história esportiva” que reivindicamos para o xadrez na escrita da presente dissertação. Ao contrário, procuramos demonstrar a partir de uma incursão histórico-sociológica como foi constituído e se constituindo, em meio a algumas irregularidades e rupturas, materialidades e simbolismos, tensões e contradições, o subcampo esportivo do xadrez. Vale notarmos que nesse movimento de compreensão da gênese e estrutura deste subcampo esportivo, a retomada conjunta,

relacional e complementar dos *constructos* teórico-metodológicos de Pierre Bourdieu e Norbert Elias foi inspiradora e decisiva.

No entanto, mais decisivo ainda para esse propósito foram, de fato, as contribuições de Allen Guttman (1978) que, amparado numa análise mais *weberiana* da sociedade (a qual, inclusive, veio a ser aqui acionada mais ativamente no *capítulo III*), formulou alguns tipos ideais que nos permitiram nortear o trabalho empírico e, após a realização do mesmo, construir um suporte teórico-conceitual para sustentar a prática de xadrez na condição de esporte e subcampo esportivo moderno. Sendo assim, categorias como racionalização e organização burocrática, senão de forma explícita, ao menos, implicitamente, orientaram todo nosso argumento e foram centrais nesse empreendimento.

Esse componente esportivo do xadrez, por sua vez, também veio a ser reforçado nessa pesquisa mediante o descortinar dos processos de esportivização, mercantilização e espetacularização dos passatempos, os quais, alinhados a uma conjuntura simbólica específica que veio à tona com o “*match* do século”, foram indispensáveis para objetivar o processo e, ao mesmo tempo, condição estrutural que chamamos de *cristalização* da prática enxadrística no campo esportivo. Sobre as tendências de mercantilização e espetacularização do esporte devemos frisar que as mesmas, no caso da constituição da “história esportiva” do xadrez vêm sendo recorrentes e articuladas, de forma mais incisiva e notória, desde a metade final do século XIX. Essa constatação, por sua vez, é reveladora e nos permite avaliar os referidos processos de mercantilização e espetacularização das práticas corporais como componentes imprescindíveis para definição esportiva do xadrez e para a própria elaboração de uma definição mais polissêmica para o esporte.

Um último mito que precisamos esclarecer com mais afinco, antes de propriamente nos encaminharmos para o fechamento dessa dissertação, diz respeito ao próprio “*match* do século”. Notemos, nesse sentido, que durante todo o texto procuramos nos referir a esse evento protagonizado no interior do campo esportivo, sempre utilizando aspas, já que a referida denominação trata-se, antes de qualquer coisa e em termos bastante resumidos, de uma construção simbólica do senso comum retroalimentada pela ação dos especialistas e produtores culturais.

Dito de outro modo, o “*match* do século”, contemplado e revisitado à luz de uma história autônoma e reflexiva do esporte, com rigor e efeito, se refere basicamente a mais uma final de campeonato mundial de uma prática esportiva específica, nesse caso, o *match* decisivo protagonizado entre Boris Vasilievich Spassky e Robert James Fischer pela disputa do título mundial de xadrez em 1972, do que propriamente um desdobramento político ou



ideológico da Guerra Fria reproduzido em miniatura, apesar dos agentes sociais insistirem, não destituídos de razão ou interesse, em estabelecer essas relações de “causa-efeito” entre os dois acontecimentos históricos.

Além disso, a história relativamente autônoma do esporte e, principalmente, a imersão no universo empírico mediante o acesso aos materiais históricos recuperados e analisados, nos permite afirmar que a vitória do enxadrista norte-americano sobre o enxadrista soviético foi construída, impreterivelmente, por conta da diferença de preparação técnica, tática e psicológica entre os dois concorrentes sob as circunstâncias sociais evidenciadas na referida oportunidade. Não se pode descartar também a possibilidade dessa conjuntura social construída ter abalado emocionalmente Spassky, no sentido de que o mesmo veio a jogar algumas partidas muito aquém de suas atuações típicas. Por sua vez, só trouxemos esse fato no presente momento, para que a carga mimética, simbólica e dramática intimamente associada ao contexto do “*match* do século” tanto pelos produtores quanto pelos próprios consumidores do espetáculo não fosse antecipadamente desfeita.

Por fim, devemos frisar que todo esforço metodológico e intelectual que mobilizamos no intuito de recompor essa gramática social profunda construída pelos agentes em torno do “*match* do século” e da história esportiva do xadrez (sem aspas, nesse momento) só foi possível mediante a delimitação de um referencial teórico de análise que além de estar erigido sobre escolhas categoriais e conceitos sociológicos gerativos, reserva ainda, como uma de suas principais e fundamentais características, a condição de viabilizar uma especial proposta de articulação entre as dimensões empírico-teóricas de modo que a teoria acaba sendo sempre um recurso que vem a ser reinterpretado em cada obra e cada texto.

Também devemos a esse referencial teórico, o despertar para o entendimento de que, de fato, não existem, cientificamente falando, objetos maiores ou menores em se tratando da pesquisa em ciências sociais até porque quanto mais anódino for o objeto de estudo, maiores os efeitos sociais e científicos das descobertas, conforme alertou categoricamente Bourdieu ao colocar em xeque – se é que não podemos dizer em xeque-mate – a hierarquia social dos objetos de pesquisa dominantes, legítimos, consagrados e distintos.

Nesse sentido, os caminhos de reflexividade que aqui nos aprouve trilhar, mais que propriamente nos conferir uma espécie de lucro de distinção metodológica ou científica, foram decisivos para que, concomitantemente ao desvelamento da hierarquia social dos objetos de pesquisa em sociologia do esporte, pudéssemos introduzir o xadrez como objeto de importância a ser estudado nesse universo e, além disso, restituir a nós mesmos o sentido de nossos esforços e de nossos atos de pesquisa requisitados durante esse investimento.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Petrópolis: Vozes, 1995.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 113-156.

ARBEX JÚNIOR, J. **Guerra fria, terror de estado, política e cultura**. São Paulo: Moderna, 1997.

As três vidas de Bobby Fischer. **Época**, Rio de Janeiro, n. 505, 19 jan. 2008. Disponível em<<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG81205-9293-505,00AS+TRES+VIDAS+DE+BOBBY+FISCHER.html>> Acesso 11 mai. 2008.

AVERBAKH, Y. **To the question of the origin of chess**. 1999. Disponível em: <<http://www.netcologne.de/~nc-jostenge/averba.htm>> Acesso 29 nov. 2008.

BACHELARD, G. **A filosofia do não: filosofia do novo espírito científico**. Lisboa: Presença, 1974.

BJELICA, D. **Reyes del ajedrez – Bobby Fischer**. Madrid: Zugarto Ediciones, 1992.

BIAGI, O. L. O imaginário da Guerra Fria, **Revista de História Regional**, vol. 6, n.1, pp. 61-111, 2001.

BOURDIEU, J. Pratiques martiales et sports de combat. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris, v. 179, n. 6, p. 04-179, sep. 2009.

BOURDIEU, P. Le sport, l'Etat et la violence. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris, v. 2, n. 6, p. 02-89, déc. 1976.

BOURDIEU, P. Sport and social class. **Social Science Information sur les Sciences Sociales**, Paris, v. 17, n. 6, pp. 819-940, 1978.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983a.

BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983b, pp.136-153.

BOURDIEU, P. L'espace des sports-1. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris, v.79, p. 02-115, sep. 1989.

BOURDIEU, P. L'espace des sports-2. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris, v.80, p. 02-102, nov. 1989.

BOURDIEU, P. Introdução a sociologia reflexiva. In: BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989, pp. 18-56.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990a.

BOURDIEU, P. Programa para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990b, pp.207-220.

BOURDIEU, P. Les enjeux du football. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris, v. 103, p. 03-11, jui. 1994.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1998a.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998b.

BOURDIEU, P. Método científico e hierarquia social dos objetos. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. M. **Escritos da educação**. Petrópolis: Vozes, 1998c, pp. 35-38.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002a.

BOURDIEU, P. A causa da ciência: como a história das ciências sociais pode servir ao progresso das ciências. **Política e Sociedade**, Florianópolis, n. 1, pp. 143-161, set. 2002b.

BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R, (org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003a, pp. 39-72.

BOURDIEU, P. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, R, (org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003b, pp. 73-111.

BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R, (org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003c, pp. 112-143.

BOURDIEU, P. **Un arte médio: ensayos sobre los usos sociales de la fotografía**. Barcelona: Gustavo Gili: Barcelona, 2003d.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

BOURDIEU, P. **Esboço de auto-análise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007a.

BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas/SP: Papirus, 2007b.

BOURDIEU, P. **Homo Academicus**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2008.

BOURDIEU, P. **O senso prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J-C.; PASSERON, J-C. **A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J-C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Petrópolis: Vozes, 2008.

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. **An invitation to reflexive sociology**. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. **Una invitación a la sociología reflexiva**. 2. ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2008.

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

BROHM, J-M. **Sport: a prison of measured time**, London, Ink Links, 1978.

CALVO, R. Valencia Spain: The Cradle of European Chess. In: CCI Conference. **Review of the Conference**, May 1998, Vienna/ Austria.

CARDOSO, M. **Os arquivos das olimpíadas**. São Paulo: Panda, 2000.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papirus, 1988.

CASTORIADIS, C. **Diante da Guerra - v. 1: As realidades**. São Paulo, Brasiliense, 1982.

CATANI, A. M. As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v.15, n. 1, p. 05-25, 2002.

CAZAUX, J-L. Is chess a hybrid game? Initiativgruppe Königstein VI Symposium, **Review of the Conference**, 2001, Amsterdam.

CHARTIER, R. Bourdieu e a História – Debate com José Sérgio Leite Lopez. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 3, p. 139-182, mar. 2002.

CHOMSKY, N. **Novas e velhas ordens mundiais**. São Paulo: Scritta, 1996.

CHOMSKY, N. **Controle da mídia: os espetaculares feitos da propaganda**. Rio de Janeiro: Graphia, 2003.

COAKLEY, J.; DUNNING, E. **Handbook of sport and society**. London: Sage, 2000.

COAKLEY, J.; DUNNING, E. **Handbook of sports studies**. London: Sage, 2002.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COROVIL, J. Diário Popular (Cobertura do mundial de xadrez de 1972). In: TRIFUNOVICHT, P. **Fischer – Spassky - Pelo ceptro do xadrez**. Lisboa: Editora Presença, 1973.

CRUZ, M. A. S. et al. Propaganda e Guerra Fria. **Grandes Processos**, Núcleo de Estudos Contemporâneos UFF, 2005.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

DAMATTA, R. Futebol: Ópio do Povo *versus* Drama de Justiça Social, **Novos Estudos**, São Paulo, v.1, n. 4, p. 54-60, 1982a.

DAMATTA, R. **O universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982b.

DAÓLIO, J. **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

DELMAS, C. **Armamentos nucleares e Guerra Fria**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

DEUTSCHER, I. Mitos da Guerra Fria. In HOROWITZ, D. (org.). **Revolução e Repressão**. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.

DUNNING, E. **Early stages in the development of Football as in organized game**. Tese de Mestrado em Sociologia. University of Leicester, Leicester, 1961.

DUNNING, E. Prefácio. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992a, pp. 11-37;

DUNNING, E. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e significados social do desporto. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992b, pp. 299-325.

DUNNING, E. **Sport matters: sociological studies of sport, violence and civilization**. London: Routledge, 1999.

DUNNING, E. Sociology of sport in the balance: critical reflections on some recent and more enduring trends, **Sport in Society**, Lancashire, v. 7, n. 1, pp. 01-24, 2004.

DUNNING, E. Esporte, violência e civilização: uma entrevista com Eric Dunning. In: GASTALDO, E. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 223-231, jul./dez. 2008.

DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EDMONDS, D.; EIDINOW, J. **Bobby Fischer se fue a la guerra: ele duelo de ajedrez más famoso de la historia**. Buenos Aires: Debate, 2007.

ELIAS, N. **Introdução a Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1970.

ELIAS, N. **Condição Humana**. Lisboa: Difel, 1985.

ELIAS, N. Introdução. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992a, pp. 39-99.

ELIAS, N. **O processo civilizador – uma história dos costumes. (v. 1)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994a.

ELIAS, N. **O processo civilizador – formação do estado e civilização (v. 2)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994b.

ELIAS, N. **Mozart – Sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

ELIAS, N. **A sociedade de corte**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ELIAS, N. Para a fundamentação de uma teoria dos processos sociais. In: ELIAS, N. **Escritos & Ensaios 1: estado, processo, opinião pública**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, pp. 197-231.

ELIAS, N.; DUNNING, E. A busca da excitação no lazer. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992a, pp. 101-138.

FILGUTH, R. **Inteligência em confronto: campeonatos mundiais de xadrez**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FINE, R. **The world's great chess games**. New York: Dover Publications, 1983.

Fischer na casa do rei. **Veja**, São Paulo, ed. 205, pp. 60-63, 09 ago. 1972.

GADDIS, J. L. **História da Guerra Fria**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

GARCIA, F. **Steinitz and the Inception of Modern Chess**. GradExpo, University of Pittsburgh, 2006. Disponível em <<http://www.fedegarcia.net/writings/steinitz.pdf>> Acesso 17 out. 2009.

GARRIGOU, A. O “grande jogo” da sociedade. In: GARRIGOU, A.; LACROIX, B. (orgs.). **Norbert Elias: a política e a história**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001, pp. 65-88.

GEBARA, A. “Esportes: Cem anos de História”. In: III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. **Coletânea**, 1995, v. 1, pp. 126-133, Curitiba.

GEBARA, A. A cultura da modernidade e a história dos esportes. In: MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. (orgs.). **Fenômeno esportivo e o terceiro milênio**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2000, pp. 99-109.

GEERTZ, C. **Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, A. **Sport and society in contemporary England**. Tese de Mestrado em Sociologia. London School of Economics, London, 1961.

GIUSTI, P. **História ilustrada do xadrez**. São Bernardo do Campo/SP: Paulo Giusti, 2002.

GONZÁLEZ, J. M. (...) Y ahora “Bobby Fischer Campeón del mundo. Edición especial de la **Revista Jaque**, 11 de julio a 11 de septiembre de 1972. Reykiavik, Islandia.

GUTTMANN, A. **From ritual to record: the nature of modern sports**. New York: Columbia University Press, 1978.

HELAL, R. **Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1997.

HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. **A invenção do país do futebol**. Rio de Janeiro: Maud, 2001.

HOBBSBAWM, E. **A era dos impérios (1875-1914)**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOBBSAWM, E. **A era dos extremos: O breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<<http://www.chessbase.com/newsdetail.asp?newsid=3467>> Acesso 13 mai. 2008.

<<http://www.nytimes.com/2008/01/19/crosswords/chess/19fischer.html?Sitescp=2&sq=bobby+fischer&st=nyt>> Acesso 13 mai. 2008.

<[http://www.olympic.org/uk/sports/recognized/index\\_uk.asp](http://www.olympic.org/uk/sports/recognized/index_uk.asp)> Acesso 15 mai. 2008.

<<http://www.fide.com/fide/fide-history>> Acesso 15 mai. 2008.

<[http://www.originallifemagazines.com/searchmagazine\\_view.php?id=1226](http://www.originallifemagazines.com/searchmagazine_view.php?id=1226)> Acesso 19 mai. 2008.

<<http://www.fpx.com.br/mostracol.asp?colid=132>> Acesso 19 mai. 2008.

<<http://timesonline.typepad.com/comment/2008/01/bobby-fischer.html>> Acesso 19 mai. 2008.

<<http://espndeportes.espn.go.com/news/story?id=409257>> Acesso 04 ago. 2008.

<<http://www.chess-players.org/eng/news/viewarticle.html?id=22>> Acesso 29 out. 2008.

<<http://www.mynetcologne.de/~nc-jostenge/index.htm>> Acesso 29 out. 2008.

< <http://www.issa.otago.ac.nz/about.html>.> Acesso 29 mai. de 2009.

< <http://olimpiadas.uol.com.br/2008/historia/1980/historia.jhtm>> Acesso 19 out. 2009.

< <http://olimpiadas.uol.com.br/2008/historia/1988/historia.jhtm>> Acesso 19 out. 2009.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

IANI, O. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

Jogos Olímpicos de Munique. **Veja**, São Paulo, ed. 209, p. 101, 06 set. 1972.

JOHNSON, D. Xadrez da Guerra Fria – **Revista Propesct**, 01/07/2005. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/midiaglobal/prospect/2005/07/01/ult2678u22.jhtm>> Acesso 31 mai. 2008.

JOHNSON, Daniel. **White king and red queen: how the Cold War was fought on the chessboard**. London: Atlantic Books, 2007.

JOSTEN, G. Chess – a living fossil. Initiativgruppe Königstein VI Symposium, **Review of the Conference**, Amsterdam, 2001.

KASPAROV, G. **Meus grandes predecessores 1: uma história moderna sobre o desenvolvimento do jogo de xadrez**. Santana de Parnaíba/SP: Editora Solis, 2004a.

KASPAROV, G. Fischer's Price. **The Wall Street Journal**, New York, 19 jun. 2004b. Disponível em <[http://www.bobby-fischer.net/game\\_of\\_life.htm](http://www.bobby-fischer.net/game_of_life.htm)> Acesso 17 mai. 2008.

KASPAROV, G. O valor de Fischer. In: **Revista Xadrez!** ano II, n. 7, ago. /set. 2004c.

KASPAROV, G. **Meus grandes predecessores 2: uma história moderna sobre o desenvolvimento do jogo de xadrez.** Santana de Parnaíba/SP: Editora Solis, 2005.

KASPAROV, G. **Meus grandes predecessores 4: Uma história moderna sobre o desenvolvimento do jogo de xadrez.** Santana de Parnaíba/SP: Editora Solis, 2006.

KENNEDY, P. **Ascensão e queda das grandes potências: Transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000.** Rio de Janeiro: Campus, 1991.

KOLKO, G. **The Limits of Power.** New York: Harper & Row Publishes, 1970.

KOWALSKI, M. **Porque Flamengo?** Tese de Doutorado em Educação Física. Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2001.

La Batalla Fischer-Spassky – El maravilloso Mundo del Ajedrez. **Estrellas del Deporte,** México, capa e p. 31, fev. 1973.

LANCELOTTI, S. **Olimpíada 100 anos – História completa dos Jogos.** São Paulo: Nova Cultural, 1996.

LANDSBERG, K. **William Steinitz: A biography of the Bohemian Caesar.** Jefferson, N. C.: McFarland & Co., 1993.

LASKER, E. **História do xadrez.** 2. ed. São Paulo: IBRASA, 1999.

LEUCHTENBURG, W. E. Cultura de Consumo e Guerra Fria. In: LEUCHTENBURG, W. E. **O século inacabado: a América desde 1900.** Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

LIMA, R. “Quando éramos reis, bispos, cavalos...”, **Digestivo cultural**, 09 abr. 2002a. Disponível em <<http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=493>> Acesso 05 jun. 2008.

LIMA, R. “Ar do palco ou xadrez nos tempos da Guerra Fria” **Digestivo cultural**, 16 abr. 2002b. Disponível em <<http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=493>> Acesso 05 jun. 2008.

LOUREIRO, L. Xadrez. In: COSTA, L. P. (org.). **Atlas do esporte no Brasil.** Rio de Janeiro: CONFEF, 2006, pp. 1008-1024.

LÜSHEN, G.; SAGE, G. H. (eds). **Handbook of the social science of sport.** Champaign, IL, Stipes: 1981.

MARCHI JÚNIOR, W. **“Sacando” o Voleibol: do amadorismo a espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000).** Tese de Doutorado em Educação Física. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

MARCHI JÚNIOR, W. **“Sacando” o Voleibol.** São Paulo: Hucitec; Ijuí: Unijuí, 2004.



MARCHI JÚNIOR, W. Jogo e Esporte: manifestações histórico-culturais no modelo de análise sociológica de Norbert Elias. In: CARVALHO, A. B.; BRANDÃO, C. F. (orgs.). **Introdução à Sociologia da Cultura**. São Paulo: Avercamp, 2005, pp. 119-135.

MARCHI JÚNIOR, W.; CAVICHIOILLI, F. R. Diagnóstico da sociologia do esporte no Brasil: para a consolidação de um campo do conhecimento. In: CORNEJO, M.; MARCHI JÚNIOR, W. (orgs.). **Estudios y proyectos en sociología del deporte en América Latina**. CHILE: ALESDE, 2008, pp. 102-112.

MARCHI JÚNIOR, W.; NUNES, R. J. S.; ALMEIDA, B. S. 1º Encontro da Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte, Esporte na América Latina: atualidades e perspectivas. **Anais**. Curitiba, UFPR, 2008.

MARK, M. The beginning of chess. **Ancient Board Games in Perspective**, London, British Museum Press, pp. 138-157, April 2007.

MAUSS, M. As técnicas do corpo. In: MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003, pp. 399-422.

MECKING, H. C. **O encontro do século – Fischer x Spassky**. APEC, Visão, 1973.

MECKING, H. C. **A morte de Bobby Fischer – Entrevista concedida ao Jornal da Globo**. Disponível em <<http://g1.globo.com/jornaldaglobo/0,,MUL732472-16021,00-A+MORTE+DE+BOBBY+FISCHER.html>> Acesso 14 mai. 2008.

MEDEIROS, C. C. C. **A teoria sociológica de Pierre Bourdieu na produção discente dos programas de Pós-Graduação em Educação no Brasil (1965-2004)**. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

MEDEIROS, C. C. C; MARCHI JÚNIOR, W. Para uma Sociologia da Educação: considerações a partir da obra de Pierre Bourdieu. In: BRANDÃO, C. F. (Org.). **Intelectuais do Século XX e a Educação no século XXI: o que podemos aprender com eles?** Marília: Poiesis, 2009, p. 99-119.

MEDINA, J. P. **A educação física cuida do corpo... e mente**. Campinas, SP: Papirus, 1983.

MILLS, C. W. Usos da história. In: MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975, pp. 156-187.

MONTAGNER, M. A. Pierre Bourdieu, o corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p.515-526, jun. 2006.

MONTAGNER, M. A. Pierre Bourdieu e a saúde: uma sociologia em Actes de la Recherche en Sciences Sociales. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 7, p.1588-1598, jul. 2008.

MORAN, P. **“Bobby” Fischer: su vida y partidas**. Barcelona: Ediciones Martinez Roca, 1972.

Morre o genial Bobby Fischer. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 19 jan. 2008. Disponível em <[www.estado.com.br/editorias/2008/01/19/esp-1.93.6.20080119.21.1.xml](http://www.estado.com.br/editorias/2008/01/19/esp-1.93.6.20080119.21.1.xml)> Acesso 14 mai. 2008.

MURAD, M. **A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 23, n. 78, p.15-35, abr. 2002.

MURRAY, H. J. R. **History of chess**. Oxford: Oxford University Press, 1913.

O herói (e o pária) do xadrez. **Veja**, São Paulo, p. 69, 23 jan. 2008.

PASSERON, J-C. Morte de um amigo, fim de um pensador. In: ENCREVÉ, P.; LAGRAVÉ, R-M. (orgs.) **Trabalhar com Bourdieu**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, pp. 17-91.

PILZ, G. A. Sociologia do esporte na Alemanha. Traduzido por: VAZ, A. F. **Revista do centro de pesquisa e documentação histórica contemporânea do Brasil**, FGV, n. 23, 1999.

PRONI, M. W. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. Tese de Doutorado em Educação Física. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

REIS, H. H. B. **Futebol e violência**. Campinas: Armazém do Ipê, 2006.

REIS, H. H. B.; ESCHER, T. A. **Futebol e sociedade**. Brasília: Líber Livro, 2006.

RODRIGUES, F. X. F. **A formação do jogador de futebol no Sport Clube Internacional (1997-2002)**. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

RODRIGUES, F. X. F. **O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)**. Tese de Doutorado em Sociologia. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

ROMEO, M. C. **The introduction of chess into Europe**. Merida Conference of March. May. 2006. Disponível em <[http://www.goddesschess.com/chessays/chessays\\_toc.html](http://www.goddesschess.com/chessays/chessays_toc.html)> Acesso 28 dez. 2008.

RUBIO, K. Jogos Olímpicos da era moderna: uma proposta de periodização. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 01, p. 55-68, jan./mar. 2010.

SAIDY, A. **The Battle of Chess Ideas**. London: Batsford, 1972.

SAIDY, A.; LESSING, N. **The world of chess**. New York: Ridge Press & Randon House, 1974.

SEGAL, A. S. **Campeonato Mundial – Fischer X Spassky**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1972.

SIGOLI, M. A; DE ROSE JÚNIOR, D. A história do uso político do esporte. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, Brasília, v. 12, n. 02, p. 111-119, jun. 2004.

SOARES, A. J. **Malandragem, futebol e identidade**. Vitória: UFES-SPDC, 1994.

SOARES, A. J. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil**. Tese de Doutorado em Educação Física. Universidade Gama Filho: Rio de Janeiro, 1998.

SOARES, A. J. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. In: ALABARCES, P. (org.). **Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires, 2003, v. 1, p. 145-162.

SOUZA, J. **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

STEINITZ, W. **The book of the sixth American Chess Congress**. New York: P. A. Merian, 1891, 531 p.

TAFFAREL, C. N. Z. **Criatividade nas aulas de educação física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

THIRY-CHERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática, **RAP**, n. 40, pp. 27-55, jan./fev. 2006.

THOMPSON, E. P. Notas sobre el exterminismo, o estágio final da civilização. In: **Exterminismo e Guerra Fria**, São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, pp. 03-31.

THOMPSON, E. P. Os fins da Guerra Fria: uma resposta. In: BLACKBURN, R. (org.) **Depois da Queda**. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1993, pp. 73-85.

THOMPSON, E. P. **Beyond the cold war**. London: Merlin Press, 1982.

TOLEDO, L. H. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec, FAPESP, 2002.

TRIFUNOVICTH, P. **Fischer – Spassky - Pelo ceptro do xadrez**. Lisboa: Editora Presença, 1973.

VAZ, A. F. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. **Caderno Cedes**, Campinas/SP, n. 48, p.89-108, ago. 1999.

VAZ, A. F. Na constelação da destrutividade: o tema do esporte em Theodor W. Adorno e Max Horkheimer. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 65-108, 2000.

VEBLEN, T. B. **A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições**. São Paulo: Pioneira, 1965.

VIGARELLO, G. Sistema de esportes, esportes concorrentes. In: ENGREVÉ, P.; LAGRAVE, R-M (orgs). **Trabalhar com Bourdieu**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, pp. 185-193.

VIZENTINI, P. F. **Da Guerra Fria à crise 1945-89**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996.

VIZENTINI, P. F. A Guerra Fria. In: REIS FILHO, D. A.; FERREIRA, J.; CELESTE, Z. (orgs.). **O século XX**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, pp. 195-223.

Xadrez – Mastim X buldogue. **Veja**, São Paulo, ed. 165, p. 63-64, 03 nov. 1971.

Xadrez – Abertura confusa. **Veja**, São Paulo, ed. 201, p. 64-55, 12 jul. 1972.

WACQUANT, L. Durkheim e Bourdieu: a base comum e suas fissuras, **Novos Estudos**, CEBRAP, São Paulo, n. 48, pp. 29-38, Jul. 1997.

WACQUANT, L. Hacia una praxeología social: la estructura y la lógica de la sociología de Bourdieu, p. 26-30. IN: BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. **Una invitación a la sociología reflexiva**. 2ª ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2008, pp. 25-90.

WACQUANT, L. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal, **Revista de Sociologia e Política** – Dossiê Pierre Bourdieu no campo, Curitiba, n. 26, pp. 13-30, jun. 2006.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

WESSON, R. G. **A nova política externa dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

WESTERVELD, G. Historia de la nueva dama poderosa en el juego de ajedrez y damas. **Homo Ludens**, Der Spielende Mensch XV, Salzbürg, pp. 103-120, 1994.

## ANEXOS

- PRODUÇÕES BIBLIOGRÁFICAS SOBRE ROBERT JAMES FISCHER E SOBRE O “*MATCH DO SÉCULO*” – (1972-2007)

1. “Bobby” Fischer su vida y partidas por P. Morán (Barcelona, 1971/1972)
2. Fischer 200 partidas por G. J. Lastra (Buenos Aires, 1972)
3. Fischer por T. Krabbé, A. Münnighoff and J. Timman (Amsterdam, 1972)
4. The Games of Robert J. Fischer por R.G. Wade and K.J. O’Connell (London, 1972)
5. Bobby Fischer tie maailmanmestaruuteen por E.E. Böök (Helsinki, 1972)
6. Robert Fischer por A. Pasternjak (Ljubljana, 1972)
7. Za Šahovksu Krunu, Spaski-Fišer por P. Trifunović (Belgrade, 1972)
8. Spasski oder Fischer por E. Varnusz and T. Flórián (Hamburg, 1972)
9. Bobby Fischers vej til VM por J. Enevoldsen (Copenhagen, 1972)
10. Games of Bobby Fischer (Philippines, Circa, 1972)
11. Schachgenie Fischer por T. Schuster (Stuttgart, 1973)
12. Fischer 179 + 1 partidas por G. J. Lastra (Buenos Aires, 1973)
13. Bobby Fischer, Un Genio Travieso por F. Gormann (Buenos Aires, 1973)
14. How to Beat Bobby Fischer por E. Mednis (New York, 1974 and 1998)
15. Bobby Fischer vs. the Rest of the World por B. Darrach (New York, 1974)
16. Fischer, le partite commentate mossa per mossa por A. Capece (Milan, 1974)
17. Fischer: le roi maudit por Arrabal (Monaco, 1974 and 1992)
18. The Chess of Bobby Fischer por R. E. Burger (Radnor, 1975 and San Francisco, 1994)
19. How Fischer Plays Chess por D. Levy (Glasgow, 1975)

20. 4x25 [on Fischer, Spassky, Korchnoi and Larsen] por P. Keres and I. Nei (Tallinn, 1975)
21. Fischer en zijn voorgangers por M. Euwe (Baarn, 1975)
22. Moj Prijatelj Bobi Fišer por D. Bjelica (Sarajevo, 1975)
23. Bobby Fischer Against the World's Champions & Leading Grandmasters por F. David (Manila, 1975)
24. Die gesammelten Partien von Robert J. Fischer por C.M. Bijl (Ijmuiden, 1976 and Nederhorst den Berg, 1986)
25. Bobby Fischer heute por Y. Kraushaar (Schwanden, 1977)
26. The Best Endings of Capablanca and Fischer (Zagreb, 1978)
27. Secretele marilor maeștri Fischer, Gheorghiu, Karpov por C. Ștefaniu (Bucharest, 1978)
28. Fischer's Chess Games (Oxford, 1980)
29. Robert James Fischer por D. Marović (two volumes, Zagreb, 1982)
30. Bobby Fischer 333 seiner besten Partien por R. Kupfer (Bremen, 1982)
31. Robert Fišer Genije koji se ne vraća por D. Bjelica (two volumes, Belgrade, 1984)
32. Bobby Fischer's Outrageous Chess Moves por B. Pandolfini (New York, 1985)
33. Partie Roberta Fischera (Warsaw, 1989)
34. Bobby Fischer Parties choisies (circa 1989)
35. Caissa Supplement No. 2/1990: Bobby Fischer por G. Pawinski and D. Sobiecki (Legionowo, 1990)
36. Robert James Fischer Gesammelte Partien (Nuremberg, 1989 and 1991)
37. Fischer 222 partidas (Madrid, 1990)
38. Endspieltechnik à la Bobby Fischer por L. Nikolaiczuk (Mannheim, 1990)
39. Schach-Phänomen Bobby Fischer por A. Pasternjak (Zurich, 1991)

40. 'White' Fischer por V. Bagirov (Riga, 1991)
41. Robert Fischer joue la finale por A. Avchaloumov (1992)
42. Games of Bobby Fischer por S. Adzić (Novi Sad, 1992)
43. Fischer Partije (Belgrade, 1992)
44. Bobby Fischer por D. Bjelica (Madrid, 1992)
45. Bobby Fischer: A Study of His Approach to Chess por E. Agur (London, 1992)
46. Fischers Vermächtnis por J. Konikowski and P. Schulenburg (Hollfeld, 1992 and 2003)
47. Spanisch à la Fischer por C. Brauer (Kiel, 1992)
48. Bobby Fischer Complete Games of the American World Chess Champion por L. Hays (Dallas, 1992 and Park Hill, 1995)
49. Shakhmatnoe Nasledie Roberta Dzhamsa Fischera (Kazan, 1992)
50. Zagadka Fischera por Y. A. Mansurov (Moscow, 1992)
51. Through the Endings with Fischer por S. E. Kozhevin (Obninsk, 1992)
52. Bobby Fischer 1955-1960 (Madrid, 1992)
53. Bobby Fischer 1961-1967 (Madrid, 1992)
54. Bobby Fischer 1968-1992 (Madrid, 1993)
55. 744 Partii Bobbi Fischera por A. Golubev and L. Gutsait (two volumes, Moscow, 1993)
56. Russians Versus Fischer por D. Plisetsky and S. Voronkov (Moscow, 1994 and London, 2005)
57. A Legend on the Road por J. Donaldson (Seattle, 1994 and Milford, 2005)
58. Bobby Fischer – wie er wirklich ist por P. Dautov (Darmstadt, 1995)
59. Fischer! por A. Fishbein (Manasquan, 1996)
60. Fischers Kombinationen por K.-O. Jung (Homburg-Einöd, 1998)

61. The Unknown Bobby Fischer por J. Donaldson and E. Tangborn (Seattle, 1999)
62. A rejtélyes Budapesti sakkvilágbajnok por E. Varnusz (Budapest, 2001)
63. Bobby Fischer: From Chess Genius to Legend por E. Gufeld et al. (Davenport, 2002)
64. Bobby Fischer Rediscovered por A. Soltis (London, 2003)
65. Fischer. 100 (Bangalore, 2003)
66. Bobby Fischer Goes to War por D. Edmonds and J. Eidinow (London, 2003 and 2004)
67. Bobby Fischer The Wandering King por H. Böhm and K. Jongkind (London, 2004)
68. Learn from Bobby Fischer's Greatest Games por E. Schiller (New York, 2004)
69. Garry Kasparov on Fischer My Great Predecessors, Part IV por G. Kasparov (London, 2004)
70. Materialien zu Fischers Partien por R. Hübner (Ludwigshafen, 2004)
71. 'Bobby Fischer self-taught genius' por I. Kourkounakis and I. Babasakis (Athens, 2004)
72. Sygrajte kak Fischer por I. M. Linder (Moscow, 2004)
73. Fischer: Paradoxi Schachmatnogo Geniya por V. N. Pak (Moscow, 2005)
74. Robert Fischer: Zjizn i Igra por I. and V. Linder (Moscow, 2006)
75. The Chess Greats of the World: Bobby Fischer por D. Lovas (Kecskemét, 2006)
76. Fishing for Forgeries por L. Totaro (2007).